

INOCENT PURIT TÍV E SIS

CRYS CARVALHO

NINGUÉM É TÃO BOM,
QUE NUNCA TENHA ERRADO



Crys Carvalho



1ª Edição

Copyright © 2018 - Crys Carvalho

Capa: Murilo Magalhães
Diagramação: Veveta Miranda
Revisão: Mari Monni

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Quaisquer semelhanças com nomes, datas e acontecimentos reais são mera coincidência.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte destas obras, através de quaisquer meios - tangível ou intangível - sem o consentimento escrito do(a) autor(a) ou da editora.

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Para todas as almas perdidas que estão em busca de paz.

Sumário

[EPÍGRAFE](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1. FICHA DE PECADOS - TABITA ROCHA](#)

[CAPÍTULO 2. FICHA DE PECADOS - LÍDIA FONSECA](#)

[CAPÍTULO 3. FICHA DE PECADOS - RAONI GUERRA](#)

[CAPÍTULO 4. FICHA DE PECADOS - GABRIEL ROCHA](#)

[CAPÍTULO 5. LÍDIA](#)

[CAPÍTULO 6. TABITA](#)

[CAPÍTULO 7. RAONI](#)

[CAPÍTULO 8. QUIMERA](#)

[CAPÍTULO 9. GABRIEL](#)

[CAPÍTULO 10. RAONI](#)

[CAPÍTULO 11. LÍDIA](#)

[CAPÍTULO 12. GABRIEL](#)

[CAPÍTULO 13. TABIRA](#)

[CAPÍTULO 14. LÍDIA](#)

[CAPÍTULO 15. TABITA](#)

[CAPÍTULO 16. RAONI](#)

[CAPÍTULO 17. QUIMERA](#)

[CAPÍTULO 18. LÍDIA](#)

[CAPÍTULO 18. GABRIEL](#)

[CAPÍTULO 20. TABITA](#)

[CAPÍTULO 21. GABRIEL](#)

[CAPÍTULO 22. LÍDIA](#)

[CAPÍTULO 23. RAONI](#)

[CAPÍTULO 24. TABITA](#)

[CAPÍTULO 25. GABRIEL](#)

[CAPÍTULO 26. LÍDIA](#)

[CAPÍTULO 27. RAONI](#)

[CAPÍTULO 28. LÍDIA](#)

[CAPÍTULO 29. LÍDIA](#)

[CAPÍTULO 30. TALISSA](#)

[CAPÍTULO 31. GABRIEL](#)

[CAPÍTULO 32. QUIMERA](#)

[CAPÍTULO 33. LÍDIA](#)

[CAPÍTULO 34. RAONI](#)
[CAPÍTULO 35. GABRIEL](#)
[CAPÍTULO 36. TABITA](#)
[CAPÍTULO 37. LÍDIA](#)
[CAPÍTULO 38. QUIMERA](#)
[CAPÍTULO 39. GABRIEL](#)
[CAPÍTULO 40. QUIMERA](#)
[CAPÍTULO 41. LÍDIA](#)
[CAPÍTULO 42. QUIMERA](#)
[CAPÍTULO 43. ANA](#)
[CAPÍTULO 44. LÍDIA](#)
[CAPÍTULO 45. TABITA](#)
[CAPÍTULO 46. RAONI](#)
[CAPÍTULO 47. MEL](#)
[CAPÍTULO 48. GABRIEL](#)
[EPÍLOGO](#)
[AGRADECIMENTOS](#)

EPÍGRAFE

"...porque aparecerão falsos profetas e falsos messias, que farão milagres e maravilhas..."

Matheus 24:24



PRÓLOGO

O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade.

1 Coríntios 13: 4 - 7

A água do chuveiro lava o sangue que escorre entre as minhas pernas, mas nunca será capaz de lavar a vergonha e o desespero que me tomam.

Como ele foi capaz disso?

Repito a passagem da Bíblia, tentando encontrar nela o acalento que preciso neste momento.

Como ele foi capaz disso?

As lágrimas salgadas se misturam à água doce que limpa meu corpo, mas a dor — tanto a física quanto a emocional — estará sempre intacta.

Como ele foi capaz disso?

Não sei quantas vezes eu já repeti esta mesma pergunta, sem nunca encontrar uma resposta plausível para ela.

Como o homem que deveria ser meu protetor foi capaz de me violar desta forma? Ele era para ser o primeiro a cuidar de mim, a me amar. O que eu fiz para merecer tanto ódio?

Eu tremo só de pensar no que vai acontecer quando nos encontrarmos novamente. Eu preciso contar tudo para minha mãe, mas será que ela vai acreditar? Afinal, ela confia nele, acha que ele é o melhor homem do mundo. Foi por isso que ela permitiu que entrasse em nossas vidas.

Não sei o que fazer, não sei como agir, não sei o que será de mim...

Como ele foi capaz disso?

“O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade.”

Coríntios

13: 4 - 7

	<u>LISTA DE PECADOS</u>
	Nome: TABITA ROCHA
	Idade: 33 anos
	Características físicas: 1,80m, pele clara, olhos castanhos claros, cabelos castanhos avermelhados que vão até a cintura e usa franja.
	Ocupação: fundadora da Igreja Renovada Deus é Maior, se autodenomina bispa.
	Qualidades: comunicativa, dedicada ao seu ministério e esposa exemplar.
	Defeitos: alega ser enviada de Deus na terra, portanto, não comete erros.
Pecado: avareza.	
O que pensa sobre a religião: que é a maneira mais fácil de chegar às pessoas esquecidas pela sociedade.	

Em meu escritório, andando de um lado para o outro, estou ensaiando meu discurso para a festa de aniversário de um ano do meu projeto social de maior sucesso até hoje.

— Assim como Deus fez tantas coisas boas em minha vida e na de todas essas pessoas, beneficiadas pelo “Ser Maior”, ao longo deste ano, tenho certeza de que muitas outras serão nos próximos anos... — O texto toma tanto da minha concentração que nem percebo que Daniel entrou no escritório e assiste atentamente.

— Discurso inspirador, Tah! — Não preciso olhá-lo para saber que tem um sorriso orgulhoso estampado no rosto. — São esses pequenos momentos que me fazem querer passar mais tempo com a minha família e menos tempo na câmara dos deputados.

Falta pouco mais de uma hora para o evento, não contava com a sua presença. Meu marido é um homem importante e muito ocupado, mas sempre arruma um jeito de estar ao meu lado em ocasiões como esta.

— Pensei que não viria... — Coloco os papéis e os óculos de leitura sobre a mesa próxima.

— E perder os elogios pelo seu trabalho e todas aquelas fotos que ficarão muito bem no meu gabinete? — Ele caminha até mim, me enlaça pela cintura e o azul dos seus olhos me hipnotizam por um breve instante. Eles tiveram sua parcela de peso quando decidi me casar com o filho mais velho do pastor e o rapaz mais bonito da igreja. — Há quinze anos, fizemos um compromisso diante de Deus: estaríamos juntos em todos os momentos. Sou um homem de palavra.

Daniel encosta os lábios nos meus em um beijo casto.

— Não quero atrapalhar, querida. Continue o seu trabalho, vou orientar o pessoal da segurança, afinal, não queremos que incidentes estraguem o seu momento. Tudo indica que o público é maior do que imaginamos. O auditório está lotado!

Uma adrenalina repentina corre em meu corpo. O tempo passa rápido e logo sou avisada de que é hora de ir. Visto meu terninho, retoco a maquiagem, faço uma oração silenciosa e aguardo na pequena sala junto ao palco, enquanto o cerimonialista faz uma breve introdução sobre o programa social.

— É com enorme satisfação que chamo ao palco a fundadora do projeto “Ser Maior” e uma das mulheres mais influentes desse país. Uma salva de palmas para a bispa Tabita Rocha!

A euforia das pessoas no auditório é notável.

— A paz de Cristo, queridos e amados! É um prazer estar com todos vocês.

Busco rostos conhecidos, enquanto a plateia eufórica faz silêncio gradualmente. Reconheço alguns.

Gabriel Rocha, irmão de Daniel, está sentado na segunda fileira de cadeiras e me dá um sorriso encorajador. Sérgio, um de nossos advogados, conversa com um grupo de homens de terno à esquerda do palco. Meu marido está de pé ao lado do cerimonialista. Vejo algumas figuras políticas, convidadas pelo meu esposo, nos primeiros assentos do auditório.

A imprensa está presente, percorro os olhos mais uma vez sobre a plateia e

noto um rosto que me deixa tensa: Lídia Fonseca, a Paladina. Faz muito tempo que não a vejo pessoalmente, mas ela não mudou nada e seus olhos continuam a me lembrar da pessoa que luto para esquecer. Por um breve momento, quando nossos olhares se cruzam, esqueço o que deveria falar. Então, começo a ler o papel em minhas mãos trêmulas.

— Quando tinha apenas dezenove anos, eu e meu marido, que vocês conhecem como deputado Daniel Rocha, fundamos a Igreja Renovada Deus é Maior ou, como a maioria dos fiéis preferem chamar, a IRDM. Para estarmos aqui hoje, percorremos um longo caminho cheio de obstáculos. Alguns foram grandes. Outros, insignificantes. — Dou uma olhada para meu marido, que sorri, me encorajando a continuar. — Ajudar as pessoas é algo que está dentro de mim e não consigo evitar.

Lídia não desvia os olhos do palco. Finjo que não me incomodo e continuo minha fala:

— Este projeto é algo que tenho em mente desde a fundação da IRDM, mas Deus permitiu que só fosse concretizado ano passado. Lidar com crianças e adolescentes em situação de risco não é tão fácil. É preciso conquistar a confiança deles. A mesma que foi destruída por aqueles que deveriam tê-la valorizado. Com a ajuda da *palavra* e de profissionais qualificados, conseguimos alcançar objetivos satisfatórios.

Falo sobre o sucesso do projeto, sobre as expectativas para o futuro, deixando para o fim a notícia sobre o apoio do governo do estado à nossa causa e à construção das instalações para o projeto.

Sou aplaudida de pé pela plateia.

Passo o microfone ao cerimonialista, que exhibe alguns depoimentos no telão. Quase todos feitos por mulheres, entre dezoito aos vinte e cinco anos, que foram estupradas — em sua maioria por homens em quem confiavam.

“Meu nome é Maria Ângela, tenho dezenove anos. Depois que conheci o projeto ‘Ser Maior’ da IRDM, posso dizer com toda certeza que sou uma nova mulher. Superei meus medos, enfrentei meus demônios e, hoje, afirmo que conheço a felicidade.

“Procurei ajuda da bispa Tabita logo após assistir a uma de suas pregações

na TV, onde ela mencionou o projeto. Quando tinha dezesseis anos, fui abusada sexualmente por um homem que se dizia amigo da minha família.

“Tinha vergonha do que pensariam de mim, afinal, uma garota com essa idade sabe muito bem o que quer. As agressões se repetiram por quase três anos. Ele me agredia verbal e fisicamente e passei a conviver com um medo constante.

“Cheguei ao ponto em que tentei tirar a minha própria vida. E foi nesse momento que conheci a IRDM. Estar com a TV ligada aquela manhã mudou a minha vida. A bispa Tabita mudou a minha vida.

“Ainda tenho muitos traumas, há um longo caminho a ser seguido. Acredito que, com a ajuda do PSM e dessa mulher que tem coração e uma bondade imensurável, vou vencer todos os obstáculos.

“Sou mais feliz. Sou mais IRDM.”

Este último depoimento me toca de uma maneira que não consigo explicar. Conheço Maria Ângela, sei a maneira como chegou até a mim — com muitos traumas. Foi uma batalha árdua da equipe de profissionais. Às vezes, os traumas insistem e se negam a cicatrizar. Vivencio essa realidade todos os dias.

Tem os garotos também. Cada vez que consigo que falem um pouco sobre seus dramas pessoais, sinto uma sensação de dever cumprido. É uma das poucas coisas que me dão essa satisfação.

Limpo as lágrimas com um lenço que Daniel gentilmente me ofereceu. A Paladina ainda está lá, me olhando como se fosse revelar algo grandioso a qualquer momento. Só que nada acontece. Quando termina o evento, ela simplesmente sai sem nenhum incidente.

— Parabéns, bispa Tabita. O seu trabalho merece reconhecimento. — Recebo os cumprimentos de um homem rechonchudo e careca. Sinto-me desconfortável pela forma como me olha. — Quem sabe, você não concorre ao prêmio Nobel ano que vem?

— É muita gentileza sua, senador Mário. Vejo que conheceu a minha esposa. — Daniel se aproxima, colocando a mão na minha cintura de forma protetora.

— Prazer, senador Mário. — Estendo a mão para ele de modo automático.

— O prazer é meu, bispa Tabita — ele diz, tomando a minha mão e depositando nela um beijo molhado.

— Mário é um dos principais responsáveis pela nossa parceria com Governo Federal no projeto “Ser Maior”, Tabita — Daniel explica com orgulho descabido.

Muita gente vem nos cumprimentar, somos um casal modelo diante da sociedade. Todos se espelham em nosso relacionamento. Tento ser o mais cordial possível, dando atenção a todos. Sorrio, afago a mão das velhas senhoras, abraço os adolescentes e beijo as criancinhas.

Após o evento, sou conduzida pelo meu esposo a um restaurante onde jantamos a sós. Não temos tido tempo para *nós* ultimamente. Então, ele tenta fazer todos os pequenos momentos valerem a pena.

— Preciso voltar para capital amanhã cedo. Pego o voo às seis da manhã, tenho uma reunião às nove com a base aliada do partido — ele diz assim que estaciona o carro na garagem da nossa casa.

— Você vem no fim de semana?

— Farei o possível, querida — afirma ao abrir a porta do carro para mim.

— Eu me sinto solitária, amor. Queria que viesse mais vezes para nossa casa. — Deixo transparecer o desapontamento em minha voz.

Daniel é o deputado mais influente da bancada evangélica, isso é muito bom. Conseguiu aprovar projetos de leis importantes, seu prestígio é louvável. Mas tudo na vida vem com um preço, e o que pagamos é estarmos afastados durante algum tempo.

Apesar de todo esse tempo de casados, não temos filhos devido a uma complicação que tive tempos atrás. Então, só temos um ao outro.

— Não diga isso, querida! Tem as crianças da associação, as meninas do “Ser Maior” e ainda tem os animaizinhos do abrigo.

— Ah, amor... Sabe do que estou falando — digo ao entrarmos no hall, ficando de frente para ele e enlaçando seu pescoço.

Suas mãos alcançam minha cintura e me beija de modo romântico.

— Prometo compensá-la, querida. — Interrompe o beijo, encostando a testa na minha.

Sou uma mulher realizada, tenho tudo que desejei um dia, aliás, talvez até muito mais do que sonhei. Porém, tenho um pressentimento. Algo me diz que preciso me preparar para o pior. Uma voz lá no fundo da minha cabeça grita, me dizendo que tudo está prestes a ruir.



LISTA DE PECADOS

Nome: LIDÍA FONSECA

Idade: 22 anos

Características físicas: 1,68m, pele clara, olhos castanhos claros, cabelos castanhos claros ondulados.

Ocupação: jornalista investigativa, trabalha em um famoso jornal online. Também é Youtuber no canal Paladinos da Justiça, onde desmascara políticos, religiosos e criminosos.

Qualidades: extremamente dedicada à profissão e à sua mãe, determinada e não tem medo de falar a verdade.

Defeitos: atrevida e frequentemente se mete onde não é chamada.

Pecado: orgulho

O que pensa sobre a religião: ama a Deus acima de tudo, acredita em sua existência, que, aos seus olhos, é algo indiscutível. Porém, não frequenta nenhum templo, por achar que a fé se tornou algo superficial e um negócio lucrativo.

Mesmo tendo apenas vinte e dois anos, já aprendi boas lições em minha curta vida, que foi marcada por acontecimentos tristes e algumas cicatrizes que não se curaram, nem com o passar do tempo. Apesar de todas as probabilidades indo contra mim, consegui me tornar uma boa pessoa, tendo em vista os padrões da sociedade atual.

Segundo alguns pastores com quem busquei aconselhamentos, tudo aconteceu porque estava sendo preparada para lutar contra algo maior e precisava me fortalecer. Pois bem, acredito ter encontrado minha missão e estou seguindo meu chamado da melhor forma possível.

É partindo desse ponto que começo a contar minha história.

Minha família sofreu perdas significativas ao longo do tempo e isso teve um efeito devastador sobre a mamãe. A última foi a do meu único irmão, brutalmente assassinado em seu trabalho — se é que podíamos chamar aquilo de trabalho.

Ele tinha, de certo modo, me criado e perdê-lo me causou uma dor que jamais consegui esquecer.

Pedro era muito jovem quando ingressou nesse mundo sem volta. Seu vício se deu mais por tudo de ruim que enfrentamos na nossa vida. Aos dezoito anos, ele havia se tornado um dependente químico e sustentava seu vício enrolando papелotes de cocaína e crack para um traficante em ascensão, que vinha incomodando muita gente no submundo do crime organizado. Meu irmão o chamava de Quimera.

Então, em uma noite, o velho casebre onde faziam o trabalho infame foi invadido. Fuzilaram todos que ali estavam e atearam fogo, sumindo com as provas. Foi um aviso para que o cara saísse do caminho.

Depois da morte do meu irmão, passei a buscar incansavelmente a verdadeira identidade desse traficante, além de provas que o colocassem atrás das grades. Com toda a corrupção latente neste país, não tive resultados satisfatórios, mas consegui muitas informações, assim como colocar muitos de seus comparsas na cadeia. Alimento a esperança de que a justiça, de algum modo, será feita. Cedo ou tarde, ela virá.

Estou na sala de casa, sentada no sofá, assistindo a um programa qualquer na TV, enquanto minha mãe está na cadeira de balanço, totalmente imóvel. Se não conhecesse Ana Fonseca, diria que está em estado catatônico.

"Queridos e amados, peço licença para entrar em sua casa em nome de Jesus!

Hoje, trouxe para vocês esse livro que vai mudar a sua vida. O livro "Como Jesus me tirou da..."

Troco de canal, porque essa maldita voz melodiosa me dá nos nervos.

Mamãe se remexe na cadeira. Depois de tantas perdas, ela se tornou uma mulher de poucas palavras. Quando Pedro se foi, ela deixou de se comunicar e se fechou em seu próprio mundo. Nossas conversas são monólogos onde apenas eu falo.

As tragédias tornaram a nossa vida um verdadeiro inferno. Várias vezes, fomos despejados de casa por falta de pagamento do aluguel. Minha mãe não dava conta sozinha, meu irmão tentava ajudar, mas nunca era suficiente. Por fim, acabamos morando de favor em um cômodo minúsculo no fundo do quintal, cedido por uma amiga da mamãe.

Depois da morte do meu irmão, as coisas pioraram e, mesmo sem nenhuma experiência, acabei me dividindo entre a escola e trabalhos temporários para ter o que comer dentro de casa.

Trabalhei duro, me dediquei aos estudos como ninguém e alcancei muitos dos meus objetivos. Consegui comprar um pequeno apartamento em um bairro razoável. Parcelado, claro.

Meu canal cresce cada dia mais, minha carreira como jornalista está deslanchando, mas mamãe continua presa em seu mundo. Cuido dela como uma boa filha faria. Apesar de sua ausência, eu a amo e sei que as circunstâncias da vida fizeram com que se tornasse essa pessoa.

As lágrimas sempre vêm quando começo a pensar em tudo o que passamos. Dou um beijo de boa noite na minha mãe e sigo para o meu quarto, sentindo uma pontada de culpa por não conseguir passar mais tempo com ela.

Tomo banho, abro o guarda-roupas e encaro o velho violão, que pertenceu ao meu irmão. Uma lágrima corre no meu rosto, pois lembro-me de Pedro me ensinando a cantar um louvor quando ainda era uma criança alheia a tudo que acontecia ao meu redor.

Próximo ao instrumento, está a velha bíblia, que é o único elo que me liga ao meu pai. É doloroso lembrar dele, porque acredito que tudo que aconteceu a ele foi uma trama bem armada. Porém, é a minha palavra contra a das testemunhas.

Pego meu pijama, fecho a porta, me visto e encaro o reflexo no espelho. A quem estou tentando enganar? Não estou nada bem. Meus cabelos castanhos dourados perderam o brilho nas últimas semanas, olheiras escuras circundam meus olhos castanhos. Não tenho dormido direito. Eu me jogo na cama, fecho os olhos e lembro de algumas promessas que fiz no passado.

Jurei, sob o túmulo do meu irmão, que faria o impossível para colocar o tal Quimera atrás das grades. Prometi que pagaria por cada vida inocente que conduziu a essa estrada sem volta.

Quase todas as noites, quando me deito, revivo a cena em minha cabeça. Os restos mortais do meu irmão em um caixão lacrado. Não pude nem ver o seu rosto uma última vez. A lembrança vem sempre acompanhada de uma onda de

dor e lágrimas quentes molhando meu rosto.

Ajudei a colocar muitos bandidos na cadeia nos últimos tempos, só que nunca tinha chegado tão perto, como agora, dos responsáveis pela morte do meu irmão. Estou prestes a dar um grande passo na minha guerra declarada contra o tráfico de drogas.

Meu celular toca, limpo as lágrimas e encaro a tela. *Jamie*.

— Você está bem? — A voz serena da minha colega de trabalho acalma meu coração.

— Ficarei amanhã quando, a essa hora, eles estiverem atrás das grades.

— Falei com Sara, a nossa equipe de filmagem irá cobrir apenas o condomínio. Chegaremos lá às seis da manhã. — Todos estão empolgados com aquele furo de reportagem que conseguimos com a minha ajuda. Noto a apreensão em sua voz. — Não precisa ir se não quiser, sei o quanto isso a machuca e te faz lembrar *dele*.

— Preciso vê-los quando forem presos. Quero que saibam que sou a responsável pela desgraça em suas vidas, assim como estiveram lá quando a terra cobriu o que sobrou do meu irmão.

— Sabe que é muito arriscado, não é, Lídia?

— Não tenho medo. Todos eles são responsáveis, recrutam jovens e os colocam em uma guerra onde não existem ganhadores, e pagarão pelo que devem. Essa dor que carrego em meu peito há todos esses anos nunca será esquecida.

Por um tempo, achei que, quando começasse a desmascarar cada um deles, uma parte do fardo que carregava seria aliviada. Porém, amanhã farei uma coisa da qual com certeza vou me arrepender.

	<u>LISTA DE PECADOS</u>
	Nome: RAONI GUERRA
	Idade: 38 anos
	Características físicas: 1,90m, pele morena clara, olhos castanhos escuros, cabelos grisalhos. Devido à profissão, tem porte atlético.
	Ocupação: investigador da Polícia Federal.
	Qualidades: busca justiça acima de tudo.
	Defeitos: tem estopim curto e é explosivo.
Pecado: ira	
O que pensa sobre a religião: é cristão conservador e acredita que, cedo ou tarde, as pessoas pagarão pelo que devem com a intervenção divina.	

Tenho uma carreira promissora como investigador da Polícia Federal. Perdi a conta de quantos pilantras já coloquei na cadeia.

Cresci em uma família cristã conservadora, com pais que me amavam e um irmão mais novo que, às vezes, era um pé no saco.

Meu pai era policial, meu avô também foi policial e pareceu natural que eu seguisse pelo mesmo caminho. Com eles, aprendi que caráter e honestidade são duas coisas que andam juntas e cabem em qualquer lugar, independentemente da sua posição na sociedade.

No meu trabalho, lido com todo tipo de gente e vejo diariamente como a falta de caráter dos homens está levando o mundo a um eminente colapso.

Pessoas que matam por dinheiro — como se a vida fosse algo calculável — e que se aproveitam da miséria e da dor alheia para benefício próprio. A vida perdeu o valor, as pessoas não se respeitam, esqueceram seus limites.

Sonho com um mundo onde a justiça possa ser algo inquestionável, onde agentes da lei consigam fazer seu trabalho sem a interferência de nenhum palhaço que se ache acima de nós. Apesar de tudo que presenciei ao longo de

uma vida inteira servindo ao meu país, acredito que, cedo ou tarde, bandidos acabam na cadeia, porque a justiça divina sempre chega para os pecadores.

Caminho pelos corredores da delegacia, tentando organizar o caos que está por vir. Fui designado para uma operação que ainda vai me dar muita dor de cabeça. Odeio políticos e tenho um monte deles envolvidos nessa investigação, mas o que não fazemos em nome da glória, não é mesmo?

— Guerra, os políticos farão de tudo para interferirem nas investigações — o delegado Assis me alerta assim que passo alguns nomes para o meu assistente.
— Vamos manter tudo em sigilo.

— A repórter sabe o que significa essa palavra? — pergunto irritado. Não gosto de tê-la como informante.

Apesar de nunca a ter visto pessoalmente, meu chefe garante que a moça é de confiança. Ela foi uma das peças fundamentais dessa operação, segundo ele, mas não confio em jornalistas.

— Sim, Lídia Fonseca é uma das melhores no que faz, tem princípios e não se deixa corromper. Guerra, nem todo mundo é covarde, tem que aprender a confiar nas pessoas novamente.

Minha resposta é apenas um aceno. Discordo totalmente, mas, pelo bem da operação, não vou criar caso.

Pessoas são falhas, traem facilmente em troca de dinheiro. Perdi meu irmão por conta de um repórter imbecil que deu com a língua nos dentes para o cara mais perigoso que tenho conhecimento, tudo isso por algumas centenas de dólares.

Pego as pastas sobre a mesa e encaro os documentos por um momento. A maioria tem ligação com a política, alguns até com igrejas renomadas no país. É inconcebível a ideia de que pessoas como essas administrem e manipulem nossa nação. Ao menos isso explica a crise que estamos enfrentando atualmente em todas as áreas.

— Só figurões do alto escalão, é mole? — Assis lê meus pensamentos.

— É inadmissível que esses safados se aproveitem do nosso dinheiro,

vivendo como verdadeiros marajás. — Quanto mais investigo, mais chocado fico com a *filha-da-putagem* desses bandidos disfarçados. — Envolvidos em tráfico de drogas? Onde vamos parar com esse nível de gente governando o país?

Por mim, atearíamos fogo no coração dessa merda, com a cúpula toda dentro, e acabávamos logo com essa corja, mas, na prática, as coisas são bem mais burocráticas.

Talvez, se reformassem as leis, teríamos uma chance de reconstruir o futuro do nosso país. O problema com essa ideia? Políticos são como a *hidra de lerna*: você corta uma cabeça e outras voltam a nascer. Para mim, essa é uma guerra sem vencedores, só que tento me manter otimista, apesar de tudo.

Estou com tantas coisas na cabeça que não consigo desligar e simplesmente dormir quando o dia acaba e chego em casa. Fico revirando pastas, procurando qualquer indício de falha, quando decido que não tem como as coisas darem errado amanhã. O sono ainda não vem.

Sento na frente do meu computador e, por curiosidade, digito o nome da jornalista na barra de pesquisas. Abro o primeiro vídeo e me deparo com um tema extremamente interessante.

“Olá, paladinos!

Sejam muito bem-vindos ao meu canal.

Antes da vinheta, as perguntinhas de sempre:

Quem é o Quimera? Por que ninguém nunca o pegou? Por que ele é tão perigoso?

É sobre isso que conversaremos no vídeo de hoje. Depois de anos de pesquisa, acho que posso falar com propriedade do assunto”.

Quem essa garota pensa que é? Estou há tempos no encalço desse cara e não tenho essas respostas, imagine se ela terá.

No fim o vídeo, levanta questionamentos interessantes, mas não conta nada sobre a identidade verdadeira do criminoso, como imaginei. Porém, devo admitir que essa menina sabe muita coisa relevante a respeito dele. Conhece seus

hábitos, a maneira como age, os padrões dos crimes e tem uma extensa lista sobre os assassinatos que ele cometeu.

Leio alguns artigos publicados pela jornalista, realmente não se pode julgar um livro pela capa. Há tempos, Assis vem tentando me convencer a aceitar a ajuda dela, mas sempre me recusei a trabalhar com carnicheiros.

Este é o momento em que deixo de lado meus preconceitos e aceito a ajuda dela.

— Que merda! — Jogo os braços para o lado, me rendendo. Odeio estar errado.

Faço minha oração da madrugada, preciso da direção de Deus para levar tudo isso adiante. Depois, fico rolando na cama sem conseguir dormir, o dia de amanhã será longo. Penso em mil coisas e, quando dou por mim, já é hora de levantar.

Tomo todas as precauções necessárias para que tudo corra bem. Serão muitas prisões, muito malandro na cadeia. Já sinto o cheiro da podridão no ar, filas de advogados na delegacia, tentando salvar seus “inocentes” clientes.

Em nossa última videoconferência, antes de partirmos para o ataque, passo a lista dos acusados para a equipe que está espalhada por várias cidades do país. Ainda fico abismado com a quantidade de pessoas envolvidas no meio político. Um bando de sanguessugas.

O alvo principal dessa investigação é um senador que me causa náuseas só de pensar nas suas malditas festinhas com prostitutas de luxo regada a sexo, drogas e álcool. José Fialho está envolvido em um esquema de lavagem, desvio de dinheiro público, tráfico de drogas e há muitos indícios de que é apenas um dos testa de ferro do *Quimera*.

O envolvimento dele nem é tanta surpresa para mim, mas o fato de um dos investigados no esquema trabalhar diretamente em uma organização evangélica me deixa de orelha em pé. Já ouvi muita conversa nos corredores sobre a desonestidade de certos líderes religiosos, mas tento não me abalar com isso. Aprendi desde criança que Deus não precisa do dinheiro de ninguém para fazer qualquer coisa por mim. Mas muitas pessoas ainda se agarram a isso.

Tenho certeza de que o cara vai me dar muita dor de cabeça. Seguro sua foto e a encaro por um momento. Enquanto isso, a equipe se mobiliza, acertando os últimos detalhes.

O olhar inocente e o sorriso debochado me deixam de péssimo humor. Ainda bem que não estarei no local, não resistiria dar umas boas porradas e desmontar o rosto angelical. Esse idiota não deveria ter se envolvido com coisas tão baixas, tendo sido criado em uma família tão religiosa e trabalhando para uma instituição com milhões de fiéis, mas, infelizmente, a índole não tem a ver com a educação recebida.

— Tem certeza que quer perder toda a ação, Guerra? — Assis me pergunta quando nos esbarramos no corredor da delegacia.

— Prefiro guardar as emoções controversas do que depois ter um deputado me acusando por violação dos direitos humanos de um bandido. Vou ficar fora do foco da mídia hoje, preciso preparar o pessoal para o alvoroço que teremos logo mais.

Não perco o controle facilmente, mas, parafraseando o capitão Nascimento no filme tropa de elite, *“bandido bom é bandido morto e todo policial sabe disso”*.

— Com sorte, chegamos ao Quimera. Nunca se sabe, talvez o senador se interesse pela nossa proposta e se disponha a abrir o bico.

Assis realmente pensa que existe essa probabilidade, mas sei que está fora de cogitação. Quimera é muito esperto e está sempre um passo à nossa frente. Se bobear, sabe dessa operação antes mesmo de chegarmos a alguém próximo a ele.

— Não conte com isso.

	<u>LISTA DE PECADOS</u>
	Nome: GABRIEL ROCHA
	Idade: 29 anos
	Características físicas: 1,90m de altura, pele branca, olhos azuis, cabelos castanhos
	Ocupação: consultor jurídico da IRDM e braço direito do traficante Quimera.
	Qualidades: protetor, destemido, comprometido, determinado.
	Defeitos: debochado, cheio de si, revoltado.
	Pecado: vaidade
O que pensa sobre a religião: acredita em Deus, passou um período desacreditado das instituições religiosas e acha que ninguém pode salvá-lo de seu próprio inferno.	

Tenho vinte nove anos e sou... bem, digamos que trabalho tanto com coisas legais quanto ilegais. Nunca pensei que fazer faculdade de Direito teria sido uma escolha acertada, mas hoje não me restam dúvidas de que eu fiz a escolha certa. Um dia ainda serei reconhecido internacionalmente pelos meus feitos, mas ainda é muito cedo para isso.

Não se anime, apesar de ter o nome de um anjo e cara de bom moço, no momento, sou exatamente o oposto disso. Ao contrário do que muita gente pensa de mim, não me arrependo de nada do que fiz ou pretendo fazer.

Fui criado para ser o protótipo do pastor “perfeito”, mas algumas coisas bagunçaram o percurso durante essa formação e meu pai falhou lindamente em me transformar na cópia dele.

Sigo a doutrina evangélica desde os primeiros passos e — juro — tentei ser o garoto que papai sonhava, mas sempre fui o segundo em casa. Daniel era o filho que tinha um dom com as palavras e roubava todo o meu espaço.

Ocupei boa parte da minha infância tentando provar para os meus pais que podia ser tão bom quanto meu irmão, mas eles pareciam não enxergar nada do que eu fazia. Na adolescência, depois de uma enorme decepção, desisti de ser

bonzinho, fiz muitas merdas pequenas e isso fez com que começassem a me notar — da forma errada, é claro. Depois vieram as surras violentas do meu velho, mas ainda não é o momento de falar sobre isso.

O fato é que meus pais conseguiram se livrar de mim por um longo período, mas estou de volta há alguns anos e eles têm certeza de que me tornei alguém exatamente igual ao que queriam. Ainda não vou desapontá-los, mas tenho muito pouco da pessoa que eles querem que eu seja. Tenho meus segredos, assim com todos na minha família, e adoro deixá-los perplexos.

Tive um dia tenso. Estou tentando resolver um problema muito complicado e esse em especial demanda muito tempo e dedicação.

Durante a noite, no meu segundo trabalho (que não é nem um pouco convencional), acabei me enrolando com uma carga errada. Incompetência tá virando moda agora, mas, no fim, resolvi tudo que precisava. Deito na cama *king size*, como todas as noites, sem uma única gota de remorso pelo trabalho que tenho feito nos últimos anos.

Acordo com um barulho irritante de batidas na porta, que mais parece uma invasão de domicílio. Caralho, nem respeitam mais o meu sono, vou ter uma conversa séria com a chefia. Não dá tempo nem de alcançar a minha arma.

— Gabriel Maia Rocha, você está preso. Tem o direito de permanecer calado, tudo que disser pode e será usado contra você.

Que diabos é isso? Por que os federais estão invadindo meu espaço pessoal a essa hora da manhã? Custava ter me avisado dessa merda? Preciso ser informado dessas operações com antecedência para preparar o meu discurso de pobre garoto rico incompreendido.

— Caso não saiba, sou consultor jurídico e conheço muito bem os meus direitos. — Uso um tom debochado, porque quero que ele fique irritado.

Porra! Vão achar a minha arma, aperto os lábios por um momento enquanto passam direto pelo meu esconderijo. Essa foi por muito pouco.

Tenho porte de arma, mas vai saber o que esses caras podem inventar depois que me pegarem? Acabariam com toda a minha diversão.

— Não posso sair de cueca na rua, concorda comigo, né, seu japa? Vão me algemar? Não sou perigoso. Juro! — O agente me olha irritado.

— A coisa não está bonita pro teu lado, *playboy*. Acho bom tirar esse sorriso debochado da cara — o outro agente responde, enquanto seus amigos reviram gentilmente minha casa.

Já que irei participar de um espetáculo, preciso me vestir a caráter. Eles pensam que vou ficar preso pelo resto da vida, vejo isso nas caras cínicas e no meu apartamento, que está sendo posto abaixo. Até parece que vou deixar as provas de qualquer coisa que acham que fiz em lugares tão óbvios.

Coloco a melhor roupa que encontro no armário e meu Rolex. Só pelo gostinho de vê-los irritados, demoro mais do que deveria. Não podem fazer nada comigo. Eles não sabem, mas, se tocarem em mim, a coisa vai ficar feia.

Saio do meu apartamento escoltado por cinco cães de guarda, não fui algemado, talvez a minha influencia ainda sirva para alguma coisa. Os vizinhos me olham incrédulos, cumprimento alguns deles com um breve aceno. Até a vizinha gostosa está na porta, usando sua camisola de renda vermelha, com um olhar decepcionado.

— Vai dizer que nunca viram um bom homem ser preso por engano? — Não consigo me conter diante da decepção estampada no rosto deles.

Atravesso a portaria e olho em volta, para onde tem muitos curiosos, além da imprensa. Visto a máscara do garoto injustiçado para que o espetáculo se inicie e muitos flashes são disparados na minha direção. Minha família vai odiar essa publicidade negativa, mas, quer saber?! Que se danem todos eles. Então eu a vejo. É claro que essa garota tinha que estar metida nisso!

— Oi, meu anjo, imaginei que tinha seu dedinho nessa merda toda. — Ainda uso a máscara, mas sinto sua tensão. — Realmente leva jeito para isso. Um dia da caça, outro do caçador. Fez um ótimo trabalho, Paladina.

Sei que não eram essas as palavras que ela esperava e sinto um aperto no peito. Porém, ainda não consigo dizer o que ela gostaria de ouvir.

Que bela porcaria! Quem mandou se apaixonar pelo inimigo? Sim, sou apaixonado por essa petulante. Uma hora ia ter que admitir isso.

Solto-me do agente presunçoso, que me exhibe como um troféu, mas ele me segura imediatamente.

— Uou... Acha mesmo que tentaria fugir com tantas câmeras e armas apontadas para mim? Posso falar um momento com a jornalista? Você pode ficar de cão de guarda bem aqui do lado, eu não me importo.

— Tudo bem — ela tranquiliza o agente com seu olhar angelical.

Lídia Fonseca consegue qualquer coisa dos tiras, sei disso na prática. Conheço as artimanhas dessa mulher. Ela se aproxima, tensa. Pela primeira vez na minha vida, sinto medo e vergonha pelo meu trabalho. Estou tentado a dizer tudo a ela. Droga! Por que diabos fui me apaixonar por essa garota? Ela bagunça tudo e não consigo impedir.

Enxergo seus medos. Neste momento, estamos presos em nossa bolha, onde existe apenas nós dois e ninguém mais para apontar os erros que comentemos em nome do trabalho que cada um de nós escolheu. Lídia está arrependida, é o que diz seu olhar. *Muito tarde, querida!*

Meu lado de bom moço está aflorado com a presença dela, não posso deixar que se arrependa por fazer a coisa certa nem por lutar pelos ideais que acredita.

Pela lei natural das coisas, eu é que deveria me arrepender pelas decisões que tomei na minha vida, mas irei até as últimas consequências em nome do que também acredito.

— Ninguém é tão bom que nunca tenha pecado — tento tranquilizá-la sobre o meu destino.

Tiro a máscara, ela me conhece, não precisamos dessas formalidades. Seguro sua mão e a vejo suspirar, estamos bem próximos. Sinto sua respiração tocar meu queixo.

— Me perdoe por fazê-la passar por isso — sussurro em seu ouvido, não quero que se apegue ainda mais a mim, mas é inevitável.

Droga, ela tinha que tornar tudo mais difícil? Eu tenho um plano e Lídia não faz parte dele. Eu me pergunto por que ficou aqui. Sei a resposta, ela quer que me sinta culpado por seu sofrimento. Maldita mulher! Limpo a lágrima

solitária do rosto dela com o polegar.

— É o meu trabalho, tinha que fazer isso, não preciso que entenda meus motivos! — Sua justificativa é irrelevante agora.

— Eu sei, Paladina. Você faz o seu trabalho e eu faço o meu, é assim que as coisas funcionam. Estamos de lados opostos nesse maldito jogo.

Meu chefe pode até me matar pelo que vou fazer agora, mas que se dane. Envolver o rosto delicado entre as mãos e cubro os lábios macios em um beijo que causa um alvoroço de emoções em mim.

O cão de guarda resolve que já tive tempo suficiente para o show e me puxa violentamente. Tenho vontade de quebrar a cara dele, mas, de frente às câmeras, não posso me dar ao luxo e não quero que tenham dificuldades para me tirarem da cadeia amanhã.

Dou uma última olhada para Lídia, que tem os olhos cheios de lágrimas.

Precisava ser tão linda?

Precisava ter me feito cair como um patinho em seus encantos? Claro que não, mas essa garota é bem teimosinha quando quer.

— Eu te amo, essa é a única coisa certa disso tudo — declaro antes que me enfiem na porcaria do carro.

Lídia Fonseca. Ainda vou acabar me atirando na frente de uma bala por causa dessa mulher, registrem isso.

Ela tem modos de anjo e, de fato, é um deles, do tipo bem teimoso que quer enfiar as coisas goela abaixo na gente. Eu tinha a porcaria de uma tarefa para cumprir e me enrolei todo.

“Você vai lá e coloca a cadela no lugar dela. É o único em quem confio que fará a coisa do jeito que quero, sem levantar suspeitas e sem violências. Odeio que batam em mulheres.”

Foi o que Quimera ordenou enquanto me ameaçava pela enésima vez. Esse foi o meu erro: ceder. Acreditem, Quimera sabe usar muito bem as armas que

tem. Aposto, cem por um, que faria o próprio presidente da república se transformar num vassalo apenas com duas frases curtas.

Talvez, um dia, eu ainda o agradeça, e a todas as pessoas com quem trabalho, por colocar essa mulher na minha vida, mas, do jeito que as coisas desandaram, é mais fácil eu ganhar uma bala no meio do peito do que cair nas graças deles. Tudo isso faz parte do jogo e sou um bom jogador.

Só tenho uma certeza agora: por mais que esses tiras pensem que estão fazendo algo útil para a nação, garanto que, no máximo amanhã cedo, estarei saindo da prisão de cabeça erguida. Não trabalhei em minha *network* todos esses anos para ficar preso pelo resto da vida como eles pensam. Juro que quero rir da cara deles enquanto me levam para a delegacia, mas preciso manter a compostura.



LÍDIA

Fiquei dentro da van da equipe de reportagem, parada do outro lado da rua do condomínio de luxo, assistindo à cena que deveria me levar ao êxtase. Fui orientada pelo chefe da operação a ficar longe até que fosse seguro descer.

Ninguém poderia imaginar que um dos assessores jurídicos da IRDM, filho de um pastor, cunhado da mulher que é o grande nome do mundo gospel no momento e que mora em um condomínio cercado de luxo, estaria envolvido com tráfico e desvio de dinheiro público. Mas é isso que o dinheiro e o poder fazem com as pessoas: eles as corrompem.

Que fique bem claro que não foi o fato de ser parente de quem era que o tornou essa pessoa sem o mínimo respeito pelas regras da sociedade. Tenho uma certeza convicta de que não foi para esse caminho que seu pai o conduziu.

Essa matéria vai alavancar minha carreira, um escândalo sem precedentes que envolve grandes figurões da política, que volta e meia estão na TV com seus discursos moralistas sobre a defesa da família. Todos sabiam que essas prisões eram apenas o fio da meada.

Um policial faz sinal para mim, comunicando que é seguro sair.

Vejo quando o agente responsável por essa prisão surge na portaria do prédio, acompanhado por outros quatro policiais, escoltando o rapaz. Vestido com roupa de grife e um Rolex dourado no braço, carrega um olhar inocente e o

nome de um anjo: Gabriel Rocha.

— Oi, meu anjo, imaginei que tinha o seu dedinho podre nisso tudo — ele me dirige a palavra com uma falsa inocência e sua voz que me causa arrepios. — Você realmente leva jeito para isso. Um dia da caça, outro do caçador. Fez um ótimo trabalho, Paladina!

Ele se solta do policial por um momento, que imediatamente o segura novamente.

— Uou... Acha mesmo que tentaria fugir com tantas câmeras e armas apontadas para mim? — pergunta, em sua melhor performance de garoto injustiçado. — Me deixa falar um momento com a jornalista? Você pode ficar de cão de guarda bem aqui do lado.

— Tudo bem — tranquilizo o agente. Sei que, apesar de todas as acusações, ele não tocaria em um único fio de cabelo meu.

O agente se afasta, apenas o suficiente para que as pessoas não comecem a especular, mas mantém o olhar atento a Gabriel.

Eu me aproximo, com o corpo ereto, e ficamos a poucos centímetros de distância nos encarando. Meu coração galopa desgovernado no peito.

Não se assuste com o que vou dizer agora, todo mundo comete erros na vida e o meu responde pelo nome de Gabriel. Não me orgulho disso, a colisão entre os nossos mundos foi desastrosa.

Quando aceitei a proposta de Assis para ajudar nessa investigação, nunca imaginei que, ao fim dela, estaria apaixonada por um bandido de colarinho branco. Se eu pudesse voltar atrás, com certeza evitaria que isso acontecesse.

— Ninguém é tão bom que nunca tenha pecado. — Ele adora usar frases de efeito para tentar me convencer de que tudo vai bem.

Travo uma batalha interna entre a razão e o coração. Luto contra o impulso de tirá-lo daqui e correremos juntos para longe de toda a confusão em que se enfiou.

A respiração quente toca a minha pele, sei que fiz a coisa certa, mas as

certezas já não estão tão claras como há minutos atrás, quando estava dentro do veículo.

O olhar sereno agora é verdadeiro, faz parte de quem ele é. A máscara do garoto rico que foi pego no flagra não é usada comigo. Sua mão envolve a minha e me preparo para o que vem em seguida.

— Me perdoe por fazê-la passar por isso. — O som de sua voz sai num sussurro e sei que existem verdades em suas palavras.

Odeio Gabriel com a mesma intensidade que o amo, uma lágrima quente molha meu rosto e ele a seca com o polegar, isso tudo doeu muito mais do que imaginei.

— É o meu trabalho, tinha que fazer isso, não preciso que entenda meus motivos! — argumento, quando os olhos dele, de um azul intenso, encontram os meus.

Apesar de ter o meu coração sangrando, acredito que será através da prisão de Gabriel que chegarei ao meu objetivo final. Tenho fortes motivos para acreditar que o homem à minha frente é o *Quimera* ou trabalha para ele. Torço para que esteja errada quanto à primeira opção, porque jamais me perdoaria por me envolver com o responsável pela morte de Pedro.

— Eu sei, Paladina. Você faz o seu trabalho e faço o meu, é assim que as coisas funcionam. Estamos de lados opostos nesse maldito jogo.

Suas mãos macias envolvem o meu rosto, fecho os olhos e sinto a fragrância sofisticada e sedutora do seu perfume importado. Os lábios quentes cobrem os meus e as pernas falham com o contato, mas a mão forte me sustenta, segurando em minha cintura. Somos separados pelo policial, que assistia sem entender a cena.

— Eu te amo, essa é a única coisa certa disso tudo. — São as últimas palavras que escuto antes de ele ser conduzido ao carro.

Não é possível que ele seja Quimera!

Fecho os olhos e tento me recompor, virando-me para a pequena aglomeração de curiosos e jornalistas, que me encaram sem entender o que

acabou de acontecer. Ninguém ouviu a nossa conversa, que durou apenas alguns minutos, apesar de parecerem horas intermináveis.

“Jornalista denuncia esquema de lavagem de dinheiro e é surpreendida com um beijo de um dos homens que é apontado como chefe.”

Não é verdade que fui surpreendida, mas eles não precisam saber disso.

A manchete não saiu como planejei. Eu me senti estranha ao ver minha foto — nos braços de Gabriel Rocha e cercada por agentes da Polícia Federal — estampada em todos os veículos de comunicação nacionais, mas saiu melhor do que tinha imaginado.

Tudo na vida é uma questão de escolhas. Escolhi o lado da verdade. Quanto a Gabriel, não posso dizer o mesmo. Apesar do que senti no instante antes de ele ser levado pela polícia, não consigo apagar as coisas com as quais ele se envolveu.

O que vivemos juntos compete apenas a nós, ninguém precisa saber de nada. A única coisa certa que ele fez, além de me amar, foi não deixar meu nome envolvido nessa bagunça. Agora, tem muitas especulações sobre nós e, francamente, não estou disposta a dar explicações sobre a minha vida. Fui chamada à delegacia para prestar depoimento. No fundo, acho que o delegado Assis só queria me manter segura um pouco mais.

— Por isso odeio trabalhar com carniceiros. — Escuto uma voz grave um pouco antes de entrar na sala do delegado. Paro e fico sem ação. — Precisava o Valença ter permitido isso e ficado com cara de otário assistindo a nossa reputação ir para a lama? Essa menina quer o que todos querem, apenas a fama. Que moral vamos ter com a merda dessa foto estampando todos os jornais? Vamos virar piada, Assis.

— Calma, Guerra! O homem tá preso, isso é o importante. Te garanto que a Lídia não esperava por isso. O Gabriel gosta de espetáculos. Para ele, o mundo é um enorme *playground*. Já viu as fotos dele nas colunas sociais nos últimos meses?

O que esse tal de Guerra pensa que sabe sobre mim? Odeio gente assim. O que fiz foi errado, eu sei, mas precisava ser tão intolerante?

— Pouco me importa as fotos desse idiota em qualquer lugar que seja. Escuta o que tô te dizendo: ainda vai quebrar a cara com essa tua informante carniceira — ele diz irritado e resolvo que não vou deixar barato essa petulância.

— No caso, a carniceira sou eu? — pergunto, sem esconder a antipatia gratuita que já sinto pelo agente que está de costas para mim, manuseando o seu tablet e inconformado com a foto que estampa os sites de notícias.

Vejo os músculos das costas dele se contraírem ao escutar a minha voz. Ele é alto e suas costas, deixadas em evidência pela camiseta justa, são musculosas. Vestido todo de preto, seus cabelos grisalhos se destacam ainda mais.

Noto a surpresa em seus olhos ao se virar. O homem tem uma barba espessa e bem cuidada. Ele me encara carrancudo, arrumando a arma no coldre em sua cintura. Apesar da sua irritante opinião sobre mim, sei que não fez isso para me intimidar, é apenas um hábito de uma vida inteira fazendo a mesma coisa.

— Ficar ouvindo conversas atrás da porta também faz parte do seu trabalho?

Queria dar uns tapas nesse homem, mas provavelmente seria presa por desacato à autoridade.

— Lídia, quero que conheça meu amigo e colega de trabalho, o investigador Raoni Guerra. — Assis tenta quebrar a tensão recém instalada em sua sala. — Tenho certeza de que vão se dar muito bem.

O homem de cabelos grisalhos ri sem humor.

— Eu não teria tanta certeza disso — respondo por nós dois.

— Sente-se. — O delegado me indica a cadeira à frente da sua mesa, enquanto o policial sabidão continua de pé, fazendo cara de paisagem. — Precisamos da sua ajuda. Na verdade, o Guerra é quem precisa...

— Já disse que não vou trabalhar com a Paladina!

Pelo menos ele se deu o trabalho de assistir aos meus vídeos, talvez deva me sentir honrada.

— Não gostei dele, Assis. — Não guardo nem comida, vou guardar minha opinião pra quê?

O delegado sorri e o agente Guerra anda de um lado para o outro com a cara fechada.

— Para de ser irritante, Raoni. Senta aqui e vamos conversar com a jornalista como os adultos que somos.

Ele senta ao meu lado, me encara e pondera suas opções por um momento.

— Se o delegado confia em você, então vamos direto ao ponto. Me diga tudo que sabe sobre o *Quimera*. Vamos trabalhar juntos.

Sinto todo o meu corpo estremecer. Esperei por isso a vida toda.



TABITA

O silêncio da noite sempre traz de volta demônios antigos, tento afastá-los, mas eles insistem em ficar. Tomo meus remédios e finalmente consigo dormir. Os sonhos são tomados pelas malditas criaturas. Enquanto me debato, escuto o som do celular ao longe. Acordo assustada, ainda é muito cedo para me incomodarem.

— Alô... — Estou grogue de sono, nem consegui ler o nome no visor do aparelho.

— Ligue a TV, Tabita. Seu cunhado acaba de ser preso. Adivinha quem ajudou nas investigações que levaram à prisão dele? — Sérgio, meu advogado, faz uma pausa dramática. — A Paladina.

Claro que a jornalista tem algo a ver com essa história. Sempre está envolvida nesse tipo de coisa.

— Essa garota não toma jeito. Daniel vai ficar uma fera quando descobrir. Dei uma chance a Gabriel, mas ele não perde a oportunidade de tentar manchar a nossa reputação. Achei que ele não fosse capaz de ir tão longe.

Se existe uma coisa pela qual prezamos, é a nossa reputação. Gabriel é o típico garoto rebelde e sem causa. Sempre arruma um jeito de enveredar pelos caminhos mais tortuosos, o que deixa meu marido e meu sogro bastante irritados com suas atitudes impensadas.

— Sob quais acusação o prenderam?

Encontro o controle da TV e coloco no canal de notícias, que exibe uma foto onde nós três aparecemos juntos em um evento ao lado das filmagens do momento da prisão.

— Associação ao tráfico e lavagem de dinheiro.

— Acredito que tudo isso seja um mal-entendido. Os princípios que regem nossa família são cristãos. Jamais seríamos capazes de tal coisa.

— Espero sinceramente que esteja certa, Tah. Mas sabemos que o seu cunhado sempre acha um jeito de se enfiar nas coisas mais absurdas. Achei que ele tivesse tomado um rumo na vida... Como seu advogado e de seu esposo, é meu dever saber se estão envolvidos de alguma forma.

— De maneira nenhuma! — A pergunta dele ofende a mim e a Daniel. — Sou uma mulher de Deus, Sérgio, jamais me associaria a algo assim. Gabriel é da minha família, trabalha comigo e é uma pessoa de confiança. Tenho certeza de que isso foi um engano dessa polícia incompetente.

— Espero mesmo que seja.

— A imprensa está amando tudo, vinculando amplamente a nossa imagem a uma sujeira dessas. Não quero que isso continue, faça alguma coisa, por favor, Sérgio! Processe esses jornais por uso indevido de imagem.

— Fica tranquila, vamos dar um jeito nisso. No momento, o ideal seria vocês emitirem uma nota, esclarecendo que não compactuam com o que quer que seu cunhado, supostamente, possa estar envolvido.

— Providencie isso, por favor. Apesar da minha certeza, isso é um insulto à nossa imagem, pode ter uma repercussão negativa.

Desligo a chamada e fico um tempo tentando assimilar o que se passa nos noticiários. O vídeo do momento em que ele saiu do prédio escoltado pela polícia chama a minha atenção.

Não faz o menor sentido, mas o conhecendo como conheço, sei que Gabriel gosta de quebrar paradigmas. O sorriso no canto dos lábios dele demonstra que

não dá a mínima para o espetáculo a que fora submetido.

Chego ao trabalho mais cedo que o habitual e sem a minha equipe. Não preciso da piedade de ninguém neste momento, mas quero aliviar um pouco as preocupações e trabalho sempre cumpre muito bem esse papel.

O prédio da sede da IRDM funciona como qualquer outra corporação bem-sucedida e possuímos um quadro de funcionários bem maior do que muitas empresas. Os problemas também são iguais e eu os resolvo do meu modo quando ninguém mais consegue.

Analiso as pilhas de documentos sobre a minha mesa, tento me concentrar, mas nada me prende. Após receber uma ligação de Daniel, caminho até a copa, pensando se devo ou não me envolver nesse assunto. Por fim, decido que não vou me meter. Tenho que cumprir a minha agenda de shows, pregações e palestras nos centros comunitários, não posso me dar ao luxo de pensar nos problemas do meu cunhado.

— Bispa, chegou cedo. Tudo bem? Já viu o noticiário? — O pastor Augusto tenta esconder o olhar curioso enquanto se serve de uma xícara de café.

— Sim, para as duas perguntas, pastor. Infelizmente, foi um equívoco dessa justiça incompetente. Amanhã mesmo o veremos solto e fazendo o seu trabalho na prefeitura, como deve ser.

— Gabriel é um bom rapaz, eu o conheço desde que era um garotinho. Espero que acabe tudo bem.

— Obrigada — digo, tentando pôr fim à nossa conversa.

— Nossas escolhas dizem como viveremos nosso futuro — fala quando me viro de costas.

Estremeço e viro-me para ele novamente.

— Isso me faz lembrar meu pai...

Levo a minha xícara à boca e deixo a cafeína agir, enquanto o homem demora um pouco para encontrar as palavras certas para me dizer.

— Deus sabe o que faz, bispa. Há um tempo determinado para todas as coisas, não é isso que diz a palavra?

— Verdade, pastor — respondo sem muita convicção.

Lembrar da minha família me traz sensações ruins, por isso, mantenho minha mente ocupada na maior parte do tempo.

Há muito tempo, fui uma garota como outra qualquer, tive meus sonhos românticos e todas aquelas coisas que os adolescentes querem. Ao longo dos anos, aprendi a viver o presente como se o amanhã fosse algo impossível de alcançar.

Já na minha sala, encaro a tela do computador e abro a notificação de vídeos.

“Olá, paladinos!

Sejam muito bem-vindos ao meu canal.

Antes da vinheta, as perguntinhas de sempre:

O que há por trás das palavras doces da bispa Tabita? Que Deus é esse que ela segue, que quer ver o seu povo na miséria?

É o que vamos saber no vídeo de hoje, uma entrevista exclusiva com um ex-fiel da igreja que mais cresceu no país nos últimos anos.”

— Não sabe nada da minha vida, sua menininha tola. — Os sentimentos que tanto evito agora ameaçam transbordar.

Não é possível que ela se pareça tanto com ele. O mesmo olhar acusador, as palavras que sempre me ferem... É impossível esquecer o passado com essa garota soltando esses malditos vídeos toda semana.

Pego meu telefone na gaveta da escrivaninha e disco o número do meu advogado novamente.

— Está na IRDM?

— Ainda não, mas qual o problema, Tah? — Sérgio indaga ao ouvir o tom da minha voz.

— A Paladina... Já viu o último vídeo dela insinuando coisas sobre mim? Pode fazer algo?

— Vou tentar, mas não garanto nada.

— Onde é que essa garota consegue tanta asneira para me afrontar?

— Nem faço ideia! Meu conselho é que deixe como está. A indiferença é uma ótima arma, mostre que a opinião da jornalista é o que menos importa. A menina é bem ousada, admiro a coragem dela de te enfrentar.

— Garanto que só faz isso porque sabe que não posso fazer com que se cale.

O homem sorri do outro lado da linha.

— Será mesmo?

— O que disse, Sérgio?

— Nada, bispa. Uma garota tão insignificante não irá afetar sua sólida imagem.

Despeço-me de Sérgio, convencida de que o silêncio é a melhor opção contra o vídeo de Lídia.

Fito os porta-retratos espalhados pelo escritório — fotos do casal alegre e sorridente — e quase sou convencida de que vivo em uma redoma de felicidade.

Casei aos dezoito anos com meu príncipe da armadura brilhante. Eu me apaixonei por Daniel ainda na adolescência e, por um tempo, acreditei que seria a única pessoa capaz de me fazer feliz, apesar de, no fundo, suspeitar de que ele me escondia algo que poderia ser capaz de nos afastar. Confesso que cheguei a pensar que os acontecimentos em minha vida o afastariam, porque, assim que soube de tudo, Daniel começou a me evitar.

Então, repentinamente recebi um pedido, que seria ignorado se fosse feito

por qualquer outra pessoa naquele momento difícil da minha vida. Ele me pediu em casamento e tomei a decisão de ser o que todas as pessoas queriam que me tornasse: uma esposa fiel e dedicada.

Casamos na igreja com tudo que tínhamos direito. A minha imagem refletida no espelho, vestida de branco, exibia uma moça pura, digna e inocente da maldade do mundo, o que não era de todo verdade.

Quando caminhei até o altar aquela tarde, experimentei a sensação de ser o centro das atenções, todas as pessoas me olhando e admirando. Não vou ser hipócrita, foi uma das melhores sensações que senti. Talvez por essa razão, adoro estar à frente das multidões até hoje.

O dia se arrasta lentamente, cumpro os compromissos da forma normal. À tarde, dou uma palestra motivacional para adolescentes em situação de risco em uma escola pública e depois passo na ONG dos animaizinhos abandonados. Ao fim do dia, estou exausta, mas minha equipe se reúne em minha enorme propriedade em um condomínio de luxo para tratarmos sobre algumas questões que os preocupou nos últimos sermões.

Após se recolherem em seus respectivos quartos, eu me sinto sozinha, mesmo sabendo que estão todos ali, tão próximos. Tomo o elevador panorâmico com vista para o lago, a lua cheia brilhando no céu dá um verdadeiro espetáculo.

O meu dinheiro comprou muitas coisas, mas não consigo tirar essa sensação de abandono que me corrói. Não posso ter filhos, venho tentando convencer Daniel a adotarmos uma criança. Apesar de ele concordar comigo em quase tudo, sobre esse assunto, tem sido irreduzível.

Abro a porta do quarto e sinto-me abraçada pelos meus próprios medos e solidão. Eles estão de volta. Demônios. Sempre estão aqui, não consigo me livrar deles. Outra noite sem ninguém para me salvar dos pesadelos.



RAONI

— Guerra! — O delegado Assis entra na minha sala com uma expressão preocupada e sei que estamos novamente em um beco sem saída. — Nosso ilustre convidado ainda se recusa a falar?

— Continuamos na mesma. Bem que poderíamos voltar à ditadura militar, minha vontade é de quebrar a fuça desse *playboy* cara de pau.

Uma manhã inteira tentando uma conversa civilizada e não cheguei a lugar algum. O idiota só me fez perder tempo. As acusações contra ele vão de lavagem de dinheiro a tráfico de drogas. Apesar de todos os indícios, a relação dele com os crimes não foi realmente comprovada, o que é intrigante. O desaparecimento de provas importantes nos leva a crer que ele está realmente envolvido nessa sujeira toda. Mas o cara tá ferrado de qualquer forma, nem preciso ser um gênio para saber disso.

Estou uma pilha de nervos, a relação de Gabriel com Quimera fica cada vez mais evidente. Ainda assim, tudo está nublado e não consigo enxergar merda nenhuma.

— Talvez goste de dar uma olhada nos depoimentos dos outros caras. Gabriel pode até ser duro na queda, mas alguns dos comparsas são frouxos. Abriram o bico sobre umas atividades da organização criminosa, nos dando ainda mais indícios de que o *playboy* realmente trabalha para Quimera.

— Ou seja ele, já que esse crápula não mostra a cara, pode ser qualquer pessoa — digo, passando as mãos pelo rosto.

Quando eu pegar esse bandido, talvez o mate com minhas próprias mãos.

— É bem provável que não seja o Gabriel Rocha, ele é só a ponta da meada. Dá uma olhada nisso. — Ele me estende os depoimentos digitados.

Pego a pasta de suas mãos e leio algumas páginas, que falam sobre a presença constante de Quimera na cidade, enquanto Assis senta à frente da escrivaninha. Que Deus nos ajude, porque as coisas ficam cada vez mais emaranhadas.

— Será que finalmente vamos dar um rosto a ele? Ou Quimera vai continuar sendo uma lenda urbana? — pergunto intrigado. — Talvez devamos adiantar as coisas com a carniceira.

Assis me olha atravessado, ele realmente admira o trabalho da jornalista. Devo admitir que a garota é boa no que faz, mas não consigo evitar a antipatia pela classe, que Deus me perdoe.

— Esquece a profissão e foca no que ela sabe. Talvez dessa vez tenhamos sorte! Tá na hora de você praticar o que aprendeu a vida toda na igreja, meu amigo.

— Talvez você tenha razão e Deus quer testar a minha paciência, colocando essa garota no meu caminho. Quem sabe chegamos a algo real desta vez.

Meu colega me olha animado, nunca chegamos tão perto desse bandido.

Há oito anos estamos seguindo pistas de um traficante misterioso, tudo que descobrimos sobre ele resume-se a seu apelido. Ele está, inclusive, na lista negra da Polícia Internacional. Apesar dos nossos esforços, não conseguimos pegá-lo e nem ao menos ligá-lo a uma pessoa de carne e osso.

O criminoso possui uma ótima rede de inteligência, com fontes no governo, no exército e em todos os lugares que se possa imaginar. Secretamente, acredito que ele tenha muitos amigos importantes ou até mesmo políticos.

Imagine como um inimigo sem rosto pode ser perigoso.

Pegá-lo é uma tarefa quase impossível. A maioria das pessoas que prendemos tem medo do Quimera. Ele não dá um único passo em falso e, em poucos anos, tornou-se uma lenda no submundo do crime organizado.

Depois de tantas pistas que nunca deram em nada, cheguei à conclusão de que, além de astuto, esse homem deve ser um cidadão exemplar. A merda é que nunca se sabe o que esperar de um criminoso desse calibre.

Com essa onda de prisões e escândalos políticos no país, esperávamos que, cedo ou tarde, sua verdadeira identidade viesse à tona. Só que não aconteceu.

Por vezes, até duvidei da existência desse homem. Perdi noites de sono seguindo pistas falsas e sequer conseguimos um retrato falado. Com o nome do Gabriel envolvido nessa investigação, cheguei a pensar que ele poderia ser o rosto por trás dessa bagunça toda. Alguma coisa me diz que ele não pode ser quem comanda todo o esquema, porém, tenho certeza de que conhece a verdadeira identidade desse maldito.

No momento, daria qualquer coisa em troca de uma informação que valesse a pena. Por isso aceitei a colaboração da Lídia. Talvez os nossos interesses sejam distintos, mas, se no fim esse assassino estiver atrás das grades, vou ficar agradecido.

Há outra coisa nela que me fez dar um voto de confiança, notei que ela coloca Deus acima de tudo em sua vida, assim como eu. Pode ser que seja um sinal dos céus e não posso ignorá-lo.

— Sei que tem assuntos pessoais com Quimera — meu colega diz pensativo, antes de sair da minha sala. — Por favor, não aja pelas minhas costas, quero ser informado de cada passo. Não cometa a tolice de achar que pode lidar com ele sozinho.

Assis sai e fico encarando o teto por um longo momento. O que mais me incomoda é saber que falhei em todas as tentativas de dar um rosto a esse criminoso.

Sigo até o arquivo, pego as pastas com as extremidades desgastadas pelas horas que passei procurando qualquer indício de falha nos documentos. Sento-me no chão, encosto-me nos armários e começo a folhear. As fotos dos inúmeros assassinatos, atribuídos ao nosso homem sem rosto, caem no meu colo. Paro ao

me deparar com a foto de um policial brutalmente assassinado, com requintes de crueldade.

Ele era meu irmão e estava no lugar errado, na hora errada. Um crime bárbaro, que desestruturou minha família. Meus pais fraquejaram na fé, mas, depois, entenderam que tudo que aconteceu foi o querer de Deus.

Na cena do crime, havia um bilhete feito com recortes de revistas.

“Nunca chegue perto demais do desconhecido. A curiosidade pode ser muito perigosa. Quimera.”

Foi um aviso, uma tentativa de nos intimidar. A princípio, não demos importância, porém, durante as investigações, descobrimos que meu irmão e sua equipe estavam a um passo de descobrirem a identidade do bandido, contando com a ajuda de um renomado jornalista que, no fim, acabou se vendendo para o inimigo.

Após a morte dele, todos os envolvidos no caso foram, pouco a pouco, misteriosamente mortos em circunstâncias duvidosas. Seja lá o que descobriram, foi enterrado com eles.

Esmurro o chão, tentando aplacar a raiva que ameaça tomar conta de mim.

Respira. Inspira.

Respira. Inspira.

A voz diz em minha cabeça e, aos poucos, vou tomando o controle das minhas emoções. Sinto que as madrugadas orando para ter uma direção divina nessa investigação estão, finalmente, sendo atendidas.

Dessa vez, não posso deixá-lo escapar. Nem que, para isso, Deus tenha que me levar às profundezas do inferno e para arrancar esse bandido de lá.

A Paladina é minha melhor opção no momento e talvez possa me ajudar, de alguma forma, a chegar a esse criminoso. Afinal, teve um papel fundamental nas últimas prisões que fizemos.

Pego meu celular e disco seu número.

— Preciso falar com você ainda hoje, podemos nos encontrar?

Ela hesita em me responder.

— Tenho muito trabalho a fazer, a vida de um carnicheiro não é tão fácil como você imagina. — Noto o ressentimento em sua voz.

Sério que eu vou ter que me humilhar para essa menina me ajudar?

— Me desculpe... — Reviro os olhos, ela não pode me ver mesmo. — E então, podemos nos encontrar?

— Vou dar uma olhada na minha agenda e te passo uma mensagem. Pode ser?

Essa Lúdia é um pé no saco, viu?!



Ao fim do dia, ela resolve me atender. Estou na portaria do edifício, à espera da garota, ainda tenso com o que toda essa história me causa.

— Trouxe o material sobre Quimera?

— Sim, está tudo aqui. — O brilho nos olhos dela me deixa intrigado.

— Qual a razão de você querer tanto desmascarar esse homem?

Noto a expressão mudar em seu rosto, como num livro, quando passamos as páginas rapidamente, e sei decifrar algumas delas, porque compartilhamos do mesmo sentimento por esse bandido. Vingança. Não é um bom sentimento para se compartilhar, partindo do ponto que acreditamos em um Deus que poderia fazer isso por nós, porém, não somos aquelas pessoas que sentam e esperam as coisas acontecerem.

Essa história fica cada vez mais interessante.

— Não é da sua conta — responde irritada.

Que diabos eu fiz? Não pedi desculpas para essa menina? É tão difícil

esquecer o que disse?

— Se vamos trabalhar juntos, é, sim, da minha conta. Aliás, a partir de hoje, a sua vida é da minha conta. — Quero deixar bem claro que estou de olho nela.

Começamos a andar para fora do prédio do jornal, em direção à praça que fica a duas quadras.

— O Assis não me falou nada sobre isso.

— Essa investigação é minha, acho melhor se acostumar.

— Você é sempre assim, irritante e mandão?

— Só com repórteres que se acham demais.

Minha resposta a pega de surpresa. Caminhamos lado a lado pela calçada, em um silêncio constrangedor. Lembro dos vídeos dela que assisti na noite passada.

— Vejo que sabe mais do que deixa transparecer.

— Adoro quando subestimam a minha inteligência — ela diz seca.

Paro e encaro a moça, procurando por algo em seu rosto, que não sei bem o que é.

— Por que persegue a bispa Tabita?

— Eu não faço isso, aquela santa falsa que faz as pessoas pensarem mal de mim. Só falo a verdade, as que ela odeia ouvir.

— Não acredita no mesmo Deus que ela? — Indico a frase estampada da camiseta dela: *“Não é sorte, é Deus!”*

— O meu Deus jamais colocaria um julgo tão pesado aos seus servos. Jesus disse: *“Vinde a mim, todos que estão cansados e oprimidos, pois meu julgo é suave e meu fardo é leve”*. Totalmente o contrário do que ela prega em seus sermões eloquentes.

— É... Nisso, devo concordar com você, mas não te incomoda todos os

comentários dos fiéis da IRDM? — pergunto, lembrando do que vi no canal.

— Eu os ignoro. As pessoas são tolas, agente Guerra, esquecem rapidamente do mal que lhes fizeram em troca de algumas migalhas — reflete, andando ao meu lado na calçada da rua movimentada. — Mas a verdade é que não me importo com o que falam ou deixam de falar.

O restante do percurso é feito em silêncio.

— Lídia, talvez essa seja uma boa hora para deixarmos nossas diferenças de lado — digo, fitando a garota ao sentarmos no banco. Uma revoada de pombos passa acima de nossas cabeças. — Acredito que, juntos, podemos chegar ao Quimera.

Observo quando analisa suas opções e um riso nervoso estampa seu rosto. Sim, há uma trégua entre nós

— Espero há muito tempo por esse momento. — Os olhos brilham e percebo que não poderia ter escolhido uma aliada melhor.

— Conto com a sua discrição. Parceiros? — pergunto, estendendo a mão para ela.

— Parceiros — concorda, apertando minha mão.

Sei poucas coisas sobre a jornalista e algo me diz que não vou gostar do que posso encontrar se investigar sua vida. Por enquanto, vou confiar no julgamento do meu chefe.

Notei, vendo seus vídeos e analisando sua eloquência ao falar, que é uma mulher determinada e focada em um único objetivo: mostrar a verdade.

Nunca vou dizer isso a ela, mas admiro sua determinação e seu caráter.



QUIMERA

— Caralho, Fábio! Você não faz nada direito.

Meu sangue ferve nas veias, minha vontade é de pegar esse maldito e atirá-lo pela janela. Não costumo ter medo de nada. Porém, tenho certeza de que essa prisão é o princípio de algo muito maior.

— Só quero entender por que diabos o Gabriel está preso. A porra da cara dele está em tudo que é jornal. Você é bem pago para saber dessas merdas antes que elas aconteçam. Tá ficando lerdo, caralho? — Eu o seguro pelo colarinho da camisa social, enquanto ele me olha desafiadoramente.

— *Quimera...* — ele pronuncia entredentes e ousa apontar o dedo na minha cara. — Não sou um desses seus moleques de recado!

Solto o seu colarinho bruscamente e o jogo sobre o sofá, mas não o abalo. Ele levanta e me encara furioso. Se acha que pode me intimidar, está redondamente enganado. Não me intimido facilmente! Sem pensar duas vezes, dou-lhe um soco certo no rosto.

— Seu filho da puta, miserável! — Arremesso-o contra a parede, atingindo alguns quadros, que caem sobre sua cabeça. — Você faz o que eu quiser, quando eu quiser. Quem garante os luxos dessa sua vida de merda sou eu, limite-se a fazer a droga do seu trabalho.

Ele se levanta, arrumando a camisa, e vem em minha direção, como um

leão enjaulado. Seu corpo é arremessado contra mim e me joga com violência contra a parede. O supercílio dele sangra, tem gotas vermelhas no chão. Ele me levanta com uma só mão e me encara com um ódio que só me faz rir.

Retiro a minha arma do cós da calça jeans, em um movimento rápido, e a pressiono contra sua cabeça.

— Tire a porra das mãos de cima de mim. — Meu tom é ameaçador. Fábio sabe que sempre cumprio minhas promessas e levanta as mãos em sinal de rendição, afastando-se devagar.

— Foi mal, chefe. Estamos de cabeça quente — ele se desculpa, enquanto coloco a arma de volta em minha calça.

— Nunca mais toque em mim. Se acontecer novamente, considere-se um homem morto. — É uma advertência. Ele arregala os olhos e limpa o sangue que escorre pelo rosto com as costas das mãos. — Se vira. Tira o babaca do *almofadinha* da cadeia. Faça isso pra ontem! Soube que alguns dos imbecis que foram presos deram com a língua nos dentes. Quero todos mortos.

Tenho influência sobre muita gente nessa porcaria de país. Quando preciso, nenhum filho da puta quer fazer nada por mim. Mesmo sabendo meus métodos, eles preferem que eu comece a visitar suas malditas famílias antes de cooperarem comigo.

Gabriel é uma peça importante do meu jogo, mas merece dormir pelo menos uma noite no xadrez para deixar de ser trouxa. Por esse motivo, entrego esse maldito problema nas mãos de Fábio.

— Você manda e eu obedeço, já entendi — o homem diz mal-humorado.

— É melhor assim. — Sento-me na confortável cadeira giratória da escrivaninha e coloco as mãos atrás da cabeça.

Tive uma vida de merda. Agora, tudo é diferente e não vou deixar que ninguém atrapalhe meus negócios. Passo por cima de quem for para conseguir o que quero, não tenho tempo a perder com moralismo.

Fábio sai e eu abro o notebook. Quero acompanhar de perto o que estão dizendo sobre a prisão do meu braço direito. Navego por sites de notícias

conhecidos, a foto de Gabriel estampa todos eles. O cara não dá a mínima para o que está acontecendo, mas confesso que estou hesitante.

O que me irrita realmente não é o fato de ele ter sido preso, mas sim o espetáculo com a *vadiazinha*. No fundo, ele só quer me tirar do sério. Quando o babaca sair da cadeia, vai ganhar uns bons socos para aprender a ser discreto.

Observo as fotos com atenção, dou um zoom na tela e analiso com cuidado a expressão no rosto dele. Filho da puta, miserável! Nunca se tratou de me tirar do sério, o idiota está mesmo apaixonado. Era só o que me faltava.

Gabriel é um menino-prodígio, verdadeiro exemplo a ser seguido, formado em direito, mas, por algum motivo que desconheço, não exerce a profissão como deveria, prefere viver à sombra de pessoas como eu. O fato é que ele tem o disfarce perfeito para esconder o mau caráter por baixo de toda a pinta de garoto bonzinho.

Desde que o vi pela primeira vez, eu o quis por perto e o envolvi propositalmente em minha teia. Apesar dos poucos anos que trabalhamos juntos, Gabriel é alguém a quem confiaria a minha vida sem pestanejar. Não pense que ele é um pobre inocente que caiu no conto da carochinha, o cara sabia muito bem onde estava se enfiando quando se meteu comigo.

Com a polícia no encalço dele, minha identidade está em risco. Sei que não vai me entregar, confio nele, mas os malditos tiras não vão descansar enquanto não chegarem a mim.

Ainda tenho que me preocupar com a tal Paladina. O seu trabalho árduo em descobrir minha identidade tem me causado muitos transtornos. Minha vontade é de dar a ela o que merece: uma bala no meio da testa. Mas não mato mulheres, muito menos jornalistas, a não ser que me deem um motivo muito forte para tal. Além disso, o bom senso me diz que é melhor mantê-la viva.

A possibilidade de o meu braço direito estar apaixonado pela vadia que está fuçando a minha vida me faz perder o foco e não consigo fazer o meu maldito trabalho direito.

A noite foi longa e meus problemas só aumentam. Qual a dificuldade das pessoas em fazerem o que peço? Sinceramente, eu não consigo entender.

Enquanto o motorista dirige, observo a movimentação das ruas da cidade e me vem à mente a imagem de Gabriel beijando a jornalista.

Se estiver apaixonado por ela, a minha identidade corre ainda mais risco. Pesquiso no celular sobre a prisão e encontro um vídeo de péssima qualidade do momento em que a beijou. Assisto repetidas vezes para tentar entender o que ele falou antes de ir, mas o barulho das sirenes e das pessoas em volta não me deixam ouvir. Tiro todo o volume e tento leitura labial.

“Eu te amo, essa é a única coisa certa disso tudo.”

Esse projeto de cavaleiro do apocalipse pode me odiar, pode ser uma pedra no meu sapato, pode muita coisa... O que essa cadela não pode é fazer o Gabriel se apaixonar por ela.

Ainda não consigo acreditar. Digito um número no meu celular.

— Alô, quem está falando? — o diretor do presídio pergunta, sonolento, do outro lado da linha.

Ativo o modificador de voz, o anonimato é a minha melhor arma no momento.

— Ora, não se faça de bobo, diretor. Sabe quem está falando. Preciso de um pequeno favor. — Ouço um suspiro nervoso. — Calma, homem, só quero que libere a entrada de alguém no presídio.

— Não sei se consigo fazer isso, a imprensa está em cima da gente por causa da prisão do Gabriel.

— Ah, mas você pode sim, e é justamente com ele que precisamos conversar.

— Não posso fazer isso — ele insiste com a voz alterada.

— Tenho sua esposa e sua filha sob a mira de um atirador neste exato momento. Vai fazer o que eu pedi, caso contrário, nunca mais as verá. Quanto à puta que está deitada ao seu lado, também posso calá-la no próximo minuto.

O homem muda de ideia assim que termino e acredita sem titubear. Eu

tenho esse poder, as pessoas têm medo do que sou capaz de fazer. Em pouco tempo, estou em uma sala de visitas dentro do presídio, à espera de Gabriel.

Um policial o escolta até a sala e nos deixa a sós. As notícias correm rápido. Não que saiba quem sou, ele apenas imagina quem me mandou até aqui e não gostaria de ficar em maus lençóis com alguém como Quimera.

A boca dele se curva num sorriso idiota. Levanto-me e vou até ele, que continua de pé, parado no mesmo lugar que o policial o deixou. Ficamos frente a frente.

— Virei atração desse presídio, é isso mesmo ou estou enganado?

Dou de ombros. Pouco me importa quem o visitou ou deixou de visitar, desde que ele mantenha sua palavra. Agora, seus olhos azuis me enfrentam em uma guerra que já está perdida há muito tempo. Dou-lhe um soco no estômago e ele se curva com a dor inesperada.

— Isso é por deixar que te peguem. — Ele volta a me encarar sem dizer uma palavra, o sorriso irônico me diz que não bati forte o bastante.

Uma pena eu ter deixado minha arma no carro, adoraria ver seu rosto desfigurado neste exato momento.

Dou-lhe outro soco, agora atingindo o maxilar. Descarrego toda a raiva que estou sentindo por ele colocar em risco a minha identidade por uma bobagem de sentimento. Balanço minha mão, tentando aliviar a dor causada pelo contato violento.

— Isso é por dar ousadia à cadela dissimulada! — Ele gargalha alto dessa vez.

— Veio até aqui só para me dar uma lição? Não podia pedir a um dos gentis policiais? — pergunta zombeteiro.

Puxa a cadeira, senta e ignora o fato de eu estar de pé na sua frente com o ódio transbordando pelos poros.

— Seu cretino miserável, deveria ter enfiado uma bala na sua boca quando tive oportunidade. Me escute bem, eu não vou tolerar aquela vadia me rondando.

As merdas que ela fez nos últimos dias são suficientes para que eu dê um tiro na cara daquela petulante.

— Escuta aqui, você. Não vai tocar num fio de cabelo dela, até porque você nunca teria coragem de tocar naquela garota. Porém, se alguma coisa acontecer a Lídia, eu te mato, tenha certeza disso. Deveria se preocupar em coisas mais úteis do que ficar xeretando a minha vida. Me tirar daqui deveria ser prioridade, não acha? Quanto mais eu fico, mais aumenta a minha pré-disposição para contar seus segredinhos sujos.

— Não tente me ensinar a fazer o meu trabalho, Gabriel! Sairá daqui amanhã, o Fábio já conseguiu um habeas corpus. Não me subestime, seu idiota.

Gabriel levanta e ficamos no mesmo nível. Analisa meu rosto por um momento e quando penso que vai dizer algo relevante, solta uma de suas pérolas.

— Posso ir, alteza? — ele diz, fazendo uma reverência exagerada. — Estou morrendo de sono e está me atrapalhando. Ah, somos iguais, lembre-se disso. Cumprimos o que prometemos, sempre.

— Está me ameaçando?

Ele não responde à minha pergunta e bate na porta, chamando o policial.

— Terminamos aqui.

Num minuto, apenas eu estou na sala.

Que grande droga. A cada dia, um maldito problema diferente.



GABRIEL

Não sou um anjo e nem nada perto disso.

Cometi muitas escolhas questionáveis e não sou de culpar ninguém por elas. Segui o caminho mais óbvio para mim, mesmo com tantas opções.

Cresci rodeado de gente que fingia ser certinha demais. Quando me dei conta disso, me revoltei contra todos e quis provar que era diferente, só que agora pensam que somos iguais e lutamos pelas mesmas coisas. Para minha família, me transformei no cara que queriam. Mesmo depois da minha fase rebelde na adolescência, papai frequentemente me usa como exemplo nos sermões de Domingo, como se quisesse se redimir por tudo que me fez passar.

Nem posso imaginar suas reações ao acordarem pela manhã e virem minha foto estampada em jornais de grande circulação pelo país. Acabei com a reputação deles, mas isso pouco me importa, desde que não me desvie do objetivo final.

Sei que tentam se convencer de que sou inocente e fui injustiçado. Só que, ao menos teoricamente, cada uma das acusações é verdadeira e, felizmente para mim, sou um bom mentiroso. Ou pelo menos era.

A prisão realmente me pegou de surpresa. Sabia que seria preso em algum momento. Eles nem imaginam, mas foram apenas até onde permiti. Fui treinado para apagar rastros. Tudo foi um espetáculo bem planejado. Apesar da convicção dos agentes responsáveis pela operação, não é assim tão fácil manter alguém

como eu na cadeia. Ninguém adquire a fama de fora da lei sem uma boa rede de *network*.

Tenho meus meios nada formais de conseguir o que quero. No mundo em que vivemos, o dinheiro compra tudo, ainda mais se tiver uma arma apontada para a sua cabeça. Sou bem persuasivo quando quero.

Um dia depois do grande espetáculo, saí pela porta da frente do presídio com a cabeça erguida. Seria preciso muito mais do que testemunhos e fotos duvidosas para me manter na cadeia. Tenho as costas quentes.

Encaro o teto do meu apartamento depois de um dia longo e cansativo. Essa vida dupla tem acabado comigo.

Até seis meses atrás, isso não seria um problema para mim. Provavelmente estaria, neste exato momento, em uma das casas noturnas de Quimera, vendo de perto como os caras estavam fazendo o negócio crescer.

O maldito problema da merda da minha vida é uma garota insolente, certinha, que busca por algo que, até hoje, não entendi direito o que é. Aliás, falhei na tentativa de descobrir o que ela realmente procura. A mesma garota que me colocou na cadeia. Sim, estou fodido! Admito, ela vai estragar todos os meus planos, estou certo disso.

Lídia é meu céu, em meio a todo esse inferno que me cerca.

Mantive dois dos meus homens na cola dela por uma semana. Sabia de cada passo da Paladina, eu a conhecia desde criança, mas nunca fomos próximos. Então, em uma noite como outra qualquer, saí, determinado a dar um corretivo na maldita jornalista que andava perguntando demais sobre a vida de Quimera.

Porém, quando encontrei a garota, não foi exatamente um corretivo que dei nela.

— *Quem pensa que é para mandar em mim?*

A mulher insolente gritou comigo, logo após eu lançar minhas ameaças de maneira sutil (tudo bem, talvez tenha sido um pouco exagerado, mas não vem ao caso).

— *Sei que isso é coisa daquele maldito traficante. Diga a ele que vai ter que fazer melhor do que isso se quer me tirar do caminho.*

— *Garota, você não sabe onde está se metendo. — Tentei realmente alertá-la do que Quimera era capaz.*

— *Não tenho medo de suas ameaças, pode fazer o que quiser. Continuarei a perguntar por aí até que tenha a decência de revelar sua verdadeira face. Quanto a você, seu pau-mandado, deveria ter vergonha de fazer o trabalho sujo.*

Lídia me deu uma bela lição de moral e fiquei calado igual um otário. Eu me perdi naqueles olhos de anjo e é exatamente neles que estou pensando agora, deitado no sofá da minha sala de estar.

Num pulo, pego as chaves do carro, dispenso os meus seguranças e sigo meu caminho, tomando cuidado de não ser seguido por ninguém. Estaciono o carro em um local distante, certifico-me de que estou realmente sozinho, toco a arma no coldre por cima do terno elegante e sigo a pé até o lago.

Não preciso olhar para saber que está lá. Nós temos uma ligação bizarra, do tipo que se comunica por telepatia ou coisa parecida.

Primeiro, sinto seu perfume entrar rasgando pelos meus pulmões e só depois a vejo sentada no banco atrás do grande carvalho. Ela percebe a minha presença, da mesma maneira que sinto a sua, e esboça um sorriso ainda com a cabeça baixa.

Seguro sua mão e a envolvo em um abraço apertado, sinto os braços em volta da minha cintura... Lídia é o meu mundo agora e, para ser sincero, não quero lutar contra o que sinto por essa garota que me leva do céu ao inferno em poucos minutos.

Ficamos por um tempo em silêncio, envolvendo um ao outro. Beijo seus cabelos macios e seu cheiro me entorpece.

Ela não é como as outras, é só minha — mesmo que nunca tenha feito nada além de beijá-la ou apertá-la em um abraço. Essa mulher me acalma, me tira todos aqueles pensamentos sombrios que tenho.

— Senti sua falta, Gabriel.

Os braços me apertam um pouco mais e o corpo dela se enrijece quando sente a arma sob o terno. Apesar de saber que, além da polícia no meu pé, tenho muitos inimigos que colocaram a minha cabeça a prêmio e preciso que me proteger, ela nunca se acostumou com o fato de eu andar armado.

Seguro seu rosto entre as mãos e busco sua boca delicadamente. O sabor me invade e travo uma luta interna entre ser o mocinho ou o vilão dessa história. No momento, estou inclinado a me tornar o herói, porém, as coisas não são assim tão fáceis.

— Pode me denunciar todo dia, se a recepção for sempre assim — digo com os lábios encostados ao dela. — Também senti sua falta, meu anjo, mas você me colocou na cadeia, muitas coisas aconteceram e tive que dar um jeito nessa merda toda.

Ela suspira, esse nunca foi um assunto fácil entre nós.

— Tem mais de um mês que saiu, Gabriel! Vim aqui todos os dias, não sou sua dona nem nada, mas que droga! Sinto sua falta, seu cafajes... — Interrompo as palavras com um beijo. Lídia sempre fala demais e, no momento, só quero matar a saudade que corrói o meu peito.

— Me prometa que nunca mais vai agir sem pensar, meu anjo... — Prendo o seu olhar ao meu. — Não te quero envolvida nisso. Tem ideia do que faço todos os dias para tirar seu nome dessa sujeira?

Ela balança a cabeça em negativa.

— Amo você, meu anjo, mas não faça isso novamente. — Com nossos rostos tão próximos, não consigo mascarar o medo que percorre meu corpo. — Se for preso novamente, e isso vai acontecer, não vá à prisão... Não é suja como eu, Paladina. Pare de ficar se metendo nessas loucuras, querida. Não bastam suas investigações paralelas e o seu canal que só te atrai coisa ruim?

— Me trouxeram você! — rebate, como se isso realmente fosse algo bom.

— É disso que estou falando, não sou a melhor coisa do mundo. Deveria fugir de mim enquanto é tempo, não sei como as coisas serão daqui para frente.

O cerco se fecha cada dia mais, não que vá correr com medo, aliás, se eu

cair, todos caem comigo. Faço questão de ir acompanhado. Até porque, nem é justo todos eles ganharem alguma coisa às minhas custas e eu me afundar sozinho. Não quero pensar nisso agora.

Descanso a cabeça no colo de Lídia, que passa as mãos pelos meus cabelos. Queria conseguir congelar o tempo e ficar aqui para sempre. Sei que não a mereço, provavelmente nem existe um futuro para nós em meio a toda essa confusão que é a minha vida.

— Gabriel, sabe que pode parar com tudo isso se quiser. — Há algum tempo ela tenta me convencer a parar com os negócios. O que minha garota não entende é que estou atolado numa maldita areia movediça, que me suga um pouco mais a cada movimento.

— Não sou uma daquelas pessoas que querem ser salvas, meu anjo, e você também sabe disso.

Observo seu desapontamento e, neste momento, tenho raiva de quem me tornei.

— Queria que fosse.

A resposta me atinge como uma faca afiada.

— Não faz isso comigo. Como foi que entramos nessa? Você precisava ter sido tão teimosa? Devia ter fugido... Pelo menos agora estaria a salvo de mim.

Sento-me ao seu lado e tomo sua mão entre as minhas. Devia acabar com o que temos nesse exato momento. Essa mulher me colocou na cadeia, persegue meu chefe e sei que vai acabar sendo a minha desgraça cedo ou tarde. Não consigo dizer as palavras para que se afaste, talvez até consiga, mas ela é um anjo teimoso.

— Deveríamos acabar com essa história agora, tudo isso foi um erro. — Ela sorri, porque não é a primeira vez que temos essa conversa. — Que droga, mulher! Tinha que estar em um lugar inalcançável para mim?

Sua mão toca meu rosto, o olhar dela exerce uma magia sobre mim, desperta sentimentos que nunca imaginei ter.

— Não tem como isso dar certo, meu anjo — argumento. Talvez a sanidade volte e pode ser que um de nós faça a coisa certa.

Ela umedece os lábios e se aproxima, coloco a mão em seu pescoço e nossas bocas se encontram.

Quero guardar as sensações, o gosto e o cheiro dela em um frasco, não sei até quando vamos durar. Tudo que sei é que meu mundo está desabando e quero mais é que tudo se exploda!

— Nem tente me afastar. Não vou fugir, Gabriel! Nada acontece sem um propósito e eu acredito que fazemos parte de algo maior. Deus quis que nos encontrássemos e tenho certeza de que tem algo para nos ensinar.

— Meu anjo, sabe o que penso sobre isso... Talvez exista um fundo de verdade no que diz, mas, ao contrário do que pensa, ele só quer me sacanear e esfregar na minha cara o que perdi por causa das malditas escolhas que fiz na droga da minha vida!

Minhas palavras causam mais impacto do que gostaria. A mulher em meus braços tem lágrimas nos olhos, mas seu olhar é decidido.

— Por que você só extrai a parte ruim das situações?

— E você não vê apenas as boas?

Aperto-a em meus braços, essa discussão pode não acabar nunca. Que se dane. Com seu jeitinho doce, essa garota me tem nas mãos e não estou nem um pouco a fim de lutar contra isso.



RAONI

Trabalhar com Lídia foi uma boa decisão. Apesar de ela ser um pé no saco, tem muita informação sobre o traficante. Ao que tudo indica, está prestes a descobrir a identidade do cara.

Tenho certeza de que, juntos, vamos conseguir pegar esse bandido.

Um mês se passou desde que começamos com isso. Tivemos muitas discussões acaloradas, trocas de ofensas e, no momento, estamos na fase em que nada que um diz atinge o outro.

Sobre o caso, tudo parece na mesma. Quimera é muito bom em esconder seus rastros. Quanto a Gabriel, ele foi solto no dia seguinte à sua prisão. Apesar de ser uma peça chave para as investigações, permanecerá em liberdade até a conclusão do inquérito.

"Ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória." Está previsto expressamente pelo artigo 5º, inciso LVII, da Constituição Federal. A justiça desse país não poderia ser mais incoerente, e, apesar dos indícios e do circo todo, não conseguimos provar nada contra ele.

— Raoni, já pensou que ele pode ser qualquer pessoa? — Ainda não me acostumei com essa menina me chamando pelo primeiro nome.

Nós nos encontramos em um café, próximo ao trabalho dela, para

discutirmos algumas teorias e, quem sabe, filtrar e chegar a algum lugar real.

— Claro que pensei, acha que cheguei tão longe na minha carreira sendo amador?

— Você não perde uma, viu? É chato pra burro. Sabia que ele pode inclusive ser duas pessoas se passando por uma? — Sim, ela é bem irritante.

— Levantei essa hipótese algum tempo atrás. Pelos indícios, trata-se de uma única pessoa. Não era você quem estava a um passo de descobrir a identidade do traficante?

Ela revira os olhos.

— É inútil tentar ter uma conversa sem ofensas. Eu tenho muitos indícios, mas você não me deixa concluir minha linha de raciocínio. Para de ser tão arrogante e de pensar só na glória de prender o traficante mais procurado da América Latina.

Tomo um gole do refrigerante, que desce rasgando. A Paladina acha que estou fazendo isso pela minha carreira, mas não é bem assim. É pessoal. Decido que é hora de contar para a garota a importância desse caso para mim.

— Isso não é um passatempo e não estou fazendo isso pela minha carreira, se quer saber. Você não sabe nada sobre mim.

— Falou o dono da verdade, que adora julgar as pessoas — ela rebate, carrancuda.

— Há oito anos, um jovem policial foi torturado e brutalmente assassinado por Quimera. Ele era Cássio Guerra, meu irmão. Desde então, procuro esse maldito assassino e vou encontrá-lo, nem que seja a última coisa que eu faça em vida. Identifiquei o corpo dele, é uma imagem que nunca vai sair da minha mente. — Fecho os olhos, tentando esquecer as malditas lembranças.

A jornalista me encara e seu olhar agora é de cumplicidade. Sei que ela passou por uma experiência semelhante, posso apostar tudo nisso, mas ela nunca me contou sobre sua verdadeira motivação para desmascarar o bandido.

— Sinto muito.

Lídia morde a ponta do lápis e folheia seu bloco de anotações, evitando o contato visual, seus olhos estão brilhando, cheios de lágrimas. Uma mudança repentina no seu humor e fico me perguntando por que eu simplesmente não investiguei a vida dela como faria com qualquer outra pessoa.

— É isso que ele faz — ela diz, ainda tentando conter as lágrimas. — Destrói as pessoas e suga tudo o que há de bom nelas. Às vezes, penso nele como um de anjo maldito, que sente um imenso prazer em destruir tudo à sua volta. Me pergunto por que Deus permite que essas coisas ruins aconteçam.

Há dor em suas palavras, sinto vontade de confortá-la, toco sua mão sob a mesa.

— Deus não tem nada a ver com isso, Lídia. Provavelmente você tem razão e ele seja, sim, um enviado do próprio diabo.

Ela me fita pensativa.

— Talvez tenha razão, mas acredito que o meu propósito nessa vida seja revelar a verdadeira face dele. — Identifico esperança em seus olhos.

Essa garota é um enigma e estou tentado a decifrá-la. Ela carrega um peso enorme nas costas, nunca fala de sua vida pessoal, não que eu fale sobre a minha, mas parece ser pesado demais para uma só pessoa.

— Pelo menos isso temos em comum... — Provavelmente temos muito mais em comum do que imagino, mas, por ora, isso basta.

— Ninguém consegue se esconder tão bem assim. Com certeza tem ajuda de alguém muito influente — a jornalista constata desolada.

— Ele deve ter suas falhas e vamos encontrá-las. — Estou convicto das minhas palavras.

Terminamos nosso encontro sem muitas expectativas para os próximos dias. Sigo para a delegacia com mil pensamentos na cabeça, estaciono o carro e caminho para a minha sala.

— Alguma novidade sobre o caso do Gabriel? — pergunto ao delegado Assis quando o vejo no corredor e ele me puxa para a sua sala.

— Durante esse mês inteiro, os únicos que estavam dispostos a dizer alguma coisa estão misteriosamente mortos. Os demais foram treinados para nos confundir.

— Aquele idiota vai fazer de tudo para não chegarmos a ele, pode ter certeza. Teve algum progresso com o sumiço das provas? — pergunto sem muita expectativa.

— Nada ainda. Ninguém sabe, ninguém viu. Como é que isso foi acontecer bem debaixo do meu nariz?

Assis vem tentando descobrir quem é o X-9 da nossa delegacia, coisas estranhas têm acontecido por aqui nos últimos meses, só que achar o traidor é mais difícil do que encontrar uma agulha num palheiro.

— Isso tem o dedo do Quimera. O Gabriel deve ser uma parte importante do jogo, o que deixa tudo mais interessante. Teremos que estar dois passos à frente, vai demorar bem mais do que previmos.

— Talvez nem demore tanto... — Assis retira um *pen drive* do bolso e me entrega assim que chegamos à minha sala. — O *playboy* teve muitas visitas durante sua breve estadia no presídio. Tive a impressão de que o diretor estava cobrando ingresso para que o público admirasse seu astro. Veja por si mesmo e tire suas conclusões.

— Como conseguiu essas imagens?

— Um amigo tinha copiado e, ao perceber a importância do caso, enviou para mim. Agora vem o mais interessante: todas essas imagens sumiram dias atrás. Conversei com alguns agentes no presídio e existem boatos de que o chefe esteve lá. Acredito que uma dessas pessoas possa ser quem procuramos. Das duas uma: ou o Gabriel é mesmo quem procuramos ou é uma dessas pessoas. Assista com calma às gravações.

Ligo meu computador rapidamente, assisto às imagens e fico sem reação por alguns momentos.

Será que eu tinha me aliado ao inimigo? Não, a Lídia não pode ser, até porque ele é homem. Pelo menos é isso que tenho achado todo esse tempo.

A jornalista foi a primeira visita que Gabriel recebeu próximo ao anoitecer do mesmo dia da prisão. Não durou muito tempo e, ao final, o médico saiu visivelmente perturbado. Em seguida, um homem de terno. Depois, um cara tatuado com cabelos descoloridos. Aparentemente, Gabriel sofre de mau humor crônico, saiu puto de todas as visitas.

Faço algumas anotações e encaro a tela novamente. Outro homem bem-vestido o aguarda para uma visita, essa demorou um pouco mais que as outras. Logo após sua saída, uma loira, que mais parece uma prostituta, o aguarda e demora quase o mesmo tempo dos outros. Pauso o vídeo e volto várias vezes, os traços da mulher são familiares, mas não consigo associá-la a ninguém.

Pelo menos agora tenho um trabalho concreto a fazer: identificar todos que aparecem nas gravações. Infelizmente, não tem imagem do interior da sala. Faço uma anotação sobre isso, certamente devem ter sumido com ela também.

O fato de Lídia ter ido até lá me deixa tenso. Não posso ser tão falho no meu julgamento, não é possível que ela tenha algum envolvimento com essa trama de crimes.

Pego minhas chaves, vou até o meu carro e dirijo até o trabalho da garota. Esmurro o volante várias vezes.

Droga! Droga! Droga!



LÍDIA

— Alô. — Minha voz soa estranha, estou tentando equilibrar a pilha de pastas com uma mão enquanto seguro o celular com a outra.

— Tudo bem? — Raoni pergunta apenas por formalidade. Um mês convivendo e já deu para saber que ele é um cara difícil.

Estávamos juntos há pouco, qual a razão dessa ligação? Vindo dele, tenho certeza de que devo me preocupar.

— Sim, está. Preciso entregar uma matéria hoje para o jornal, estou correndo contra o tempo — tento explicar. Tenho a sensação de que ele está sempre procurando qualquer indício de falha em minhas atitudes. — Aconteceu alguma coisa?

— Acho que sim, preciso falar contigo, almoça comigo? Estou te esperando aqui em baixo.

Desço em meia hora e seguimos para restaurante no meu carro. Logo após o garçom nos deixar o menu, noto que ele está inquieto.

— Desembucha, Raoni. O que aconteceu?

— Está escondendo mais alguma coisa de mim, Lídia? — Droga! Sinto um frio na espinha. Ele descobriu. — Esteve no presídio logo após a prisão do Gabriel. Quando pretendia me contar? Te dei espaço, nunca quis invadir sua vida

pessoal. Só que o cara pode ser o Quimera, tem noção de onde está se metendo?

— Não se meta na minha vida!

— Escuta aqui, garota, confiei em você e até cheguei a acreditar que realmente havia feito um mau julgamento sobre o seu caráter. Acho melhor começar a me contar tudo direitinho ou a próxima pessoa que vou prender será você.

Há sempre motivos para ele desconfiar de mim. Tenho vontade de desistir dessa coisa de trabalhar junto com esse policial metido a besta. Nada do que faço é suficiente, ele está sempre procurando um deslize meu para me dar bronca. E daí se fui à prisão?

— Sua opinião sobre mim e o meu trabalho é irrelevante — argumento, chateada.

Tensa, encaro o chão e entrelaço os dedos das mãos. Esse é um bom momento para eu desistir dessa investigação, ele que ache esse traficante sozinho. Mesmo estando em um espaço reservado do restaurante elegante, olho em volta e vejo algumas pessoas me encarando. Raoni não consegue controlar sua raiva e me fita com desprezo, como se eu tivesse cometido o pior dos crimes.

— Tenho motivos para acreditar que Quimera não é o Gabriel. Além disso, não achei que estivesse violando nenhuma lei, afinal, ajudei a colocá-lo na cadeia. Tinha o direito de dizer algumas coisas para ele.

— Acredita mesmo nisso? Você é mais inteligente. — Sua voz sai mais grave que o normal. Ele me encara e sustento o olhar, o desafiando.

— Não preciso dizer aos quatro ventos o que fui fazer lá.

— Precisa, sim. Para mim, você precisa! Qual é a sua ligação com aquele cara? Por que foi até lá?

— Você é o investigador, talvez devesse ao menos fazer a lição de casa. — Sei que estou brincando com fogo, mas não suporto esse jeito superior dele. — Não me investigou? Não pesquisou o meu passado?

Ele balança a cabeça em negativa e, pela sua cara, está arrependido,

achando que perdeu tempo com alguém que está trabalhando para o inimigo.

Minha resposta o deixa totalmente fora de si e eu devia ter medo disso, mas prefiro acreditar que ele não faria nada que prejudicasse sua carreira. Só que sua reação me faz estremecer. Ele segura meu braço por cima da mesa, me puxando para si, e sinto toda a raiva que emana dele.

— Não brinque comigo, sua carniceira. Sei muito bem como lidar com pessoas como você! Agora, olhe nos meus olhos e responda à pergunta que fiz.

Droga! Sei que ele está controlando a raiva, sua mão não aperta meu braço. O gesto é apenas para eu ter consciência da situação, só que estou tremendo, com os olhos cheios de lágrimas, mas não vou deixar que ele me intimide.

— Tire as mãos de mim — digo entredentes, tentando me esquivar dele. — As pessoas estão olhando para nós.

Sua mão solta meu braço e vai para cima da mesa.

— Responde — diz, nitidamente tentando se acalmar.

— Eu não violei o nosso acordo, isso é suficiente para você?

— Não. Quero que me diga o que foi fazer lá!

— Já disse, precisava fazer algumas perguntas a ele.

Então, vejo quando, em um *click*, ele percebe o que está acontecendo. *Droga!* Eu podia ser menos transparente. Travo uma luta para esconder meus sentimentos, mas, mesmo assim, ainda ele consegue ver.

— Não tinha outra pessoa para se meter, garota? — Seus dedos tamborilam impacientes sobre a mesa.

Aparentemente, não me considera mais uma traidora. Porém, odeio o olhar de pena que ele exhibe. Não consigo dizer nada. Queria ao menos negar o que estou sentindo, mas não consigo.

— Tenha cuidado com o que deseja, Paladina! — resmunga. — Não sabe do que aquele homem é capaz.

Sim, faço ideia do que Gabriel seja capaz. Só não consigo controlar essa porcaria de sentimento. A única coisa que quero é fazer com que ele acorde para a verdade e veja a merda que está fazendo a própria vida. Fecho os olhos e suspiro, deixando uma lágrima rolar pelo rosto.

— Me desculpe. — Ele me encara, solidário ao meu conflito. — Estou com a cabeça quente e vê-la nas gravações foi uma surpresa. Prometa que não vai mais me esconder nada, Lídia.

— Não conheço você, não posso prometer nada a alguém que procura a todo tempo um deslize meu.

— Me desculpe, é sério. O que estamos fazendo é perigoso, você não pode sair por aí e fazer o que bem entender. É a sua segurança que está em risco.

Limpo as lágrimas teimosas e olho para ele ressentida. O idiota duvidou da minha honestidade, achou que eu estava tramando pelas suas costas. Não posso prometer nada a ele.

Sei que, no fundo, Raoni está certo, estou me arriscando demais. Só que meu orgulho não vai me deixar dar razão a ele.

Nossos celulares tocam ao mesmo tempo e somos colocados de volta ao jogo. Quimera está à solta e protagonizou mais um espetáculo.

Dentro de um templo, a bispa Tabita sofreu uma tentativa de assassinato enquanto ministrava um sermão. O atirador foi preso e, por pouco, pessoas inocentes não morreram. Em instantes, o rosto agonizante dela ao ser baleada invade todos os canais de TV.

“Um homem disparou uma arma durante um culto que a fundadora da Igreja Renovada Deus É Maior, a bispa Tabita Rocha, presidia.

Ela foi alvejada no braço direito. Segundo a organização da igreja, mais de vinte mil pessoas estavam no local para a campanha “Clamor do meio-dia” quando o homem abriu fogo contra a bispa. Dois policiais no local conseguiram imobilizar e prender o agressor.

O homem, visivelmente drogado, disse em depoimento à polícia que o

Quimera o havia mandado fazer aquilo.

Os líderes da igreja emitiram uma nota de repúdio, onde negam que sua fundadora possa ter qualquer tipo de ligação com esse ou qualquer outro criminoso.

Tabita Rocha foi milagrosamente salva por um dos fiéis que ali estavam. Ao notar o comportamento suspeito do rapaz, imediatamente a protegeu, jogando-se sobre a mulher. Mesmo assim, o tiro pegou de raspão no braço direito da religiosa.”

As pessoas especulavam sobre como aquilo teria acontecido dentro de um templo religioso. Alguns atribuíam o atentado a uma cilada do diabo, outros surgiam com teorias conspiratórias. Alguma coisa grita dentro de mim.

— Precisa interrogar o atirador, não acredite em nada que saia da boca dessa mulher, preciso que confie em mim. Eu a conheço mais do que você imagina — digo a Raoni, um pouco antes de entrarmos na delegacia e ele me olha intrigado.

Assisto ao interrogatório do atirador e é perturbador. Ele afirma que a bispa tem uma forte ligação com Quimera, que, inclusive, já fez negócios com o traficante. Ninguém acredita nele, pensam que não podem confiar em alguém que está sob o efeito de narcóticos.

Ninguém a conhece como eu. Sei do que ela é capaz para chegar onde quer, mas Tabita tem muita credibilidade. Com seu rosto inocente e palavras doces, consegue ludibriar até o mais correto dos homens.

Os programas de TV engrandecem incessantemente tanto o herói, que salvou a bispa, quanto os policiais, que fizeram a prisão. O jovem salvador recusa-se a dar qualquer entrevista e sua posição chama ainda mais a atenção da mídia.

Nunca pensei na possibilidade de Tabita estar envolvida com Quimera. Isso me deixa eufórica, preciso achar a ligação entre eles. Por que ele tentou matar a líder religiosa mais aclamada do país?

Na verdade, sei exatamente o seu objetivo. Ele só quer mostrar que pode

fazer o que bem entende debaixo do nariz da polícia.

Um dia, ainda vou provar que essa bispa, que se diz enviada de Deus, não passa de uma comedora de pão como qualquer um de nós. Assim como ainda serei eu a descobrir quem é o babaca por trás da máscara do Quimera.

Vou provar que ninguém pode ser tão perfeito. As pessoas sempre cometem erros, não importa em qual nível elas estejam dentro da sociedade.



GABRIEL

— Não acredito que isso está acontecendo comigo. Onde estão todos aqueles seguranças quando se precisa deles?

— Calma, cunhadinha, eles fizeram o trabalho deles perfeitamente, tanto que o tiro pegou apenas de raspão. Tenho certeza de que você não quer esse bando de homens armados irritados com você. — Tento acalmá-la.

— Preciso do Daniel. Apesar da semelhança, você não é ele! Gostaria de privacidade. — Ela encara os dois homens em pé ao lado da porta.

Estou sentado ao lado da cama no quarto do hospital, fui obrigado pelo meu irmão a estar aqui. Essa mulher é como um cristal para ele, ninguém pode tocá-la e ele está uma pilha de nervos.

— Podem esperar lá fora. Não acredito que o imbecil que atirou na bispa esteja em condições de voltar e concluir o serviço. — “Apesar de que, agradeceria muito se o fizesse. Talvez assim me livraria finalmente dessa irritante”, completo mentalmente.

Tenho um relacionamento razoável com a minha cunhada; meu irmão passa muito tempo distante e, mesmo com nossas diferenças, sempre me pede para ficar de olho nela. Trabalho com eles na IRDM, nem por isso tenho uma boa relação com meu irmão, mas isso não vem ao caso agora.

Os rapazes se retiram e eu a encaro com um meio sorriso. Minha cunhada é

uma mulher bonita, a moral e os bons costumes me dizem para ficar longe, mas eu adoro irritar o meu querido irmão.

— Não vai se livrar de mim assim tão fácil, viu, cunhado? Sou uma mulher de Deus, não esqueça disso. — Ela me atira o travesseiro.

— Imagino que não. — Finjo decepção. — Como se sente?

— Estou bem, meu braço está dolorido. De resto, é só a tensão do momento.

— Quer que eu faça alguma coisa com o atirador?

— Sabe quem é ele?

— Sou um dos responsáveis pelos assuntos jurídicos da igreja que mais cresce nesse país, acha mesmo que estaria sentado tranquilamente aqui se não tivesse destrinchado a vida do infeliz? Além disso, seu cunhado aqui é um fora da lei, é o que estão dizendo por aí.

Tabita sorri das minhas afirmações, mas não me interrompe.

— Pois bem, o imbecil é um usuário de drogas e diz estar a trabalho do tal Quimera. Peixe grande... Está metida com essa gente, bispa? Sua agenda já não é cheia o suficiente? — Ela tem um sorriso cético no rosto.

— Sabe como sou, minha arma é a bíblia.

— Espero que seja boa de pontaria com ela.

Sei o que realmente aconteceu, mas não sou louco de verbalizar. Ainda mais agora, com a polícia achando que controla os meus passos, não posso fazer nada sem pensar. Caminho até a porta e olho através do vidro.

— Seu amado marido está vindo, cercado de bajuladores. Vamos evitar aborrecimentos desnecessários, não preciso dele me enchendo o saco agora. É certo que vai me culpar pelos problemas do universo, detesto ser seu subordinado. Lamento, mas o irmão bonzinho tem que ir, Tah. — Dou um beijo em sua testa e me esgueiro pela porta, enquanto meu irmão conversa com a equipe médica.

Meu celular toca quando entro no elevador.

— Termine o serviço — a voz diz, incisiva.

Meu rosto se contorce em um sorriso irônico. Que babaca!

— Não posso, tem muita gente envolvida, inclusive a polícia. — Não escondo a minha irritação.

— Resolva as merdas que você faz, Gabriel. Pedi algo tão simples e você enfia os pés pelas mãos.

— Estava me perguntando quando daria o ar da graça, já estava preocupado com sua demora.

— Termine o serviço — repete.

— Às suas ordens, majestade! — O telefone é desligado antes que eu possa dizer mais alguma coisa.



TABITA

Aproveito o momento de solidão, fecho os olhos e o pânico de instantes atrás toma conta de mim por um milésimo de segundo. Então era assim que as pessoas se sentiam quando a morte chegava?

Lamento, querida, não vai ser dessa vez que irei!

A porta se abre novamente e meu marido surge com um olhar culpado.

— Não foi culpa sua, amor. São os desígnios de Deus! — Tento acalmá-lo.

— Conversei com os médicos, eles me tranquilizaram, mas não deixo de me sentir culpado. — A voz suave do meu marido invade o ambiente e ele caminha até mim.

Suas mãos envolvem meu rosto, ele me beija e me aconchega em seu peito.

— Achei que Gabriel estivesse me escondendo alguma coisa. Passei a viagem tenso com essa possibilidade.

— É preciso mais do que uma boa mira para atingir uma enviada de Deus. — Enrosco-me em seu pescoço. Ele se tornou meu porto seguro, mesmo que, às vezes, sinto que devo temê-lo. — Estou bem, de verdade!

Daniel segura a minha mão e encosta os lábios em minha testa. Existe um

alívio em seu olhar, como se só agora conseguisse respirar de verdade. Há momentos que penso ver uma culpa em seus olhos, mas ele a esconde tão rápido quanto aparece.

— Que bom que está tudo bem. Vim o mais rápido que pude, cancelei uma reunião importante com o senador Mário.

— Estava me sentindo abandonada — choramingo.

Ele me encara, como se só agora notasse a falta de algo.

— Onde está o Gabriel? Pedi para aquele imprestável ficar com você.

— Saiu há pouco, mas não era a isso que me referia. Sinto falta de você...

— Isso está prestes a acabar, querida.

Meu marido é o deputado mais influente da bancada evangélica, é um homem para se olhar duas, três, quatro ou quantas vezes achar necessário. Gabriel se parece muito com o irmão, mas meu marido tem aquela presença imponente que preenche todos os espaços. Assim como eu, sabe muito bem usar as palavras a seu favor.

Com três frases, consegue convencer até a pessoa mais avarenta a fazer uma doação milionária para sua causa. O homem inspira confiança.

— Quando foi que aprendeu a ser tão convincente, querido? — Deixo meus sentimentos sobressaírem por um instante.

Ele caminha até a janela do quarto, coloca as mãos no bolso do terno italiano e encara o céu claro lá fora.

— Talvez tenhamos brincado demais com os mandamentos divinos, querida. Cedo ou tarde, pagaremos. Por mais que ache que Deus está muito distante de nós, ele é muito bom em cobrar o que lhe devem.

Este é o defeito mais irritante de Daniel: os surtos de arrependimento. Sei que, ao longo dos anos, fizemos muitas coisas das quais poderíamos nos arrepender, mas essa não é a hora e nem o momento para discorrermos sobre isso.

— Veja só quem fala. — Faço questão de deixar claro que nenhum de nós somos tão santos como aparentamos. — Quanto recebeu pelo acordo com a empreiteira?

— Cinco milhões, que foram convertidos em doações para nossa igreja. Que, aliás, você faz questão de se intitular fundadora quando, na verdade, se não fosse por mim, não passaria de uma garotinha assustada e com medo do mundo.

Os acontecimentos fizeram isso, ele está com medo, posso sentir. Relevo o que diz, nosso casamento só deu certo até hoje porque alguém sempre acaba recuando. No caso, eu.

— Você não quer me dizer isso, Daniel. Só está tenso pelo que aconteceu...

O colchão afunda quando ele senta na beirada da cama, seus olhos encontram os meus. Não suporto quando ele usa meu passado contra mim.

— Me desculpe, falei sem pensar, Tah. Tenho medo do que pode acontecer conosco quando a justiça divina vier.

— Não se preocupe com isso — digo enquanto ele segura a minha mão e me encara.

Estamos nos enganando, mas quem se importa? Devo admitir que, às vezes, as fantasias são melhores do que a realidade, e me permito vivê-la neste breve momento.



LÍDIA

— Como assim, o cara morreu? — Encaro Jamie sem entender. Nós nos encontramos na portaria do prédio. Assim que me viu, ela já foi me soltando essa bomba.

— É exatamente isso que ouviu. O homem que atirou na bispa Tabita foi encontrado morto hoje em sua cela, ainda não determinaram a causa da morte.

Entramos no elevador e subimos em um silêncio perturbador. Minha cabeça trabalha freneticamente, fazendo todas as conexões. Será possível que todo mundo que fale desse bandido tenha que morrer? Não me conformo com isso.

— Foi ele, tenho certeza — digo baixinho ao chegarmos em nosso andar e cumprimento a recepcionista. — Bom dia, Camila.

— Bom dia, Lídia.

Caminho apressadamente até meu espaço de trabalho, Jamie tropeça algumas vezes pelo percurso, tentando me acompanhar.

— Acha que foi Quimera quem o matou? — minha amiga pergunta ofegante.

Coloco a bolsa sobre a mesa, tiro meu notebook e o ligo rapidamente. Tem uma coisa muito estranha acontecendo, meu instinto diz isso.

— Tenho certeza de que foi ele, Jamie. Só não entendo é o objetivo de tudo isso, não consigo achar o elo com a bispa...

— Ora, ora, Paladina! — Minha colega estreita os olhos, incrédula. — Não é você que vive dizendo que aquela lá é uma santa falsa? Sabe lá Deus onde mais ela está metida.

Tabita Rocha não é uma mulher em que se possa confiar e digo isso com propriedade no assunto. Do olhar inofensivo às palavras bem escolhidas, tudo nela grita uma postura que, tenho plena certeza, se tratar de um papel muito bem protagonizado.

— Ela só age em benefício próprio, já tentei provar isso muitas vezes, mas ninguém me dá crédito. A santa falsa rouba seus fiéis com aquelas campanhas infundadas e consegue enganar até mesmo os agentes da lei com a conversa fiada de enviada de Deus. A mulher está aprontando alguma.

— Deve ter alguma coisa a ver com o projeto dela, talvez o *bandidão* tenha feito algo com alguém de lá e ela tenha xeretado por aí... — Jamie puxa a cadeira mais próxima e senta-se ao meu lado.

— Será?

— Tudo o que a bispa faz agora é em nome desse projeto. Todo mundo beija o chão que ela pisa — diz, gesticulando e atropelando as palavras.

— Tem carço nesse angu e vou descobrir tudo ou não me chamo Lídia Fonseca.

— Essa é a Paladina que eu conheço. Já conspirei demais com você. Vou cuidar do meu trabalho agora. Não se esqueça da coletiva de imprensa daqui a pouco, Sara quer que você vá. Boa sorte!

Um sorriso surge assim que assimilo a última frase. Uma ótima oportunidade de tentar descobrir a relação de Tabita com Quimera.

As pessoas consideram a bispa uma santa, até mesmo alegam que foram curadas de doenças incuráveis com apenas um toque de suas mãos. Contam que já viram miríades de anjos ao seu redor, dizem que a sua voz atinge o mais quebrantado dos corações. Não o meu. Tudo é falso e, um dia, conseguirei

provar o que digo.

Ela arrasta multidões por onde passa. Fiéis fazem filas e são até mesmo pisoteados apenas para que ela lhes dê um mero aperto de mão após o sermão. Os pobres se matam de trabalhar para cumprir suas metas e campanhas sem sentido.

Compram qualquer bobagem que ela inventa. De meia ungida à água santificada do rio Jordão. Por dinheiro, vale tudo.

Essa mulher não tem uma única gota de humildade, muito menos amor ao próximo, como costuma enfatizar tanto em seus sermões. Tudo que a cerca é das melhores marcas e qualidade. Está entre as dez pessoas do meio evangélico mais ricas do mundo. Segundo uma revista famosa, sua fortuna é avaliada em dois bilhões de dólares.

Sinceramente, não acredito em sua honestidade. Ela explora a fé das pessoas da pior forma possível. O poder que exerce sobre seus fiéis é tanto que consegue arrancar qualquer coisa deles.

Tentei muitas vezes desmascará-la, mas a cretina faz todo mundo não acreditar no que digo. Ela tem um poder com as palavras que me deixa de queixo caído.

Tabita atribui toda a sua fortuna ao seu árduo trabalho nos seus negócios no meio evangélico. Eu seria uma mentirosa se dissesse que não. Claro que uma pequena fatia do seu dinheiro vem do seu trabalho assim como do esforço do deputado. Ela tem vinte livros publicados, muitos CDs, com milhões de cópias vendidas pelo mundo, um canal de TV exclusivo para a IRDM, além de ser uma das palestrantes mais requisitadas do país, apesar do seu cachê exorbitante. Porém, é mais do que óbvio que ela tenha outros meios nada corretos de aumentar sua fortuna.

Estou absorta em meus pensamentos quando meu celular toca, trazendo-me à realidade. Sorrio para a tela.

— Oi, meu anjo. Será que tem um tempinho para mim hoje? — A voz de Gabriel me traz uma agitação repentina.

— Tenho muito trabalho e você não deveria estar cuidando da sua cunhada?

— Eu o vi ao lado dela em muitos dos vídeos divulgados na internet. Ele a acompanhou ao hospital.

— Está com ciúmes, meu anjo? — Sinto seu sorriso travesso através do telefone. — Ou quer saber se sua arqui-inimiga está sendo bem cuidada?

— Nem uma coisa nem outra.

— Você tem um tempo para mim ou não?

Penso na preocupação do Raoni quanto à minha relação com Gabriel. Sei que ele tem razão em se preocupar. Estou prestes a recusar o convite quando me lembro do rapaz assassinado. Talvez eu consiga alguma informação relevante.

— Hoje é quase impossível, Gabriel. Talvez amanhã. Tem a coletiva de imprensa da sua amada cunhada e não posso perder isso. — Procuro não transparecer a euforia que me tomou com a possibilidade de descobrir algo interessante.

— Sei que ela é sempre mais importante do que eu, mas, tudo bem, eu aceito. — Ele finge estar magoado, Gabriel sempre se diverte com as minhas teorias contra Tabita.

Nós nos despedimos e lembro novamente do irritante agente. Preciso falar com ele sobre essa morte misteriosa. Por que ele não me disse nada? Disco o número dele.

— Pensei que tinha sido engolida pela terra — é a primeira coisa que ele diz quando atende o telefone.

— Para a sua tristeza, ainda não fui. O que sabe sobre a morte do atirador?

— Causas naturais. — Noto que não há convicção em sua voz. — Sofreu um infarto, ainda será feita uma investigação sobre as causas da morte. O corpo foi encaminhado para autópsia há pouco.

— Acredita nisso? Nessa morte repentina?

— Não, tudo cheira a armação. Por favor, Lídia, mantenha sigilo sobre isso, é para sua própria segurança. Não comprometa as investigações.

Tenho raiva da maneira como ele fala comigo, como se eu fosse uma criança dando os primeiros passos e ele precisa me orientar a todo momento.

— Trabalhei em muitas investigações nos últimos anos, Raoni, sei ser discreta quando é necessário.

— Espero mesmo que saiba.

Não importa o que eu faça, ele sempre tem o pé atrás comigo.

— Vai à coletiva de imprensa? — pergunta, tentando desviar a minha irritação.

— Sim, claro que vou.

— Tome cuidado, Quimera pode estar lá para terminar o que começou. A polícia está montando um esquema de segurança para proteger a bispa, mas sabemos que você é um alvo fácil para ele. Por favor, se cuida.

Ao término da ligação, fico pensando nas perguntas que podem derrubar a máscara da bispa. Verifico minhas anotações, sei que posso desestruturá-la se me aproveitar da sua fragilidade, e será exatamente isso que vou fazer.



TABITA

Sozinha no quarto e com os seguranças de prontidão do lado de fora, tento dormir um pouco, mas minha mente não para de voltar aos acontecimentos do dia anterior.

Fecho os olhos e acabo cochilando. Acordo de repente, tomada por uma sensação estranha. Então, noto uma presença no lado oposto da cama. Sinto um frio na espinha, não costumo ter medo de nada, mas algo no homem me diz que devo temê-lo.

— Quem é você? Como entrou aqui? — indago, tentando me levantar da cama, mas meu corpo não responde aos comandos que envio.

— Quem sou? — O homem, vestido em um terno bege elegante, se vira para mim, sua beleza é tamanha que não consigo encará-lo por muito tempo. — No momento, isso é irrelevante. Tenho uma mensagem do meu superior e sugiro que faça exatamente o que lhe será ordenado ou sofrerá as consequências.

— Está me ameaçando?

— De maneira alguma, Tabita. Primeiro devo informar que o atentado contra sua vida foi apenas um aviso de que ele a tem nas mãos e pode fazer o que bem entender num estalar de dedos. É uma mulher inteligente, acredito que saiba exatamente para onde suas atitudes a estão conduzindo.

Não consigo processar as informações rapidamente, mas, se entendi direito,

o chefe desse homem, seja lá quem for, atentou contra mim. Sou tomada por um pavor que não consigo controlar. Continuo sem conseguir me mover enquanto ele caminha de um lado para o outro. Tento sutilmente encontrar meu celular para pedir ajuda.

— Procurando por isso? — O homem balança o aparelho em uma das mãos.

— Diga de uma vez o que quer de mim?

— Não quero nada, aliás, se dependesse apenas de mim, estaria morta. Não tenho piedade de pessoas como você, mas o meu chefe insiste para que tenha uma chance de consertar as besteiras que anda fazendo.

— Talvez goste de conhecer o seu chefe. — Um sorriso fingido toma meu rosto.

O homem se aproxima com as mãos no bolso e sinto pequenos choques em minha pele.

— Não se engane, muito menos tente me enganar. Conheço seus truques, bispa. Vamos logo ao que interessa. — Ele passa as mãos pelos cabelos e sorri antes de recomeçar a falar. — A partir de hoje, você fará tudo que eu mandar, sem contestar minha autoridade. Como prova da sua gratidão, porque poupamos sua vida, vai fazer uma declaração pública, perdendo o infeliz que disparou contra você. acredite: aquela bala te mataria.

Estremeço ao imaginar que a morte passou tão perto.

— Algo mais? — pergunto com a voz carregada de ironia.

— Claro que tenho, aliás, é um pedido especial e meu chefe faz questão de que seja cumprido. — Ele sorri, como se estivesse prestes a jogar seu trunfo sobre a mesa. — Encontre sua família.

— Estão todos mortos! — digo com rispidez. — Quem pensa que é para dizer o que devo ou não fazer?

Ao terminar a frase, sinto uma mão invisível em meu pescoço me sufocando. Tento gritar, mas minha voz fica presa na garganta.

Meus olhos se arregalam quando olho para o homem, que tem uma das mãos fechadas no próprio punho e está sorrindo para mim. Ao mesmo tempo em que afrouxa lentamente sua mão, sinto um alívio na pressão em meu pescoço.

— Sei muito bem que não estão mortos. Inclusive, poderia trazê-los aqui agora mesmo. Só que não vou fazer o seu trabalho. Seus pecados estão sendo computados em um lugar especial e já estão excedendo o limite permitido. Precisa se redimir ou tudo começará a desmoronar sobre sua cabeça.

Engulo em seco, não quero pensar nessas pessoas que me trazem dor, muito menos em meus malditos pecados. Não hoje.

— Não pode fazer isso — tento argumentar. — Não tenho nada a ver com aqueles que se dizem minha família. Sou uma enviada de Deus e não tenho pecados.

— Acredita mesmo no que diz? Porque, se for, estou convencido de que você é uma pessoa pior do que imaginei.

— Não posso apagar o passado, minha família é a única culpada por tudo de ruim que me aconteceu.

O homem me encara com um olhar indecifrável. Abre a boca algumas vezes, procurando as palavras corretas.

— Pensa que sua família não sente a sua falta? Acha que sua mãe não sofre por tudo que aconteceu? Nem por um momento você pensou que seus irmãos precisavam do seu apoio. Não tem ideia do que passam, devia se envergonhar disso.

— Eu ajudo as pessoas, sou uma mulher de Deus. Amo o meu próximo como a mim mesma. Isso não é suficiente para expurgar minhas falhas?

— A quem você quer enganar, Tabita? Tudo o que faz é para manter a sua imagem incorruptível. Apagou a memória de sua família, todos pensam que estão mortos quando, na verdade, estão mais perto do que imaginam. O primeiro passo a seguir é procurar sua família, ou coisas terríveis começarão a acontecer.

Estremeço. Como ele sabe tanto sobre mim? Não me sinto culpada pelo que fiz, não preciso disso. Quando eu precisei, nenhum deles me ajudou, jamais vou

perdoá-los.

O homem elegante está determinado a me fazer mudar de opinião. Não sei se sou capaz de tanto, não sei se o que fizeram a mim merece perdão. Ele caminha de um lado para o outro, balançando a cabeça como se soubesse exatamente o que estou pensando. Eu o vejo retirar um relógio de bolso dourado e com símbolos que não sei identificar, talvez asas de anjo ou algo muito semelhante.

— É hora de ir, o dever me chama. Lembre-se de cumprir as ordens que lhe foram passadas, tenho olhos e ouvidos em toda parte. Acredito que não queira sentir o peso da minha fúria.

Sinto as pálpebras pesarem novamente. No momento seguinte, ouço meu nome ser pronunciado e sinto uma mão tocar a minha levemente. Abro os olhos num sobressalto.

— Onde ele está? — pergunto ao perceber Daniel sentado ao meu lado na cama.

— Não tem ninguém além de mim aqui, Tah. — Meu marido tenta me tranquilizar. — Já arrumei as suas coisas, daqui a pouco o médico vem te dar alta.

— Tem certeza de que ninguém entrou aqui?

— Claro, fiquei ao seu lado a noite toda.

Uma angústia me toma, será que foi apenas um sonho? Devo temer realmente o homem e suas ameaças?



RAONI

A tentativa de assassinado da bispa Tabita, tomou proporções astronômicas, ainda mais depois que o atirador foi encontrado morto na própria cela. Aparentemente, a causa da morte foi uma parada cardíaca. Ainda será feita uma investigação, mas o fato repentino me deixa de orelha em pé. O cara era muito jovem e sua morte foi bem conveniente.

“Pobre homem, não suportou a pressão”, dizia a mídia.

Analisei novamente as gravações do presídio e consegui algumas informações sobre os visitantes. Depois da conversa com Lídia, estou convencido de que ela não pode ser quem procuro por motivos óbvios: ela é mulher. Apesar de ainda me irritar o fato de esconder os motivos da visita. Um dos homens de terno era o doutor Sérgio Campos, o melhor advogado do país, que, aliás, trabalha para a família de Gabriel.

Estou me esforçando para identificar os outros dois. Quanto a outra mulher, é exatamente o que pensei: uma prostituta. Mas, por algum motivo que desconheço, não consigo descobrir nada além disso sobre ela. Quanto aos caras, estou tendo uma enorme dor de cabeça para encontrar qualquer coisa sobre eles.

Devido à grande repercussão da tentativa de assassinato da bispa, o delegado me pediu que ficasse de olho nela. Inclusive, montou todo um esquema de segurança para a coletiva de imprensa. Talvez o Quimera quisesse terminar o

trabalho mal feito do seu comparsa.

Ao receber alta, Tabita Rocha foi ovacionada por uma multidão de fiéis e curiosos que a aguardavam do lado de fora do hospital. Logo em seguida, partiu para o encontro com os jornalistas no auditório do prédio da IRDM. A maneira como ela reage diante das câmeras é fantástica. Os olhos brilham. Essa mulher com certeza nasceu para estar diante delas. Assisti a alguns de seus programas na TV, ela realmente sabe como usar as palavras em seu favor. Mas sempre suspeitei do seu caráter, ouvi rumores sobre a sua fé.

Cresci em meio a pessoas que pregavam um Deus que queria apenas o coração dos seus servos. Os bens materiais não o interessavam, tudo o que ele queria era o amor e as boas atitudes. Então, para mim, pessoas que se usam da fé professada e arrancam dinheiro dos outros são suspeitas.

Dentro do auditório, posiciono-me em um local estratégico, nem muito perto e nem muito longe. De onde estou, consigo acompanhar toda a movimentação do ambiente e ver os outros agentes à paisana.

Endireito o corpo quando percebo o advogado entrar, acompanhado pela bispa e seu marido. Poderia ser ele... Analiso seu rosto em busca de pistas, mas não tenho êxito.

A coletiva começa, a mulher no palco exhibe um olhar desolado, talvez até aterrorizado com o que lhe aconteceu.

— Sou Adriana, do Notícias.com — uma mulher de meia-idade se apresenta quando a outra lhe concede o direito de falar. — No que, exatamente, pensou naquele momento, bispa Tabita?

Assisto à mulher fechar os olhos e uma lágrima solitária rolar. Quando consegue abri-los, vejo uma dor enorme neles.

— Desculpe... É difícil lembrar, fiquei muito abalada. Naquele momento, pensei no meu marido. Meu Deus, vou morrer sem ver o rosto do Daniel uma última vez, vou morrer sem completar a minha missão nessa terra — ela diz emocionada, enquanto o marido a apoia, afagando seus ombros. Uma cena comovente. — Clamei muito para que Deus me permitisse viver.

Ela chora copiosamente e o homem continua firme. Não entendo o motivo

de fazerem isso com a mulher em um estado emocional visivelmente abalado. Daniel escolhe o próximo a perguntar.

— Guto Pereira, do portal G8 — o homem calvo diz, arrumando os óculos.
— Como todos sabemos, o atirador foi encontrado morto esta manhã. O que tem a dizer sobre isso?

Por um milésimo de segundo, a mulher deixa transparecer uma perturbação com a pergunta, mas pode ser que eu esteja vendo coisas. Ela seca as lágrimas e responde sem hesitar.

— Fiquei muito triste com a morte dele. Pensei que poderia salvá-lo de seu inferno pessoal, planejava visitá-lo assim que saísse do hospital. — Ela desvia o olhar do jornalista e vagueia pelo ambiente. Imediatamente, percebo o que está tentando fazer, esconder sua mentira. Isso nunca esteve nos planos dela!

Tudo o que a Lídia fala sobre a bispa faz total sentido agora. Eu me pergunto como as pessoas não enxergam isso nessa mulher. Talvez porque pareça tão íntegra.

— Aquele pobre homem só precisava de Deus... Eu o perdoei, garanto que ele foi apenas um instrumento do inimigo para me atingir. Desejo que sua alma descanse em paz. — Os olhos estão marejados, ela volta a ser a mulher frágil de momentos atrás.

As perguntas continuam, ela responde prontamente umas, hesita em outras. Conforme o desenrolar da entrevista, vou percebendo que tudo se trata de apenas lapidar sua imagem de boa crente.

Tenho talento nato para desvendar as pessoas, mas nunca havia ficado tão perto da bispa, apesar de saber algumas coisas sobre ela. Tabita Rocha seduz a plateia de forma espetacular. A cada palavra dita, percebo o quão mentirosa é.

— E quanto ao depoimento dele à polícia, tem algo a dizer, bispa? Por que o criminoso mais procurado da América Latina assumiu a autoria da tentativa de assassinato?

A pergunta vem do fundo da sala, a jornalista não se apresenta, mas conheço essa voz. Tabita estreita os olhos, tentando reconhecer, e sorri assim que o faz.

— Paladina, é uma honra tê-la aqui comigo. Quanto à sua pergunta, pelo que sei, o homem estava sob efeito de drogas ilícitas, acredito que não devemos confiar no que alguém nesse estado tenha dito. Além disso, todos me conhecem, inclusive você, querida. Minha vida é um livro aberto, não faço ideia do que esse... esse homem, seja lá quem for, pense que eu tenha feito.

Noto que está incomodada com os rumos da conversa. A próxima pergunta a incomoda ainda mais. Lídia sabe exatamente que botões apertar para acionar as emoções que a mulher esconde tão bem.

— Sua vida é mesmo um livro aberto, bispa? Então, conte-nos um pouco sobre a suposta morte de sua família.

Tabita engole em seco. Um inimigo que sabe seus pontos fracos não é tão fácil de dobrar. A plateia se cala e espera uma resposta à altura, percebo que ela não faz ideia do que dizer.

— Minha família...está morta, é tudo que precisam saber. Peço que respeite minha dor.

A resposta é seca, a máscara de serenidade ameaça cair.

— Verdade? — a garota insiste. — Podemos destrinchar seu passado, bispa?

Os repórteres carniceiros têm um brilho nos olhos que a faz estremecer. Apesar das minhas diferenças com Lídia e de deixar que pense que não acredito em seu trabalho, sei o quanto é profissional. Suas perguntas fazem parte de um plano maior.

Daniel assume uma postura protetora sobre sua esposa, que parece um animal encurralado. Sua tentativa de acalmá-la é inútil, mas ela esconde muito bem os seus temores.

Por que diabos ficou nesse estado? Começo a achar que essa mulher esconde coisas das quais nem imagino. Não estou aqui para investigá-la e sim para protegê-la de outro possível atentado. Confesso que estou tentado descobrir quem é realmente por trás da capa de boa moça.

Quando ela finalmente toma coragem para falar, a voz sai vacilante.

— Não tenho nada a esconder. — Massageia as têmporas. — Preciso ir, não me sinto bem. Coloco-me à disposição de todos para quaisquer esclarecimentos.

Então, se retira, acompanhada por Daniel e Gabriel. Em uma última olhada dela para a plateia, nossos olhares se encontram e algo se acende em minha cabeça, porém, não acredito ser possível. Capto o sorriso cínico, quase imperceptível, por baixo da máscara de lágrimas em que ela se esconde. Essa mulher é perigosa e não é quem diz ser.

A coletiva se encerra, felizmente não houve nenhuma tentativa de matar a bispa. Tive a oportunidade de conhecer uma face dela que não imaginava existir. Mesmo com todas as hipóteses que Lídia levanta sobre a mulher, pensei se tratar de uma daquelas guerras infundáveis de pessoas públicas que se odeiam.

Estava errado, preciso descobrir o que essa mulher esconde.



QUIMERA

Não gosto que me subestimem, odeio quando fazem isso. Começo a desconfiar que estou falando um idioma incompreensível, porque os caras estão fazendo a porra toda do jeito errado.

— Quando pedi para dar um susto na bispa, deixei bem claro que não admitiria falhas. — As palavras soam calmas, mas, pelo olhar do imbecil à minha frente, sei que ele compreende que não tolero erros.

— Expliquei isso ao Tony com todas as letras...

— Caralho, tá me achando com cara de idiota? O Gabriel disse para você fazer aquela merda e não aquele drogado filho da puta. O que te faz pensar que podia mandar outra pessoa em seu lugar?

— Não queria ter as minhas mãos manchadas. Entenda isso, por favor. A bispa Tabita é uma boa mulher. Deus iria me castigar se fizesse qualquer coisa contra ela.

Não consigo resistir ao medo dele e um sorriso surge no canto da minha boca.

— Não mato mulheres boazinhas, apesar de ela não ser o que você pensa. Em momento algum eu disse para matar aquela idiota, era só um tiro no braço dela, um de verdade e não aquela merda que a imprensa tá divulgando. Só precisava disso, é pedir muito? Então não se preocupa em ser castigado por

mim? — Retiro a arma do cós da calça.

— Sou pai de família, só estou tentando garantir a comida na minha mesa — ele se justifica, apelando para os meus sentimentos.

Meu riso se transforma imediatamente em uma gargalhada macabra, que toma o galpão pouco iluminado.

— Pensasse nisso antes de descumprir as minhas ordens. — Engatilho a arma, aponto para sua cabeça e o homem cai de joelhos aos meus pés.

— Faço o que quiser, mas, por favor, não me mate. — Dou um sorriso torto e brinco com a arma em minha mão.

— Tem certeza? — Ele balança a cabeça freneticamente. — Ok. Pode ir, mas não olhe para trás, nunca mencione esse encontro e me atenda prontamente quando chamar.

— Eu lhe dou a minha palavra.

O homem sorri nervosamente e corre em direção à saída, mas, antes que a alcance, dispero um tiro certeiro em sua cabeça. Ele cai sem vida no chão.

— Limpem essa merda, espero que tenham aprendido o método infalível de resolver os problemas que vocês criam para mim.

Dizer que estou perdendo as estribeiras é eufemismo.

Não queria matar a bispa, ela só precisa de um susto. Anda muito boazinha para o meu gosto, se metendo demais onde não é chamada e descumprindo o trato de manter a porra da jornalista longe de mim.

Não posso dar um susto na vadia curiosa, mas nada me impede de usar outros meios. Gabriel tinha que se envolver com essa puta? Tinha que deixar os negócios de lado? Não, mas ainda vou mostrar que quem manda nessa merda sou eu e não ele.

A princípio, odiei a proporção que o caso tomou. Depois, adorei ver como a polícia se surpreendeu com o meu envolvimento. Pensavam o quê? Que uma mulher que se diz enviada de Deus não pudesse ser corrompida?

Só que a bispa tem muita sorte, ninguém acredita muito na ligação dela comigo. Isso é bom para os negócios, tanto os meus quanto os dela.

Entro no carro, meu motorista dirige sem rumo certo. Preciso esfriar a cabeça ou ainda cometo muitos erros durante esta noite. Meu celular toca de repente.

— Quantas vezes eu tenho que dizer para não me ligar, porra! — Esse babaca domina a arte de me tirar do sério. — O que foi? Não vai me dizer que foi preso de novo?

— Sei que gostaria de ouvir que sim, mas não, eu não estou preso. Precisamos conversar sobre alguns termos do nosso contrato de trabalho e refazer algumas regras.

— Sério que me ligou para isso?

— Não, te liguei porque temos um encontro com um possível aliado. — Pelo entusiasmo, talvez seja alguém que valha a pena. — Podemos nos encontrar para falar a respeito, alteza?

Nem me dou ao trabalho de responder. Quando se trata dos meus interesses, prefiro conversar pessoalmente. Encontro Gabriel no local de sempre.

— Então, quem é o cara? — pergunto sem rodeios quando ele entra no meu carro.

— Eu estou bem, obrigado por perguntar — ironiza. — Quanto ao nosso homem, é o senador Mário, talvez possa nos ajudar. Facilitar algumas coisas, o que acha?

— Não gosto nem um pouco daquele velho pedófilo, mas tenho que admitir que a influência dele pode nos ajudar. Preciso me cercar de gente que pode me proteger. O que ele quer em troca?

— Passe livre nas nossas casas de shows e uma ponta das licitações da nossa construtora.

— Velho asqueroso... É claro que quer dinheiro, todos eles querem. Aceito os termos, mas não quero, sob nenhuma hipótese, menores de idade envolvidos

nisso. Deixe bem claro.

Gabriel também concorda comigo, por isso nossa parceria deu certo. Não busco me redimir pelos meus erros, muito menos ele. Existem regras que não podem ser quebradas e concordamos em jamais envolvermos crianças em nossos negócios.

Depois de nossa breve conversa, dispenso o motorista e caminho um pouco pelas ruas movimentadas da noite fria. A vantagem de ninguém conhecer a minha verdadeira identidade é justamente essa, posso andar tranquilamente perto dos meus inimigos.

Gosto de poder. Ter políticos e pessoas influentes nas minhas mãos me dá exatamente isso. Eles pensam que estou nas mãos deles quando, na verdade, é exatamente o contrário.



LÍDIA

“Olá, paladinos!

Sejam muito bem-vindos ao meu canal.

Antes da vinheta, as perguntinhas de sempre:

Por que um filho abandona a mãe? A família é algo importante para Deus?

É o que vamos saber no vídeo de hoje. Uma reflexão sobre decisões inconsequentes que, às vezes, tomamos, esquecendo de que Deus é um cobrador justo.”

Após a coletiva de imprensa, resolvi gravar um novo vídeo para o canal. Quero desestruturar Tabita ao ponto de ela mesma revelar sua verdadeira face. Quase consegui, mas Daniel se enfiou no meio e a bispa se esquivou rapidamente das minhas perguntas.

Já fazem vinte e quatro horas que coloquei o vídeo no ar e já atingiu um milhão de visualizações. Pergunto-me se as pessoas imaginam que ele está diretamente relacionado à líder religiosa.

O celular vibra sobre a mesa.

“Você vem ou não? G.”

Com a coletiva de imprensa, acabei adiando o encontro com Gabriel.

Continuo pensando que ele vai me dizer o que realmente aconteceu com o rapaz que disparou contra a cunhada dele. Não acreditei nem por um momento que o infarto tenha sido a causa de sua morte.

Respondo prontamente:

“Estou saindo do trabalho. Já viu meu vídeo? P.”

O celular vibra outra vez.

“Não brinque com o diabo, meu anjo! Pode ser perigoso. G.”

Sei que o trabalho de Gabriel é me fazer desistir de seguir em frente com o meu, foi por isso que ele me enviou essa mensagem.

“Não se preocupe, sei me cuidar. P.”

Tento tranquilizá-lo, afinal, sempre me cuidei sozinha. Agora não seria diferente.

“Estou convencido de que não. Te espero? G.”

Ele me viu com o investigador e não gostou nada da nossa proximidade. Só que, para o seu desespero, não sou uma pessoa manipulável. Separo muito bem os sentimentos do meu trabalho e dos meus objetivos.

A mídia bem que tentou investigar o passado de Tabita Rocha depois do que insinuei na coletiva de imprensa. Como sempre, ninguém encontrou nada que comprovasse que a mãe dela estava viva.

Tenho como provar que a família não está morta. Porém, antes de jogar as cartas na mesa, sinto que preciso abrir o jogo com Raoni. Notei seu recente interesse pela Tabita e penso que ele precisa saber algumas coisas sobre essa mulher.

Nossa relação continua na mesma, até mais estranha depois da nossa conversa. Ele é tão irritante, tenho vontade de contar, mas temo o seu julgamento.

Desligo meu notebook, estou sozinha no escritório, guardo meus pertences

na bolsa, apago as luzes e desço até a garagem. Caminho em direção ao lugar onde deixei meu carro, mas estanco assim que avisto dois brutamontes que estão de pé próximo a ele.

Olho de um lado para o outro, buscando a saída mais próxima. Com esse maldito salto, não vou conseguir chegar nem até a metade do caminho. Mesmo assim, vou me arriscar. Aperto minha bolsa contra o peito e me preparo para correr, mas sou impedida por uma mão forte segurando meu pulso.

— Fugindo de mim, Paladina?



GABRIEL

Sinto a tensão do corpo de Lúdia se desfazer ao reconhecer minha voz.

— Está querendo me matar do coração, Gabriel? — Pressiono seu corpo contra a coluna mais próxima, toco seu rosto e o calor dos seus olhos me invadem, trazendo um frenesi de emoções.

— Tem sido uma garota má, meu anjo — digo, inalando o cheiro do seu pescoço e em seguida sussurrando: — Achei que merecia um pequeno susto.

Tomo sua boca em um beijo dominado pela saudade. Como essa mulher pode fazer isso comigo? Quando estou longe, só penso no reencontro. Se a tenho em meus braços, não quero soltá-la nunca mais.

O corpo relaxa, correspondendo ao carinho com a mesma intensidade. Um único beijo é capaz de despertar tudo o que há de bom em mim, de me fazer querer ser melhor por ela. Droga, isso não é nada bom!

Às vezes, quero ser esse cara que ela vê em mim, mas não posso deixar que ele chegue à superfície, ainda é muito cedo.

Ela tenta se recompor do susto, se apoia em meu peito e suspira lentamente, aliviada.

— Acabou o show, rapazes, voltem ao trabalho — dispenso meus homens com a mão em volta de Lúdia.

No momento seguinte, estamos no meu carro. Será que posso ser perdoado pelos erros que cometi em nome do trabalho? Piso fundo no acelerador, a velocidade também me acalma, vejo as luzes passarem rapidamente pela rodovia. Desvio dos carros como em um jogo, passo por alguns radares, pouco me importa. Amanhã mesmo todos os dados sobre meu carro estarão fora do sistema.

— Gabriel, pode ir devagar ou o seu plano hoje é testar a força do meu coração?

Esqueci por um instante que estava acompanhado. Reduzo a velocidade, entrelaço a minha mão à dela.

— Desculpe...

Fazemos o restante do percurso em silêncio, chegamos ao nosso lugar. Estou preocupado com a segurança desta mulher, ela não faz ideia de onde está se metendo.

Quis realmente dar um susto nela, mas também queria testar a segurança do prédio, verificar se o federal babaca tinha se preocupado com isso.

Abraço o corpo pequeno, preciso protegê-la!

— Você tem que se preocupar mais com a sua segurança, meu anjo.

— Não tenho medo de nada, Gabriel — ela diz convicta.

— Não foi isso que vi há pouco — desdenho, correndo a mão pelo rosto delicado. — Fale com o agente Guerra, aquele policial otário com o rei na barriga. Talvez ele possa te ajudar, diga que precisa estar segura.

Lídia franze o cenho.

— Sabe de alguma coisa que eu não sei, Gabriel?

— Sim, sei de muitas coisas. Mas nem pense que vou te contar algumas delas. Minha vida é perigosa. Já te dei muitas oportunidades para você correr, mas insiste em ficar.

O mundo em que vivo é um péssimo lugar para essa garota teimosa.

— O incidente com a bispa foi planejado pelo Quimera?

A pergunta me pega desprevenido, não posso falar sobre o meu trabalho, é uma regra que estabelecemos desde o início e é sempre ela quem a quebra.

— Não vamos falar sobre isso.

— Foi ele quem matou o atirador? — Ah, mulher teimosa do cacete!

— Não vou dizer uma palavra, Lídia.

— Gabriel, se você não me contar, vou descobrir do jeito difícil.

Mas que porra de mulher curiosa, eu tinha que ter me metido com ela? Claro que não, isso é punição pelos meus pecados e olha que não são poucos.

— Então, você não vai nem me contar se ele matou mesmo o homem? Porque não acredito que ele tenha infartado do nada. — Desvio meu olhar do dela, não posso encará-la nesse momento. Droga!

Lídia se afasta de mim bruscamente e me encara, estreitando os olhos.

Mil vezes droga!

— Foi ele — acusa. — Mataram aquele homem, Gabriel? Por que fizeram isso? Ele já estava preso e a justiça seria feita.

— Nunca entenderia os motivos. — Odeio o desprezo no olhar dela. — Existem coisas que nunca vai compreender, meu anjo. Sabe das merdas em que estou atolado, não consigo me livrar.

As lágrimas ameaçam escorrer pelo rosto da minha garota.

— Sabia que você será responsabilizado por isso? É a vida de uma pessoa, Gabriel. Vocês negaram a ele esse direito como se não fosse relevante viver — agora ela me acusa.

Não é verdade que eu matei o maldito homem, mas quem se importa com isso a essa altura do jogo? Preciso tirá-la do olho do furacão o quanto antes, só

por isso permito que pense que estou envolvido.

— Não foi o primeiro e provavelmente não será o último.

O choro dela me descontrola e a necessidade de afastá-la de tudo isso fala mais alto que qualquer outra coisa. Nossas conversas nunca tinham chegado a esse nível. Tecnicamente, sou um fora da lei, matar deveria ser um pré-requisito para a função que exerço dentro da organização, apesar de nunca terem exigido isso de mim. Ela deveria ao menos deduzir que eu mato pessoas.

Não que eu ande por aí matando quem olhar torto para mim, mas quando é realmente necessário, preciso ter meus meios de fazer isso sem chamar atenção.

— Quantos? — Ela se levanta, virando de costas para mim. — Sou uma tola.

— Eu não diria tola, talvez ingênua por só enxergar o que há de bom nas pessoas. Não sou um santo, devia saber disso. Achou que um cara acusado de crimes de lavagem de dinheiro e tráfico não poderia ser um assassino?

Faço o possível para não a magoar ainda mais, só que meu bom senso grita para que a afaste de mim agora. Assim, fica longe das encrencas, mas conhecendo-a, sei que ela tem talento para se enfiar nas piores roubadas.

— Quantos matou, Gabriel?

— Não vou te responder, Paladina. Você quebrou as regras, passou dos limites, não vou dizer mais nada.

— Odeio você. — Sua voz está embargada pelo choro. — Por que faz essas coisas? Por que não pode ser um cara normal? Tem uma boa profissão, não pode trabalhar em algo honesto por mim? Me diz por que insiste nessa vida que não vai te levar a lugar algum?

Infelizmente, não posso dar as respostas para as perguntas dessa mulher. Tento me convencer de que faço tudo isso porque gosto de viver perigosamente. Sim, tenho uma formação acadêmica, acredito que me daria muito bem exercendo o Direito por aí, mas não é interessante para mim neste momento. Preciso estar exatamente onde estou para que tudo corra dentro do planejado.

— Eu não sei, meu anjo — respondo sem convicção.

Quero abraçá-la e falar tudo aquilo que ela deseja ouvir, mas não posso fazer promessas que nem sei se um dia poderei cumprir. Não posso voltar atrás. O caminho que escolhi é uma estrada sem volta. Se não for esperto o suficiente, quando menos espera, você foi engolido pelo seu próprio monstro.

— Por que fez com que me apaixonasse por você, Gabriel? — Ela me acusa de coisas que não tenho culpa, pelo menos em alguma coisa sou inocente.

Levanto-me e vou até ela, que continua de costas para mim. Eu não a toco, apenas sinto o calor do seu corpo tão próximo ao meu. Ela, sim, é culpada, eu nunca quis me apaixonar, nunca quis me envolver dessa forma com alguém. Então essa mulher chegou invadindo tudo, preenchendo todos os espaços e eu não consegui fugir antes de estar completamente enfeitiçado.

— Você fez o mesmo comigo, meu anjo — respondo com a voz próxima ao seu ouvido e vejo os pelos de sua pele se arrepiarem.

— Estamos fadados ao fracasso, você é um assassino! — Mas que droga, por que ela tem que ficar me acusando? — Não consigo conviver com isso, Gabriel. Acredito na justiça, tento ser correta, ajudo ao meu próximo da maneira que posso. Claro que não sou perfeita, sou humana e cometo erros. Não vamos continuar com isso, não posso me envolver mais.

Ela está terminando comigo, é isso mesmo?

Sinto um aperto no peito, me falta o ar. Não era isso que eu queria? Que ela se afastasse?

Mas que droga de coração idiota!

— Tudo bem. Se quer assim, é assim que vamos fazer. — Preciso desesperadamente tirar ela dessa merda em que me enfiei.



TABITA

Os últimos acontecimentos me deixaram perturbada. Tenho tido muitos pesadelos, sonhei com minha mãe quase todas as noites dessa semana.

Daniel está preocupado, mas nem meu estado de perturbação fez com que adiasse seus compromissos na capital. Luto contra o sono quando a noite cai e me vejo sozinha em meu quarto. Não quero que eles venham, mas não consigo evitá-los. Acordo todas as manhãs com os malditos fantasmas tentando me sufocar.

Marquei com o meu terapeuta, faz uma semana que tudo aconteceu. Preciso conversar com alguém que me conheça de verdade, seja profissional e não me julgue pelos meus atos. Adriano é a única pessoa que confio para isso. Ele é meu terapeuta há oito anos, além de meu amigo.

— Tem tomado seus remédios, Tah? — Assinto e ele me indica o divã.

Iniciamos a sessão, começo contando sobre os pesadelos, os fantasmas e os demônios em minha mente. Afundo as unhas no pulso por baixo da manga longa da camisa, preciso desviar o foco da minha dor.

Hoje tenho que falar sobre o maldito homem, há tempos não toco nesse assunto. Ele é a raiz de tudo.

— Nunca pedi que ele me tocasse...

Sinto como se as malditas lembranças comessem a me sufocar, tento regular minha respiração, mas é inútil. Adriano me olha inexpressivo.

— Eu confiava nele. Mais do que isso, eu o amava, ele era meu...pai. — Por mais que eu tente segurar as lágrimas, elas escorrem pelo meu rosto.

Lembrar de tudo dói muito, mas Adriano diz que tenho que encontrar a raiz da minha dor e expô-la. Só que isso não é tão fácil como ele faz parecer.

Sempre tive problemas para expressar o que sinto. Na frente de uma plateia lotada, eu finjo muito bem. Até porque, quando subo ao palco, geralmente outra pessoa se apodera de mim.

Não gosto que vejam meus medos e minhas fraquezas, mas hoje simplesmente desabo. Meu terapeuta já conhece essa história de horror. De tempos em tempos, preciso colocá-la para fora.

— O que a sua mãe fez para que a odiasse tanto?

Ele sempre me faz essa pergunta, como se quisesse arrancar de mim uma verdade que não sou capaz de dizer. Isso me irrita todas as vezes.

— Ela não viu acontecer.

Os sentimentos conflituosos dentro de mim duelam, sinto um ódio quase palpável. Fecho os olhos e uma lágrima escorre pelo meu rosto, belisco a pele por baixo da camiseta sem que Adriano veja.

— Quando ele se matou, ela não conseguia me encarar. Em nenhum momento ela quis saber de mim o que havia acontecido, a minha versão dos fatos.

Faço uma pausa, dezoito anos se passaram e as lembranças continuam vivas como se tivessem acabado de acontecer. Sinto suas mãos sobre a minha pele, esfrego ferozmente meus braços. Não quero sentir isso, mas os tremores começam sem controle. Eu me permito chorar, encolhida em posição fetal sobre o divã. Os soluços preenchem o silêncio sepulcral.

Odeio meu pai, odeio o que ele fez comigo. O inferno é uma punição muito pouca para pessoas como ele.

— Virei mártir de uma causa perdida... Fui exposta — explico assim que retomo o fôlego. — Era apenas uma adolescente...ela...ela era a adulta...era minha mãe. O dever dela era me proteger e não foi isso que fez. — Limpo as lágrimas com as costas das mãos. — Deixou que todos me entrevistassem, que todos se aproveitassem da minha dor. Simplesmente se calou.

— Foi por isso que fugiu de casa? — Essa pergunta era nova. Raramente falo sobre esse período da minha vida, pelo que ele representa para mim.

Apenas assinto. Não sei bem se essa foi a verdadeira razão para fugir três meses após a morte do meu “pai”.

— Para onde foi? — Adriano pergunta, arrumando-se na poltrona e rabiscando seu bloco de anotações.

Acaricio as cicatrizes no meu pulso e ele finge não ver o que estou fazendo.

— Não quero falar sobre aqueles malditos meses em que fiquei à deriva. Não fosse por Daniel, nem quero pensar onde eu estaria hoje.

Ele faz algumas anotações antes de me fazer a próxima pergunta.

— Entendo. Conte-me por que decidiu escrever sua história e publicá-la?

Mantenho os olhos fechados, ainda com a mão sobre o pulso, e me convenço de que não sou uma pessoa má.

Há dez anos, decidi contar a trágica história da minha vida. Precisava de alguma maneira de alertar e incentivar as mulheres a não se calarem.

— Eu queria ver cada homem que se aproveitou de garotas inocentes como eu pagando pelos seus crimes. Queria que essas mulheres percebessem que o abuso não aconteceu por culpa delas, precisava dar voz a elas.

Existiam poucas verdades em minha vida e essa era uma delas. Odeio os abusadores, odeio homens que querem demonstrar sua masculinidade através da força bruta.

Sou uma mulher de Deus, pelo menos é nisso que quero acreditar, mas nunca irei perdoar minha mãe. O silêncio dela ainda ecoa em mim todas as

noites. Não a vejo há muitos anos, mas, quando fecho os olhos, sinto seu olhar sobre mim, me acusando pela morte do homem que ela amava. Não entendo como ela pôde chorar a morte dele, sabendo o que ele havia feito comigo.

A cada vez que o meu marido me toca, sinto as mãos do maldito homem que chamei de pai sobre mim, seu cheiro ainda está impregnado no meu corpo, ouço sua voz falando em meu ouvido: “não conte a ninguém o nosso segredo”.

Dezoito anos se passaram e nunca mais tive paz.

Contar a minha história foi um divisor de águas, mas novamente tive minha vida exposta. Só que, dessa vez, eu me escondi dentro da máscara de mulher forte. Ele se tornou o best-seller mais vendido do país, recentemente vendi os direitos de filmagem a um estúdio internacional.

Nele, eu dei um fim à minha família em um trágico acidente, cinco anos após o meu infortúnio. Isso fortaleceu a minha imagem de mártir e mulher guerreira. Minha equipe pessoal tratou de fazer com que a história se tornasse verdadeira, comprando pessoas para sustentarem a mentira. Não me arrependo disso, mas sinto que o meu castelo de mentiras pode desmoronar a qualquer momento.

— Existe algo que você omitiu no livro? Algo que queira me contar?

Adriano quebra o silêncio, me tirando dos meus devaneios.

— Sim, tenho meus segredos — digo, encarando o teto, e afundo a unha na pele sensível do meu braço. — Eles são muitos, afinal. Uns surgirão gradativamente, já outros eu jurei que nunca ninguém saberia.

Às vezes, eu queria sentir remorso pelo que fiz, mas não o tenho. Tudo foi para o meu próprio bem.

— Acha que sua mãe é culpada pelo que aconteceu?

Não penso muito, essa resposta é a mais fácil de todas.

— Sim, é claro que ela tem culpa. Não enxergou o que acontecia dentro da própria casa, bem debaixo do seu nariz. Ela sempre foi tão distante de mim... Talvez, se ela tivesse sido mais presente na minha vida, algumas coisas

pudessem ser evitadas.

Dou por encerrada a nossa conversa. Não consigo mais falar sobre ela. O peso que trouxe até aqui ainda persiste em ficar.

— Sabe que existe uma explicação para a reação da sua mãe diante disso, não sabe? — ele insiste.

Balanço a cabeça negativamente, eu a odeio não preciso de ninguém me convencendo do contrário.

— Acho difícil existir algo que explique o silêncio dela — retruco sem muito interesse no que ele tem a dizer.

— Já tentou se colocar no lugar dela alguma vez?

Reviro os olhos, claro que já fiz isso muitas vezes, mas simplesmente não consigo compreendê-la.

— Ele era marido dela, consegue entender isso? A pessoa em quem ela confiava, pai dos seus filhos. Não estou querendo justificá-la, estou apenas tentando fazer você entender que talvez ela tenha entrado em um quadro de depressão grave, não sei. Talvez se eu a conhecesse, poderia afirmar isso.

— Não, ela nunca esteve deprimida. O fato é que amou muito mais aquele trapo de homem que chamava de marido do que a própria filha. — Por mais que Adriano tente me convencer de que a reação da minha mãe pode ser explicada por ele, eu não quero mais ouvir.

Dirijo sem direção pela cidade, peço à minha assistente que desmarque meus compromissos da manhã.

Acho que esse é um bom momento para eu pedir ajuda a Deus, só não sei se ele pode me ouvir. Cresci acreditando que ele era a solução para todos os meus problemas, mas o senti se afastar de mim ao longo dos anos. Sou uma controvérsia ambulante, tenho ciência disso.

Não quero ser fraca, não quero sentir medo. Sou um ser humano complexo, sempre recriminei Daniel pelos seus surtos de arrependimentos. Hoje, comecei a entender um pouco dos conflitos que ele vive. Porém, querendo ou não, isso me

enfraquece.

Coloco o volume no máximo, as músicas da *playlist*, hoje, não fazem o menor sentido. Elas falam sobre pessoas que venceram seus medos e seguiram em frente. Por mais que eu diga em minhas palestras que sou como as pessoas dessas músicas, sei que são apenas mentiras que contei a mim mesma.

Paro o carro no estacionamento em frente ao lago. Desço e caminho um pouco pela passarela, pensando no que devo fazer, e lembro-me da conversa com o homem misterioso no hospital.

— Bispa Tabita Rocha. — Escuto meu nome ser chamado, me viro instintivamente e dou de cara com a última pessoa que queria encontrar hoje.



RAONI

Refaço minhas buscas sobre Tabita Rocha, é a quarta vez que faço isso esta semana. Por mais que eu pense que ela mente sobre muitas coisas, é incrível como não existe nada comprometedor em seu passado.

O que vi em seu rosto na coletiva de imprensa não me sai da cabeça. Será possível? Ou apenas estou fantasiando?

Algo me diz que Lídia tem muitas das respostas que procuro. Não quero envolvê-la ainda mais nisso. Só que tenho dúvidas quanto ao lado da história que a bispa escolheu.

Eu procurei Lídia um dia após a coletiva e a estava aguardando próximo ao estacionamento. Por muito pouco não atirei em Gabriel, pensei que ele fosse realmente fazer algo contra ela. O que vi depois me confundiu ainda mais e não tenho certeza se posso confiar em Lídia.

O fato é que, depois disso, nunca mais a procurei, não temos nenhum contato há dias. Assisti a todos os seus vídeos nas minhas madrugadas insones. Seria possível que alguém que fale tanto sobre amor ao próximo e sobre Deus se aliar a um criminoso?

Essa manhã, acordei decidido a investigar a vida da jornalista. Isso nunca esteve nos meus planos, até porque Assis garantiu que ela era confiável. Só que a dúvida me deixa inquieto.

O delegado Assis deve ter alguma informação sobre a garota.

É exatamente o que faço, vou até sua sala e não controlo o ímpeto de saber mais sobre ela.

— Assis, o que você sabe sobre Lúdia Fonseca? — pergunto sem hesitar.

Ele larga os papéis sobre a mesa e me encara curioso.

— Por que quer saber sobre a Lúdia, nosso foco não é o Quimera? — Noto que ele se incomoda com a minha pergunta e passa a mão pelos cabelos grisalhos.

— Ainda não descobri de qual lado ela está jogando, preciso saber mais sobre ela.

Eu o vejo balançar a cabeça, discordando da minha opinião, quase como se estivesse chateado com o meu julgamento.

— Sente-se, Guerra — exige sem esconder a irritação que o toma. — Eu não podia fazer isso sem a autorização da Lúdia, mas, diante da sua insistência e curiosidade, acho melhor saber de tudo por alguém que confie.

A história que ele narra me deixa sem chão. Não é possível que aquela jovem mulher tão determinada tenha passado por tanta coisa com a pouca idade que tem. O que mais o perturba é a revelação que Assis deixa por último. É simplesmente inacreditável.

— Preciso tomar um ar — digo, levantando bruscamente da cadeira, uma dor dilacerante aperta meu peito. Por Deus, ninguém deveria passar pelo que essa garota passou.

De certa forma, somos iguais.

— Antes de ir, quero te pedir uma coisa, Guerra. — Assinto apenas para que ele fale logo. — Não diga nada a ela, Lúdia é como uma filha para mim. Não suportaria vê-la sofrendo desnecessariamente.

Fito o homem por um momento, ele está sério, mais que o normal. Sua pele negra esconde as marcas dos cinquenta anos vividos, os olhos determinados não

denunciavam que já viram as mais diversas atrocidades serem cometidas pelo ser humano.

— Prometo que não direi nada a ela — digo por fim, saindo da sala.

Sempre vi Assis como alguém apático e frio de sentimentos. Conheço parte de sua história, da morte trágica de sua família em um acidente automobilístico, quinze anos atrás. A tragédia o transformou drasticamente, meu pai sempre me disse isso.

Então, eu nunca poderia sequer imaginar que ele seria ser capaz de proteger e amar alguém como havia feito nos últimos anos com Lídia.

Nossa conversa foi muito longa e sufocante. Destravo a tela do celular. Uma hora e meia foi o tempo que durou e a forma como me sinto depois de tudo é inexplicável. Sigo para o estacionamento, encosto-me no meu carro e abro alguns botões da minha camisa. Tento controlar a raiva dentro de mim.

Toda a minha investigação estava interligada, por isso Assis insistiu para que Lídia fizesse parte disso e, agora, para eu achar o Quimera, descobrir as facetas de Tabita, sondar o objetivo por trás do envolvimento de Gabriel com a jornalista e identificar a verdadeira face do Daniel Rocha. Tudo isso tornou-se uma questão de honra. Todos eles parecem estar entrelaçados.

Entro no carro e dirijo sem direção, com o som ligado no volume máximo em uma música instrumental. Preciso desanuviar meus pensamentos e me acalmar depois de tudo que soube. Eu sou policial, toda essa história não deveria me abalar tanto, mas não é como se pudesse controlar. Faço preces a Deus para que eu consiga desmascarar todas essas pessoas, porque agora, mais do que nunca, elas precisam pagar pelos seus crimes bárbaros.

Estaciono meu carro, desço e caminho pensativo pela passarela de pedestres próxima ao lago. Ligo para minha mãe, talvez suas palavras consigam me acalmar.

— Tenha paciência, filho. Deus tem um tempo determinado para tudo em nossas vidas. Tente se acalmar, peça direção para Ele e, no momento certo, tudo vai se encaixar. Só mais uma coisa: não permita que ninguém manipule a sua fé.

Fico pensando nas palavras de minha mãe após finalizar a ligação. Então,

eu a vejo. Ela parece perdida em si mesma... Uma raiva crescente me toma, como ela foi capaz?

Respiro fundo e me aproximo devagar sem que ela me note.

— Bispa Tabita Rocha — chamo-a. Quando se vira, por um momento vejo o medo estampado em seu rosto.

Como em um passe de mágica, o rosto dela muda e volta a ser aquela mulher que as pessoas veem na TV.

— Desculpe, eu conheço você? — ela pergunta, percebo que está mentindo e sabe muito bem quem sou.

— Investigador Raoni Guerra — digo, entrando no seu jogo e lhe estendendo a mão.

— Ah! Lembrei. — Ela finge um lampejo de memória. — Estava na coletiva de imprensa. Estou correndo perigo novamente? É por isso que está aqui?

Noto a desconfiança em sua voz, seus olhos me analisam, procurando por algo que não sei identificar.

— Não, sua vida não corre perigo. — Ela suspira. — Pelo menos por enquanto. Só estava passando por aqui e a vi, quis cumprimentá-la. Onde estão seus seguranças?

Pergunto, olhando em volta, buscando os homens de sua equipe de segurança pessoal e não os encontro.

— Hoje, Deus é o meu segurança. — A convicção na voz dela me surpreende.

Olhando-a de perto, se não soubesse a verdade sobre ela, acreditaria em sua serenidade e na calma que traz em sua voz. Não consigo mais guardar o que sei, não sou um homem de meias-palavras.

— Acha mesmo que ele pode proteger alguém tão mesquinha como você? — Vejo seus olhos se arregalarem.

— O que disse? — pergunta incrédula.

— Exatamente o que ouviu. Devia ter vergonha do que fez. Você diz por aí que sua família morreu, quando eles estão bem perto, passando por situações terríveis que você finge não ver. Lídia tem toda razão em odiar você...

— Claro, a Paladina tinha que ter algo com isso. Ela já foi encher sua cabeça com calúnias sobre mim?

A mulher elegante me encara desafiadoramente. Não seguro o ímpeto de jogar a verdade na cara dessa dissimulada.

— A Paladina não tem nada a ver com isso, aliás, sua irmã deveria revelar ao mundo o que sabe de uma vez. — A palidez toma o rosto da bispa e ela pressiona com força as unhas longas contra a pele branca do pulso.

— Não ouse dizer isso. Não sabe do que está falando.

A verdadeira face dela é revelada, vejo todo o ódio que ela esconde escancarado em seu rosto. O corpo treme e os olhos estão cheios de lágrimas, não por arrependimento, mas de raiva.

— Devia ter vergonha do que fez. Lídia é sua irmã. Sua mãe vive em estado quase vegetativo. Aquela garota se desdobra para conseguir tratar a mãe, mora numa casa muito aquém do que merece. Enquanto você ostenta sua riqueza nas capas de revistas. Hipócrita, é isso que é, bispa. Deus deve ter vergonha de ter o nome dele atrelado ao de uma mulher como você.

Não tenho tempo de pensar. No minuto seguinte, sinto sua mão golpear o meu rosto e me surpreendo com a força que ela tem.

— Nunca mais repita isso, seu policial de merda!



GABRIEL

— Você o quê? — pergunto sem esconder o espanto.

Encaro minha cunhada, que está sentada elegantemente na poltrona do meu escritório na IRDM. Lá fora já é noite, mas as luzes do ambiente realçam sua beleza.

— Eu bati na cara daquele idiota. — A raiva ainda está latente em sua voz. — O tal do Guerra sabe que a Lúdia é minha irmã, não sei como, mas ele descobriu. Aquela garota idiota não podia ter feito isso. Ela me odeia, não gosta de ter seu nome ligado ao meu. Filho da puta!

Arqueio a sobrancelha, estou acostumado a ouvir seus rompantes de mau humor. Ouvir o nome dessa garota me traz lembranças que venho tentando esquecer nos últimos dias.

Lúdia terminou comigo, nem sei se tínhamos realmente alguma coisa. Balanço a cabeça, tentando expulsar os sentimentos que me invadem. Levanto da cadeira, dou a volta na escrivaninha e me encosto nela, cruzando os braços sobre o peito. Preciso me aproveitar do momento em que Tabita está com a guarda baixa.

— Sabe que pode ser presa, né? — Eu me divirto com a possibilidade. — Já pensou com seriam lindas as manchetes nos jornais: “*Bispa Tabita Rocha é presa por agressão a um policial*”. Tenho certeza de que a Paladina não tem nada com isso.

Vejo-a revirar os olhos e descruzar as pernas. A calça de seda tem um caimento perfeito nos quadris largos e longas pernas, a camisa rendada branca a faz parecer angelical.

— Ela te deu um pé na bunda, Gabriel. Não precisa ficar defendendo a vadia. — Ela levanta, passa a mão sobre a calça e sorri das próprias palavras.

— Cala a boca, Tah! Minha vida não é da sua conta. — Tem mais irritação do que deveria em minha voz.

Tabita caminha devagar em minha direção, com um sorriso cínico no rosto. Temos quase a mesma altura, seu olhar me desafia. Como odeio essa mulher... Neste momento, desejo profundamente que ela tivesse ao menos parte do rosto desfigurada, porque seu maldito rosto angelical me irrita. Tudo nela transmite uma imagem contrária sobre quem ela realmente é. Por essa razão ela consegue ludibriar praticamente todos à sua volta.

— Será mesmo que sua vida não é dá minha conta, Gabriel? — Tabita envolve os braços em meu pescoço e não me movo um centímetro.

— E lá vamos nós outra vez... Luxúria é um dos sete pecados capitais, devia se envergonhar disso, senhora *bispa*. — Enfatizo a última parte, ela detesta ser lembrada disso entre quatro paredes.

A mulher sorri com gosto, inclinando a cabeça para trás. Preciso que pense que estou completamente envolvido em sua teia e seguro sua cintura fina, o toque a faz estremecer.

— Acho que está na hora de avançarmos com isso, Gabriel, aquela piranha não dá a mínima para o que você faz ou deixa de fazer. Já transou com ela, Gabriel? Claro que não! Garanto que eu sou a mulher para você. Depois que me provar, nunca mais vai olhar para aquela garota. — A lascívia é quase palpável em sua voz.

Se a irmã dela faz com que eu queira estar sempre por perto, com Tabita é exatamente o oposto: eu quero me afastar cada vez mais conforme se aproxima. Quando nossos corpos se tocam, sinto uma repulsa enorme e sou quase incapaz de disfarçar, mas, para vencer esse jogo, preciso sacrificar algumas coisas.

— Não vale nada, bispa!

— E você muito menos, Gabriel. Não finja que não me deseja. — Ela segura a minha mão e vai conduzindo o meu toque por seu corpo. — Diz pra mim que o seu corpo não se acende quando está colado ao meu.

Caralho! Ninguém é de ferro e eu não sou santo, é verdade. Desde que notei o interesse de Tabita por mim, venho empurrando com a barriga, permitindo que ela pense que estou envolvido, quando, na verdade, é o oposto que está acontecendo. Eu posso ser um pecador por tudo que tenho feito para alcançar o que desejo, mas ela...ela é o próprio demônio reencarnado em um rosto delicado.

Inferno!

Desce a mão pelo meu abdômen em busca de algo que sacie sua fome por mim, mas jamais irei tão longe. Essa mulher é doente. Seguro sua mão antes que atinja o ponto que deseja.

— Não vai embora sem conseguir o que quer, não é mesmo? Já disse para ter paciência. Olhe em volta... Acha que é assim que eu quero mostrar a você o quanto sou melhor que Daniel?

O silêncio é a sua resposta. Ela se afasta sem tirar os olhos de mim e, como se não tivesse escutado uma única palavra que falei nos últimos minutos, desabotoa devagar a camisa de seda, depois tira a calça. Minha cabeça trabalha arduamente para tentar fazer com que ela esqueça essa loucura.

Não posso negar que o corpo dela é perfeito. Encaro os seios por um momento, a renda branca do sutiã contrasta com a pele bronzeada, e a calcinha da mesma cor é minúscula. Essa mulher não é normal, passar pouco tempo em sua companhia é maléfico para qualquer ser vivente.

— Me faz esquecer essa merda toda que é a minha vida, Gabriel. — De tempos em tempos, eu vejo uma Tah promíscua surgir, querendo me arrastar para o seu inferno pessoal, mas nunca me permito ir.

Sua boca esmaga a minha em um beijo que me causa repulsa.

— Não vamos fazer isso aqui, Tah. — Afasto-me dela de forma delicada, tentando não quebrar a confiança que conquistei até aqui. — Você vai se arrepender depois... Ainda não é o momento. Juro que vou te dar tudo que merece, fazer esquecer qualquer coisa que Daniel tenha te dado até hoje, mas

agora realmente não podemos fazer isso.

Em minha cabeça, não é ela à minha frente, mas sim um lindo rosto de uma jornalista que tem estado nos meus sonhos desde que a conheci. Permito-me fantasiar, para dar mais veracidade às minhas palavras. Toco seu rosto e a encaro como sei que gostaria que fosse, deixo que ela encontre as promessas que precisa em meu olhar. Nossas línguas dançam sensualmente, preciso dar a ela um motivo para ter esperanças de que, uma hora, vai ter o meu corpo em cima do seu. Ergo-a em meus braços e suas pernas se entrelaçam ao meu redor. Os cabelos castanhos caem sobre meu rosto, sinto o cheiro de Lídia neles.

Droga!

Não aguento mais fazer isso, mas, por outro lado, também não quero estragar tudo que conquistei até agora. Falta pouco para chegar lá.

Preciso acabar com isso. Maldita Tabita! A desgraçada sabe que não é ela que estou beijando neste momento, que na minha cabeça é sua irmã que tenho em meus braços, e se aproveita disso.

Eu vou para o inferno, tenho certeza, e a culpa vai ser dela. Se minha cunhada e meu irmão são bons com as palavras, eu sou muito melhor do que eles — e a prova disso é que estou levando esse suposto caso que Tabita acha que tem comigo em banho maria. Ela pensa que me tem nas mãos, que me seduz. Eu só posso rir de tudo isso.

— Você podia ser menos gostosa, Lídia. Facilitaria bastante a minha vida — digo ao pé do seu ouvido. Quero irritá-la e, ao mesmo, tempo deixá-la pensar que a desejo.

— Não sou aquela vadia, mas, como estou boazinha hoje, vou deixar passar essa. — Ela está chateada, mas saber o gosto que tem o meu pau é mais interessante do que qualquer coisa que ela queira no momento.

Respiro fundo, enquanto ela desliza as mãos pelo meu tórax, e tento me concentrar no próximo passo, preciso afastá-la de mim agora.

— Porra, Tah! Já disse que não vamos fazer isso de qualquer modo. Precisamos pensar em uma maneira para eu me vingar de Daniel por deixá-la só. Prometo que será inesquecível.

Ela se afasta chateada, mas me encara, procurando indícios de que eu esteja mentindo. Sorri quando conclui que apenas estou adiando — pela milésima vez — o nosso prazer.

— Jura que não vai demorar?! — ela diz, passando a língua pelos lábios sedutoramente. Ela ainda está encostada em mim, numa última tentativa de me convencer a transar aqui mesmo. — Daniel passa muito tempo longe. Quando vamos pra cama, ele me trata como um cristal delicado, como se eu fosse quebrar a qualquer momento. Preciso de um homem como você, preciso de sexo selvagem, talvez isso me faça realmente feliz.

— Garanto que sou melhor que meu irmão. — Odeio Daniel e poderia ficar com a mulher dele como uma pequena vingança, mas não sou esse tipo de homem.

Ele sempre rouba meu lugar em tudo. Então, vamos ver quem leva a melhor nessa. Daniel é um babaca que se faz de moralista. Não há dúvidas de que sou melhor que ele, apesar das minhas atitudes contraditórias.

Já vi o deputado cometer pecados que ninguém imagina, nem mesmo a Tah. Talvez por essa razão ele me odeie. Porque sou uma lembrança constante das loucuras que já cometeu na vida.

— Detesto essa guerrinha de vocês, são dois idiotas. — Ela revira os olhos, se afastando ao constatar que não vou ceder aos seus encantos.

— Então você mostrou sua cara pro tal do Raoni. Está com medo? — Desvio o assunto sutilmente.

— Eu lá sou mulher de ter medo? — pergunta, pegando sua bolsa sobre o sofá. — Tá para nascer o homem que vai me fazer ter medo.

Caminho até ela com um sorriso sarcástico no rosto. Essa conversa me diverte bastante. Um dia, ela não tem medo de nada. No outro, é uma mulher indefesa. Existem muitas faces em Tah, descubro muitas coisas através delas quando a seduzo deliberadamente.

— Você não tinha um culto esta noite para presidir?

— O diabo não permitiu que eu fosse — ela diz, seguindo em direção à

porta —, mas agora preciso ir. Te vejo em breve, Gabriel, estou ansiosa para ter o seu pau delicioso dentro de mim.

Realmente, sou bom com essa coisa de seduzir sem realmente agir. Consegui convencê-la de que sou muito bom no que faço apenas com palavras e um ou outro beijo.

A porta se fecha, respiro fundo, limpo a boca com repulsa e depois passo as mãos nos cabelos. Meus pensamentos vão para Lúdia. Sei que estarmos separados é melhor pra nós dois, meu caso não tem solução. Ela é um anjo e eu sou um pecador, que frequentemente deve fazer coisas das quais não se orgulha em nome do trabalho. Esse é o pior dos meus carmas.

Pego meu celular e encaro a foto dela. Mas que droga! Chuto o sofá. Por que eu tinha que amar essa mulher dessa forma? Encontro seu nome no aplicativo de mensagens, digito um pequeno texto e me arrependo assim que envio.

Me perdoe, nunca foi minha intenção fazê-la sofrer. Te amo, meu anjo! G.



LÍDIA

A música alta me ajuda a esquecer. É domingo, e hoje todas as lembranças resolveram surgir. Eu não costumo pensar no que aconteceu de ruim na minha vida.

Acredito que Deus com certeza tem um plano maior para mim, por isso passei por tantas provações. Hoje é um daqueles dias em que é inevitável esquecer.

Acordei às seis da manhã e fiz uma oração. Na verdade, tive uma longa conversa com Deus. Preciso de forças para levar tudo adiante, só que é tão difícil fazer isso sozinha que, às vezes, penso em desistir.

O que mais me dói é ver no que a minha mãe se transformou, o quadro de depressão dela é gravíssimo, ela não fala há muitos anos. Vejo o quanto a vida a maltratou: a morte do meu pai, seguida das acusações do abuso de Tabita, a devastou.

Não sei bem o que se passa na cabeça dela, mas, na minha, acredito veementemente que meu pai não teve culpa nisso. Conhecendo Tabita, existe a possibilidade de ela tê-lo seduzido e criou esse monstro para limpar a sua reputação. Alguns vizinhos acreditavam nessa versão e eu me agarro a ela com todas as forças.

O caráter do meu pai era incontestável até o momento em que ele se matou

e a bomba explodiu. Já tentei fuçar nessa história para descobrir qual é a versão verdadeira, mas ninguém se atreve a contestar a verdade que a bispa diz.

Choro bastante, ainda de joelhos ao pé da cama.

— Deus, eu preciso ser forte, mas eu não consigo sozinha!

Muitas pessoas já me disseram para abandonar minha fé, porque, até hoje, só aconteceram coisas ruins comigo. Só que é um engano pensar que Deus é culpado pelos infortúnios das nossas vidas. Nossas atitudes, nossas escolhas, absolutamente tudo que vivemos interfere em nossa vida e na dos nossos familiares.

As pessoas precisam entender que não somos marionetes nas mãos de Deus. Ele nos deu o livre arbítrio justamente para que o escolhêssemos por vontade própria. Por pior que a minha vida esteja, sem ele jamais teria chegado até aqui. Nas horas mais difíceis, ele é o meu alento, confiei minha vida a Deus e nunca vou me arrepender disso.

Corri um pouco para ver se afugentava os pensamentos ruins. Nesse momento, eu estou arrumando a mesa do café da manhã, mamãe não levantou ainda. Ela foi a um retiro espiritual semana passada. Aliás, isso tem sido cada vez mais frequente e eu fico feliz que finalmente mamãe esteja saindo do casulo. Preparo tudo e a chamo.

— Mamãe, você está bem? — Em resposta, eu tenho apenas um leve aceno.

Ana Fonseca era uma mulher cheia de vida. Lembro-me muito pouco desse tempo. Ela falava muito, a alegria exalava pelos poros, o amor que ela nutria pela família era incrível. Pedro me contou muitas histórias. Hoje, olhando para os olhos tão tristes, não reconheço essa mulher.

Ela me ensinou a amar a Deus, mas sucumbiu totalmente à sua solidão, a seus medos, a suas dores e não consigo trazê-la de volta.

Fito-a por um momento, meus olhos se enchem de lágrimas. Não quero chorar na sua frente, mas é impossível segurar. Eu amo minha mãe, e meu coração sangra por vê-la assim.

Terminamos o café da manhã, arrumo tudo e lembro da mensagem do

Gabriel, que ainda não respondi. Não consigo perdoá-lo, tá certo que eu sabia que ele trabalhava para o Quimera. Acreditei que poderia salvá-lo do seu próprio abismo, só que não sei mais se é possível.

Existem pessoas que não querem ser salvas, e ele é esse tipo de pessoa. Porém, achei que o que sentíamos poderia fazê-lo mudar de ideia. Digito algumas palavras em resposta a ele. Por mais que tente, não consigo ignorá-lo.

Sabe que não posso perdoar você. Se me amasse de verdade, largaria tudo por mim. P.

Sinto-me uma idiota por achar que Gabriel deixaria sua maldita vida no submundo pelo amor que diz sentir por mim. O celular toca e meu coração bate desenfreado depois que leio a mensagem.

O que sinto por você não precisa ser provado. Garanto que em breve você irá entender meus motivos. Te amo, meu anjo, nunca duvide disso. G.

No momento, nada é capaz de fazer com que eu entenda os motivos dele, lembro-me do que Raoni me falou. Ele tem razão, eu não conheço Gabriel.

Fico pensando em qual seria a reação do policial se tivesse feito a lição de casa e investigado a minha vida. Será que deixaria de julgar minhas atitudes? Será que me olharia com nojo? Será que me deixaria explicar minha versão dos fatos?

Uma coisa dentro de mim me diz que preciso contar tudo a ele se realmente quero pegar o Quimera, além de desmascarar minha irmã e meu cunhado. Faz quase uma semana que tivemos contato, quando o vi na coletiva de imprensa. Depois disso, não nos falamos.

Imagino que ele não seja aquele ogro que deixa transparecer, ele perdeu o irmão e os companheiros de equipe de forma brutal. Andei fazendo algumas pesquisas e descobri que ele vem de uma família evangélica, daquelas bem tradicionais. Ele deve ser uma boa pessoa, tenho certeza de que Assis não me deixaria trabalhar com alguém que não fosse de sua confiança. Só que o Raoni é tão irritante que eu perco as estribeiras.

Meu celular toca e quando leio o nome da tela, tenho a sensação de que acabei de ter uma transmissão de pensamentos.

— Raoni?

— Oi, Lídia. Tudo bem? — A voz dele está diferente.

— Tudo sim, aconteceu alguma coisa? — pergunto encabulada.

Ouço o suspiro do outro lado da linha, é quase como se ele tivesse nervoso e procurando as palavras certas para me dizer. Isso é novo.

— Tem planos para hoje? Sei que é domingo, mas preciso conversar contigo sobre algumas teorias, penso que pode me ajudar e a minha semana foi bem puxada. Poderíamos, quem sabe, almoçar juntos?

— O que tá acontecendo com você? — Eu e minha língua solta.

Ele leva um tempo para responder. Decido que vou me encontrar com ele e contar a verdade sobre algumas coisas. Talvez ele pare de me julgar.

Nós nos encontramos no restaurante. Raoni está com uma expressão indecifrável no rosto, não sei se confio nos meus instintos, que gritam para que eu conte tudo, ou se fujo novamente.

— Então, o que você precisa saber? — pergunto assim que fazemos o pedido.

— Não é sobre o Quimera. — Noto o desconforto em sua voz. — Quero saber sobre Tabita Rocha. Onde consegue tanta informação sobre ela?

Fico ereta na cadeira, sempre tive uma resposta na ponta da língua para essa pergunta. A forma como Raoni questiona é como se ele soubesse da verdade.

A comida chega e adia um pouco mais minha resposta. Como devagar, tentando me acalmar para contar tudo a ele. Quando terminamos, ele paga a conta e caminhamos em direção a uma área verde perto do restaurante.

— Então, vai me contar? — ele insiste quando sentamos lado a lado no banco próximo à fonte no centro da praça.

Fecho os olhos e deixo que o som das águas me acalme.

— Eu sei que não vai acreditar em uma única palavra do que vou dizer, mas vou arriscar: ela é minha irmã.

Espero as reações dele, a irritação, a acusação, perguntas. Só vejo ódio e me surpreendo ao notar que não é por mim.

— Aquela mulher é pior que imaginei. Sempre fui bom em ler as pessoas, mas falhei tanto com você quanto com ela. Deve ser algo de família.

Raoni não me encara, suas mãos estão fechadas em punho. Ele não sabe nem metade do que passei.

— Vou te contar a história triste de como a minha família foi destruída — digo, engolindo o nó que se forma em minha garganta. — Eu era muito pequena quando tudo aconteceu. Dizem que meu pai, um homem íntegro, estuprou minha irmã, que não era filha dele. Meu pai se matou dentro da própria casa, minha mãe entrou em um quadro de depressão e quase não falava. Minha irmã foi exposta. Na época, eu não entendia direito. Hoje, compreendo que a exposição pode ter sido prejudicial a ela.

O homem me encara sem dizer nada, penso ver compreensão nos seus olhos. Conto tudo a ele.

— Por fim, meu irmão se entregou às drogas, tentando esquecer o que o nosso pai tinha feito e conviver com a falta que sentia de Tabita. Eles dois eram bem ligados. Quando ele morreu, pensei que ela viria, mas não se deu ao trabalho. A minha vida não tem sido fácil. Enquanto ela esbanja o que tem, eu tento pagar minhas contas e sobreviver. Acredito que foi Deus que me sustentou até aqui.

Finalizo com os olhos cheios de lágrimas, sinto que ele está perturbado com as coisas que falei.

— E o deputado Daniel? — A raiva com que ele diz o nome é quase palpável. — Qual o papel dele em tudo isso?

— Daniel? — Não escondo o nervosismo. — Ele é muito pior do que se possa imaginar, não acredite em uma única palavra do que ele diz. Aquele homem não tem coração...

Não consigo continuar sem chorar, odeio tanto Daniel. Sempre peço nas minhas orações para que Deus tire todo esse ódio que sinto por ele, mas o dia nunca chegou. Tento me controlar e parar de chorar.

— Fique calma — Raoni diz, afagando meu ombro —, não precisa falar se não quiser.

— Preciso pôr para fora — digo entre o choro. — Sabe, eu estou cansada de lutar sozinha. Deus está do meu lado, tenho certeza disso, mas não posso dividir as coisas que sei com ninguém além dele, e, às vezes, isso é necessário.

O homem forte e cheio de julgamentos some por completo. Aqui, tenho uma pessoa que, de alguma forma, entende a minha dor e os meus medos. Ele se aproxima um pouco mais e me abraça. Ficamos em silêncio enquanto me permito chorar.

— Shh... Não chore, você não está mais sozinha. Eu juro que não vou permitir que ninguém a machuque novamente. — Sinto a verdade nas palavras dele.



RAONI

Olhando para Lídia e tendo consciência de tudo, só consigo ver a mulher forte que é. De alguma forma, o que Assis me contou mudou a maneira como a vejo.

O jeito como fala sobre Deus é o que mais me toca, porque a tendência de quem passa por tantas coisas é culpá-lo pelos problemas. Foi assim quando perdemos meu irmão, mas não durou muito tempo. Sou cristão e crente em Deus, jamais duvidei de sua existência. Talvez, se todos acreditassem nele, o mundo não estaria à beira do colapso.

Abraço-a com força, algo grita dentro da minha cabeça para protegê-la. Ela é tão jovem, tão cheia de vida, vai à luta sem medo, não se encolhe diante dos obstáculos da vida. Quanto a mim, quase desisti de tudo quando meu irmão morreu. O que me mantém vivo é a certeza de que vou fazer o Quimera pagar por todos os seus crimes.

As lágrimas quentes dela molham minha camiseta. Vê-la chorar mexe comigo, me faz ver que, por baixo da mulher forte, existe uma garota que precisa ser cuidada.

— Me desculpe por isso. — Ela se afasta, limpando as lágrimas. — Hoje não é um dia bom para mim. Talvez eu devesse ter ficado e casa...

— Não precisa se desculpar — digo, tocando seu rosto, forçando o contato visual. — Todos nós temos o direito de fraquejar alguma vez na vida.

— Eu pensei muito no que me disse sobre Gabriel. — Ela me encara com os olhos vermelhos, mudando de assunto. — Você tem razão, eu não o conheço! Pensei que poderia mudá-lo, tenho essa coisa de querer salvar as pessoas. Só que não adianta, porque ele não quer ser salvo.

Tem muita mágoa na voz dela, talvez até rancor ou decepção. O que aconteceu para fazê-la mudar de ideia? Será que o maldito bandido tentou forçá-la a fazer alguma coisa?

Cerro os punhos, pensando nas possibilidades infinitas para o que quer que Gabriel tenha feito.

— Ele é um criminoso, dos piores. Porque, mesmo sabendo dos seus crimes, não conseguimos mantê-lo preso. Afaste-se dele antes que toda a sujeira respingue na sua carreira, Lídia. — Ela encara algo atrás de mim e evita o contato visual. — Gabriel tentou alguma coisa?

A pergunta é inevitável.

— Não, ele jamais faria qualquer coisa contra mim — ela diz convicta. — Não me pergunte os motivos, porque nem eu entendo.

— Pensa que a Tabita pode fazer alguma coisa contra? Por que não conta sobre parentesco de vocês?

— Eu tenho vergonha disso — ela encara as mãos —, e quero que assuma seus próprios erros. Isso nunca vai acontecer.

Ficamos em silêncio por um tempo, eu não sei o que dizer a ela. Quero ajudá-la, mas preciso que ela confie em mim e agora ela só está com a guarda baixa. Não vou me aproveitar disso.

— Então, descobriu mais alguma coisa sobre a Tabita — ela diz de repente, não é uma pergunta. Ela está afirmando que eu sei. — Não pareceu surpreso quando revelei nosso parentesco.

— Bem, não foi fácil achar as pontas soltas. O que descobri se resume a isso, pensei que talvez você pudesse me ajudar. Tem provas do que diz sobre ela?

— Estou juntando as migalhas, mas não consigo nada conclusivo. Quando estou chegando muito perto, as pessoas desistem de gravar. As provas somem misteriosamente dos meus arquivos, até as gravações somem do meu computador. Sinto como se tivesse andando para trás a cada passo dado. Juro que já tive em minhas mãos provas irrefutáveis sobre o caráter da Tabita, mas sumiram em um piscar de olhos.

Agora, as coisas começam a fazer algum sentido. Com certeza a bispa deve ter alguém bem próximo a Lídia.

— Já pensou que o Gabriel pode ter feito isso?

— Não, ele nunca esteve nem perto das provas que perdi. Tenho certeza disso.

Como ela pode acreditar tanto em um criminoso, sabendo do que ele é capaz? Para mim, esse homem é uma ameaça à segurança de Lídia. O delegado devia saber disso. Por que se mantém distante, mesmo quando diz que ela é como uma filha para ele?

— E quanto ao Quimera, já conseguiu pistas sobre a identidade dele alguma vez?

— Não, nunca cheguei tão perto. — A forma como diz me deixa em dúvida se ela realmente fala a verdade e a frase seguinte me surpreende: — Mas já falei com ele.

— Como assim? — Essa garota me assusta a cada palavra.

— Eu não tenho o número dele, muito menos trocamos mensagens diariamente. — Lídia tenta desfazer a tensão que se instala entre nós. — Só estou dizendo que o incomodei o suficiente para que ele me ligasse pessoalmente para tentar comprar o meu silêncio e me fazer parar de xeretar por aí.

— Tem noção do perigo que corre fazendo essas coisas, Lídia? Você é uma jornalista e não uma heroína da Marvel. — Ela sorri, mas ainda posso notar que está desconfortável com a minha presença.

Levanto do banco e ela se põe a andar ao meu lado. Continuo confuso sobre essa garota. Apesar do que sei, ela permanece uma incógnita para mim. Só que

agora eu tenho certeza de que estamos do mesmo lado.

— Sei me cuidar, Raoni.

— Eu não teria tanta certeza. Seus arquivos somem misteriosamente, não sei mesmo se sabe se cuidar, Paladina. Nada impede o Quimera de ir atrás de você, só não entendo por que ele nunca fez isso. No lugar dele, eu já teria dado um fim a você.

Caminhamos lado a lado pelo parque, a tarde está agradável e, pela primeira vez desde que nos conhecemos, estamos tendo uma conversa sem brigar.

— Não sou tão ruim assim. Só coloquei alguns capangas dele na cadeia...

— Pelo que me consta, também desestruturou o esquema de licitações deles com o governo do estado, deu à polícia a localização do desmanche de carros de luxo, que era altamente lucrativo para o Quimera. No seu lugar, eu não daria um passo sem a proteção de um guarda-costas fortemente armado.

— Tenho o melhor guarda-costas: Deus. Como pensa que sobrevivi todo esse tempo?

— Sua fé é admirável, mas não pensa que o que faz é tentar Deus e dificultar o trabalho dele?

A Lídia não pode ser tão ingênua a esse ponto. Alguém precisa colocar juízo na cabeça dessa garota. Claro que Deus pode, sim, protegê-la, mas existem outras vidas para ele salvar, enquanto essa garota se põe em risco a cada vez que lança um maldito vídeo no canal dela.

— Não, Raoni. Não pense que estou tentando Deus. Mas ele sempre põe as pessoas certas na minha vida.

Analizando tudo o que sei, inclusive lendo nas entrelinhas do que ela não disse, acabo chegando à conclusão de que Deus cruzou nossos caminhos para que eu fique de olho nessa garota. Juro que não vou perdê-la de vista.

Chegamos ao estacionamento, paramos diante do carro dela e ficamos frente a frente, toco seu rosto e seu olhar me transmite algo que não estou acostumado a sentir. Faz muito tempo que decidi não deixar que mulheres

atrapalhem a minha vida profissional, mas esta garota me faz querer protegê-la do mundo.

Sem pensar muito, me inclino e encosto meus lábios nos seus delicadamente. Ela fica surpresa com o beijo, talvez até confusa, mas ainda assim corresponde ao meu toque. O gesto é singelo, apenas para aplacar a agonia que me toma só de pensar no que pode acontecer a ela se continuar escavando a vida do Quimera deliberadamente.

Abraço seu corpo miúdo e prometo a mim mesmo que não vou deixar que nada a atinja.

— Me desculpe por isso. — Percebo que estou me envolvendo demais.

— Não precisa se desculpar... — diz timidamente.

Preciso fazer com que ela pare de se meter em enrascadas antes que algo muito ruim aconteça.

— Lídia, eu sei que mal nos conhecemos, que fui um babaca diversas vezes contigo, só que não é fácil lidar com você. — Ela se inclina para me encarar. — Quero que me prometa que vai se cuidar e me ligar se suspeitar de alguma coisa: um desconhecido, uma ligação, um bilhete. Sei lá, qualquer coisa, não hesite em me chamar.

Seguro seu queixo e a encaro, ansioso pela resposta. Eu não vou conseguir dormir se ela não prometer. Juro que vou montar guarda na portaria do prédio dela e arrumo uma escolta armada para andar com ela por aí.

— Tá, eu prometo. — Ela sorri por fim.

Suspiro aliviado e beijo seus cabelos. Em algum momento dessa conversa esquisita, descobrimos que devemos ficar lado a lado ao invés de vivermos em guerra.



TABITA

— Amados irmãos, peço licença para entrar em sua casa em nome de Jesus! Meus irmãos, esse programa, que leva a benção para sua casa, está saindo do ar. — A imagem refletida no monitor próximo me agrada muito. Encaro a câmera com um olhar desolado, enquanto uma lágrima solitária rola em meu rosto, borrando a maquiagem perfeita. — Você deve estar se perguntando: por que, bispa Tabita?

Faço uma pausa, respirando fundo e olhando para minhas mãos. Depois, olho diretamente para a câmera, como se pudesse olhar nos olhos de todos que assistirão a esse pronunciamento.

— Nós assumimos o acordo com uma grande emissora para levarmos o evangelho a muitas pessoas por esse imenso país dominado pela corrupção e concupiscência. Porém, estão faltando verbas para arcarmos com os compromissos... Quero que preste bem atenção no que vou dizer agora, meu irmão. — É hora de dar o meu show, é o que sei fazer de melhor. — Vou fazer um apelo para você. Vou lançar uma campanha em prol da nossa causa, sou uma mulher iluminada por pelo nosso pai, carrego a luz dele sobre a minha cabeça... Quero te convidar, meu irmão. Você, que é abençoado por Deus, e homens e mulheres de fé para honrá-lo com dízimos e ofertas!

Deixo mais uma lágrima escorrer, ao mesmo tempo que mantenho a fachada de mulher guerreira e determinada. Não é minha primeira vez e nem

será a última.

— Quer ser abençoado? — continuo. — Mostre que tem fé. Quanto maior a sua oferta, mais rápido a sua benção chegará. Oferte na central da sua igreja IRDM. Fazendo isso, não estará ajudando a mim ou ao seu pastor, mas sim à nossa igreja, ao nosso ministério a seguir adiante, levando a palavra ao lar de mais pessoas. Não esqueça de anotar os seus dados no envelope para que eu possa interceder por ti, colocando seu nome no meu livro de orações. Que Jesus abençoe sua vida grandemente!

— Corta! — Escuto a voz grave do diretor e o som da claquete. — Ficou perfeito, Tah, a lágrima deixou tudo mais real — ele me elogia, batendo palmas com toda a sua equipe.

— Quando o programa vai ao ar? — pergunto, arrumando meu blazer branco, com um sorriso triunfante no rosto.

— Hoje ainda, às sete da noite.

— Ótimo! Coloque no ar o quanto antes. — Minha assistente pessoal me alcança no momento seguinte.

— Estamos atrasadas para a reunião com os regionais. — A moça se veste de forma impecável, dos óculos ao sapato. Tudo reflete o meu poder sobre as pessoas à minha volta. — Já estão aguardando há mais de quinze minutos.

— Calma, Mary! Respire, querida, são apenas abutres. A pauta principal da reunião, qual é?

— A Paladina — ela me responde, entregando a pasta em minhas mãos, enquanto caminhamos pelo longo corredor até a sala de reuniões.

— Essa idiota não tem nada melhor para fazer?

— Aparentemente não!

Passo a mão pelo meu terninho, respiro fundo e giro a maçaneta da sala de reuniões, onde entro ativa, acompanhada da assistente.

Todos estão se borrando de medo e visivelmente afetados pela minha

presença imponente. Sentados em cadeiras confortáveis diante da mesa redonda, estão vinte pessoas muito bem vestidas.

— Vamos direto ao ponto — começo incisiva. — Quem foi o idiota que deu munição para esse vídeo da Paladina?

Aperto o controle do projetor e um vídeo começa a ser exibido logo atrás de mim.

“Olá, paladinos!

Sejam muito bem-vindos ao meu canal.

Antes da vinheta, as perguntinhas de sempre:

O que a IRDM tem que cega seus fiéis? Por que as pessoas se deixam enganar por falsos profetas tão óbvios?

É o que vamos saber no vídeo de hoje. Uma entrevista exclusiva com um pastor da igreja que mais cresceu no país nos últimos anos.”

O conteúdo é pausado e meu olhar fulmina sobre cada uma das pessoas isoladamente. Distraio-me por um segundo e as merdas acontecem, uma atrás da outra.

— Isso aqui, esse lixo, só prova a incompetência de todos vocês. Quero o nome, sobrenome e um dossiê completo sobre quem foi o imbecil sob meu comando que fez uma merda dessas. Como posso confiar nos meus subordinados se, no momento em que viro as costas, vem um palhaço e me apunhala?

— Não temos como saber quem é esse “pastor”, o rosto dele nem aparece na gravação e a voz dele foi modificada pelo computador. Talvez nem seja mesmo um pastor da IRDM — a pastora Carla tem a ousadia de me contestar.

— Querida... — digo com falsa calma e faço uma pausa dramática. — Em algum momento disse que sabia quem era? Vocês têm três dias para encontrarem o maldito pastor que falou com ela.

— É pouco tempo — outro pastor argumenta. — Precisamos de no mínimo uma semana!

— Tenho cara de otária, pastor Sílvio? — Não tenho tempo para máscaras hoje, minha voz se eleva e bato na a mesa. A plateia se sobressalta com minha explosão e ninguém ousa dizer uma única palavra. — Vamos, responda!

— Não, senhora! — O homem se encolhe na cadeira.

Isso... É exatamente assim que gosto de ver os homens: bem debaixo dos meus pés, subordinados a mim.

— Apenas três dias, ou então todos serão punidos por essa maldita entrevista. Quem conseguir descobrir quem é esse abutre receberá um incentivo de cinco mil dólares. Estamos entendidos agora?

Todos concordam imediatamente, com os olhos brilhando de luxúria e ganância. Aqui, dentro desta sala, somem todos os santos que pregam dentro dos templos e são aclamados por serem usados por Deus.

O Deus que impera aqui é o meu dinheiro e eles o adoram como a ninguém mais. O propósito inicial dessa organização religiosa já foi corrompido muitos anos atrás, não existe espiritualidade aqui. Dentro desta sala, tenho lobos prontos para se matarem por algumas centenas de dólares. Às vezes, me pego pensando no quanto eles são bons atores. Levam multidões às lágrimas e arrancam muito dinheiro dos fanáticos que me seguem.

— Podem levantar os traseiros gordos das minhas poltronas confortáveis e comecem a agir. Sou uma mulher prática, trabalho com resultados.

Eles saem rapidamente, como ratos assustados. O jato particular da IRDM os aguarda no aeroporto para levá-los aos seus destinos. Odeio essa gente. Eu os treinei da melhor forma possível, por isso se tornaram regionais. São os melhores, mas não os suporto. Talvez porque se pareçam demais comigo.

— Bispa, o Samuel está aguardando na sua sala — Mary informa, me tirando da onda de ódio que ameaça me sufocar.

Meu herói. Esse homem salvou a minha vida um mês atrás. Foi extremamente difícil achá-lo, ele não quis nenhum dos presentes que enviei e isso me deixou ainda mais curiosa quanto à sua identidade.

Vou ao toalete antes de entrar na sala, me olho no espelho e não sei quem é

a pessoa refletida ali.

Mary está à sua mesa e me dá um sorriso encorajador. O homem lá dentro da minha sala é a prova de que ainda resta algum pedaço da Tabita de antes. Sinto que preciso agradecê-lo de alguma forma. Abro a porta e, falando francamente, não me preparei o suficiente para o que está em pé, encarando os quadros na minha sala.

Ele é um pouco mais alto que eu, um porte imponente. Tenho vontade de voltar e sair da sala antes que me veja, mas eu não sou covarde. Quando o homem se vira, um medo toma conta de mim. O olhar dele é penetrante, se veste impecavelmente. Sei reconhecer um terno Armani quando vejo. O sapato de couro italiano não emite som algum quando ele se aproxima. Os cabelos bem penteados, os olhos vedes, claros e intensos... Tudo nele é intimidador. Lembro-me dos braços fortes sobre mim no momento em que quase fui atingida pelo tiro daquele louco, um arrepio me percorre a espinha e minhas pernas falham.

— Você deve ser o Samuel. — Minha voz sai esganiçada.

— Sim, por que tanta insistência em me agradecer pessoalmente? Acha que não sei que tipo de gente você é?

Gosto dele, apesar de o meu corpo estar tremendo, mas é só um efeito colateral da violência que sofri na adolescência. Logo passa.

— Vejo que já tem conceitos pré-definidos sobre o “tipo” de gente que eu sou. Permita-me uma apresentação formal. — Eu me aproximo dele e estendo a mão. — Bispa Tabita Rocha, é um prazer te conhecer, Samuel.

— Infelizmente, não posso dizer o mesmo.



GABRIEL

Minha vida está uma droga sem a Paladina, isso deve ser castigo divino, tudo dando errado. Fiquei sabendo pelo advogado da IRDM que estão procurando um meio de me impedir de trabalhar no setor jurídico da igreja, e eu só posso rir. Já consegui tudo que queria lá, não me importo de ser desligado daquele lugar.

Devia ter ficado longe, mas o que fiz? Eu me apaixonei pela única mulher que não podia. A porra do Quimera está me enchendo o saco, porque a Lídia anda fuçando outra vez onde não deve. Como se não bastasse, agora ela tem um policial a tiracolo. O idiota do Daniel enfiou um monte de merda na cabeça do meu pai, agora o velho quer que ter uma conversa de homem para homem.

Até parece que meu irmão é um santo, mas o babaca não perde por esperar, o que é dele está guardado. Um dia ainda revelo ao mundo toda a podridão que ele esconde. Não que eu me orgulhe disso, mas as pessoas precisam saber que as aparências enganam mais do que se imagina.

Estou jogado no sofá do escritório da casa de festas, já bebi muito mais do que deveria. No momento, me odeio por ter escolhido o caminho mais longo. Porém, ainda tenho uma garrafa de *whisky* na mão. Pego meu celular, desligo a porra da música depressiva e fico olhando as fotos da Lídia. Ela tinha que ser assim tão linda? Claro que não!

A Tah continua me pressionando para ir para cama com ela. Ainda bem que consigo despistá-la ou minha vida se tornaria um inferno com sua presença

constante. Vou adiar isso o quanto puder, já estou muito perto do meu objetivo, não preciso dessa falsa santa no meu encaixe.

A porta se abre de uma vez e observo a pessoa à minha frente. Reviro os olhos, era só o que me faltava.

— Às suas ordens, alteza real. — Com um sorriso no canto da boca, imito uma reverência.

— Tá bêbado, Gabriel?

— O que você acha? As garrafas vazias sobre a mesa são parte da decoração. — Vamos irritar um pouquinho o alto comando. — Não se incomode, não é nada que um banho de água fria não resolva.

Quimera me puxa pelo colarinho com força e me solta novamente no sofá com arrogância.

— Continua o mesmo babaca de sempre — constata, caminhando de um lado para o outro na minha frente. — Aquela linguaruda anda fuçando por aí, Gabriel. Você garantiu que a manteria calada e não estou vendo isso.

— Vá à puta que pariu! Não vou fazer nada, faça você. Não é tu que manda em tudo por aqui? Nem quero ver aquela desgraçada. — Minha voz sai embolada. — Quero mais é que se dane!

Eu me admiro com a capacidade que tenho para atuar, e só estou melhorando a cada dia. Preciso fazer com que acreditem que eu não gosto dela tanto assim, talvez a deixem em paz.

— Ótimo, melhor para os nossos negócios.

O rosto sombrio me encara, procurando os motivos da minha irritação, e vejo um sorriso de satisfação surgir.

— Ah! Não me diga que a Paladina partiu seu coração? — O sorriso se transforma em uma gargalhada debochada, que ecoa pelo ambiente enquanto senta na cadeira giratória atrás da escrivaninha, colocando os pés sobre a mesa. — Aquela puta te deu um pé na bunda? Bem feito, já te disse milhões de vezes para não misturar trabalho com diversão.

— Não fode! — Tento me levantar e dramatizo uma queda no sofá.

— Conhece o policial que está andando com ela? O tal Guerra?

Sabia que, cedo ou tarde, a conversa ia chegar nesse idiota.

— É um tira metido a besta, que se acha dono do mundo!

— Investigador. — Os olhos misteriosos me encaram e noto o brilho perverso neles. — Sei tudo sobre ele e você também devia, Gabriel. Ele está atrás de mim há oito anos, devia dar mais crédito ao homem.

Realmente, conhecemos o investigador Raoni Guerra de longa data, mas gostamos de fingir o contrário. Uma piada interna. Pelo olhar de Quimera, já posso imaginar o que tem em mente.

— Então, é agora que eliminamos as cartas fora do baralho? — Seguro a arma que estava na mesa de centro e aponto para porta. — Vai ser um prazer matar aquele filho da puta.

Jamais mataria policiais, mas ninguém precisa saber disso. Para Quimera, eles são a personificação de tudo de ruim que possa existir no mundo. Na última conversa que tive com Lídia, falei para ela pedir proteção policial, Quimera não é alguém em quem cofio cegamente. Apesar da minha dor de cotovelo, eu me sinto aliviado por ela ter seguido o meu conselho.

Tenho seguido Lídia nos últimos dias, o Guerra a está cercando o tempo todo, parece até um cão de guarda. Mirei a arma em sua cabeça por muitas vezes essa semana, mas não posso me dar a esse luxo apenas por ciúmes.

— Não disse isso, seu imbecil. Dê um jeito, sem matar o investigador. Acidentes acontecem, você sabe. Só preciso que ele esqueça por um tempo essa história de me pôr na cadeia. Depois, eu sumo novamente.

Coloco a arma de volta na mesa de centro, exibindo uma expressão frustrada.

— Tá ficando com medinho dos tiras? É isso ou eu que estou bêbado mesmo?

— Talvez você possa incluir sua amada Paladina nesse pequeno inconveniente que pode acontecer ao investigador. Não, melhor eu dar um jeito naquela mulher.

Respiro fundo, me levanto cambaleando e vou até a escrivania, quase caio no percurso. Quando me apoio sobre ela, aponto o dedo na cara de Quimera.

— Como é que é? Que porra é essa? Avisa para o seu pessoal que a Lúdia vai continuar exatamente onde está, não adianta você espernear. — O ódio está estampado na minha voz, que se dane a chefia. — Sei que você tem essa vontade louca de matar minha jornalista, mas segura a sua onda. Aliás, penso que esse é um crime que você não quer carregar na sua bagagem, portanto, deixe a Lúdia em paz ou vai sofrer as consequências.

— Uau, tô morrendo de medo, Gabriel! Que cena patética essa, viu? — diz, levantando-se de uma vez e seguindo em direção à porta. — Receber ameaças de um bêbado que nem consegue ficar de pé! Faz um favor a si mesmo e vai para casa. Depois resolvemos o que fazer com a Paladina ou com o policial idiota, vamos dar um jeito neles juntos.

Talvez a bebida tenha afetado a minha capacidade de ser claro com as minhas palavras. Quando a porta é fechada, fico pensando em qual parte do “*não faça nada com a Lúdia*” Quimera não entendeu?



LÍDIA

Um mês e meio depois do incidente com o atirador e Tabita continua se aproveitando do fato para estar na mídia. Sem mencionar as campanhas absurdas que ela e sua equipe de pastores picaretas já tinham criado em torno disso.

A primeira campanha foi feita dias após o acontecimento, uma pouca-vergonha sem tamanho, que me deixa horrorizada com a capacidade humana de explorar a fé de pessoas leigas. Com a cara mais lavada do mundo, Tabita foi capaz de pedir dinheiro aos seus fiéis, valendo-se de uma mentira criada por ela mesma. O pior é que as pessoas acreditam em qualquer baboseira que a bispa fala.

Tabita foi convidada a entrevistas por grandes emissoras de televisão, dava para ver em seu rosto o quanto estava adorando tudo aquilo. As pessoas massageavam seu ego e ela aproveitava para disseminar sua fé distorcida, como se fosse uma porta-voz de Deus na Terra. Seus olhos brilhavam diante das câmeras e do grande público, ela sempre foi facilmente seduzida pela fama e poder.

Não suporto toda a hipocrisia em torno dela. Essa mulher acabou com as possibilidades que eu tinha de crescer em uma família feliz. Ela mente em nome de Deus. Na última semana, colocou a leilão o lenço manchado de sangue que foi usado para estancar o sangue enquanto a ambulância chegava para prestar atendimento.

A nova campanha que ela acabou de lançar em um “ao vivo” nas redes

sociais não podia ser mais idiota. Promete prosperidade às pessoas e, em troca, os fiéis devem fazer uma coisa muito simples: beijar os pés da bispa no altar após o culto. Mas, para ter esse direito, precisam fazer uma doação com valores acima de duzentos reais.

Assisto ao vídeo mais uma vez sem conter a gargalhada. Os colegas de trabalho me olham sem entender o que se passa. Tabita Rocha só pode ser louca ou ter algum transtorno de personalidade, porque não é possível que alguém seja normal e faça essas coisas.

Com as constantes aparições dela, a mídia e os sites de fofoca estão alvoroçados e divididos. Alguns tentam provar que ela é mesmo o anjo que aparenta ser enquanto outros querem descobrir algum podre dela. O problema é que eles não sabem procurar direito e a equipe de Tabita Rocha sabe esconder muito bem as pontas soltas da vida dela.

Não resisto e resolvo gravar um vídeo no meu horário de almoço. Nem sequer edito e jogo na rede. Em meia hora, já tem uma repercussão que eu não esperava. Muitos acessos, muitos comentários. Pelo menos, fiz a minha parte e chamei atenção das pessoas para o caráter duvidoso dessa maldita mulher.

No jornal, as coisas estão fervendo. Recentemente, fiquei responsável pela coluna de política no site da emissora em que trabalho. O nome do momento é Daniel Rocha, o deputado evangélico que conseguiu aprovação para o projeto da construção de um centro de reabilitação de dependentes químicos — tudo isso custeado com o dinheiro do Governo Federal. As pessoas tecem elogios para ele e mal sabem que isso se trata apenas de dinheiro, o deputado posa de bom moço, mas ele e a esposa são tudo farinha do mesmo saco.

Estou trabalhando secretamente há dias e não vejo a hora de jogar os podres do deputado para o grande público. Apenas eu e minha chefe sabemos do conteúdo real da matéria. Fui à capital e acabei descobrindo muita sujeira. Depois da publicação no jornal, quero garantir que a polícia também se interesse pelos negócios ilícitos do meu cunhado.

Faço algumas anotações no meu bloco e lembro da minha mãe. Eu queria tanto que ela saísse do casulo. Há pouco tempo começamos um acompanhamento com um conceituado profissional da área. Apesar de ela tomar remédios há anos, pareciam não fazer mais efeito, por isso a medicação foi

trocada. Estou confiante que, desta vez, ela vai melhorar e vou ter a minha mãe de volta.

Raoni não me disse nada, mas sei que tem um à paisana me seguindo há dias. O investigador está diferente desde a nossa conversa sobre meu parentesco com Tabita e o beijo que não voltou a se repetir, talvez ele seja alguém em quem eu possa confiar. Não descobrimos nada relevante sobre Quimera, apenas indícios de uma megaoperação de vendas de armas, mas nada confirmado.

Submersa no trabalho e nos meus dramas pessoais, eu me distraio, quando percebo, já é noite. Tenho que entregar essa matéria amanhã cedo ou a minha chefe vai me deixar louca. Nos últimos dias, tenho saído muito tarde da redação. Deveria ter medo de andar sozinha por aí, mas não me sinto em perigo.

Hoje não é diferente, passam das dez quando finalmente concluo meu trabalho, desligo tudo, pego meu carro e dirijo tranquilamente pela noite. Percebo um carro me seguindo, tento manter a calma e agir naturalmente, mas, quando entro no túnel deserto, o veículo preto me fecha pela frente, quase batendo em mim. Sou obrigada a parar, porque outro SUV preto surge — Deus sabe de onde — logo atrás de mim e me impede de dar ré e seguir meu caminho.

Lembro-me do que Raoni me fez prometer e seguro forte meu celular. Ninguém vai me matar agora, ainda tenho muita gente para colocar na cadeia. Disco o número. Quando vou apertar o botão da chamada, escuto uma batida no vidro.

Um homem moreno me convida a sair do carro. Pela sua cara de poucos amigos, eu faço o que pede sem pestanejar. Desço e ele deixa transparecer a arma sobre o terno elegante, estremeço e caminho na direção que ele me indica. Tem quatro homens o acompanhando e são igualmente intimidadores.

Droga!

Normalmente, não tenho medo de nada. Isso só pode ser coisa do Quimera. A adrenalina percorre as minhas veias. Eu vou ficar frente a frente com ele. Na certa, irei morrer também, devo ter chegado muito perto dele. Repasso tudo que fiz nos últimos dias e não consigo ligar nada. Será que Daniel está envolvido até nisso?

Isso é novo. Sempre que incomodo esse bandido, ele manda um cão de

guarda para me assustar.

— Entra no carro. — O homem intimidador aponta para o SUV preto atravessado na pista e olho para o meu carro, medindo a distância. Talvez eu deva correr. — Nem se atreva! Quanto ao seu carro, não se preocupe, me encarrego de deixá-lo em um lugar seguro.

— Sabem que, se me matarem, vão ter um problemão. A polícia está me seguindo há dias — digo, apertando discretamente um botão de chamada sobre o nome de Raoni.

Meu celular é arremessado longe por um dos homens.

— Que porra! Ted! — o cara moreno esbraveja.

— Ela estava ligando para alguém.

— E daí? Quem diz o que você deve ou não fazer sou eu. — Ele aponta o dedo na cara do outro. — Quanto a você, Paladina, tenho uma surpresinha. Entre no carro!

Sou empurrada para dentro do carro, ele fecha a porta.

Estou tremendo, onde eu me meti dessa vez? Dentro do carro, está escuro demais, tento me acostumar à penumbra e percebo uma silhueta do outro lado do banco.

— É sempre um prazer vê-la, Lídia.



RAONI

Tem alguma coisa muito errada acontecendo. Desde que o meu celular tocou a primeira vez, estou vagando feito um louco procurando a Lídia. Já fiz duas vezes o percurso da redação à sua casa e nenhum sinal dela. Não é possível que tenha evaporado bem debaixo do meu nariz.

Esmurro o volante do carro, ligo mais uma vez para ela e cai direto na caixa postal. Um medo me percorre o corpo. E se o *Quimera* a tiver pegado. Melhor não pensar nisso.

Estaciono do outro lado da rua, em frente ao prédio, desligo o carro e observo Thor, o policial que estava responsável por ela, sentado na portaria, agindo de forma natural. O homem descuidou um segundo e a perdeu de vista. Ele está se sentindo culpado, mas acho que ele não teve culpa, alguém conspirou para que isso acontecesse.

Fico dentro do carro, observando atentamente as pessoas que circulam pela rua e tentando achar algo suspeito. Um SUV preto se aproxima devagar, pego meu celular e tiro uma foto da placa. Ele estaciona na frente do prédio, fica só alguns minutos e parte apressadamente. Noto um cara em uma moto próximo à esquina, observando atentamente a movimentação da rua.

Lídia está parada na portaria do prédio, encostada na parede e... Meu Deus, ela está chorando!

Desço em movimentos despretensiosos, vejo a moto acelerar devagar e se

aproximar. Toco a arma no coldre e espero o motoqueiro, que me encara por baixo da viseira quando passa. Atravesso a rua em uma falsa tranquilidade, mas estou em alerta. Fui treinado para saber lidar com esse tipo de situação. Olho para o lado e vejo uma mulher se afastar do prédio, encarando Lúdia, e digitar algo no aparelho celular. Porra! Onde é que a Lúdia foi se meter?

Thor me encontra no meio do caminho e joga minhas chaves para ele.

— Segue aquela moto e descobre de onde diabos ela apareceu — ordeno.
— Eu te mandei a foto da placa do carro, acione a DP e peça para o pessoal rastrear de quem é.

Olho de um lado para o outro e noto que a maldita mulher também virou fumaça. Disco o número de Assis, ele atende no primeiro toque e acompanho quando Lúdia entra desorientada no prédio, limpando as lágrimas.

— Assis, pegaram a Lúdia — informo sem rodeios enquanto mostro meu distintivo para o porteiro liberar a minha entrada —, mas já estou com ela. Mande dois homens para o apartamento dela, temos grandes chances de pegar o Quimera hoje, alguma coisa me diz que ele está envolvido nisso. Ela ficou fora do mapa por mais de uma hora... Não, o Thor a perdeu de vista... Tá, eu prometo não sair de perto dela, chefe.

Apresso o passo e consigo alcançar Lúdia no segundo lance de escadas. Ela está sentada, encolhida nos degraus em uma crise de choro. Indefesa, como nunca imaginei vê-la. O seu corpo todo treme. Não tenho ideia do que fazer, então, sento-me ao seu lado e a abraço.

— Shhh... Já passou. Calma, Lúdia, eu estou aqui. Não vou deixar que nada aconteça a você. — Afago suas costas, mas ela parece não me ouvir, os espasmos tomam o corpo frágil.

Passamos longos minutos assim, até que ela consegue se controlar.

— Você não pode ficar aqui, ele vai matar nós dois. — A voz está embargada pelo choro e ela tenta se soltar dos meus braços. — Vá embora, Raoni!

Eu a solto e a encaro, o pânico estampado em seu rosto me diz que a ameaça é real.

— Não vou te deixar nesse estado, tem pessoas perigosas atrás de você. — Eu a fito, preocupado. — Precisa me contar o que aconteceu.

— Não posso, ele vai me matar — afirma, escondendo o rosto entre as mãos.

— Olha para mim, Lídia — peço, tocando seu rosto. — Me conta o que aconteceu. Eles te machucaram? — O medo toma conta de mim quando percebo essa possibilidade.

Ela apenas balança a cabeça.

— Ele vai me matar, eu sei que vai — continua repetindo como um mantra, balançando o corpo de um lado para o outro.

Mas que droga!

— Quem a deixou assim? — Paro por um momento ao me lembrar da conversa com Assis dias atrás. Não pode ser! Meu celular vibra no bolso e a mensagem na tela confirma as minhas suspeitas.

Filho da puta!

Levanto numa tentativa de acalmar meus nervos. Eu vou matar esse vagabundo com as minhas próprias mãos. Não, ele não foi capaz disso! Esse homem medíocre tem uma imagem a zelar. Eu me abaixo e pergunto mais uma vez a ela quem a deixou naquele estado.

— Daniel Rocha...

Soco a parede, mas queria mesmo era socar a cara desse babaca. Eu quero colocá-lo atrás das grades desde o dia que descobri o que ele fez com Lídia e ficou impune. Eu o investiguei nos últimos dias, na verdade, não encontrei absolutamente nada sobre ele. Mas ontem cedo recebi um dossiê detalhado com tudo que ele fez nos últimos dois anos dentro da política, o material simplesmente apareceu na minha mesa do nada. Apesar de ele se achar acima da lei, agora ele não me escapa. Esse canalha não pode ficar impune pelo que fez a Lídia.

Virei a noite lendo todas as provas e algo me chamou atenção. Tenho uma

suspeita de que ele também esteja envolvido com o Quimera, tudo parece entrelaçado. Daniel, Gabriel e até mesmo a Tabita. Todos eles parecem ligados de alguma forma, porém, não consigo achar o fio da meada nesse emaranhado de mentiras. Cheguei à conclusão de que um dos três — ou todos eles — conhece a verdadeira identidade do criminoso.

Não me importo com a merda da posição que Daniel ocupa dentro da política nacional. Após ler tudo, fiz a denúncia e estou aguardando o juiz expedir o mandado de prisão preventiva. Não contei à jornalista, porque ela não tem ideia de que sei sobre o que o deputado fez.

— O que esse babaca fez com você, Lídia?

— Por enquanto, nada — ela continua encolhida —, mas vai fazer se a minha matéria sair amanhã e se descobrir que falei com a polícia.

Ela chora. Sempre a vi como alguém forte, que enfrentaria tudo e todos. É a segunda vez que a vejo assim, tão frágil, e sei que, por baixo de toda essa capa destemida, existe uma garota que precisa ser cuidada. Neste exato momento, eu quero fazer isso.

Sento-me novamente ao seu lado e a abraço.

Como um homem com uma aparência incorruptível pode causar tanto dano a alguém como Lídia? Vou prendê-lo, nem que seja a última coisa que eu faça em vida.



LÍDIA

Uma hora antes...

— É sempre um prazer vê-la, Lídia.

Quando reconheço a voz de Daniel dentro do carro, meu coração dispara. Arregalo os olhos e me encolho no canto da porta. Ele dá um sinal ao motorista e o carro começa a andar.

— D-Daniel? — Minha voz sai trêmula.

— Surpresa em me ver, querida? — Ele se aproxima devagar e toca meu rosto. — Pensou que fuçaria a minha vida e eu não iria ficar sabendo? Que menininha tola você é, hein?!

Tento me esquivar do toque.

— Me solta Daniel ou...

— Ou...? Acha que pode me intimidar como faz com a sua irmãzinha? Não temos laços de sangue, posso te matar agora mesmo que ninguém vai saber, sua prostituta ordinária! — ele está gritando e me encolho ainda mais, lembrando-me dos momentos de terror que vivi anos atrás.

Daniel aperta meu braço e cheira meus cabelos. Sinto nojo do seu toque. Revivo os momentos aterrorizantes em que ele me drogou e me manteve presa

naquele galpão sujo no meio do nada. Não pode acontecer de novo! Agora a polícia poderá prendê-lo, pelo menos é essa a esperança que tenho se algo me acontecer. Esquivo-me novamente e vejo o sorriso debochado em seu rosto.

— Sua carniceira, achou que seria fácil jogar minha reputação na lama? — Ele aperta meu queixo, me forçando a encará-lo. — Isso... Quero que se lembre exatamente quem e do que sou capaz de fazer a qualquer um que atravessar o meu caminho. Você era tão novinha, quantos anos? — Finge não lembrar. — Ah, quinze. Quão ingênua você foi, Paladina. Eu só queria ganhar sua confiança para depois te dar uma lição.

Não consigo controlar o medo e o choro descontrolado. Recebo uma bofetada e depois sou forçada a olhar para o rosto que assombra minhas madrugadas.

— Pare de chorar e escute o que vou te dizer. — Eu o encaro, cheia de medo, e ele sorri satisfeito com o que me causou. — Isso, bichinho, tenha medo de mim. Onde está a destemida Paladina agora? Para onde foi a jornalista impetuosa que coloca bandidos atrás das grades?

Desvio o olhar.

— Olhe nos meus olhos, sua desgraçada. Não vai falar nada sobre mim nesse seu jornaleco meia boca. Nem ouse tocar no meu nome, ouviu bem?

Minhas lágrimas escorrem pelo rosto, mas não lhe dou nenhuma resposta.

— Fiz uma pergunta e exijo uma resposta! Acha que não sei como te calar? Acredita mesmo que vão te dar crédito se disser que droguei você, que a mantive presa em um galpão vazio e fétido por dois dias sem comer? Sou um homem de família, tenho um nome, uma reputação. Delete, rasgue, queime, engula... seja lá como for, dê um fim a essa matéria ou darei um fim em você. Sabe muito bem que não sou como esses bandidinhos que você caça e põe na cadeia. — Daniel encosta a boca em meu ouvido. — Diferente deles, eu sempre cumpri todas as ameaças que já fiz a você, não é verdade, *cunhadinha*?

Meu corpo estremece. Esse homem é o próprio demônio. Talvez seja um mal de família, porque, apesar de amar Gabriel, ele não é a melhor pessoa do mundo. Daniel domina a arte de enganar as pessoas de uma forma que deixaria o próprio diabo de queixo caído.

Em pensar que um dia confiei cegamente nas palavras dele, cheguei a pensar que me ajudaria a desmascarar Tabita. Pensei que a bispa era uma bruxa e ele, o mocinho. Então, ele me atraiu para seu escritório com uma história de que tinha algo comprometedor contra a sua própria esposa. Quando cheguei lá, fui drogada e desmaiei. Quando acordei, estava em um galpão sujo no meio do nada, sem água ou comida. Fui torturada psicologicamente das piores formas possíveis, tudo isso para que parasse de buscar coisas para desmascarar os dois.

A única pessoa que sabe disso é Assis, e contei há pouco tempo, porque ele quis saber o motivo pelo qual nunca cito Daniel em meus vídeos. Fui incapaz de mentir para o delegado. Quando aceitei fazer essa matéria, achei que finalmente me vingaria dele e o colocaria atrás das grades. Então, ele pagaria por tudo que me causou.

Tremo e choro — tudo ao mesmo tempo. Ele se aproxima e me força a encará-lo, pressionando com força meu maxilar.

— Eu sei que lembra de mim todas as noites antes de dormir, nunca mais tocou em no meu nome e isso estava muito bom até decidir jogar essa merda no ventilador — diz, puxando meus cabelos para trás. — Sou um homem de família, jamais irá jogar meu nome na lama sem sofrer consequências drásticas. Se fizer exatamente o que pedi, garanto que a mantereí viva. Se soltar uma única palavra do que aconteceu aqui, se soltar a porra da matéria... Grave bem isso: eu te mato, Lídia. Não vai ter ninguém no mundo capaz de te esconder de mim, estamos entendidos?

Eu me desespero e choro sem controle, sabendo que pode ser o meu fim. Estou nas mãos desse maldito homem. Em um ímpeto, ele aperta as mãos em torno do meu pescoço e o ar me falta, sinto minhas pernas fraquejarem. Vou morrer, tenho certeza disso.

“Deus, por favor, me proteja e não me deixe morrer assim”, suplico em pensamento. Então, repentinamente ele solta meu pescoço e se afasta de mim, com o rosto pálido como se tivesse vendo um fantasma. O carro continua a vagar sem destino pela cidade. Ele afrouxa a gravata e eu continuo estática enquanto percebo sua respiração ficar cada vez mais irregular, como se estivesse sendo sufocado por uma mão invisível.

Pela expressão em seu rosto, tenho certeza de que alguma força

sobrenatural o está impedindo de fazer comigo o que quer que ele tinha em mente.

— Para o carro, porra! Eu vou descer... — ordena ofegante. — Leva essa mulher para o raio que o parta e garanta que ela não vá falar com ninguém da polícia.

Respiro profundamente ao me ver sozinha no carro.

Obrigada, Deus!

Poucas coisas me fazem perder o controle, mas Daniel Rocha é alguém que devo temer. Revivo o que fez comigo com mais frequência do que gostaria. Em meus sonhos, sempre escuto as palavras ditas em meus ouvidos e os malditos momentos de terror... Ele era alguém em quem eu confiava, se aproximou de mim, fingindo que me ajudaria a destruir Tabita, porém, a única pessoa que saiu destruída fui eu.

Já pedi muito a Deus para que me fizesse esquecer tudo o que aconteceu. Aos poucos, as lembranças estavam se apagando, só que, depois do encontro de hoje, tudo voltou mais vivo do que nunca. Eu só quero ficar sozinha com o medo que estou sentindo, só quero chorar pelos infortúnios da minha vida. Neste momento, apesar de saber que Deus me livrou da morte, tenho certeza de que ele se afastou de mim. A dor corta meu peito e as minhas feridas sangram como nunca havia permitido.



LÍDIA

Quando Raoni me alcança, sua reação diante do meu desespero me surpreende. Sinto-me segura perto dele, mas sei que Daniel pode fazer qualquer coisa para conseguir o que quer. Ainda me pergunto como soube de tudo, eu estava tão perto de colocá-lo atrás das grades por meios legais e sem expor nada sobre mim. As ameaças ecoam na minha cabeça e não consigo parar de chorar. Não consigo controlar o meu medo.

— Que matéria, Lídia? — Raoni me pergunta, confuso e visivelmente perturbado com tudo o que imagina ter acontecido.

— Desculpe, sei que devia ter contado, mas era meu trabalho e quis manter segredo.

— Foi você quem deixou aqueles documentos na minha mesa?

— Sim, mas não queria que soubesse que tinha sido eu até a matéria ser divulgada. Trabalhei nas últimas semanas em uma matéria sobre corrupção e lavagem de dinheiro. Na verdade, tinha muita coisa pronta e quando veio a oportunidade, me lancei de cabeça. O foco principal é o deputado Daniel Rocha, estava tão perto de desmascará-lo...

Limpo as lágrimas que ainda insistem em cair, temo que façam alguma coisa contra as pessoas que me cercam. O homem me encara, pensando no que dizer, e sua expressão me assusta.

— Por que quer desmascará-lo? — Ele não me olha ao fazer a pergunta.

— acredite, meu cunhado é alguém que você deve temer. Ele nunca foi santo, apesar da fachada.

— Sei exatamente quem ele é, mas preciso que me conte por que tem tanto medo dele e não tem do Quimera. Aliás, Daniel pode ser ele...

Não é difícil responder a essa pergunta. Não... Esse bandido, apesar de ser extremamente perigoso, nunca faria o que o meu cunhado faz. Sei exatamente do que ele é capaz de fazer a mulheres indefesas. Daniel é violento e sem escrúpulo algum. Por baixo daquela pele de cordeiro, existe um lobo pronto para atacar. Já soube de muitas histórias... Descobri que Quimera não tolera homens covardes e eles são punidos com uma morte lenta e dolorosa. Confesso que houve um tempo em que pensei seriamente nessa possibilidade, comecei a descobrir assassinatos atribuídos ao Quimera de homens que cometeram algum ato de violência a mulheres indefesas.

— Ele jamais poderia ser quem procuramos. Daniel é o tipo de homem que Quimera mataria. — Vejo Raoni cerrar os punhos. — Tenho provas de que o Quimera abomina isso... Apesar do meu embate público com esse bandido, nunca fui ameaçada dessa forma por nenhum capanga dele, nem mesmo Gabriel tentou. Daniel é um demônio disfarçado de anjo, ele corrompe a alma das pessoas de uma forma quase irreparável.

— Não vou deixar que ele chegue até você — diz, apertando os seus braços em volta do meu corpo. — Antes que isso aconteça, eu mato aquele desgraçado! Vamos subir, precisa de um banho e comer alguma coisa.

Raoni levanta e me ajuda a subir os degraus. Chegamos ao meu apartamento e mamãe está sentada de frente para a TV. Seu olhar não está perdido. Seu semblante, sereno. Sinto cheiro do meu bolo preferido no ar e vejo a bandeja sobre o balcão. Alguma coisa boa tinha que acontecer em meio a todo o caos.

— Vai ficar aqui? — pergunto a ele, antes de seguir para o quarto.

— Se incomoda?

— Não. — Indico o sofá próximo à mamãe. — Sente-se, eu volto logo.

Dou alguns passos em direção ao quarto, mas estanco ao notar algo sobre o aparador. Seguro a pulseira em minhas mãos. Não é possível. Ana Fonseca está diferente hoje e isso é um fato, mas não posso acreditar no que vejo. Balanço a cabeça, sei que é impossível.

Entro no quarto, tomo um banho demorado para tirar todas as marcas do que vivenciei nas últimas horas, e choro novamente. O que ele fez comigo foi desumano, foi cruel. Conquistou a minha confiança e a quebrou da pior forma, as palavras dele ecoam na minha cabeça. Preciso fazer alguma coisa para impedir a matéria de ir ao ar amanhã. Não sei o que dizer para Sara. O medo continua aqui, tremo só em pensar no que pode acontecer.

Encaro a pulseira em cima da cama, ela pertenceu a alguém que minha mãe amou muito, mas acredito que esteja morta. Sigo até a cozinha, pego um prato e vou até o balcão para tirar uma fatia do bolo — o cheiro da minha infância está por toda parte — e me surpreendo ao vê-lo pela metade. Ela esteve aqui. Pressiono a pulseira em minhas mãos. Agora estou paranoica, era só o que faltava.

Mamãe está sentada em silêncio, como sempre, perdida em seu mundo interior. Às vezes, sinto como se não tivesse aqui. Ela levanta, sai sem dizer uma palavra e Raoni analisa a cena sem nada dizer.

O fato é que estou sozinha nisso. Meu irmão morreu, a irmã que conheci está morta e tenho que me acostumar com isso. Não restou nada dela em Tabita Rocha. Choro silenciosamente ainda com o objeto entre as mãos. Raoni me observa, tentando entender o que se passa. Perdi quase tudo que amava, apenas a minha mãe restou e não sei se consigo tirá-la desse maldito abismo. Ela perdeu tanto... Tenho medo de que nunca volte e fique presa em seu mundo de dor.

— Está tudo bem? — Raoni pergunta, se aproximando.

— Sim. Foram muitas emoções e não sei lidar com as ameaças de Daniel — minto, porque não sei como explicar sobre a pulseira em minhas mãos.

— Já pensou no que vai fazer? — Deve ser impressão minha, mas a maneira como ele fala denuncia que já adiantou as coisas e que não vou poder voltar atrás.

Estremeço com a ideia.

— Ele é perigoso, Raoni. Você não pode ir contra Daniel Rocha — tento inutilmente convencê-lo a desistir de qualquer decisão que tenha tomado.

Minha respiração está ofegante, tenho pavor do que pode acontecer. O homem se aproxima cautelosamente e toca meu braço.

— Não vou permitir que aquele filho da puta toque em um fio de cabelo seu, Lídia. Ele não vai sair impune dessa, pode ter certeza. — Vejo uma centelha de ódio em seu olhar ao me fitar.

Quero desesperadamente acreditar nele, mas não consigo evitar o medo crescente em mim. Só que ele está determinado a me fazer acreditar em suas palavras.

— Você é jovem, destemida... — ele toca meu rosto, enquanto fala — ...nunca conheci alguém tão determinado e dedicado à profissão como você. Eu me recuso a acreditar que um miserável como aquele deputado de merda vai conseguir o que quer. Prometa para mim que não vai deixar que te tirem isso, que calem a sua voz.

— Mas vou morrer se fizer isso!

— Não, não vai. A polícia não vai permitir isso. A justiça não vai permitir isso.

Talvez Raoni esteja certo, mas não sei se estou disposta a correr esse risco. Ele afaga meu rosto, me dando a confiança de que preciso. Então, tomo minha decisão.



TALISSA

Algumas vezes durante a minha vida, acordei pensando estar no lugar de outra pessoa, mas nunca me lembro ao certo de quem é.

Hoje é um desses dias. Logo que me levanto, alguém me liga, cancelando os planos para o fim de semana. Não faço ideia de quem seja. Sento-me na cama, encaro minhas mãos e vejo a aliança em meu dedo. Olho em volta do quarto e não reconheço a suíte luxuosa, mas tem fotos minhas espalhadas —não me lembro de tê-las colocado aqui. Estou ao lado de um homem elegante, que me dá uma vaga ideia do garoto que amei um dia.

Oh, céus, será que me casei com ele? Cubro a boca em espanto.

Sinto como se tivesse dormido por muito tempo e não conseguisse me lembrar do que aconteceu nesse intervalo, estou perdida no tempo. Preciso da minha mãe, é só disso que tenho certeza.

Alguma coisa não se encaixa bem. Visto as roupas rapidamente, verifico as gavetas do closet e encontro algumas notas dobradas no fundo de uma delas. Volto ao armário — cheio de roupas elegantes — e procuro por algo que possa esconder meu rosto: encontro um casaco escuro com capuz.

Preciso sair daqui. Caminho sorrateiramente pela casa até encontrar uma saída. Não há ninguém por onde passo, sinto medo por estar em um lugar completamente desconhecido, mas meu cérebro parece reconhecer o ambiente e

me conduz exatamente para a saída.

Alguma coisa grita dentro de mim e sei que o único lugar que estarei segura é nos braços da minha mãe. Sinto como se não fizesse isso há anos. Entro em um táxi, sigo para a velha casa e lembro-me das coisas que eu passei naquele lugar. O choro vem. Por que me sinto tão perdida?

Minha mãe não mora mais aqui, só que venho ainda assim. É como se esse lugar fosse uma parte de mim. Volto a caminhar pelas ruas, escondo meu rosto no capuz, é manhã e as pessoas andam distraidamente, como se o resto do mundo não importasse. Paro de frente a um telão de LED e encaro o vídeo: a mulher que fala eloquentemente se parece comigo. Sinto um calafrio, como se devesse ter medo dela.

Caminho até o prédio onde mamãe mora e me aproximo da portaria enquanto penso no que dizer. Escuto o homem me chamar pelo nome.

— Talissa, quanto tempo não vem por aqui... — Ele me lança um olhar acusador. — Sua mãe a espera todos os dias aqui embaixo, achei que você nunca mais iria aparecer. Tem ideia do quanto ela sofre esperando pelas suas visitas?

Tomo o elevador, ainda tentando entender a confusão que se passa em minha mente. Ando pelo corredor até estar diante do apartamento, bato à porta e meu coração acelera quando vejo o rosto conhecido da minha mãe.

— Minha filha! — ela diz emocionada, abraçando-me. — Eu sabia que viria. Entre, fiz seu bolo favorito. Maçã com canela.

Sinto o cheiro agradável que vem da cozinha. Minha mãe está diferente, algumas rugas desenharam seu rosto, as olheiras denunciavam seu sofrimento, mas nunca deixou de ser bela. Quando jovem, sua beleza era o que mais marcava, poderia facilmente ter escolhido ser modelo de passarelas, mas escolheu a mim e à nossa família.

— Quanto tempo? — A pergunta é inevitável.

— Seis meses... — responde, caminhando até a bancada de mármore. — Tive medo de nunca mais vê-la, Talissa. Não posso perdê-la, não me perdoaria por falhar novamente.

— Sabe o que aconteceu comigo? Por que não me lembro de nada?

Ela me abraça e chora, sei que não vai me dizer, mas o seu conforto, por ora, é suficiente. Sento-me no sofá, mamãe traz o pedaço de bolo para mim e senta-se ao meu lado. Encaro a aliança em minha mão e me assusto.

— Ela se casou? — Assente. — Quem é ele, você o conhece?

— Há muito tempo... Já te contei. Ele é bom, a entende, mas não posso vê-la.

Imaginei isso. Olho em volta, o apartamento é simples, porém aconchegante. Levanto-me, coloco o prato sobre a bancada e caminho até o aparador. Observo os porta-retratos.

— Éramos uma família linda, o que aconteceu? — Sinto uma dor lacerante em meu peito, eu só queria a minha vida de volta.

— A vida nos separou, querida.

Deito em seu colo e choro. Ela afaga meus cabelos e canta uma música de ninar. Estou me perdendo novamente, sinto isso. Eu queria ficar mais um pouco com a mamãe, mas não posso. Preciso ir.

Abraço-a forte.

— Eu te amo, mamãe, não importa o que aconteça. Diga aos meus irmãos que nunca vou deixar de amá-los e sinto a falta deles todos os dias.

Ela me acompanha até a porta, ouço o girar da fechadura. Eu só queria um pouco mais de tempo, é errado pedir isso? Olho para trás e vejo a porta fechada. Chorando, desço no elevador, talvez não volte a vê-la.

Família é uma coisa que não tenho mais.

Atravesso a avenida e sigo até a igreja aberta. Sento para fazer a minha oração a Deus e sinto meu corpo desabar. Acabou meu tempo.



GABRIEL

— Por que o odeia tanto assim? — pergunto, tentando compreender a lógica do que a mulher acaba de me contar.

— Ele me tirou minha filha... — A resposta é acompanhada de um olhar triste.

É extremamente difícil entender as loucuras dessa mulher.

— Eu o amava, ele não teve a mínima consideração comigo. Disse que me ajudaria. Quando Alicia nasceu, ele me obrigou a entregá-la para adoção. Nunca vou perdoá-lo por isso.

Daniel é um babaca, uma pena que nem todo mundo saiba disso. Obrigou essa louca a entregar sua própria filha para a adoção. Lembram que disse que conhecia alguns podres do meu irmão? Pois é, as mulheres com quem ele se envolve quase sempre acabam na minha sala, contando tudo.

Amanda arruma os cabelos negros e se levanta da poltrona, determinada.

— Aquele cretino vai pagar por cada lágrima que derramei. Quero a minha filha. Vou encontrá-la, nem que para isso tenha que matá-lo. Pouco me importa o que aquela mulherzinha fútil dele acha disso tudo.

Arqueio a sobrancelha e sorrio cinicamente. Eu faço ideia de onde essa

garota possa estar, mas nunca direi.

— Tem o dedo podre da bispa Tabita nessa história? — Estou curioso, nunca se sabe quando poderemos usar informações a nosso favor.

— Acha mesmo que aquela mulher cínica não sabe disso? Provavelmente sim, ela só queria se livrar da minha filha. Me trancaram por todos esses anos e acham que vou ficar calada? Perdi muito tempo da minha vida, mas estou de volta. Preciso da sua ajuda, Gabriel.

Não vou ajudar essa mulher, mas ela não precisa saber das minhas verdadeiras intenções. Só sei que isso tudo é bem confuso, admito, mas não perco essa confusão por nada nesse mundo. Daniel merece uma lição por ser tão presunçoso e babaca.

— Claro, pode contar comigo, Amanda.

A mulher se despede e sai do escritório. Que loucura!

O celular toca. Na tela, vejo que é um número privado.

— Pensei que tinham me abandonado à própria sorte — sorrio ao falar. — As coisas não estão muito boas para o lado do meu irmão. Hora de atacar com todas as armas que temos.

A voz do outro lado pondera as opções que temos. Infelizmente, não posso me dar ao luxo de ter sentimentalismos. Daniel Rocha nunca teve pena de mim, não nadei tanto para morrer na praia. Ah, ele vai pagar por tudo que fez ou não me chamo Gabriel.

Definimos o plano, deixamos tudo às claras. Não sei como as coisas serão agora. Lembro-me de Lúcia. Por que eu tinha que misturar trabalho com minha vida pessoal e envolvê-la nesse furacão?

Encaro meu celular, tem uma foto dela no bloqueio de tela. Não deveria, mas cheguei a esse nível. Abro o aplicativo de mensagens e procuro por seu nome, ela não me responde há dias.

“Espero que um dia me perdoe. Te amo, meu anjo!”

Ok! Devo ser um tipo de sádico que adora sofrer. Sempre me arrependo assim que envio. Guardo o aparelho no bolso novamente para evitar que eu faça ainda mais bobagens.

Não mereço Lúdia por todas as merdas que fiz na minha vida. Talvez um dia tudo se resolva, eu volte a ter uma alma e ela consiga me salvar. No momento, acho improvável, então melhor me manter distante dessa garota.

Viro-me para o computador, abro um programa e dou uma olhada nas imagens de segurança do trabalho dela e a vejo sair distraidamente. Não faça isso, Paladina... Que droga! Porque ela não se atenta aos detalhes, quando dá partida no carro, é seguida por dois veículos. Reconheço a placa de ambos. *Caralho!*

Vão brincar de polícia-ladrão com a minha garota. Desligo o computador, pego as chaves do carro sobre a mesa e caminho até a porta, tiro o celular do bolso da calça e disco o maldito número.

— Que porra você pensa que está fazendo? Eu disse para deixá-la em paz, por que é tão difícil entender isso?

— De que diabos está falando, Gabriel? — Quimera responde calmamente.

— Colocou os caras atrás dela. Vai sequestrá-la? Quer mesmo testar se cumpro as minhas ameaças? O que pretende com isso?

— Escuta aqui, Gabriel, não sei de que porra está falando! Se for da sua jornalista enxerida, não tenho nada a ver com isso. — A voz continua calma.

— Então, por que nosso carro, com nossos homens, a estão seguindo?

— Aposto que isso é coisa do seu irmão. Onde é que eu estava com a cabeça quando fui me envolver com dois idiotas como vocês?

Sinto meu corpo tenso. O que Daniel tem a ver com Lúdia?

— Como assim, o meu irmão?

— Ninguém além de nós três tem acesso aos carros e aos caras. Se não fui eu nem você e não tivemos um alerta de segurança, só pode ser aquele babaca.

Que diabos ele quer com a jornalista? Essa garota não cansa de se meter em roubadas?

Esbarro em algumas pessoas durante o percurso até o elevador, mas demora muito, decido ir pelas escadas. Desço de dois em dois degraus. Quando chego ao estacionamento, corro até o meu carro. Coloco a chave na ignição e ele não liga. *Droga, vão matá-la!* Sinto um aperto no peito.

— Por que diabos o meu carro não pega? O que você fez?

Escuto a gargalhada alta do outro lado.

— Pensa que tenho culpa de todos os problemas do universo? Você se acha muito, seu riquinho mimado.

Minha cabeça dispara todos os sinais de alerta. Daniel não pode fazer nada contra Lídia. Repito o mantra em minha mente, mas não estou convencido disso. O carro finalmente resolve funcionar, ligo o rastreador e tento alcançar a garota, mas, quando encontro seu veículo, não há ninguém nele. Esmurro o volante.

Se o maldito encostar um dedo nela, pode se considerar um homem morto.

— Daniel, não me dê mais motivo para odiá-lo, por favor — grito, chutando o pneu do carro. Tento falar com os caras da segurança, mas ninguém atende o telefone.

Ligo para Quimera novamente.

— Quero a cabeça do meu irmão em uma bandeja de prata. Quem aquele filho da puta pensa que é?

— Calma, caralho. Daniel realmente passou dos limites. — Palmas para ele, conseguiu irritar Quimera, que ótimo! — Nem se deu ao trabalho de fugir das câmeras de segurança. Não fosse pelo meu pessoal, a polícia já tinha pego essas imagens. Os caras disseram que ele está rodando a cidade com a garota no carro, mas não sabe o que pretende.

— Pretende morrer. Juro que, se ele encostar um dedo nela, mato aquele imbecil sem pensar duas vezes.

— Não vai fazer porra nenhuma de cabeça quente, Gabriel. Vai dar um jeito de achar teu irmão e vamos ouvir o que tem a dizer, depois você quebra a cara dele, mata, faz o que quiser. Algo me diz que a Paladina chegou bem perto da gente hoje. Ela não é essa santa que você idealizou, seu babaca!

Cumpro a ordem que recebi. O dia está quase amanhecendo quando encontro Daniel no cais, sentado no deque de madeira, com as pernas balançando sob a névoa do amanhecer. Observo por um tempo antes de me aproximar. Seu olhar está perdido, visivelmente perturbado, nem parece o homem imponente que discursa de forma eloquente na câmara de deputados.

Sorrio internamente, Lúdia tem esse poder. Ela incomoda as pessoas que julgamos mais equilibradas. Não tenho pena, seja lá o que tenha feito, ele mereceu. Ainda quero socar a cara do idiota.

— É incrível como a Paladina consegue incomodar desde o mais poderoso ao mais fraco elo da corrente. — Aproximo-me devagar, ele se inclina para me olhar.

— Como me encontrou? — pergunta desconfiado.

— Pensa que não sei de cada passo que você dá, irmão? Família é para essas coisas. — Sento-me ao seu lado. — Então, vai me contar por que veio da capital para sequestrar Lúdia pessoalmente?

— Não é da sua conta.

— Claro que é! — Existe mais raiva do que deveria na minha voz. — Nunca mais chegue perto dela, está me ouvindo?!

A ameaça o pega desprevenido, esse idiota nunca sabe das coisas. Fica tão perdido no próprio ego que esquece do mundo ao seu redor.

— Ah! Ela é seu novo brinquedinho? — esnoba.

— Cala a porra da boca, Daniel, se não quiser uma bala na cabeça. Levanta e vamos, Quimera tem assuntos a acertar contigo.

Levanto, começo a caminhar e ele nem se mexe.

— Não tenho nada a acertar com ela... Tomo minhas próprias decisões e não preciso de ninguém me dizendo o que fazer.

Balanço a cabeça e sorrio. Daniel pensa que pode com a força dela, mas está muito enganado. Ninguém, até hoje, conseguiu derrubar aquela mulher, muito menos descobrir sua verdadeira identidade, mas nós dois fazemos parte do seletto grupo que sabe quem ela é, e isso por si só já é motivo suficiente para ficarmos alertas e atendermos a qualquer pedido que fizer.

Não que eu tenha medo, Quimera nunca me assustou com sua brutalidade, muito menos com seus traços de crueldade. Eu a tenho nas mãos. Daniel, esse sim deve temê-la, porque se um dia ela resolver acabar com um de nós, com certeza será ele.

— Eu não teria tanta convicção — digo, acenando para o ar e os homens armados que me acompanhavam surgem para persuadir meu determinado irmão. — Tenho ordens expressas para levá-lo, seu babaca, e nem pense que vou deixar barato o que quer que tenha feito com Lídia. Mas antes a madame quer esclarecer alguns termos com você.

— Maldita feiticeira! Ela vai derrubar a todos nós se não a impedirmos. Lídia Fonseca vai ser a nossa ruína, escutem bem o que digo. Parem de protegê-la, isso tudo é culpa de vocês... Já deviam ter dado um fim naquela puta.

Ah! Tem gente que não tem mesmo amor à vida. Não me controlo e dou um soco na cara dele, o derrubando no chão, e aponto a arma para sua cabeça.

— Escuta aqui, seu maldito miserável, nunca mais vai falar dela assim, entendeu?! Puta é a sua mulher...

Daniel sorri, limpando o sangue com as costas das mãos.

— Nunca a provou? Ela deve ser a mulher mais ensossa do mundo, mas apanha calada. — Meu sangue ferve e o sorriso cínico dele só piora as coisas. — É admirável! Parece até que ela nem sente dor.

Descontrolo-me de vez só em pensar nesse maldito machucando o meu anjo. Dou uma coronhada na cabeça dele, esse filho da puta não pode ter feito isso com ela, Daniel deve ter dito isso apenas para me irritar. E conseguiu!

Fico cego pela raiva, bato tanto na cara dele, até que a dor adormeça minha mão. Sou retirado de cima dele.

— Já chega, Gabriel, eu disse para não fazer porra nenhuma de cabeça quente! — a voz incisiva diz em um tom frio.



QUIMERA

— Quer dizer que agora tenho que ficar apartando a briga das crianças birrentas? Façam-me o favor... — esbravejo, puxando Gabriel pelo colarinho e o jogando sobre a poltrona do meu escritório. — Qual parte do que te falei não ficou clara, seu idiota? Quanto a você, senhor deputado, que bonito, hein?! Dois marmanjos rolando pelo chão por causa da porra de uma vadia que ainda vai colocar tudo que construímos na lama.

— Exatamente isso que estava explicando para o meu querido irmão quando ele resolveu desfigurar o meu rosto e seus homens ficaram olhando sem fazer merda nenhuma. Parece que ela o enfeitiçou. — Daniel sente prazer em provocar o irmão e isso me enche a paciência.

— Cala a porra da boca! — Eu pego o kit de primeiros socorros, a bolsa de gelo no frigobar, uma toalha no armário e jogo em suas pernas. — Faz o favor de não sujar meu tapete persa, limpa esse rosto. Como é que o digníssimo deputado vai voltar à capital com a cara de santo totalmente arruinada?

Respiro fundo e giro os anéis de ouro em meu dedo. Poderia enfiar uma bala em cada um e tudo ficaria muito bem, mas não vou fazer isso agora. Outro dia, talvez. Tenho contas a acertar com um dos irmãos, mas antes preciso tê-los completamente envolvidos em meus negócios.

— Quero que me expliquem por que diabos ninguém faz o que peço, do

jeito que exijo? — ênfatizo para ver se me compreendem. — Não aguento mais tanta incompetência. Será que vou ter que mandar trazer homens leais da máfia italiana? Somos a porra de uma equipe ou não?

Daniel abaixa a cabeça como uma criança repreendida pela mãe. Já seu irmão simplesmente me encara, como se nada houvesse acontecido.

— Me desculpe, alteza. — Odeio o tom de deboche contido na voz de Gabriel.

— Com você, resolvo depois. O fato é que Daniel violou as regras, tá querendo arruinar tudo, seu idiota? — Ele exhibe um sorriso cínico, o filho da mãe adora brincar com fogo. — Não se esqueça que deve a mim essa carreira brilhante na política, o sucesso da sua igreja... Todo o luxo que o cerca veio através de mim. Tabita Fonseca não seria ninguém se eu não tivesse dado um empurrãozinho. Então, trate de me dizer por que diabos você está aqui e não na capital, cuidando dos meus interesses?

— A Lúdia fez uma matéria sobre mim, aliás, sobre nós. — Ele gira o dedo indicado a mim e seu irmão. — Aquela puta não faz ideia de que estamos todos juntos nessa. Sou capa e matéria principal do jornal de amanhã... Isso é motivo suficiente?

— Mudei de ideia, alteza. Vou terminar o que comecei. — Gabriel se levanta bruscamente da cadeira e segura o irmão pelo colarinho.

— Não se meta, Gabriel! O que fez com ela é verdade, o que ouvi da sua boca? Bateu na jornalista? Sabe exatamente o que penso sobre isso...

Eu o vejo estremecer e balançar a cabeça negativamente, o homem tem medo de mim. Ele sabe muito bem o que faço com homens covardes. Vou averiguar isso, sinto cheiro de mentiras no ar. Se esse filho da puta tiver realmente tocado na Paladina, é bem provável que eu arranque suas bolas e dê aos cães.

— Não fiz nada que ela não quisesse. — Daniel sorri cinicamente enquanto limpa os ferimentos em seu rosto e olha na direção do irmão. — Então, uma matéria envolvendo meu nome em corrupção e lavagem de dinheiro é ou não um bom motivo para eu estar aqui? — Daniel indaga, como se merecesse um prêmio pela merda que fez.

— Não! Você é bem pago para resolver os meus interesses na câmara dos deputados com a corja de bandidos bem vestidos. Seu irmão cuida do que acontece fora de lá!

Daniel sorri debochado. Ainda estouro os miolos dele qualquer dia desses.

— Jura, dama de ferro? — ele diz, fazendo uma careta de dor quando coloca a bolsa de gelo dos hematomas. — Nunca fizeram nada com ela. Quase mataram a minha mulher enquanto eu estava cuidando da porra dos interesses de vocês.

Eu nunca mataria a bispa, ela é uma peça importante no meu jogo. O que fiz foi apenas para desviarmos o foco das investigações da Polícia Federal.

— Não me venha com reclamações, sabe muito bem que precisávamos daquele espetáculo. No fim, a igreja tem mais fiéis, as mentiras da sua mulher continuam convencendo milhares de pessoas. O nosso dinheiro está sendo lavado da melhor maneira possível e livre de impostos.

— Por que não fizeram a mesma coisa com Lídia?

— Porque sou eu quem tomo as decisões aqui e não você — rebato, não preciso dizer os meus motivos. — Sabia que tinha policiais a seguindo? Que poderiam ter pego você, seu imbecil?

Os olhos estão arregalados, a inteligência de Daniel é inferior ao seu ego. Ele faz as coisas sem pensar nas consequências, fode a minha vida e tenho que limpar a bagunça. Esse é o problema em dar liberdade a uma pessoa: quando você menos espera, ela vai lá e pensa que manda em tudo que é seu. O meu problema é que odeio quem se acha dono do que é meu.

— Não ligo para eles. Mate a vadia! Alguma coisa me diz que as minhas ameaças não foram suficientes.

— Ninguém vai matar ninguém, a não ser que eu queira.

Fecho os olhos e passo a mão pela trança. Odeio surpresas, não esperava por essa matéria. Mantenho olhos e ouvidos bem atentos a Lídia, mas ela tem andado misteriosa ultimamente, não fala dos seus planos com ninguém, a não ser com o Raoni. Talvez eu deva, sim, matar alguém.

Juntos, eles formam uma bomba-relógio prestes a explodir. Não posso permitir isso. Termino a conversa, ligo para o meu contato no jornal e dou um jeito de cancelar a matéria. Por ora, tudo está resolvido.

Nem precisava o Daniel ter vindo fazer terrorismo com a garota, ele bem que merecia ser exposto. Juro que, se não trouxesse consequências para mim, deixaria que ele se ferrasse. Tenho a impressão de que não foi apenas isso que o trouxe aqui, ele tinha um brilho maníaco nos olhos que não me agradou nem um pouco.

Homens são fracos e suscetíveis a erros grotescos, além de se arrastarem para qualquer rabo de saia. Ferir uma mulher, para mim, é um pecado mortal. Esse babaca sabe disso, então acho bom que ele não tenha violado mais uma das minhas regras.

Pelo ódio estampado no rosto de Gabriel, temo pelo pior. Ele bem que tenta fingir que não se importa com a jornalista, mas finge muito mal. Sei que quer proteger Lúdia, não o julgo por isso. Por mais que essa garota encha meu saco, e na maioria das vezes eu queira estourar os miolos dela, nunca vou fazer qualquer coisa que a afete drasticamente.

Seguro o jornal sobre a mesa e Tabita Rocha sorri para mim, em sua melhor cara de santa.

— Controle seu marido, querida — sussurro, passando a mão pela foto no jornal em cima da minha mesa. — Ou adiantarei meus planos para ele.



TABITA

Hoje acordo me sentindo ótima. Coloco meu roupão de seda, prendo meu cabelo, encaro o espelho e lavo o rosto. O tempo foi generoso comigo, porém estou preocupada com a minha saúde nos últimos dias. Tive alguns apagões, minha assistente está insistindo para que eu vá ao médico, mas provavelmente é alguma coisa boba.

Minha roupa está separada no closet. Eu me visto e faço uma maquiagem leve, irei ao centro comunitário às dez para visitar as crianças carentes. Um arrepio percorre a minha espinha só em pensar que terei que abraçar todas aquelas garotinhas remelentas e pegajosas.

Desço as escadas em direção ao jardim para tomar o café da manhã e me sento com elegância. Os empregados me servem com sorrisos nervosos no rosto. Sei que ando impossível nos últimos dias.

— Bom dia, Tah! — Quase engasgo com o suco de uva quando escuto a voz de Daniel. Havia esquecido completamente das ligações desaforadas de Quimera na noite passada.

— O que faz aqui? — pergunto quando ele senta na cadeira à minha frente. Só então vejo seu rosto cheio de hematomas arroxeados. — Deixou o chefão irritado, querido?

Ele balança a cabeça e esboça o que parece ser um sorriso cínico. Conheço meu marido, ou pelo menos acredito que sim. Às vezes, tenho a impressão de

que me esconde algo importante, porque ele me olha como se estivesse à procura de algum vestígio de reconhecimento.

— Ah, isso? — Ele toca os hematomas. — Foi o Gabriel, ele não aguenta as verdades sobre a encenqueira da Lídia.

— Claro, sempre ela! Tem alguma ideia dos motivos para Quimera não deixar que se livrem daquela insolente?

Sinceramente, não entendo qual é a desse cara. Em teoria, trabalho apara ele, mas nunca o vi e nem conheço sua identidade. Tenho motivos para acreditar que Daniel e o irmão sabem de quem se trata. Não que isso importe, tenho dinheiro e isso me basta.

— Faço uma vaga ideia, mas não justifica. Senti saudades de você, desculpe ter vindo assim, Tah.

Existem momentos em que sinto como se ele estivesse sempre representando um papel, como se estivesse me sondando, e hoje isso está me perturbando bastante. A forma como me olha é como se soubesse mais sobre mim que eu mesma.

— Então, tem novidades? Como estão as meninas do seu projeto? E você, como está? — Tenta se desvencilhar do meu olhar curioso.

— Tudo na mais perfeita ordem. Quanto a mim, acho que voltei a ter apagões. Tenho recebido ameaças anônimas, bilhetes... Ontem, quando cheguei em casa, o closet estava revirado. No espelho, estava escrito: “*Estamos aqui*”. O que você fez?

Noto a diferença em seu rosto ao compreender minha fala, está preocupado.

— Não fiz nada, você me conhece. — Os dedos tamborilam sobre a mesa, demonstrando sua inquietação. — Podem fazer algo contra nós?

— Cometemos muitos erros, Dan. Não sei o que fizeram comigo nos dias em que passei naquela clínica, tudo é muito confuso e não faço ideia do que foi ou não real. É você quem deveria me dizer se temos que nos preocupar com o que sabem sobre nós. Então, me diga, devo me preocupar?

Ele passa as duas mãos sobre o rosto e suspira.

— Não há nada para se preocupar, Tah — diz, tocando meu rosto e sorrindo com uma falsa serenidade.

Bons mentirosos se reconhecem, sei que ele está mentindo para mim. Meu celular toca antes que eu possa dizer algo.

— Tabita, acho bom conversar com seu marido se quiser mantê-lo vivo. Não vou tolerar mais erros. Se esse filho da puta cometer mais um deslize, considere-se viúva. Quanto a você, trate de segurar suas amiguinhas antes que estraguem tudo o que levei anos para construir.

Estremeço.

Droga, elas voltaram mesmo.

Existe uma única coisa que amo mais que dinheiro e poder: a minha vida. Não vou permitir que ninguém a tire de mim, não sem lutar.

Daniel me observa quando desligo o telefone.

— Ele vai cumprir as ameaças, acho bom andar na linha, Daniel. Tudo o que temos foi graças ao Quimera, devíamos beijar o chão que pisa. Por que faz isso? Pensa que pode contra Quimera? Eu não me arriscaria tentando descobrir do que ele é capaz. Não seja idiota.

Levanto-me e Dan faz o mesmo. Sei que ele tem rompantes de arrependimento às vezes. Pensa que Deus vai começar a nos cobrar pelo que fizemos, mas não acredito muito nisso. Sei que a pessoa para quem trabalhamos cumprem suas ameaças. Por um tempo, nos encaramos em silêncio.

— Eu só quero te proteger! — ele diz baixinho, e quase sou convencida por suas falsas palavras.

— Não brinque com fogo, Daniel, é perigoso e nos dois podemos nos queimar.

Eu me despeço dele e sigo para o centro comunitário para cumprir minha agenda de compromissos. A manhã é cheia, tenho que atuar muito bem, tem

câmeras me filmando por todo lado. Ao fim do dia, estou exausta e me sentindo suja e cheia de germes. Tudo em nome da fama.

Entro distraída no meu escritório, procurando o celular na bolsa, e, quando passo pelo espelho, noto a mulher atrás de mim e estremeço ao reconhecê-la.

— Quanto tempo, Tah — diz com uma falsa calma e sorriso irônico. — Pensou que eu ia ficar presa para sempre? Que se livraria de mim como se eu fosse uma roupa velha que você não usa mais?

— Vá embora, Amanda, não tenho nada para falar contigo. — Minha voz está alterada.

— Quer que eu divulgue para a imprensa e conte o que fizeram com a minha filha?

Não faço ideia do que essa louca está falando.

— Eu não fiz nada com ninguém. Nem sei do que está falando!

— Ah, Tah, pra cima de mim não... — ela diz em tom de acusação. — Onde está a minha filha?

— Não faço ideia do que esteja falando, Amanda.

O sorriso debochado dela me causa um arrepio, ela tem um olhar mortal, do tipo que denuncia que será capaz de qualquer coisa para conseguir o que deseja.

— Mentirosa! Ela era filha de Daniel, sabia disso?

Não me permito esboçar qualquer reação. Sempre achei que ele me traía com Amanda, mas Daniel me convenceu de que tudo era coisa da minha cabeça e que não havia outra mulher. Eu estava em um momento complicado da minha vida e acabei acreditando nele.

— Seu amado marido me violentou, ele não tinha esse direito. Fiquei grávida e depois me convenceu a ficar calada, disse que você estava fragilizada, que precisava te apoiar. Mas era tudo mentira. Ele queria que eu tirasse o bebê, só que não consegui. Ia contra tudo em que eu acreditava, contra a minha fé. Daniel tinha você e eu não tinha ninguém. Eu mal pude ver o rostinho dela...

Amanda está chorando, não sei dizer ao certo quem ela é, mas a conheço de um jeito estranho. Não sei o que diabos aconteceu comigo, mas tudo parece um borrão na minha mente. Por causa do que sofri, provavelmente acabei bloqueando essas lembranças.

— Tiraram minha filha de mim e me prenderam naquele lugar por anos, Tabita. Eu não sou louca. Você, mais que ninguém, deveria saber disso. Perdi toda a infância dela, isso não dói na sua consciência?

— Isso é fantasia da sua cabeça, Amanda. Daniel nunca seria capaz disso. Ele faz coisas ruins? Claro que sim, mas jamais cometeria algo assim. — Eu me recuso a acreditar nessa história.

A sensação que tenho é de que faltam partes importantes. Há um peso estranho no meu peito, como se eu realmente fosse parte da história que acabei de ouvir. Não sou santa, e isso é fato, sempre fiz e faço qualquer coisa para tirar pessoas do meu caminho, mas não sinto que tenha feito isso. Muito pelo contrário, sinto como se tivesse perdido algo, assim como Amanda.

Encaro a mulher furiosa, ela está sendo sincera. Temos uma ligação esquisita.

— Que tola você é. Se acha tão acima de todos e não percebe o que acontece bem debaixo do seu nariz. Vou encontrar a minha filha com ou sem a sua ajuda, Tabita. E, quando isso acontecer, você e Daniel pagarão por tudo que me fizeram sofrer nesses anos.

Tenho uma vertigem e quando me volto para encará-la, Amanda sumiu. Sinto um enorme vazio em meu peito.

Será que foi real?

Sento-me na cadeira da escrivaninha e fico pensando nas palavras dela. As pessoas estão com o péssimo hábito de me acusarem de coisas que não me lembro de ter feito. Outro dia, Samuel disse me conhecer muito bem e saber do que sou capaz, nossa conversa foi curta, mas senti que ele conhece a verdadeira Tabita.



LÍDIA

“Sinto muito, Lídia, mas você está demitida.”

As palavras de Sara ficam ecoando em minha cabeça enquanto desço no elevador com as minhas coisas. Suas justificativas não tiveram nenhum embasamento real. No fundo, sei que Daniel tem algo a ver com isso.

Na noite passada, eu tinha decidido seguir adiante com a matéria, cheguei hoje cedo com isso em mente, quando minha chefe me chamou a sua sala e me demitiu. Não vou chorar, nem espernear. Sei que algo aconteceu para que Sara tomasse essa decisão, este é um jornal sério e, modéstia à parte, sou a melhor jornalista que eles têm.

Comecei a como estagiária no segundo ano de faculdade e fui contratada assim que terminei o curso, há pouco mais de um ano. Eu me destaquei em um dos melhores jornais do país e isso, com toda certeza, causa inveja nos colegas mais velhos de profissão.

Meu canal no Youtube está crescendo, talvez seja hora de me dedicar às coisas que realmente me importam. O dinheiro que recebo com ele, junto com as minhas reservas, é suficiente para me manter por um tempo.

Preciso dar mais atenção à minha mãe, me corta o coração vê-la tão só. Nunca tive tempo de ficar com ela. Apesar das minhas tentativas de cuidar dela, deixo-a sozinha na maior parte do tempo e me sinto culpada por isso. Meu trabalho exigia muito de mim, por muitas vezes cheguei depois da meia-noite em

casa e passei direto para a cama, morta de cansaço. Às vezes, penso que sou culpada por sua solidão. Os tratamentos que tentamos nunca atingem minhas expectativas.

Raoni quer que eu faça tudo com calma e que tenha cuidado. Depois da noite passada, sinto que há algo diferente entre nós. A segurança está dobrada, sinto-me vigiada por toda a parte. Penso que ele tem algum plano secreto para expor Daniel e está tentando me proteger. Ligo para o investigador assim que entro no carro.

— Fui demitida, Raoni — digo logo que ele atende o telefone. — Daniel tem algo a ver com isso. Sabe de uma coisa, acho que Quimera também está envolvido nisso. Não duvido que o deputado trabalhe para ele, aquele maldito homem parece ser emissário do diabo.

— Tenha cuidado, Lídia. As coisas por aqui estão a todo vapor, hoje receberemos a visita de agentes especiais, aparentemente o Quimera tem feito seus negócios sujos na terra do *Tio Sam*. Por favor, não faça nada agora, deixe a poeira baixar. — A forma como ele fala me convence a ter calma.

— Vou tentar, Raoni.

— Prometa que não vai fazer nada que a coloque em risco. Nunca vou me perdoar se alguma coisa acontecer a você.

Chego em casa e minha mãe não está. Ela adora caminhar pelo parque. Tomo um banho, arrumo minhas coisas e fico pensando se gravo ou não um vídeo contando tudo sobre a matéria. Então, algo me ocorre.

Procuro as pastas com as coisas da matéria sobre o Daniel. Se minhas suspeitas estiverem corretas, Tabita também está envolvida nessa lama toda. Leio várias vezes e chego à conclusão de que ela está lavando o dinheiro sujo do marido na maior cara de pau, mas preciso de provas contundentes. Vou pegar esses dois, com ou sem a ajuda de Raoni.

Passam das três da tarde quando o som da campainha me tira das minhas teorias. Mamãe está dormindo, não quero que a acordem. Abro a porta e dou de cara com a última pessoa que eu imaginei ver na minha casa algum dia na minha vida.

— Olá, irmãzinha, que espelunca essa que você mora, hein?!

— O que faz aqui, Tabita? — pergunto quando ela passa por mim sem ser convidada e entrar.

— Caso não se lembre, tenho todo o direito de vir aqui. Somos irmãs, esqueceu disso? Onde está a minha mãe?

— Ah! Agora você tem mãe? — Não escondo a revolta em minha voz. — Você devia ter vergonha nessa sua cara de santa falsa, Tabita! Como pode, depois de anos de abandono, entrar aqui assim e achar que tem todo o direito de vê-la?

— Quem é você para falar sobre direitos? Vive violando os meus e nunca reclamei — a mulher diz, sorrindo com deboche. — Não era para estar naquele jornaleco fazendo alguma coisa de útil para os cidadãos de bem desse país?

— Seu marido não te contou? Ele conseguiu que me demitissem.

— É por isso que eu amo aquele homem. — Observando tudo, Tabita se move pela sala de forma elegante, como se fosse membro da realeza.

— Você é um monstro, assim como ele. Como podemos ser irmãs? Isso não entra na minha cabeça. Somo como água e vinho. Tentou me matar, Tabita, acha que não sei disso? Usou seu marido para me atingir.

Nunca desejei tanto viver uma mentira como agora, odeio o fato de ter o mesmo sangue dela correndo em minhas veias. Apesar da tensão, tento manter minha voz baixa.

— Ah, queridinha... Não sou esse demônio que povoa seus pensamentos. Jamais mataria minha irmãzinha, mesmo que faça da minha vida um inferno. Não me olhe assim, muito menos pense que gosto disso, Paladina. Odeio esse parentesco tanto quanto você.

Começo a me lembrar de tudo que tenho entalado na garganta e nunca falei, porque nunca nos encontramos sozinhas. Ela está sempre cercada por algum de seus bajuladores. Tabita me evita o máximo que pode e tenho nojo de quem ela se tornou. O que mais me enoja é saber que foi ela quem me tirou o direito de conhecer o meu pai, acusando-o de algo que ele não cometeu.

— Você o matou, Tabita. Nunca vou te perdoar por isso — acuso. Alguma coisa grita dentro de mim que meu pai é inocente de tudo que o acusaram.

— Não estou em busca de perdão, não do seu. Estou acima disso, não vou me humilhar para você, ainda mais por algo em que eu fui a vítima. Tem ideia do que passo todas as noites? Duvido muito.

— Você o matou e inventou todas aquelas mentiras, admita. É a única que pode dizer o que aconteceu aquela tarde em nossa casa. Por que insistiu nessa mentira?

— Sou uma mulher de Deus, não pode falar assim comigo! Quem pensa que é para revirar um passado que não existe mais? Esqueça essa história, é o melhor que tem a fazer. Experimente viver como se o passado não existisse. Garanto que seria menos rancorosa.

— Além de mentirosa e ladra de pobres, também é assassina. Vejo isso em seus olhos, Tabita.

— Lídia, querida, você vê coisas demais — diz calmamente, sentando-se no sofá. — Não sou culpada, aquele filho da puta me violentou e se aproveitou da minha inocência. Por mais que tenha desejado muito, eu não o matei. Ele mesmo puxou o maldito gatilho.

— Mentirosa! Meu pai nunca seria capaz de tocar em você. Ele te amava como filha. — Meus olhos se enchem de lágrimas. — Não podia ter feito isso, mas não se preocupe, acredito na justiça divina. Ela nunca falha e garanto que você vai pagar por cada lágrima que a nossa família derramou por sua culpa. Ainda vou vê-la atrás das grades, pagando pelos crimes que cometeu.

A mulher sorri sem humor, me encarando desafiadoramente.

— Está para nascer quem vai me colocar na cadeia, sua piranha descarada. Não consegue nem colocar aquele traficante perigoso na cadeia, que dirá a mim. Se enxerga, Lídia. Você se envolveu com Gabriel, o cara mais safado e gostoso que eu já conheci na vida. Ah, desculpe, ele não te contou que estamos dividindo a mesma cama?

— Não estamos falando sobre Gabriel, não fuja do assunto.

— Ah, mas a santa Lídia tem que saber o nível da pessoa com quem se envolveu. Se estamos trocando acusações, nada melhor do que eu jogar seus pecados na sua cara. Ele trabalha para o Quimera e, desde que voltou, tem se firmado como braço direito daquele maldito traficante. Sabe o que é pior? Você não conseguiu sequer provar isso e ainda assim se acha melhor do que eu. Será que a santa Lídia está protegendo apenas os seus próprios interesses e não é a santa que aparenta?

— Cala a sua boca, não me compare a você, sua mentirosa. Manchou a imagem do meu pai, o matou... Deveria sentir remorso por isso.

Um silêncio se instala entre nós

— Admito que sou uma mentirosa nata. Não sei e nem quero saber o que contaram a você sobre aquele maldito verme, mas saiba que seu pai não era um santo. Pode até ter sido em algum momento da vida inútil dele, mas garanto que não passava de um pecador como qualquer outro.

— Pare de falar do meu pai como se o conhecesse tão bem.

— Conheci o seu pai muito bem. Inclusive, achei que poderia confiar nele, mas isso não vem ao caso.

Não gosto do rumo que a conversa tomou, ela não vai me manipular contra meu pai. Poucas pessoas acreditam que ele era inocente e eu sou uma delas. Mas não quero falar sobre isso com essa mulher mesquinha, então, tento encerrar o assunto.

— O que veio fazer aqui?

Tabita fecha os olhos e balança a cabeça.

— Preciso ver a minha mãe.

Não consigo esconder a surpresa. Ela nos abandonou à própria sorte. Nem a morte de Pedro a trouxe de volta, por que isso agora?

— Não me venha com essa, Tabita.

— Estou falando sério, preciso perdoá-la pelo que fez comigo. Sou uma

mulher de Deus, costumo fazer o que ele me pede.

— Depois de dezoito anos ele te pediu para procurar sua mãe e perdoá-la?
— Não consigo acreditar nisso. — Quando deveria ser ela a te perdoar. Meu irmão morreu pelo seu abandono, minha mãe vive quase como um vegetal por culpa sua...

— Agora vai me culpar por todos os problemas da sua vida, garota? Tenha santa paciência... Sou sua irmã mais velha, isso me dá algum direito de lhe passar um corretivo. Onde está a minha mãe?

Pergunta mais alto do que deveria.

— Estou aqui, Tabita! Onde sempre estive, na minha casa, de onde você nunca deveria ter saído.

Estremeço ao ouvir a voz da minha mãe, tão firme depois de tantos anos que não a escutava. Meus olhos enchem-se de lágrimas, ela está de volta pela filha ingrata, por aquela que nos abandonou. Não consigo entender isso.



RAONI

Existem mais coisas fora do lugar do que deveriam. Assis convocou toda a equipe cedo para uma reunião — tanto tempo trabalhando juntos e nunca o vi tão tenso — por causa de uma visita de agentes da inteligência internacional. Isso é novo para mim. Quimera está cada dia mais atolado em suas próprias merdas.

O criminoso é procurado por crimes internacionais, até aí tudo bem, não há nada de novo. Minhas investigações avançaram muito pouco. Depois dos documentos que apareceram na minha mesa, estou convencido de que Daniel Rocha tem ligação com Quimera. Fiz algumas conexões e acredito que os irmãos Rocha conhecem a identidade do criminoso, embora secretamente esteja convencido de que Gabriel seja ele.

Concentro-me em procurar qualquer coisa que ligue Gabriel aos crimes. A delegacia está um caos com essa visita, todo mundo querendo mostrar serviço. Recebo uma ligação de Lídia e me preocupo com a demissão repentina dela, precisamos redobrar o cuidado. Estamos muito perto, é o único motivo plausível para tantas coisas darem errado ao mesmo tempo.

— Eles chegaram! — Assis me avisa, inquieto.

Chego à sala de reuniões e, além do nosso pessoal, quatro agentes estão sentados em volta da mesa, conversando em inglês. Três homens e uma mulher, que parece ser a chefe.

— Agente Mitchell, quero que conheça Raoni Guerra, o investigador

responsável pelo caso — Assis me apresenta e a mulher me olha de cima a baixo com um ar de superioridade.

— Prazer, Francine Mitchell. — Estendo a mão para ela, mas sou ignorado. — Estes são os agentes Charles Parker, Bernard Jones e Antony Smith. Vamos direto ao ponto, estamos investigando um traficante internacional há mais de três décadas e temos motivos para acreditar que Quimera e ele são a mesma pessoa.

Arqueio a sobancelha, as coisas estão ficando cada vez mais interessantes.

— O que faz você pensar isso? As atividades dele por aqui começaram há um pouco mais de dez anos. É impossível que seja a mesma pessoa que você procura.

Assis me olha torto e indica a cadeira para que eu me sente. A mulher também senta e todos à mesa a encaram, à espera da explicação, como se esta tivesse sido ensaiada por muito tempo.

— Não é impossível — o homem careca, Charles Parker, diz e distribui pastas para cada um de nós. — Já ouviu falar em Hector Valdez?

Balanço a cabeça afirmativamente. Esse cara morreu há quase trinta anos.

— Me corrijam se eu estiver errado. Hector Valdez, o barão da droga na Colômbia na década de 80, procurado em mais de vinte países por tráfico de drogas e armas. Ele foi assassinado em uma operação secreta do governo americano amplamente divulgada pelos jornais da época. Ou seja, ele está morto.

— Fizemos as pessoas pensarem isso por muitos anos — explica Bernard Jones, o mais novo deles, arrumando os óculos. — Mas o fato é que não temos certeza de que foi ele mesmo quem matamos. Hector tinha muitos sócias, muitas caras. Na época da missão, o governo americano passou meses vigiando a fazenda e tudo indicava que era realmente ele quem estava se escondendo lá. Invadimos, Hector reagiu e acabou morto. Fim da história. Ou pelo menos pensamos que fosse.

Abro a pasta e a foto do homem está na primeira página, ele me lembra muito alguém, mas, no momento, não consigo identificar quem. Será que esse barão do tráfico está por aí, cometendo crimes com outro nome? Não faz o menor sentido esse cara estar vivo. Talvez os colegas estejam nos testando ou

escondendo o jogo.

— Se sabem de tudo isso e não têm certeza de que o homem realmente está morto, por que estão aqui? — pergunto sem entender aonde querem chegar.

— Precisamos da ajuda de vocês para pegá-lo, temos agentes disfarçados em campo. Um deles está há muito tempo no caso e acreditamos que conseguiu descobrir a identidade do traficante. Temos que montar uma força tarefa para prender todos os envolvidos.

— Estão escondendo coisas, não viriam até aqui se não soubessem realmente que o cara está vivo — afirmo, irritado. Odeio quando tentam me fazer de trouxa.

A agente Mitchell me olha torto, mas há um fundo de admiração em sua expressão. Ela esperava o quê? Será que pensam que somos idiotas? Porque só pessoas incompetentes não sacariam que tem muito mais por trás dessa *historinha* do que nos venderam.

— Se não disserem a verdade, nem precisam contar com a nossa colaboração — inquirio sem me intimidar.

Assis se remexe na cadeira e me encara desapontado.

— O que o faz pensar que precisamos da sua aprovação para alguma coisa? — A mulher se levanta, apoia as duas mãos sobre a mesa e me encara desafiadoramente. — Fui informada de que não seria fácil de dobrar você, mas achei que nossos informantes estavam exagerando. Para sua informação, já temos a autorização dos seus superiores para darmos início às prisões, mas eu preferi vir aqui e ter a mínima consideração por vocês, já que estão há muito tempo na cola do tal Quimera.

Que ótimo!

Encaro a mulher por alguns momentos sem dizer nada, porque, sinceramente, fico sem palavras. Ela tem um ar imponente, mas é mais jovem do que aparenta. A pele morena chega a brilhar de tão sedosa, os cabelos cacheados em um corte curto a deixam ainda mais elegante. Não gosto nem um pouco de sua intromissão no meu trabalho. Preciso descobrir o que ela sabe, tem muito mais por trás dessa conversa.

— Terminamos por aqui. — Francine encerra a reunião com um olhar satisfeito.

Não vou ficar com essa dúvida na minha cabeça. Espero que todos saiam da sala, ela percebe a minha intenção e não reluta em enrolar para sair. Por fim, ficamos sozinhos.

— Então, vai me contar o que está escondendo? O que Hector Valdez tem a ver com tudo isso? — pergunto, caminhando impaciente pela sala e colocando as mãos no bolso da calça.

— Só estou fazendo o meu trabalho, agente Guerra.

— Pois faça direito... Sou o melhor no que faço e quando digo que estão me escondendo algo, é porque estão. — Encaro-a, desafiador.

Francine não se intimida.

— É tão bom que não descobriu que o Quimera, na verdade, é uma mulher — dispara e fico encabulado. — Deveria repensar o fato, esse bandido nunca foi um homem, não são duas pessoas e é uma cidadã sem máculas visíveis em sua reputação.

Essa ideia é inconcebível. Caminho de um lado a outro na sala, analisando tudo que consegui juntar até agora. Repasso as provas na minha mente. Eu nunca estou errado. Quem matou meu irmão foi um homem! A brutalidade com que agiu denuncia isso.

— Não, isso... isso está errado. Procuramos um homem que tem entre vinte e oito e quarenta anos. Temos relatos de que é um cara, não uma mulher.

— Relatos falsos, diga-se de passagem. Por que é tão chocante para você que uma mulher esteja fazendo isso?

— Não é o fato de ser uma mulher, mas a maneira como age. — Estou tentando assimilar os fatos, mas está difícil. — Ainda não me respondeu o que o barão do tráfico colombiano nos anos 80 tem a ver com tudo isso e por que uma mulher?

— Temos agentes disfarçados em campo, que trabalham para o Quimera, e

todos os indícios levam a uma mulher. Não me pergunte como conseguimos essas informações, porque não quero colocar em risco a identidade do meu pessoal. — A mulher vai até a porta e a fecha. — Hector está morto, sabemos disso. Tem alguém passando informações confidenciais para essa organização criminosa e descobrimos que é alguém de dentro da sua delegacia.

Como essa mulher tem coragem de acusar meu pessoal? Tudo bem que a polícia desse país não é bem vista. Com toda a certeza, tem um informante da organização dentro da polícia, mas de baixo do meu nariz é muita afronta.

— Sobre Hector, temos certeza de que Quimera é um parente bem próximo dele. Quando ele morreu, deixou esposa e uma filha pequena. Mariana Valdez, sua mulher, era brasileira. Por muito tempo, procuramos por ela, mas simplesmente sumiu do mapa sem deixar rastros. Pensamos que ela estivesse na Europa, o governo americano acreditava que, cedo ou tarde, ela iria dar continuidade aos negócios do marido, porém, nada aconteceu durante vinte anos. Ou eles ficaram bons em despistar a polícia ou nos é que relaxamos.

É uma história bem esquisita e ainda estou tentando me situar nela.

— Pensam que a mulher dele está fazendo isso? — Preciso encontrar alguma lógica nisso.

— Não, ela era passiva demais. Talvez a filha deles tenha tomado as rédeas da situação, quem sabe não seja uma neta? Falta muito pouco para conseguirmos descobrir a identidade da mulher por trás do nome. No momento, nossa única certeza é do parentesco com Hector.

A coisa fica cada vez mais obscura. Uma mulher! Como eu nunca pensei nisso antes? Por que deixei passar? Será que Lúcia faz ideia disso?

Então, me vem outra questão: a Lúcia pode ser Quimera?

Droga!

Sim, claro que pode.



GABRIEL

Talvez eu tenha omitido algumas coisas sobre mim. Provavelmente interpretei muito bem o meu papel. A vida é um enorme teatro e todos somos atores em nossa própria história.

Sinto que estou chegando muito próximo ao ato final. Anos atrás, em um momento difícil da minha vida, tomei uma decisão da qual nunca irei me arrepender, apesar de tantas coisas que abdiquei por conta dela. Posso ser bem convincente quando quero, talvez por isso todos os meus papéis sejam tão bem interpretados. As pessoas acreditam em mim, na forma como falo, transmito confiança.

Por que estou fazendo essas reflexões? Porque quero que a maioria das pessoas que me cercam se explodam com os seus problemas. Por mim, que vão todos para o inferno, e não exijo nada em troca. Os últimos dias me deixaram muito cansado, entro no meu apartamento, jogo as chaves sobre o aparador, olho em volta e não há nada fora do lugar.

Desbloqueio a tela do celular e fico encarando a foto de Lídia por um longo momento. Nunca pensei que teria outra pessoa tão importante em minha vida ao ponto de sua opinião sobre meus atos se tornarem tão relevantes.

Tiro os sapatos, caminho até a suíte, vou direto ao closet e arranco a minha roupa como se estivesse em brasa. Preciso me livrar de tudo de ruim que tenho

carregado. Encaro a minha imagem refletida no espelho, passo a mão sobre o nome tatuado no meu peito, fito as cicatrizes pelo meu corpo. Se eu fechar os olhos, ainda posso sentir a dor.

Certa vez me perguntaram por que eu nunca fiz uma cirurgia para corrigir todas as marcas em meu corpo. Simplesmente dei de ombros. A verdade é que elas me lembram de quem sou por baixo de todas as máscaras que uso nos últimos anos.

Encaro o reflexo da pessoa que me tornei e sinto culpa. Para chegar aonde estou hoje, tive que fazer muitas coisas — e algumas delas marcam minha consciência como as cicatrizes marcam meu corpo.

Viro de lado e a tatuagem que toma parte das minhas costas parece não ter sentido algum. Quando fiz vinte e um anos, em um ato de rebeldia contra meu pai — que odiava pessoas tatuadas —, desenhei asas de anjo nas minhas costas para me lembrar que nem todo mundo é o que aparenta. A tinta negra cobre toda a minha clavícula e vai até os meus braços. É uma referência ao meu nome.

O sonho do meu pai era que eu tivesse me tornado o bom moço que idealizou e que fosse seu sucessor, porém, me desviei drasticamente do percurso. Na minha adolescência, percebi que vivia uma mentira, que a perfeição pregada nos púlpitos das igrejas pelo homem que admirava não se passava de enganações.

Descobri isso da pior forma possível. Era fim de tarde, minhas aulas haviam terminado mais cedo e, naquele dia, tinha decidido que seguiria a carreira ministerial. Sabia que meu pai ficaria feliz. Fui direto ao prédio administrativo da igreja contar as boas novas ao meu velho, queria surpreendê-lo. Os corredores estavam desertos, todos já tinha encerrado suas atividades. A porta do escritório estava entre aberta e quando toquei a maçaneta, escutei uma voz feminina rouca vinda de dentro da sala: "Isso, pastor, mais fundo!".

Quis acreditar que minha cabeça estava inventando coisas. Abri um pouco mais a porta, bem devagar e o mais silenciosamente possível, e vi a cena que me fez repensar tudo em que acreditava.

Meu pai estava nu da cintura para baixo, enrabando sua secretária, que era uma fiel exemplar e casada. Fechei a porta com força, queria que ouvissem e tivessem consciência da safadeza que estavam fazendo. Corri para o mais longe

que pude. Eu tinha quinze anos e acreditava que o sexo era algo sagrado, reservado unicamente ao casamento. Claro que eu batia umas de vez em quando, mas morria de medo de ser castigado por Deus.

Não tive coragem de ir para casa. Como ia encarar meu pai depois de ver aquela cena constrangedora? Minha mãe não merecia passar por isso, ela se dedicava à família como ninguém. Andei sem destino certo, vagando pelas ruas, tentando entender os motivos que levaram meu pai a isso.

Já passava da meia-noite quando cheguei em casa. Sorrateiramente, entrei no meu quarto e, quando acendi a luz, quase tive um infarto. Meu pai estava sentado na escrivaninha, me esperando.

— Achou que fugir era a melhor solução? Não aprendeu nada comigo, né, moleque?! — A voz carregada de desdém me atingiu em cheio.

O homem elegante se aproximou de mim com as mãos no bolso, me encarando com um olhar profundo que me causou medo.

— Ainda bem que não aprendi nada com você ou estaria trepando com as jovens do meu grupo às escondidas. — Apesar do que o olhar dele me causava, decidi enfrentá-lo e deixar tudo às claras, mas não esperava a reação que ele teve.

Meu rosto foi golpeado com um tapa tão forte que senti o mundo girar ao meu redor.

— Escuta aqui, seu moleque punheteiro, não fiz nada de errado. Nem pense em contar para sua mãe, senão farei coisa bem pior. O que fiz é absolutamente normal, todo homem saudável e na flor da idade faz sexo fora do casamento.

— Mas nenhum deles é pastor. — Ainda insisti na loucura de tentar desafiá-lo e cometi o erro de virar as costas para ele. — Você é um mentiroso, sem caráter e desprezível.

Dessa vez, ele arremessou um dos quadros da minha mesa contra mim. Eu o senti partir em minhas costas e os cacos de vidros entrarem em minha carne. Gritei de dor e então desisti de sair por cima nessa conversa. Mas ele não desistiu de me bater: apanhei indefeso, com meu próprio taco de beisebol, até ficar mole no chão. Ninguém veio me socorrer, apesar dos meus gritos. Era

assim que o meu pai educava seus filhos, com violência e se valendo de uma passagem bíblica.

No dia seguinte, fui levado ao pronto socorro, mas mentiram para o médico de plantão. Disseram que eu fui agredido na rua por marginais. Minha mãe me olhava como se eu tivesse merecido todos aqueles ferimentos, ela acreditava veemente no marido.

O tempo foi passando e me tornei um garoto rebelde, minha mãe não entendia minhas atitudes de revolta, atribuía tudo ao diabo. Além das escapadas ocasionais do meu pai, acabei descobrindo mais podridão por trás da fachada de homem de Deus. Desvios de verbas que eram destinadas aos pobres, viagens missionárias que não passavam de orgias com mulheres... Vi muitos fiéis serem humilhados, simplesmente por não terem boa condição financeira, e muitas outras coisas nojentas que me deixaram desacreditado do ser humano.

Nesses meses que passaram, me dediquei a fazer da vida dele um inferno com as confusões que arranjava. Cheguei a apanhar algumas vezes, mas, em nosso último embate, eu o enfrentei e a situação ficou insustentável. Não podíamos mais morar sob o mesmo teto. Minha mãe conversou com o meu tio, que morava num outro estado, e me mandaram para lá sem ao menos me perguntar se era o que eu queria.

Então, resolvi que daria o golpe final no meu velho. Sei que ele me odeia até hoje por conta disso, apesar de fingir muito bem em seus sermões ao domingos, onde me tem como exemplo.

Mandeí um dossiê com todas as suas falcatuas para o presidente nacional de sua igreja, que era um senhor muito conservador e ficou horrorizado com o que viu. Para não gerar mais escândalo, designou meu pai para uma ilha inóspita no meio da floresta tropical, onde os fiéis eram extremamente conservadores e meu pai teria duas opções: andar na linha ou entregar os pontos de vez. Pelo visto, ele escolheu a primeira opção e permaneceu na ilha por muitos anos, mas agora estamos todos juntos na mesma cidade, infelizmente.

Volto à realidade e tento esquecer tudo que desencadeou o que estou vivendo hoje. Ligo o chuveiro e tomo um banho demorado.



Minha família não queria saber de mim, mamãe acreditava que eu estava possuído por um espírito que queria afrontar meu pai e resolveu me dar um gelo. Então, seu irmão, o tio David, me apoiou de uma maneira que jamais imaginei. Ele era pastor, assim como meu pai. A princípio, pensei que eram tudo farinha do mesmo saco, mas, com o passar do tempo, acabei descobrindo que estava enganado.

Ainda existem pessoas que são corretas e fazem as coisas em prol do próximo, sem esperar recompensa material. No primeiro ano lá, compreendi que a minha rebeldia não me levaria a lugar algum e me vi totalmente envolvido com a igreja novamente. Aprendi uma das lições mais valiosas com meu tio: *nem todo mundo é o que parece*.

Ele era irmão de minha mãe e foi bem indisciplinado na adolescência. Passou por muitas casas de detenção, fez parte de facções criminosas. Notava-se, olhando para o corpo cheio de cicatrizes e tatuagens, que sua vida não foi fácil, mas, como costumava dizer, isso havia ficado em um passado bem distante, do qual ele não gostava de se lembrar, porque Deus o havia escolhido para cumprir algo maior.

Tio David era um homem sábio, cheio de bons conselhos. Sempre tinha uma palavra amiga para os seus. Tia Mag, sua esposa, era uma mulher negra e de muita fé, que distribuía amor por onde passava. Eles tiveram apenas um casal de filhos. Lucas, o filho mais velho, que já tinha sua própria família quando cheguei ao país, e Mary, que era poucos anos mais velha que eu.

Estudei, trabalhei e voltei a ser uma pessoa normal, sem toda aquela raiva que sentia antes por terem me mandado para um lugar que eu nem conhecia direito. Encontrei novos sonhos, novos caminhos a trilhar. Finalmente achei um lar de verdade e uma família onde todos eram exatamente o que aparentavam ser.

Terminei a faculdade de Direito — que escolhi a fim de seguir os passos do meu primo em uma carreira comum —, me dediquei à profissão e mergulhei fundo no trabalho. Em pouco tempo, já tinha construído um bom nome e nem sequer cogitava voltar para meu antigo lar. Fui convidado a integrar a equipe de Lucas, mas deveria voltar a morar na minha cidade natal.

A princípio, relutei muito, porque, apesar de tudo, o passado ainda estava vivo em minha memória. No fim, fui convencido de que seria muito bom para a

minha carreira, além de se valer da minha proximidade com sua filha adolescente, que estava crescendo, e, segundo ele, precisava conhecer o mundo fora dos limites da cidade em que cresceu. Enfim, conseguiram me convencer com toda a conversa mole.

Estar de volta foi muito ruim, rever a minha família foi pior ainda. Fingir que era alguém diferente do que tinha me tornado, quando, na verdade, queria que o diabo os carregasse para o inferno na primeira leva.

Minha mãe sempre se calou diante de tudo, talvez nem mereça ser salva daquele covil por ser conivente em tudo. Meu pai continuava a posar de santo e bom homem. Em muitos momentos, como o da minha prisão, ele queria me passar lições de moral ou até mesmo me comparar a Daniel, que sempre foi um crápula, mas ele o tinha como exemplo de boa conduta.

Meu irmão foi me visitar algumas vezes a trabalho e acabei me envolvendo propositalmente em alguns de seus negócios sujos. Geralmente, Daniel, levava junto consigo sua bela mulher, que não passava de uma prostituta disfarçada de santa.

Tabita, desde que bateu os olhos em mim e percebeu que eu não era mais o adolescente desengonçado que conheceu, passou a tentar me seduzir de todas as formas possíveis, mas nunca cedi às suas investidas desesperadas. Venho adiando ao máximo, deixando-a pensar que me tem nas mãos.

Ela é a personificação de tudo que eu detesto no ser humano. Mau caráter, promíscua e ainda por cima se vale da ingenuidade das pessoas para ganhar dinheiro. Eu sei de coisas sobre minha cunhada que fariam qualquer um dos seus fiéis ficar de cabelo em pé.

Tabita Rocha não é e nunca será o tipo de mulher que eu levaria para minha cama. Ela é uma criatura repulsiva. Tio David deve se revirar no túmulo cada vez que chego perto dessa mulher.

Depois de tomar banho e comer alguma coisa, deito-me na cama confortável e fico zapeando pelos canais da televisão. A música melosa do meu celular me faz rir. Essa Mel não tem jeito! A foto da bela jovem sorridente estampada na tela traz convicção de que nada será em vão. Metade das coisas que andei fazendo ultimamente foi por ela — e não me arrependo de nada. Faria tudo outra vez só para que pagassem pelo que fizeram à minha garota. Esta é

uma das razões principais para eu estar de volta a esta maldita cidade e a principal razão pela qual não posso ficar com Lídia, apesar de amá-la de uma forma inexplicável.

— Oi, meu amor, tudo bem? Como foi o seu dia? — pergunto, sentando-me na cama.



TABITA

O bom das pessoas acharem que sabem tudo sobre você é que elas sempre ignoram alguma parte da sua vida. Compraram a história que vendi sobre a minha mãe, tudo numa boa.

Eu a odiei por muito tempo, mas, neste momento, as coisas estão muito confusas em minha cabeça. A aparição de Amanda fez com que me lembrasse de algumas coisas, e talvez a minha mãe não seja culpada do que sempre a acusei.

Ir até sua casa e enfrentar Lúdia foi algo indescritível. Ver a cara de idiota daquela garota quando minha mãe falou comigo e me abraçou foi impagável. Era como se a nossa relação nunca tivesse sido abalada e isso incomodou muito a garota. Eu saí de lá prometendo voltar, mas não sei se vou ser capaz disso. Tudo está muito confuso dentro de mim, como se várias pessoas coabitassem meu corpo. Sinto-me estranha.

Daniel se foi e estou sozinha outra vez. Pensar nele me faz sentir um ódio profundo, sei que esconde muitas coisas de mim. Existe algo dos tempos que passei internada em uma clínica psiquiátrica que me omite. Sei, pois existe uma enorme lacuna em minha mente sobre o período anterior à internação e durante o tempo que fiquei lá. Não sei consigo determinar se foram dias ou meses.

Meu marido afirma que foram duas semanas, mas, quando acordei lá dentro, lembro-me de achar que muito mais tempo havia se passado. A minha confusão mental não me permitiu esclarecer essa dúvida. Só existe uma coisa da

qual eu tenho certeza: algo de muito grave aconteceu, e ele tenta esconder de mim por todos esses anos.

Nunca confiei plenamente nele, mas o faço pensar o contrário. O alerta de Amanda me fez tentar buscar mais a fundo tudo que aconteceu.

— Tem certeza de que é realmente isso que quer, Tah? Na sua condição, é bem arriscado — Adriano me pergunta pela terceira vez desde que entrei em seu consultório.

Eu o escolhi anos atrás por conta dessa especialidade em particular. Sabia que, em algum momento, precisaria fazer terapia combinada à hipnose. Nunca me senti forte suficiente para encarar meus medos. Hoje, quero ir às últimas consequências e descobrir o que aconteceu comigo. Sinto que algumas coisas não se encaixam como deveriam.

— Nunca tive tanta certeza como agora. Eu me responsabilizo pelas consequências.

— Como seu terapeuta, acho arriscado o que iremos fazer. Como seu amigo, sei que é necessário para que entenda o que aconteceu no seu passado.

Coloco minhas mãos sobre a mesa e verbalizo o motivo de querer a hipnose.

— Quero ter certeza de que as minhas lembranças são verdadeiras, tenho medo de que sejam apenas fruto da minha imaginação.

— Onde exatamente você quer ir, Tah?

Hesito em responder, mas Adriano já sabe a resposta. Ele assente.

Em poucos momentos, a sala está preparada para iniciarmos a minha busca pela verdade.

— Quero que você se posicione da forma mais confortável que puder e, ao seu modo, quero que comece a expirar e inspirar suavemente... — Faço o que ele pede e relaxo com os olhos fechados. Deixo a música instrumental me invadir. — Isso, com seu corpo todo apoiado na poltrona, inspire e expire de forma controlada e tranquila enquanto vai relaxando do seu jeito. Está indo muito

bem...

Concentro-me apenas em sua voz e na música, até estar completamente relaxada.

— Deixe-se ir... — A voz suave de Adriano me conduz. — Sei que você pode estar se perguntando qual caminho seguir agora? Qual caminho tomar? Sua mente consciente é tão sabia que pode te levar para o caminho certo e você pode acessar as imagens que se formam em sua mente enquanto relaxa profundamente... Mais profundo, deixe-se ir. Agora, essa imagem começa a se aproximar de você, a se expandir. Essa imagem é exatamente do local onde tudo se iniciou.

Na minha mente, uma imagem começa a se formar lentamente. Sou novamente uma adolescente cheia de sonhos. Estou em casa, sozinha, e ouço a campainha tocar. É Daniel, meu coração salta apaixonado.

— Oi, princesa — ele diz com um sorriso perfeito, me envolvendo em seus braços.

Namoramos escondido há quase um ano, eu acabei que completar quinze anos e ele quer muito falar com meu pai sobre o que estamos sentindo. Só tem um problema: papai nunca gostou de Daniel, diz que ele é um rapaz que não se podia confiar. Para mamãe, ele é meu príncipe encantado.

Daniel diz que a implicância do meu pai não faz sentido e acredito nele. Nessa tarde, enquanto aproveitamos os poucos momentos a sós que temos, ele me pergunta se eu o amo e reafirmo o que sempre digo. Então, me fala algo inusitado:

— Pode provar que me ama? — pergunta com um brilho diferente nos olhos.

Apenas afirmo, escondendo o rosto em seu peito.

— Entregue-se para mim, vamos casar de qualquer modo. Então, não importa ser daqui a cinco anos ou agora.

Eu não vou fazer aquilo, prometi à mamãe que me casaria virgem.

— Já conversamos sobre isso, Dan — argumento, tentando evitar outra briga por conta desse assunto. — Não vamos fazer isso a não ser que estejamos casados.

Meu coração acelera descompassado, não reconheço a expressão no rosto dele, que me beija de forma violenta — tentando se acalmar, eu penso. Só que tudo foge do controle. Estou presa entre seu corpo e o sofá. Sinto sua dureza entre minhas pernas e imploro que pare com aquilo. Não quero, ele não pode me obrigar. Ou pode?

Esperneio, grito e ele tapa a minha boca.

— Quietinha, ou quer que todos saibam o que estamos fazendo?

Mordo sua mão e tento chutá-lo, mas é tudo em vão. Sinto-me impotente diante de sua força. Ganho uma bofetada e apago.

Acordo ensanguentada dentro do banheiro. Essa é a última lembrança que tenho daquele momento. De alguma forma, a verdade foi distorcida por Daniel. Só não entendo como meu pai está morto. Por que ele se matou se não fez nada comigo? Quem me fez acreditar em toda aquela mentira? Não foi só Daniel, alguém mais participou disso. Estou cansada demais para continuar a cavar fundo minhas lembranças.

Deixo o transe e não consigo acreditar no que aconteceu.

Foi meu marido, sempre ele.

Por isso foge tanto de mim. Tem medo de que me recorde de tudo que fez.

Amanda tem razão.

Não consigo respirar direito. Estou em um estado de confusão mental. Ouço as vozes de todas elas gritando na minha cabeça em uníssono: eu avisei.

Nem sempre as verdades que vemos ou ouvimos são absolutas. Os julgamentos são feitos apenas levando em conta parte da história verdadeira, e geralmente as pessoas só acreditam naquilo que lhes convêm.

Adriano me encara preocupado.

— Tudo bem com você, Tabita?

— Sim, só estou em choque pelo que acabei de me lembrar. Daniel tem que pagar por tudo que me fez. Ele acha que pode me enganar e sair impune? Vou fazer com que sinta toda a dor que me causou. Não conhece a parte de mim que odeia homens como ele.

Sempre fui uma confusão de sentimentos, mas, neste momento, tudo está em ebulição. Sabia que ele mentia para mim, que escondia algo, só que nem em meus piores pesadelos imaginei que seria capaz de fazer isso comigo, a mulher que ele diz ter nascido para proteger.



LÍDIA

Quase três semanas se passaram desde a minha demissão e a visita estranha de Tabita. Mamãe agora conversa um pouco, mas é estritamente o necessário e isso me chateia, pois fui eu quem estive ao seu lado todos esses anos. Eu tive que me virar para pagar tratamentos caros, busquei tratamentos alternativos em clínicas razoavelmente boas e ela sequer esboçou alguma emoção para mim.

Tinha me convencido de que jogaria os podres de Daniel e Tabita no meu canal do Youtube se não conseguisse publicá-los no jornal. Porém, não contava com toda a confusão que se seguiu logo após a minha demissão. Decidi seguir os conselhos de Raoni e não me precipitar.

Ainda assim, decidi fazer um *vlog* no meu canal todos os dias. O assunto principal gira em torno da corrupção política, algumas curiosidades das matérias mais importantes que fiz nos últimos anos e as coisas mais bizarras que aconteceram desde que decidi me tornar jornalista.

Raoni me disse para esperar a poeira baixar, fazer pensarem que desisti. Sei que ele está pensando na minha segurança e não vou contrariá-lo. Ele esteve bem estranho nas últimas semanas, como se estivesse procurando algum deslize meu. Aparentemente passei em seu teste. Ainda assim, não compartilhou a razão da visita dos agentes da polícia internacional. Tenho motivos para acreditar que estão prestes a descobrir a identidade de Quimera. Acho que Raoni está tentando me manter fora da linha de fogo.

Dias atrás, resolvi repassar tudo que já havia investigado sobre o traficante, Tabita e Daniel. Talvez tivesse deixado escapar a ligação entre eles, só que a única coisa que encontrei foi Gabriel — o que não é surpresa para mim.

Ele tem a confiança do traficante, parece estar envolvido em tudo dentro da organização criminosa. O nome dele está em quase todos os depoimentos dos últimos anos, mas tenho suspeitas de que ele já trabalhava para Quimera antes de voltar à cidade, talvez em uma função sem tanta importância.

Aí vem a Tabita. Gabriel trabalha para ela na IRDM, mas, em alguns momentos, age como seu guarda-costas, está presente em todos os eventos dela e isso é no mínimo estranho. Sei que há algo rolando entre eles pelos olhares dissimulados que minha irmã tenta disfarçar diante das pessoas e pelas insinuações que me fez outro dia. Isso me irrita mais do que deveria.

Quanto a Daniel, eles são irmãos. Apesar dos desentendimentos aparentes, estão ligados de um jeito esquisito. Sei que brigam muito desde que eram crianças, lembro-me de ouvir mamãe reclamar da eterna briga entre ambos e era algo relacionado ao pai. Porém, isso não impede que tenham uma espécie de aliança estranha.

Cheguei à conclusão de que a chave para resolver esse mistério é Gabriel, mas confesso que, no fundo, tenho medo de descobrir ainda mais coisas a seu respeito. Ninguém manda no coração e isso é a maior injustiça que existe, queria poder arrancar o que sinto por esse homem e arremessar no fundo do mar.

Não o vejo há meses, mas ele me tortura com mensagens que me deixam balançada, pensando se poderia haver alguma chance para o que sinto por ele. Porém, ele não parece estar tentando mudar sua vida pelo que diz sentir por mim.

Observo-o entrar no prédio da igreja pela segunda vez hoje e sinto minhas mãos tremerem no volante. Eu não deveria fazer isso, mas o estou seguindo há mais de uma semana. Não, eu não virei uma perseguidora, só quero tentar encontrar alguma coisa.

A rotina dele é bem estranha. Gabriel sabe que está sendo observado, só que isso não parece incomodá-lo, ele é muito seguro de si. Nunca tinha focado minhas investigações nele, portanto, acho que deveria ter feito isso antes. O trabalho dele não condiz com a forma como ele se porta e tudo leva a uma única

conclusão: o trabalho na IRDM é uma farsa.

Não tem lógica ele ter fama de bom profissional e não fazer absolutamente nada além de entrar e sair várias vezes por dia do escritório. A não ser que eu esteja observando pelo ângulo errado e ele não trabalhe para Tabita coisa nenhuma, tem algo muito errado nessa história toda e vou descobrir o que é.

Como pude deixar isso passar? Consegui acesso a alguns processos da instituição religiosa que tiveram a participação de Gabriel. A julgar pela dificuldade que tive, desconfio que são falsos. Só não consigo entender as razões para isso.

Trabalho de forma silenciosa em casa, não quero incomodar a minha mãe. Busco a ajuda de um colega de confiança que entende mais disso do que eu. Existe uma enorme lacuna na vida de Gabriel em um determinado período de sua vida. É como se não quisessem que soubesse o que se passou nesse tempo. A verdade é que eu nunca me importei com essa parte da vida dele, mas esse mistério tem me tirado o sono.

Será que a polícia alguma vez investigou isso? Raoni tem essa informação?

Depois de dois dias tentando conseguir as informações, sinto um desapontamento ao dar de cara com a parede. Meu colega diz que não conseguiu acessar os arquivos de Gabriel, eles são protegidos por um código que ele não consegue quebrar. A minha pista parecia tão boa, tenho quase certeza de que ele é uma farsa, mas não consigo provar nada.

Observo Gabriel sair do escritório no fim do dia, como sempre faz. Meu coração traiçoeiro galopa no peito, quase saindo pela boca.

Por que ele tem que mexer tanto comigo? Por que tem que ser um bandido mentiroso?

Sigo em direção a um lugar onde sei que poderei ter um pouquinho de paz, apesar de as lembranças que sei que virão. Estaciono o carro e caminho pela passarela em torno do lago até o sol se pôr, depois sigo a pé até o banco embaixo do velho carvalho.

Sinto saudades dele e sei que é errado. Escondo o rosto entre as mãos, não posso me sentir assim.

— Vai me contar o motivo de estar me seguindo na última semana, meu anjo? — Tenho um sobressalto quando ouço a voz de Gabriel tão próxima a mim e por um momento penso ser fruto na minha imaginação.

Mas ele está na minha frente, me encarando e à espera de uma resposta. Como de costume, está muito bem vestido em suas roupas de grife. Contemplá-lo assim, de tão perto, me causa uma tempestade de emoções. Tento encontrar a minha voz novamente.

— Não estou te seguindo. De onde tirou isso, Gabriel? — Finjo indiferença sem encará-lo.

— Ah, Paladina! Não tente me enganar. Sentiu saudades, confesse. — O safado está se divertindo às minhas custas.

— E...eu nem sei quem é você, por que estaria te seguindo?

Tento encontrar o que me resta de dignidade, mas é impossível, o nervosismo me entrega. Ele segura a minha mão e a proximidade me faz acreditar, mesmo que por uns poucos minutos, que todas as hipóteses que cogitei esses dias em que fiquei no seu encalço são meras fantasias da minha cabeça e que ele é um anjo que veio me salvar do inferno em que vivo nos últimos tempos.

A atração entre nós acontece de uma forma que não consigo explicar. Nós nos olhamos por um tempo em silêncio, os rostos estão quase colados. Ele me encara, à procura de alguma coisa e a encontra. Percebo o momento exato em que ele esboça um meio sorriso. Merda! Sou péssima com joguinhos, não consigo esconder o que sinto, mesmo imaginando as coisas horríveis que ele faz para Quimera.

— Você quem deveria dizer, meu anjo. — As palavras saem sedutoras, o hálito quente roça a minha pele, o cheiro dele é muito bom, me sinto atraída como um ímã. Ele roça as costas da mão no meu rosto. — Por favor, se afaste! Sua vida corre perigo. Não sou o homem certo, talvez um dia tenha sido, mas neste momento não sou.

Gabriel solta a minha mão e se afasta. Em seguida, tira o aparelho celular do bolso e começa a passar fotos minhas seguindo-o e aponta algumas pessoas que estão sempre próximas a mim em dias diferentes.

— Está sendo seguida, Lídia. Está vendo essas pessoas? — Balanço a cabeça, ainda tentando assimilar o que estou vendo. — Sabe quem elas são? Tenha cuidado, existem coisas que simplesmente não consigo evitar que aconteça contigo. Não me olhe assim. Nem pense que, por estarmos separados, vou deixar de zelar por sua segurança, já que seus amiguinhos federais sempre te perdem por aí.

Estou assustada, pensei que tinha conseguido despistar todos, deixando Quimera, Daniel e Tabita fora dos meus vídeos. Olho de um lado a outro, tentando ver se alguém está nos observando, mas só existe a escuridão da noite.

— Dei meu jeito de tirá-los de perto de você esta noite. Seja lá o que pense que está fazendo, pare. — Sua voz é um sussurro, mas sinto como se fosse uma ordem. — Tudo isso está prestes a terminar, tenha paciência e não tente resolver tudo com as próprias mãos. Não posso te salvar sempre que se meter em uma encrenca... Vão matar você e não vou aguentar ser um mero expectador, Lídia. Tem que parar com isso, se não quiser que eu cometa alguma loucura e adiante os meus planos.

Existe uma angústia em sua voz, ele realmente está preocupado.

— O que você sabe, Gabriel? Me conta... — imploro em um ato de desespero, segurando a sua mão. — Me deixe te ajudar.

Sorri, inclinando a cabeça para trás. Autoconfiança exala dele, mas sei que isso não pode salvá-lo. Se ele se entregar, pode conseguir uma delação premiada e ter alguns privilégios.

— Não pode me ajudar, meu anjo. Fique longe dessa merda toda ou irão acabar com a sua vida. Quimera não tem piedade de ninguém, ele tira do caminho qualquer coisa que possa atrapalhar seus planos, até mesmo você. Ainda tem o desgraçado do meu irmão... Se Daniel tocar em você outra vez, eu juro que o mato!

Algo em mim diz que posso confiar nele, mas as evidências não me convencem muito. Queria que as palavras fossem reais, e sei que, de certa forma, são. É tudo muito confuso entre nós, porém, existem verdades nas entrelinhas que apenas nós dois percebemos.

Deixo-me levar por esse momento. Ele é um bandido, o vilão (ou um deles,

não sei ao certo) e representa tudo que não suporto. Só que não consigo evitar o que sinto. Por mais que tente me afastar, ele sempre volta — ou eu volto. Existe um conflito em mim e simplesmente deixo que a parte irracional tome conta.

Gabriel toca meu rosto devagar, seus olhos me acalmam, nos aproximamos em câmera lenta. Os lábios estão a um passo de se tocarem, mas ele fecha os olhos e inspira profundamente.

— Não importa o que aconteça, eu sempre vou amar você — diz um pouco antes de reivindicá-los em um beijo que me promete coisas demais e não sei se posso acreditar em tudo.



QUIMERA

— Limpe essa merda, Tony — ordeno, me desviando dos corpos inertes no chão.

Não gosto de fazer o trabalho sujo, mas sinto falta de doses de adrenalina. De vez em quando, preciso fazer uma demonstração de força para que as pessoas se lembrem de quem está no topo dessa organização.

O som da minha bota ecoa pelo galpão escuro. Não gosto que as pessoas vejam meu rosto. Quando isso acontece, por mais que tenham esperança de que vão sair ilesas ou conquistar um lugar de confiança ao meu lado, na maioria das vezes, acabam no mesmo lugar que os corpos que há pouco deixei para trás.

Dizem por aí que sou má e não tenho coração, mas qual a necessidade de ter um quando se pode ter dinheiro e poder? Aprendi com o melhor que não se deve lamentar pelo que se perdeu. Apenas viva. Tenho feito isso às sombras da sociedade por muito tempo, aproveitando-me das falhas no sistema e das fraquezas humanas.

Tenho olhos e ouvidos por toda parte, sei de tudo que acontece ao meu redor. Enganar-me é algo praticamente impossível e a pessoa que conseguir esse feito merece o meu respeito. De dentro do meu carro, observo as luzes da cidade enquanto decido o que fazer com Daniel Rocha. Preciso me livrar desse babaca o quanto antes.

Ele anda fazendo negócios pelas minhas costas e isso é algo que não tolero.

Sei que não poderia ter escolhido alguém pior para estar do meu lado e isso deveria me deixar cheia de orgulho. O problema é que esse filho da puta não tem controle sobre as próprias ações e sai fazendo merda por aí.

Penso em uma punição a altura, mas, com o ódio que sinto, só o imagino em uma vala, cortado em pedacinhos.

Aproveitei a vinda dele do fim de semana e marquei uma reunião na boate, quero ver o que ele tem a me dizer sobre suas ações. Daniel é um mentiroso nato e é sempre bom deixar pessoas como ele pensarem que têm o controle da situação, pois acabam falando mais do que deveriam.

Já passa da meia-noite quando meu motorista estaciona próximo à casa noturna, a rua está praticamente deserta. Meu celular toca, atendo antes de sair do carro.

— Descobriram sua identidade — a voz apreensiva me informa.

— E você me conta assim? — pergunto sem acreditar. — Até onde vai a incompetência de vocês?

— Desculpe, mas as informações sobre você se tornaram sigilosas desde a visita da Polícia Internacional. Não faz ideia do quanto está sendo complicado me manter informado sem ser pego.

— Eles têm certeza de que sou eu ou apenas cogitam a ideia?

— Certeza, tem fotos suas nos arquivos. Imagens de segurança de negociações, há inclusive um vídeo de um assassinato que aconteceu meses atrás, após o atentado contra a bispa Tabita Rocha, e a polícia nem tinha conhecimento dele.

Putá merda!

Como conseguiram essas coisas? Faço tudo com extremo cuidado. Fábio não é descuidado. Gabriel, muito menos. Fico em silêncio, tentando absorver tudo.

— Quanto tempo tenho?

— Com sorte, uma semana. Pode fugir do país antes disso, acha que consegue?

— Claro que sim. No momento, a minha preocupação é saber a fonte de todas essas informações. Meu pessoal é de confiança, fazemos checagem a cada dois dias. Tem ideia de quem seja o informante?

— Como disse antes, tudo está muito misterioso depois da visita dos agentes gringos.

Respiro fundo e massajeio a têmpora.

— Me avise se surgirem novidades. — Desligo o telefone, coloco o casaco fino com capuz para esconder o meu rosto e saio do carro luxuoso, escoltada por quatro homens que causariam medo em muita gente.

A casa está lotada. Um pouco antes de subir as escadas e ir ao encontro dos irmãos Rocha, olho fascinada para o que construí. Quando entro na sala, eles estão discutindo — acredito que ainda sobre a maldita Paladina —, mas se calam assim que notam minha presença.

Tiro meu casaco, me sento na poltrona atrás da escrivaninha e os observo por um momento.

— Tranquem a porta e mantenham seus homens em alerta. Fez o protocolo de segurança, Gabriel?

— Sim, chefinha. Fábio fez isso uma hora antes da nossa reunião do clubinho — diz sarcástico. Não consigo entender como consegue fazer graça de tudo. Para ele, a vida é uma eterna piada.

— E você, Daniel? Tem escutas dos tiras nesse terno elegante? Se vendeu para eles, seu imbecil?

Ele me olha com espanto. Não foi ele, constato.

— O que está insinuando? — indaga, levantando-se do sofá. — Eu lá tenho cara de quem se vende para a polícia?

Gabriel sorri do nervosismo do irmão e caminha tranquilamente pelo

escritório, recolhendo alguns papéis espalhados.

— Quero que limpem tudo, sumam com qualquer coisa que possa ser usada como prova contra nós. Sua casa e o escritório da igreja estão cheios de segredinhos sujos, Daniel, dê um jeito nisso. Quanto a você, Gabriel, sei que pensa ter tudo sob controle, mas não custa nada dar mais atenção ao nosso pessoal.

— Às suas ordens, chefinha, mas que bicho te mordeu para estar tão exigente hoje?

— Descobriram minha identidade, seu imbecil!

Sua expressão vai de espanto a divertimento em um segundo. Ele coça a cabeça e anda em círculos por um momento.

— Como vamos fazer isso? Se me prenderem novamente, tenho certeza de que aquele investigador idiota vai dar um jeito de me manter por lá.

A polícia está louca para pôr as mãos novamente em Gabriel, e sei que, se ele começar a falar, estou fodida no sentido amplo da palavra. Ele é instável, uma pessoa em quem você confia desconfiando, só que faz muito bem o seu trabalho e, confesso, isso é o que mais me agrada. Quando ele começou a trabalhar comigo, pensei que ia matá-lo antes mesmo de que fizesse o primeiro trabalho. No fim, ele se mostrou mais competente do que seu irmão, que me acompanha há muito mais tempo e conquistou um lugar de honra ao meu lado na organização.

— Vamos fugir antes disso. O juiz não expediu o mandado e, com um pouco de dinheiro, conseguiremos sair ilesos mais uma vez.

— Eu não posso fugir assim — Daniel fala impaciente.

— Quem falou que você vai? Ninguém mencionou seu nome até agora nessa merda de investigação. Então, feche a boca e continue a fazer seu trabalho como sempre tem feito. Tenha cuidado, sua máscara e a da sua esposa boazinha estão por um fio. Não acho que tenham descoberto nada sobre vocês, porém, é só uma questão de tempo. Raoni Guerra nem é tão bom quanto pensa.

Encerro a reunião sem dar a devida punição a Daniel. Talvez devesse fazer

uma denúncia anônima contra ele e sua esposa — isso seria a cereja do bolo, se não fosse respingar em mim —, mas, por hora, tenho que pensar na minha fuga.



RAONI

Dizer que estou surpreso com o desenrolar dos últimos acontecimentos seria muito pouco. Tabita Rocha é uma fraude, seu marido é um típico lobo disfarçado de cordeiro e descobri que a bispa é conivente com tudo.

Quando comecei essa investigação, anos atrás, nunca imaginei que ela tomaria essas proporções. Há dois dias estou debruçado sobre os relatórios fornecidos pela polícia internacional e não sei se fico irritado com a minha ingenuidade diante dos fatos ou se comemoro a vitória eminente da justiça falha desse maldito país.

Preciso organizar tudo e fazer a denúncia ao Ministério Público. Espero sinceramente que, desta vez, tenhamos mais sucesso do que com a prisão do Gabriel Rocha, que não deu em nada. Prendemos muita gente, mas os filhos da mãe estão todos soltos por aí, afinal, eles quem mandam e desmandam no Judiciário — e eu sou apenas uma pedra incômoda no sapato deles.

De tudo que descobri, o que não me surpreendeu em nada foi o fato de a igreja de Tabita ter sido fundada com três propósitos claros: lavagem de dinheiro, ocultação de patrimônios e sonegação fiscal. Pelo menos isso explica o dinheiro dela e a receita milionária da instituição. A imunidade tributária dos templos religiosos faz com que seja impossível auditar as doações dos fiéis — e os da IRDM eram bem generosos, mais que o normal.

O que me enoja é que, além de estar envolvida em toda essa sujeira, a bispa ainda engana seus fiéis descaradamente. Venho de uma igreja onde buscar a

salvação da alma é o foco principal e as pessoas que estão à frente de tudo não são remuneradas por isso. Muito pelo contrário, vivem do próprio suor. Então, fico abismado com tamanha cara de pau desses *pseudocrentes* e mensageiros da palavra.

Tabita é adepta da teoria da prosperidade. Ela apresenta um verdadeiro *show* em seus cultos, as pessoas beijam o chão que ela pisa (no sentido literal da palavra) e isso é nojento. Assisti a vídeos perturbadores de cultos ministrados por ela e Daniel, não consigo acreditar em como o povo ainda cai na malandragem deles.

É triste ver o que os fiéis são capazes de fazer em troca de tão pouco ou quase nada. Sem dúvidas, Deus deve se envergonhar da sua criação.

Distorceram o significado da igreja na vida das pessoas e tornaram tudo em um comércio lucrativo. Não estou generalizando, ainda tem muitas igrejas boas por aí, mas instituições como a IRDM fazem com que as pessoas se afastem de Deus por acharem que todas as instituições religiosas são como essa cambada de ladrões.

Ao fim do dia, só quero que esse bando de charlatões seja desmascarado em praça pública, mas nem tudo que desejamos é possível. Melhor me contentar com uma prisão amplamente divulgada pela imprensa. Os mandados serão expedidos o mais breve possível e só tenho a agradecer a Deus por me dar a chance de colocar essa corja na cadeia.

— Guerra, a Francine quer acertar os últimos detalhes para darmos início às prisões. Talvez ela finalmente nos dê a identidade de Quimera — Assis me avisa, enquanto tento inutilmente organizar a papelada na minha mesa.

— Espero que sim! Essa mulher é muito chata, Assis. Acha que pode mandar na gente, isso é um saco.

— Lamento informar, caro amigo, mas ela está uns dez passos à nossa frente. Tem ideia de como ela conseguiu tanta informação em tão pouco tempo?

— Isso tá me tirando o sono, confesso. Estamos investigando há quase dez anos e ela tem muito mais coisas que nós. Estou ansioso para descobrir os métodos de persuasão dela.

Assis ri do meu desespero. Ele está péssimo. Nos últimos dias, temos passado muito tempo na delegacia. Deve ser por isso que nunca me casei, mulher nenhuma aguenta um homem que respira trabalho.

— Mexi uns pauzinhos por aí e descobri que a nossa operação está na mira do alto escalão da Polícia Internacional. Achei que éramos os únicos interessados nessa merda.

— Não duvido de mais nada. Já leu esses relatórios? A Francine sabe de coisas que nem Quimera deve saber sobre ele ou ela... Não está curioso para saber quem é? Depois de ler isso — aponto para as pastas espalhadas pela minha mesa —, aposto todas as minhas fichas na santa bispa Tabita Rocha. Essa mulher merece o Oscar por suas atuações.

— Acha mesmo que pode ser ela? — meu colega diz pensativo.

— 99% de chances...

Encerramos a conversa e vou pra casa, mas não consigo dormir. Penso em Lídia, quase não temos nos falado nos últimos dias. Sei que ela não está bem, o encontro com Daniel acabou com a garota determinada que conheci devido ao desenrolar dos fatos. Não vou conseguir evitar que se machuque.

Essa garota tem talento para se enfiar nas mais diversas roubadas e me sinto na obrigação de protegê-la de si mesma. Isso não é lá uma tarefa fácil, porque tem dias que ela some e ninguém consegue rastreá-la. Provavelmente isso contribuiu muito para que eu não descartasse a possibilidade de que ela podia ser Quimera. Depois das revelações de Francine, porém, pensei com calma e repassei tudo. Não, definitivamente Lídia não é ela.

O dia amanhece e nem espero o relógio despertar, pulo da cama e chego à delegacia nas primeiras horas da manhã. Tomando meu café, me espanto com a euforia das pessoas que andam de um lado a outro, organizando pastas e papéis por assinar. Santa eficiência!

Querem mostrar serviço para os agentes da polícia internacional.

— Prometeu promoção para esse pessoal todo? — pergunto, entrando na sala do delegado.

Ele ri alto.

Geralmente, as coisas nessa delegacia acontecem lentamente, como em toda repartição pública, mas, de uns dias para cá, tudo está muito rápido.

— Há rumores de que descobrimos a identidade do Quimera — diz enquanto caminhamos até a sala de reuniões, que não passa de um cubículo apertado, com uma mesa redonda cercada por cadeiras, onde faz um calor horrível.

— E nós descobrimos? — Tomo um gole de café.

— Talvez. — Meu amigo ri da minha ansiedade. — Francine quem vai dizer, mas desde ontem deixei que todos pensassem que isso é verdade. Preciso descobrir quem é o safado que tá vazando nossas investigações.

— Bem pensado. Grampeou os telefones?

O delegado sorri. Por sua cara de satisfação, pegamos o filho da mãe. Entramos na sala e Francine já está a postos com seus agentes.

— Então, o que tem a dizer? Temos os mandados que pediu, agente Mitchell. E você, o que tem para nós? — Assis começa puxando a cadeira mais próxima.

— Ainda não estão todos aqui, delegado, a reunião só começa quando todos estiverem presentes.

Olho em volta e não dou por falta de ninguém, até o Thor está na reunião, quando deveria estar de olho na Lídia.

— Não falta ninguém, podemos começar.

A mulher balança a cabeça no momento em que a porta se abre. Uma voz conhecida me faz olhar incrédulo para a pessoa que acaba de entrar.

— Ninguém começa essa porra sem mim. Adoro festinhas, ainda mais quando elas vão colocar uma leva inteira de filhos da puta atrás das grades! Me desculpem o atraso, mas é justificável. Descobri quem é o desgraçado do X-9. — O homem se vira e aponta para Thor e eu arregalo os olhos, incrédulo. — Está

afastado dos seus serviços até segunda ordem. Enviei todas as provas da sua falta de vergonha na cara para a corregedoria.

Que espécie de piada de mau gosto é essa? Ainda não consigo assimilar a cena que desenrola a minha frente. Como isso é possível? — Para de me olhar como se eu fosse um fantasma, agente Guerra — a pessoa que eu menos esperava adverte, jogando uma pasta sobre a mesa. — Tudo que precisam saber sobre a identidade dela está aí, nessa pasta, junto com o mandado de prisão preventiva dela e dos safados que a cercam. É melhor correrem com isso, ela está fugindo esta noite para a Europa.

Ao abrir a pasta, a foto na primeira página me revira o estômago. Quimera tem um rosto e, puta merda, um rosto bem conhecido por mim.

— Ela te enganou direitinho, né, Guerra?



GABRIEL

— Esqueça tudo o que pensa saber sobre mim, Guerra. Fui treinado para ser um bom mentiroso, assim como ela, embora nossos objetivos sejam diferentes. Vocês caíram direitinho. É, sou muito bom no que faço.

— Quem é você? — Guerra pergunta, ainda confuso com todas as revelações da reunião.

— Não tenho muito tempo para explicações, mas, dadas as circunstâncias, melhor fazer um resumo. Recapitulando, sou o agente especial Gabriel Rocha, trabalho para a Diretoria de Inteligência Policial (DIP). Deve estar se perguntando como isso é possível. Bem, como já deve ter notado, não sou assistente jurídico coisa nenhuma. Neste momento, quero convidá-los a arrancar a porra dessa mancha negra deste país o quanto antes. Isso é tudo por ora. Acho bom manterem a discrição até ela ser presa, porque, tecnicamente, também estou fugindo do país. Vou dar um jeito de segurar Daniel na cidade, ele tem certeza de que se safou, mas melhor evitamos gastos desnecessários. Essa operação já nos desgastou demais.

Apesar de não ser o que todos estavam esperando — principalmente de um cara como eu —, minha profissão exige que eu seja um bom mentiroso e convença as pessoas, seja lá qual for a minha identidade. Não sou esse homem que todos odeiam, aliás, estou mais para um anjo vingador.

Eu precisei mergulhar fundo nesse abismo para conseguir provar que não sou como eles. Quase fui afastado quando as merdas sobre Daniel começaram a

aparecer, acharam que eu estava trabalhando para os dois lados. Minha família tem tendências obscuras, não posso culpar meus superiores por pensarem isso de mim. Porém, estudei muito para chegar à DIP, fiz cursos fora do país e aprendi com os melhores como fazer o meu trabalho da melhor maneira possível.

Quando recebi o convite para trabalhar junto à polícia internacional, o desafio foi grande. Minha missão: me infiltrar na organização criminosa e descobrir a identidade do chefe. Apesar de saber que meu irmão era corrupto por baixo de toda a capa de bom moço, nunca imaginei que ele pudesse se meter em algo tão obscuro.

Fiz muito mais do que descobrir a identidade do Quimera: eu me tornei alguém confiável e seu braço direito. Graças a mim e aos colegas que entraram nessa comigo, vamos desmontar com louvor todo esse esquema sujo.

Encerro a reunião e passo os relatórios para Francine. Quando estou prestes a sair, sou cercado pelo investigador.

— Como isso é possível? Você trabalha pra *ela*. Tá enganando todo mundo, Daniel é seu irmão...

— E lá vamos nós... — Reviro os olhos e passo as mãos pelos cabelos desalinhados. Tiro meu distintivo do bolso e o entrego a ele. — Sabe de uma coisa? Minha família é totalmente corrompida pelo dinheiro e poder, nunca quis ser como eles. Decidi lutar contra tudo que eles representavam e me tornei policial. Se você não acredita em mim, o problema é seu.

— E ela, como consegue esconder esse segredo de todos?

— Ah! Isso aí você tem que perguntar para ela. Olha, Guerra, tenho que ir, o dever me chama.

Deixo o cara falando sozinho. Sei que devo explicações a ele, afinal, seu envolvimento na operação também é pessoal. Atendo o celular dentro do carro.

— Oi, meu amor. Aconteceu alguma coisa, Mel? — pergunto preocupado.

— Está tudo bem. Só queria te lembrar do nosso jantar, você quase não tem tido tempo para mim.

— Olha, amor, hoje é um dia muito importante. Vou tentar tirar um tempinho para você. Também estou com saudades.

Desligo o telefone. Respiro fundo, minha vida não é fácil. Tenho muitas faces, mas a minha verdadeira personalidade poucas pessoas conhecem, e Mel é uma delas.

Ao fim da manhã, já resolvi metade dos problemas da minha agenda. Além dessa investigação, tenho contas pessoais para acertar com Daniel e Tabita. Esses dois são a personificação de tudo que há de ruim.

Eles fizeram algo imperdoável e preciso encontrar uma maneira de fazê-los pagar por esse crime em especial, mas meu tempo está acabando.

Como fazer uma pessoa mentalmente perturbada admitir seus atos, se nem ela mesma consegue enxergar o que fez?

Odiei a minha família por muito tempo. Meu pai, por tudo que representava. Minha mãe, por ser conivente com tudo, mas Daniel era só um idiota que se achava melhor que todo mundo. Quando fui embora para a casa dos meus tios, ainda antes de entrar para a polícia, fiz trabalho voluntário no orfanato local e conheci uma garota de cinco anos, encantadora, com os olhos azuis tão intensos quanto os meus. Um dos responsáveis pela instituição me falou que sua mãe havia enlouquecido um pouco depois do parto e o pai a entregou para adoção.

Apeguei-me à garotinha, talvez por ambos sermos rejeitados por quem deveria nos amar e proteger. Conteí sua história em um dos jantares na casa do meu tio. A esposa de Lucas, meu primo, se sensibilizou e quis conhecê-la. Foi um amor instantâneo. Em alguns meses, Mel já tinha um lar.

A história dos pais dela não me saía da cabeça. Anos depois, decidi que ia tentar rastreá-los e o que descobri foi chocante: ela era minha sobrinha legítima. Daniel descartou a própria filha como se fosse um objeto insignificante. A princípio, não consegui entender o que o levou a fazer aquilo, afinal, para a minha surpresa maior, a mãe era Tabita.

Só depois, seguindo todos os rastros e conversas com minha cunhada, comecei a desconfiar de que a filha foi fruto de um estupro e, para Daniel, aquilo era inadmissível, já que nem eram casados na época. Isso mancharia sua imagem

de bom moço. Recuso-me a acreditar que somos irmãos, porque esse maldito homem é alguém que repudio.

Por mais que ele tente esconder seus rastros, ainda consigo farejar alguns deles. Daniel Rocha é muito pior que meu pai, ele sempre gostou de violência contra mulheres, o prazer que ele sentia em torturá-las era doentio. Um maldito pervertido, escondido em uma capa de homem íntegro.

Dizem que, de santo e louco, todos temos um pouco, mas exageraram na dose com Tabita. Ninguém imagina o que ela esconde. Posso garantir que é uma santa falsa.

Uma mulher sem escrúpulos, que se aproveita das pessoas se valendo da fé, não merece respeito algum. Ela é louca e sei como provar isso. Falta muito pouco para conseguir o que quero.

Tenho tudo pronto para a minha “fuga”, passei toda a papelada do meu escritório para a polícia. É noite quando consigo sair. Estou atrasado para o jantar com a Mel, ela deve estar uma fera. Compro seus chocolates preferidos e sigo para o restaurante.

— Poxa, tio, pensei que nem viria mais. — A garota me abraça carrancuda.
— Esse seu trabalho te consome muito, quero meu tio de volta.

Beijo seus cabelos e penso nas inúmeras vezes que quis desistir de tudo por causa dela. Luto para ser um homem de quem possa se orgulhar um dia, sei que ela ainda não entende direito o meu trabalho, mas não fala nada. Ela tem apenas dezessete anos, um dia vai compreender tudo.

— Vai ter seu tio de volta em breve, querida. Antes, ele precisa terminar algumas coisas que ainda estão pendentes.



QUIMERA

Em um passado distante, fui uma mulher muito devota a Deus, mas hoje sou alguém que apenas acredita na existência de um ser supremo, porém, não acho que ele interfira tanto assim na vida das pessoas como a maioria pensa.

Ao longo da minha vida, presenciei muitas atrocidades e, confesso, talvez tenha sido conivente com algumas. Isso me fez ver tudo por uma perspectiva diferente. Não me agarro a pequenas coisas para ter esperanças de um mundo que jamais existirá. Por este motivo, estou de malas prontas para partir logo mais.

Deixo para trás tudo que vivi neste país, todas as decepções e todo o resto. Vou ser, por tempo indeterminado, uma mulher comum que se mistura a pessoas, esquecerei tudo que fiz. Afinal, não é a primeira vez que sou obrigada a modificar a minha vida em prol dos meus interesses.

Meus dias são monótonos, ao contrário do que muitos pensam sobre os foras da lei. Resolvo a maioria das coisas por telefone, saio mais à noite e hoje não poderia ser diferente, mas estou inquieta. Não consigo me concentrar em absolutamente nada que não seja a minha fuga.

— Tudo pronto, alteza — Gabriel tenta me tranquilizar ao telefone, mas ele parece calmo demais.

— Nada pode dar errado, lembra de tudo que deve fazer?

— Mas é claro. Só não concordo com o fato de querer tirar meu irmão da

reta. Por mim, deixaríamos ele como isca. — O tom de sarcasmo dele me faz sorrir.

— Penso a mesma coisa, porém, sabemos que aquele babaca não aguenta merda nenhuma. — Mudo de assunto repentinamente, porque não quero pensar nisso agora. Um problema de cada vez. — Precisamos nos encontrar à noite.

— Não posso, tenho compromisso.

O que pode ser mais importante do que eu?

— Sua chefe está à beira do abismo e você simplesmente me abandona? Só pra satisfazer seus desejos com mais uma de suas putas? Quero que dê um corretivo no seu irmão, não deixe que ele se sinta tão à vontade na minha ausência.

Não gosto nem um pouco da ideia desses dois à frente dos negócios. Infelizmente será preciso, não posso ser presa. Isso seria a quebra da promessa que fiz ao meu mentor.

— Fique tranquila, alteza, que Daniel não vai tomar seu trono enquanto estiver fora.

Não sei se devo confiar em Gabriel, mas ele já me deu provas suficientes de sua lealdade a mim, enquanto seu irmão só se afunda nas próprias mentiras. Penso na Paladina, a garota está muito quieta e isso não é bom. Alguma coisa grande está para acontecer, por mais que o cunhado dela pense que conseguiu intimidá-la com suas ameaças.

Lídia Fonseca pode ter tido um pequeno surto nos primeiros momentos, mas jamais iria se calar assim. Depois que Daniel a ameaçou, sondei meu pessoal para saber o tipo de ameaça que o homem havia feito e até agora não descobri nada.

Tento ler um livro qualquer, talvez a noite chegue logo. Nada prende minha atenção. Decido ir ao meu escritório no fim da tarde para verificar se fizeram as coisas conforme combinamos. Tudo está limpo, não há nada que me ligue ao local caso os federais o encontrem.

Fábio me recebe com um sorriso largo. Talvez o imbecil pense que eu

preciso de sexo para me acalmar, mas hoje não preciso de um homem com um pau mediano em cima de mim.

— Pode desmanchar esse sorriso safado, Fábio. Descobriu algo sobre o que pedi?

Ele alarga o sorriso e tenho vontade de socar sua cara. Só vou ficar tranquila quando a porra do avião decolar e tiver certeza de que os federais não vão me pegar.

— Julgo que você não vai gostar nem um pouco do que descobri sobre o santo deputado. — O homem me entrega um pen drive.

— Pare de rodeios e vá direto ao ponto. Que porra ele fez agora?

Fábio me indica a cadeira atrás da escrivaninha e começa a me mostrar o conteúdo do pen drive.

— Aquele desgraçado achou que eu nunca iria descobrir esse seu lado sádico? A história que ele contou a Gabriel tem seu fundo de verdade, ele feriu a Lídia. O deputado manteve a Paladina em cativeiro e a torturou quando ela era apenas uma adolescente, por isso ela tem tanto medo dele. Como nunca desconfiei disso?

Não consigo acreditar em como uma merda dessas aconteceu. Desde quando homens covardes trabalham para mim? Posso até fazer negócios com eles, mas em hipótese alguma deixaria que um deles fizesse parte da minha equipe.

Daniel era menos que nada e fiz com que se tornasse quem é hoje. Sua reputação foi construída e moldada para atender às necessidades da organização, assim como a igreja de sua esposa. Eu uso as pessoas conforme quero e odeio quando o contrário acontece.

Vou matar esse filho da puta antes que essa porra se alastre.

A noite já caiu quando entro porta adentro do escritório de sua própria casa, pegando-o desprevenido. O homem levanta e caminha na minha direção para me receber. Tiro a arma da bolsa, que jogo em cima do sofá, e dou uma coronhada em seu queixo.

— Seu filho da puta miserável, pensou que iria me enganar a vida inteira?
— O ódio é nítido em minha voz.

Ele levanta, tentando reagir, mas Fábio o imobiliza. O sangue escorre por rosto, desfiro outro golpe.

— Juro que não fiz nada — diz sem entender a minha agressividade.

— Eu vou te matar! Ouviu bem, seu miserável? — As gotículas de saliva respingam no rosto dele enquanto extravaso minha ira.

Vejo o medo tomar seu corpo ao perceber que chegamos ao fim da linha. Nosso pacto foi quebrado e ele sabe muito bem das regras que violou. As fraquezas humanas nos destroem, todos deviam saber disso. Em algum momento da vida, elas poderão e serão usadas contra nós, sem a mínima hipótese de que possamos nos defender.

— Leve-o para o galpão! — ordeno a Fábio e um dos seus subordinados. — Tenho duas horas para acabar com essa palhaçada e vou fazer do meu jeito. Ninguém vai me impedir.

Eles saem sorrateiramente, meu pessoal já deu um jeito nas câmeras de segurança. Fico para trás, entro no banheiro e olho a mulher no espelho. A maquiagem e as próteses faciais me tornam irreconhecível. Hoje uso uma peruca loira com cachos ondulados que vão até a cintura. As lentes de contato azuis me deixam com um olhar quase matador.

Sorrio ao olhar uma última vez no espelho.

Muita gente diria que tenho algum transtorno psicológico se soubesse quem sou por baixo de todas as minhas facetas. Sou apenas alguém que foi conduzida de forma magistral a esse mundo negro e fétido do crime organizado.



LÍDIA

“Você não deveria estar aqui!”, minha consciência grita enquanto me esgueiro pelo jardim da mansão luxuosa da bispa Tabita Rocha, pressionando meu gravador contra o peito. Já anoiteceu há um tempo, estou escondida atrás dos arbustos bem aparados, observando a movimentação da casa.

Só quero uma oportunidade para entrar sem ser notada, mas tem seguranças por toda parte. Há dias elaborei um plano perfeito para desmascarar Tabita e Daniel, mas foi preciso paciência e agir com cautela, até porque não posso confiar em ninguém, todos são suspeitos nesse momento.

Reuni tudo que tinha sobre meu cunhado. Fui atrás de mulheres que, assim como eu, sofreram algum tipo de violência em suas mãos e estão dispostas a quebrar o silêncio. Porém, o que tenho sobre a bispa não chega a incriminá-la, e algo me diz que, dentro da casa, vou encontrar o que preciso para desmascará-la de uma vez por todas.

Imersa em minhas divagações, acabo não percebendo a saída de um sedã preto. Espanto-me ao reconhecer um dos seguranças que saem da garagem como um dos que acompanhavam Daniel dias atrás. Acabo perdendo o equilíbrio e caindo de bunda no chão. Levanto-me, tentando tirar a as folhas secas da calça, olho em volta e os portões da enorme garagem estão sendo baixados. Caminho silenciosamente, me aproximando mais do local. Meu celular vibra no bolso e quase tenho um troço com o susto. Depois de um longo momento, um homem de aparência militar sai da garagem pela porta lateral, deixando-a entreaberta,

acompanhado de outros três e dispensa os demais que vieram encontrá-los.

— Não entrem nessa garagem. Quando tudo for resolvido, seremos chamados — ordena aos homens, que dão um breve aceno e se afastam até um ponto que consideram seguro.

Tudo fica em silêncio, a penumbra da noite me ajuda a não ser vista enquanto faço o curto percurso até a porta de onde o cara havia saído. Entro, fazendo o mínimo de barulho possível, e começo a escutar vozes em meio aos carros luxuosos.

— Não podia permitir que aquela mulher matasse você, Daniel. Não sem antes acertarmos as nossas contas. — Ligo meu gravador, mas não consigo reconhecer a voz. — Preciso saber da minha filha, quero ela de volta, seu desgraçado!

De onde estou, só tenho um bom ângulo para ver Daniel. Da mulher, apenas enxergo os cabelos negros. Ela soca o peito dele em desespero.

— O que fez com minha filha, seu desgraçado?

A frieza no olhar dele me lembra do quanto foi difícil para mim superar tudo o que passei em suas mãos e denuncia que nada que ela fizer o fará mudar de ideia.

Sem a mínima paciência, Daniel passa as mãos pelo rosto inchado e sujo de sangue e avança sobre a mulher, impondo medo.

— Não existe e nunca existiu uma criança, Amanda. Aceite e tire isso da sua cabeça! — grita, envolvendo as mãos em seu pescoço, pressionando-a contra o carro, ameaçando sufocá-la. Sinto meu estômago revirar com a cena. — Não aguento mais sua mania de perseguição, fica longe de mim e de Tabita!

Percebo, pela forma como a tal Amanda inclina a cabeça para trás, que não acredita em nada do que Daniel diz, porém tem medo do que ele pode fazer com a sua filha.

— Essa criança só existiu na sua cabeça. Ela morreu, por que é tão difícil compreender isso?

— Está mentindo, não tente me manipular. — Sua voz ecoa pela garagem. Sei que ela está chorando, até eu estou.

Tenho noção do que esse homem é capaz para conseguir aquilo que quer. É como se angústia dela fosse a minha. Amanda empurra Daniel de repente e caminha, ainda de costas para mim.

— Sua mulher é uma fraca, mas, um dia, todas as suas mentiras vão cair, Daniel, e terei o prazer de te ver na lama. Cuidado, Quimera é um monstro que você deveria temer.

Ouçõ os passos dela se afastando, a porta bate e começo a me tremer. Estou sozinha em um ambiente com esse maldito homem. Embora ele não saiba que estou aqui, não consigo evitar as lembranças de me atingirem em cheio. Meu celular começa a vibrar insistentemente e Daniel caminha em direção ao som.

— Quem está aí?

Começo a fazer preces silenciosas a Deus para que eu não seja descoberta, então ouço a mesma voz em um tom diferente voltar a falar.

— Não vai se safar assim tão fácil. Então esse é o seu trunfo, fazer com que todas as minhas personalidades venham te salvar de uma morte lenta?

O som do salto se aproxima cada vez mais, escuto uma arma ser engatilhada enquanto tento assimilar o que se passa fora do meu campo de visão. Que espécie de brincadeira sórdida é essa?

— Acha que elas vão acreditar em suas mentiras? Vou matar você, Daniel, e nunca mais vai tocar em mim.

— Calma, vamos resolver tudo com calma. Não fiz nada que pudesse te prejudicar.

— Mas é um filho da puta sádico, que fica excitado com violência. Eu sei o que fez comigo! — Escuto o disparo da arma, seguido do grito de dor. — Essa é por todas as garotas que você profanou ao longo dos anos. O que mais você andou fazendo por aí, senhor certinho? Sou sua esposa, há semanas eu espero por esse momento. Mas o diabo parece ajudar os seus e você simplesmente resolveu me abandonar nos últimos dias.

Não consigo compreender todas as informações. É como se Tabita estivesse em uma espécie de transe. Sempre imaginei que ela fosse louca, mas nunca imaginei que chegasse a esse ponto.

— Para, vamos conversar. Você não sabe o que está dizendo, inventaram essas coisas sobre mim, eu juro.

Daniel está caído, tentando de algum modo se levantar, consigo ver seu rosto se contorcer de onde estou. Talvez ele consiga me ver, mas, no momento, Tabita é o foco de sua atenção. Não consigo vê-la, porém, pelo tom de voz usado, é como se fosse outra pessoa.

— Enganou todas elas, Daniel? — A arma é engatilhada novamente e a vejo pressionar o salto sobre o ferimento dele. — Achou que eu nunca me lembraria? Garantiu que as outras personalidades escondessem a maldita verdade.

O riso é quase macabro. Ela dispara novamente e atinge a outra perna. Até onde vai a loucura dessa mulher?

— Esta é pela Paladina. — Eu me arrepio com a menção ao meu nome e a resposta à minha pergunta vem antes do que imagino. — Tínhamos um acordo, seu miserável, disse a você para não tocar nela. Até Quimera, por alguma razão desconhecida, não quer que toquem nela! O que você fez? Torturou a moça, seu filho da puta!

A minha boca forma um “o” com todas as revelações. Só penso em quais as razões para me “protegerem” dessa forma errônea. Por essa, eu não esperava. Ouço outro disparo. O vidro do carro à minha frente se espatifa por todo o lado e me encolho ainda mais, o medo da morte domina todo meu corpo. Preciso fugir daqui, mas não tenho a mínima ideia de como fazer isso.

— Não é melhor que eu, Tah! — Daniel urra de dor e ainda assim quer enfrentar a mulher. — Você enganou as pessoas por todos esses anos.

— Eu não faço nada, são elas que fazem isso por mim, pelo menos a parte de enganar. Como conseguiu que eu bloqueasse tanta informação, seu filho da puta? — A pergunta é retórica, mas sinto o ódio mortal em sua voz enquanto pressiona o ferimento com o salto outra vez.

Faz uma pausa, escuto seu caminhar impaciente em volta de Daniel, como se tivesse ponderando se faz ou não justiça com as próprias mãos.

— Eu sei da verdade, descobri tudo. Faço ideia da razão de evitar tanto me tocar, tem medo de que eu me lembre que foi você quem me estuprou e não o meu pai, como me fez pensar — grita descontrolada. — Tem ideia do que fiz por pensar que meu próprio pai havia feito aquilo comigo? Eu o matei e nunca me arrependi disso até semanas atrás, quando fiquei ciente de tudo.

Daniel sorri descaradamente e leva uma coronhada no rosto já inchado. O líquido rubro agora tinge seu rosto. Um grito quase escapa da minha boca, sempre imaginei que meu pai não tinha se matado. Ninguém nunca acreditou nos meus argumentos, porque, de um modo estranho, a polícia conseguiu provar que ele tinha se matado. As lágrimas começam a descer livremente, nem meu pai escapou dessa maldita.

— Se existe alguém inocente nessa história, esse alguém é o meu pai. Eu vi a aflição em seu rosto quando disparei aquela arma. Hoje finalmente vou reparar esse erro fatídico... Vou matar você, seu miserável!

A arma é engatilhada, fecho os olhos para não ver o que está prestes a acontecer.

— Tivemos uma filha, sabia? — ele diz em uma tentativa desesperada de manter-se vivo, e eu simplesmente não entendo nada. — Talvez devesse procurá-la...

— Isso não me importa agora. Me dê uma única razão que me convença a não te matar, Daniel.

Abro os olhos devagar e me encosto na parede, tentando respirar normalmente. Vejo a arma encostar na cabeça dele.

— Durante todos esses anos, eu te protegi de si mesma. — Ele sabe que vai morrer, mas parece querer resgatar algo na mulher. — Não pode me matar, porque sou seu marido e você me ama, por mais que tente negar.

— Jamais amaria o homem que foi capaz de profanar o meu corpo para satisfazer seus desejos imundos. Sempre achei que havia algo em mim que não te atraía, porque estava sempre fugindo de mim, evitando o contato íntimo.

Agora sei a razão... E vou garantir que nunca mais faça isso com outra mulher.

— Por favor, não...

O olhar perdido do homem que fez parte dos meus pesadelos por tanto tempo me alcança e se arregala. Sua boca se abre para falar algo, porém, a arma dispara contra sua cabeça por três vezes seguidas e, desta vez, não consigo abafar meu grito de pavor. Ele está morto.

A mulher ainda segura a arma quando seu rosto encontra o meu. Posso ver a culpa consumi-la por um breve momento, mas não consigo dizer nada. Estou em choque com todas as revelações dos últimos momentos.

— Me perdoe... — ela diz, um pouco antes de desmaiar, não sei se para mim ou se para o corpo do marido inerte.

Daniel Rocha está morto.

Olho para o chão e encaro aquela que, em um passado distante, foi minha irmã, caída ao lado do corpo do marido.

Como ela pode ter tantas pessoas vivendo dentro de si? Como isso é possível?



QUIMERA

Eu me distraio lendo as notícias no meu celular, enquanto o piloto ajusta os últimos detalhes para a nossa partida no jato particular. Quando dou por mim, cinco homens com armas em punho estão de pé à minha frente, ostentando os distintivos reluzentes pendurados no peito, me fazendo estremecer.

Droga!

— Me desculpe, chefe, eles têm um mandado, não consegui impedir — o comissário tenta se justificar.

Como Tabita prega por aí em muitos de seus sermões, há tempo de plantar e tempo de colher; tempos de paz e tempos de guerra. Os tempos de guerra acabaram de chegar, e não posso fugir do futuro que me aguarda. Lutarei e não vou me entregar facilmente.

Encaro cada um dos rostos duros que me fitam.

— Não sou uma criminosa, apenas uma mulher desesperada. — A calma em minha voz não engana os agentes, mas gosto de irritá-los.

O jato particular vai sendo revirado à procura de provas, como se eu fosse burra o suficiente para trazer comigo evidências de qualquer coisa que pensem que eu tenha feito.

— Uma mulher desesperada, que deixou outra mentalmente perturbada com uma arma na mão para matar o marido? Não banque a esperta comigo! — Viro-me, procurando dono da voz, e ao encontrar os olhos duros do homem que acaba de entrar no meu jato, um sorriso surge em meu rosto.

— Temos um mandado de prisão preventiva para você, Ana Fonseca. — Outra voz que reconheço surge logo atrás dos agentes.

Raoni Guerra. Esse palhaço, filho da puta tinha que estar aqui e estragar tudo?

— Desculpe, chefinha, mas é hora de pagar por seus crimes. — Não posso acreditar no que vejo, a voz de Gabriel me leva a um nível elevado de estresse.

Estou imóvel, com a respiração descompassada.

— Seu traidor, desgraçado!

Tento socar o rosto de Gabriel, mas sou imobilizada antes de conseguir.

O distintivo reluz em seu peito. Não pode ser...

Esse desgraçado não pode ser a porra do espião!

— Daniel tinha razão em não confiar em você! — constato derrotada.

Gabriel digita alguma coisa no celular e o sorriso de triunfo no seu rosto me diz que estou fodida no sentido amplo da palavra.

— Meu irmão está morto, provavelmente está sendo recepcionado no inferno pelo próprio diabo neste momento.

Porra! Eu li as notícias, minha filha atirou contra o próprio marido e o matou.

— Sabe o que é melhor? É ver essa sua cara de safada pensando que ia se dar bem. Achou mesmo que criaria uma distração deixando Tabita e Daniel se matarem? Que isso afastaria a polícia de você? Que acreditariam que eles eram a mente criminoso por trás de tudo? Deixar as provas dos teus crimes espalhadas pela casa deles, em uma tentativa de incriminá-los, foi golpe baixo. Não fiz seus

caprichos todos esses anos para deixá-la fugir no fim.

Idiota!

— Eu confiei em você! — esbravejo.

— Problema seu. Sou muito bom no que faço, admita! Chega de conversa, sua filha está detida. Terá muito tempo para explicar a ela os motivos que a fizeram querer culpá-la.

Fiz de tudo para proteger Tabita das próprias loucuras todos esses anos e é isso que ganho em troca...

Ok. Ia fugir e deixar que a polícia a culpasse por tudo, e daí? Depois daria um jeito de livrar a cara dela. Dinheiro sempre compra tudo.

Posso ser considerada uma mãe ruim por me aproveitar de um transtorno mental da minha filha e deixar que ela sucumba à sua própria loucura? Provavelmente sim.

Como a mídia reagiria se descobrisse que a bispa Tabita Rocha tem *Transtorno Dissociativo de Identidade*? Seria um inferno, e eu não quero estar na pele dela quando essa bomba explodir.

Sinceramente, estou cansada de tentar transformar a mulher mais aclamada do país em uma sucessora nos negócios do pai. É exaustivo, porque a instabilidade dela me irrita.

Um dia, ela é a minha filha amada, Talissa; no outro, uma bispa boa de lábia que engana todo mundo na maior cara de pau (confesso que esta é uma versão dela que me agrada muito). Depois, uma mãe perturbada que procura sua filha desesperadamente. Só que há uma parte dela que mais me deixa extasiada, e é uma versão muito parecida com o meu primeiro marido.

Essa parte dela é violenta, não tem escrúpulos e nem pensa muito antes de agir, tive que apagar seus rastros muitas vezes. Meses atrás, essa personalidade, que se intitula de *Quimera*, cismou que mataria Tabita e quase me enlouqueceu. Ela se recusa a admitir que é apenas um fragmento da bispa, nada foi capaz de dissuadi-la da ideia. Forjei algo que deu muito errado e depois tive que sair limpando a bagunça.

Fecho os olhos, derrotada. Eles me algemam e me conduzem ao carro de polícia.

Tanto tempo tentando confundir a polícia para terminar assim?



ANA

Passei muitos anos fingindo ser uma pessoa que não era, para esconder o que eu fazia de verdade com a minha vida. Manipulei, menti e fiz muitas coisas das quais não me arrependo.

Sim, o Quimera que a polícia procura sou eu.

Tudo começou com uma nova personalidade de Tabita, um fragmento dela que era exatamente fiel ao propósito que eu deveria tê-la ensinado, mas falhei visivelmente. Mas ela não era boa o suficiente para fazer tudo da forma correta, então decidi usar o nome dessa personalidade obscura dela em meus negócios. Para entender tudo isso, é preciso voltar quase quarenta anos.

Em um passado distante, fui Mariana Valdez, esposa de um dos homens mais procurados da Colômbia. Era jovem quando me apaixonei, tinha apenas dezesseis anos e meus pais também foram conquistados pelas palavras do colombiano sedutor, Hector.

Casamos em menos de um ano e fui morar em outro país, sabendo de todos os riscos que corria por estar ao seu lado. Minha vida mudou de um modo que não esperava. De uma hora para a outra, como se eu merecesse um bônus por tudo, tinha muito mais do que havia sonhado: meu marido era devoto a mim e à nossa pequena família.

Quando descobri que estava grávida e dei a notícia, foi lindo.

— Mariana, você nem imagina a felicidade que está me dando — Hector disse, rodopiando comigo pela casa aquela noite.

Todos aguardavam ansiosos o herdeiro e sucessor do “barão”.

Pude notar a decepção nos olhos de muitos que me cercavam logo que a parteira disse “é uma menina”. Minha sogra me lançou um olhar de reprovação, mas meu marido estava radiante e não se importava com o fato de não ter sido um garoto.

Talissa Valdez seria a sucessora dos negócios da família. Hector passava horas com ela nos braços no escritório da fazenda, falando sobre seus sonhos grandiosos para a pequena princesa. Dediquei-me a aprender as táticas de negociação do meu marido, que dizia que eu precisava conhecer a fundo como tudo funcionava caso faltasse algum dia.

Às vezes, ele falava como se soubesse que algo fosse acontecer. Estávamos muito felizes nessa época e eu tinha a ilusão de que éramos inalcançáveis. Então, veio a bomba: a polícia estava no nosso encalço. Fomos cautelosos, planejamos tudo para fugirmos para o Brasil, porém, antes de conseguirmos, os malditos assassinaram meu marido. Jurei que cuidaria da nossa filha, que tinha apenas quatro anos, e a transformaria em uma sucessora a altura do império que havíamos conquistado ao longo dos dez anos de casamento.

Fugi para o Brasil, iniciei uma nova vida. Não havia mais nada a que me segurar, a não ser minha pequena Talissa. Meus pais morreram assim que casei. Para que o meu plano desse certo, precisava de uma base sólida para educar minha filha e conduzi-la ao caminho que pretendia, sem chamar atenção da polícia para nós.

As atividades na Colômbia foram encerradas e trabalhei duro para me misturar às pessoas. Passei a ser Ana Fonseca, mãe da pequena Tabita e uma jovem viúva devotada a Deus. Ninguém precisava saber do meu passado sujo. Conquistei a confiança das pessoas com minha dedicação à comunidade e muito rápido arranjei um bom casamento com um homem que era exemplo e sonho de todas as jovens da igreja.

Carlos era um bom homem, mas nem de longe poderia ser comparado a Hector. Logo vieram as crianças menores e meu plano de me misturar não podia estar melhor. Criei Tabita, sempre dando a entender que teria grandes

responsabilidades e que era a filha que eu mais amava. Talvez esse tenha sido o meu erro.

Meu zelo era tão grande que não vi as coisas acontecerem debaixo do meu nariz. Chegar em casa aquela tarde e ver minha filha ensanguentada, apontando uma arma para a cabeça do homem que ela chamava de pai, foi um choque muito grande para mim. Foi a primeira vez que Quimera surgiu, mas, na época, eu não sabia. Carlos estava morto e minha filha não podia ser culpada por um crime daqueles, poderiam começar a especular sobre nós.

Jamais imaginei que meu marido poderia fazer algo tão bárbaro com a minha filha, ele a amava como se fosse sua. Não fazia muito sentido, mas ela gritava, me pedindo socorro e dizendo que era tudo culpa dele. Precisava salvá-la e foi isso que fiz.

Armei tudo rapidamente, morávamos em um bairro afastado e quase não tinham casas por perto. Ainda assim, precisava agir com eficiência. Eu a coloquei no banheiro e pedi que trancasse a porta, depois montei a cena que os policiais encontraram. Confesso que comprei alguns deles para que tudo funcionasse do jeito que precisava. Tentei abafar a repercussão na mídia, mas não deu muito certo.

Precisei me afastar da minha filha, sabia que, quando ela voltasse a si, poderia não se lembrar de nada — e seria melhor assim. Criei uma mentira em torno disso: eu a fiz pensar que não acreditava em sua versão da história e que estava profundamente triste com suas mentiras, que levaram meu marido à morte. Foi perverso? Sim, mas naquele momento não consegui pensar em algo melhor. Ninguém nunca poderia saber que ela matou o padrasto.

Recorri a um novo disfarce e tudo virou uma bola de neve, perdi o controle da situação. Tabita se revoltou contra mim e coisas estranhas começaram a acontecer com ela. Tentei ajudá-la, mas não era o momento apropriado.

Passei a odiar Carlos com todas as minhas forças, queimei tudo que lembrava ele. Queria apagá-lo da memória dos meus filhos. Mesmo Lídia sendo tão pequena, não consegui fazer com que se esquecesse dele.

Naquele momento, tomei a decisão de voltar a fazer o que aprendi com o meu primeiro marido, minha vida andava muito monótona. Em poucos anos, eu tinha um ótimo esquema de tráfico de drogas, mas faltava algo. Foi então que

Tabita me procurou novamente e, quando isso aconteceu, senti que não era a minha filha — não a que saiu de casa logo após a morte do padrasto. Parecia exatamente a mulher que Hector sonhou que fosse um dia.

Ela chamava a si mesma de Quimera e era muito parecida com o pai. Podem me julgar à vontade, mas vi nesse codinome uma oportunidade de poder usufruir um pouco de todo o dinheiro que meu primeiro marido havia deixado para mim e Tah.

Passei a usar o codinome da minha filha em meus negócios, já que ela se mostrava tão desequilibrada na maioria das vezes que aparecia dizendo ser Quimera. A organização no Brasil cresceu rápido, enquanto eu me tornava, cada dia mais, uma péssima mãe para os filhos que me restaram.

Então, Pedro, meu único filho homem, se envolveu com drogas, tornando-se um adolescente revoltado por não aceitar a morte do pai. Juro que tentei ajudá-lo a se encontrar, porém, já era muito tarde. Por mais que o tráfico seja um negócio lucrativo, nunca quis que meus filhos se tornassem usuários. Ele chegou ao ponto em que fazia qualquer coisa para sustentar o vício.

Os anos me transformaram em uma péssima mãe, não consegui esquecer o fato de que o pai deles havia violentado a minha filha, aquela que eu mais amava e protegia.

Um dia me dei conta de que Pedro estava trabalhando para mim, achei melhor tê-lo em um lugar onde eu podia ver o que estava fazendo, já que o problema do vício não tinha solução. Quando pensei que tinha tudo sob controle, recebi a notícia de que ele estava morto: meu mundo desmoronou. Dos três filhos, Pedro era o mais parecido comigo. Apesar de toda distância que havia entre nós, eu o amava.

Não me importei com o prejuízo que tomei aquela noite, só queria me vingar da morte prematura dele. Durante o dia, eu era uma mulher digna de pena; à noite, escondia-me atrás da máscara de Quimera e buscava a todo custo matar os responsáveis pela morte do meu filho.

Lídia foi deixada de lado e ficou cada vez mais parecida com o próprio pai. Aquilo me irritava muito. Apesar do cuidado comigo, eu não conseguia me apegar a ela. Principalmente quando começou a enfiar o nariz onde não era chamada. Desde a escolha da faculdade ao maldito canal, tudo era feito para me

irritar.

Nenhum de seus esforços em cuidar de mim me fez gostar dessa garota, nem mesmo quando ela era adolescente e sumiu por três dias. Notei que ela estava estranha quando chegou, porém, não me importei. Vesti a minha máscara de mãe depressiva e ignorei aquele fato. Agora, sei que foi Daniel e, apesar de não ter afinidade com essa garota, foi gratificante fazê-lo pagar pelo que fez a ela.

Queria muito que não fosse minha filha, mas infelizmente não podia mudar isso. Meu sangue corre nas veias da Paladina, nem imagino o que ela vai fazer quando descobrir.

Deixo de lado meus pensamentos e encaro as ruas movimentadas. Chegamos à delegacia. Já é madrugada, ainda assim, tem muita gente da imprensa e curiosos, desço do carro de cabeça baixa.

Entro escoltada pelos agentes. Um pouco antes de entrar na sala de interrogatório, dou de cara com a Lídia.

— Como você pôde fazer isso comigo? — Seus olhos estão cheios de lágrimas. — É minha mãe. Me recuso a acreditar nisso.

Não tenho ideia do que dizer a essa garota irritante. É minha filha, sei disso, mas olho para ela e vejo Carlos.

Saber o que Daniel havia feito com ela me causou um impacto muito grande, porque sempre odiei homens como ele, que agem com violência em benefício próprio, e não por ter sido a minha filha. Achei que ele merecia uma punição, mas o meu tempo era curto para isso, então instiguei para que as personalidades de Tabita entrasse em conflito e terminassem o que eu havia começado.

Respondo a única coisa que me vem à cabeça nesse momento.

— Gostaria muito de não ser sua mãe.



GABRIEL

Não consegui entrar na delegacia sabendo que Lídia estava lá dentro, queria muito ficar do seu lado nesse momento, mas não posso misturar trabalho com a minha vida pessoal. Até porque fiz merda demais em nome do meu emprego.

Não sei como ela vai reagir a tudo isso. A Paladina não é tão forte como tenta demonstrar, tem muitos medos guardados para si e isso não é bom. Encaro as luzes do lado de fora da viatura, decidindo se entro ou não. Ainda tem muita gente da imprensa por perto e já me expus demais nos últimos meses para enfrentá-los outra vez, mesmo que esteja do lado certo agora.

Esta noite foi uma correria. Estávamos com tudo preparado para a prisão da Ana quando fomos alertados, por um dos agentes infiltrados, sobre a confusão entre Daniel e Tabita. Tivemos que reorganizar tudo e quase deixamos Quimera escapar.

Perdi o meu irmão, que nem era grande coisa, mas meu sangue também corria em suas veias. Porém, por todos os erros que ele cometeu na maldita vida, Daniel mereceu esse fim. O ponto alto desta noite foi poder finalmente me livrar do papel que represento há anos e fazer aquilo que ansiei por todo esse tempo. Posso, enfim, ter um pouco de paz.

Despertei o ódio de muitas pessoas, sei disso. Foi algo necessário.

Todo bom agente da lei tem inimigos e o grau varia conforme sua honestidade e caráter diante dos casos que surgem no decorrer da carreira. Com

sorte, a maioria estará presa até a manhã. Não tenho medo deles, estou apenas fazendo meu trabalho e jamais deixaria de cumprir com o meu dever por causa de ameaças.

Estou acompanhando as notícias pela internet em tempo real e pelo rádio da viatura. Muitos políticos foram presos, alguns pastores também, as pessoas estão surpresas pelo desfecho entre minha cunhada e meu irmão. De repente, me dou conta de que falta alguém. *Como diabos ele conseguiu despistar todos?* Ligo para Guerra e peço mais informações sobre as pessoas que predemos essa noite e o nome que procuro não está lá. *Droga!*

Já é tarde e essa falha me preocupa mais do que deveria, tenho uma sensação ruim, um aperto no peito. Olho em volta, ainda há muitas pessoas na frente da delegacia: fotógrafos, jornalistas, curiosos e fiéis da IRDM, que acreditam na inocência de Tabita. Ninguém pode me ver dentro do carro e isso me traz certa vantagem. Analiso minuciosamente os rostos atrás da grade de contenção. Sabíamos que essa operação ia ser grandiosa, então nos preparamos para evitar preocupações desnecessárias. Alguns policiais fazem a segurança do lado de fora da delegacia.

Encaro um fotógrafo bem próximo à grade que está muito concentrado na saída. Ao mesmo tempo, vejo Lídia ao longe, andando distraída em direção à porta e... *Caralho, não pode ser!*

O homem coloca tranquilamente a câmera na bolsa em seu ombro, saca uma pistola equipada com silenciador, aponta na direção da minha garota e aguarda que ela entre em sua mira. A penumbra da noite faz com que ele passe despercebido. Desço do carro, correndo. Ninguém vai matar essa mulher, não se eu puder impedir.

O que esse filho da puta do Fábio pensa que está fazendo?

Tudo acontece de forma tão rápida que nem sequer consigo explicar como consegui chegar tão rápido. Eu me ponho entre ela e o maldito homem quando escuto a arma disparar. Fui preparado para situações como esta e já estive muitas vezes na linha de fogo, mas sinto a adrenalina subir além da conta em meu corpo.

Não sei explicar se foi realmente Fábio, apenas sinto o impacto da bala em meu peito me arremessar contra o corpo frágil dela e tudo se embaralha na

minha cabeça.

O caos está formado, pessoas correm em pânico, tentando se proteger dos disparos. Eu amo essa garota. Sei que é difícil acreditar depois de todas as merdas que andei fazendo, só que esta é a verdade. Ela não pode morrer!

Agarro-me a Lídia, em uma tentativa de protegê-la, e sou atingido novamente. Seu olhar assustado indica que estou ferrado. Sinto uma dor torturante no meu braço e me falta o ar. Não consigo me mexer, estamos caídos no chão e sinto a morte chegar tão perto que quase posso tocá-la.

— Gabriel? — Ela me olha incrédula.

— Sabia que, cedo ou tarde, isso acabaria acontecendo... — digo ofegante, tentando controlar a dor que agora se espalha pelo meu corpo inteiro. — Você é uma garota muito teimosa.

Então, é assim que vou morrer?

Os disparos vêm de muitas direções agora, Lídia tenta se livrar do peso do meu corpo sobre o seu e nos proteger das rajadas. Sinto o líquido quente e pegajoso escorrendo pelo meu braço. Os policiais dobraram de número e estão por toda parte, no controle da situação. Ao menos é no quero acreditar.

— O que faz aqui? Eles vão te prender novamente, Gabriel — Lídia indaga baixinho, tentando estancar o sangue do meu braço com as mãos.

A Paladina está em uma luta entre a sua razão e o coração. Ajudar ou não o bandido que ela pensa que sou. Faz menção de levantar, tentando fazer com que me mova.

— Fuja daqui, Gabriel! Eu já tive minha cota de emoções por hoje. — Sua voz tremula e as lágrimas em seu rosto denunciavam que escolheu um lado.

— Cala a boca...meu anjo! — falo com dificuldade. — Não vou...a lugar algum...

Uma dor infernal na minha costela me impede de continuar. Fecho os olhos, os disparos cessaram há alguns minutos, e ouço passos vindo em nossa direção. Lídia ora baixinho e chora copiosamente. Talvez Deus me perdoe pelos erros que

cometi em nome da justiça. Apesar de tudo que fiz as pessoas pensarem e da minha boca suja, Cristo vive em mim e esconder isso foi a coisa mais difícil que fiz na minha vida. Todas as noites, peço perdão. Nunca será o suficiente. Vivi sufocado por muito tempo, mas sinto que, agora, isso finalmente acabou. Arfo novamente.

— Aguenta firme, Gabriel. A ajuda já está a caminho — Raoni informa ao se aproximar. Escuto a preocupação em seu tom de voz e me esforço para abrir os olhos. — Estava sem a merda do colete? Pensa que é um super-herói?

— Sou seu chefe...cala a porra...da boca. — Com bastante dificuldade, tento manter os olhos abertos. Lídia me encara sem entender nada.

Tenho um acesso de tosse e há sangue por toda parte. Raoni balança a cabeça em reprovação ao meu ato heroico e luta contra a vontade de socar um moribundo. Ele grita algumas ordens aos homens, enquanto Lídia continua paralisada com a minha cabeça em suas pernas.

— Me deixe...olhar para você...meu anjo. — Tento aliviar o foco da minha dor quando sinto que não posso mais lutar contra ela. — Nadei tanto...para morrer na praia — lamento.

Uma paz me toma estou indo, sei que sim. Queria contar a ela como me sinto e me desculpar por ter feito com que sofresse, mas não consigo mais dizer nada, tudo vai se perdendo em uma cortina de fumaça. Escuto seu grito histérico ao longe.

— Gabriel, por favor, fique comigo!

Então, mergulho em um oceano negro e, sem forças para lutar, me deixo ir.



LÍDIA

— Gabriel, por favor, fique comigo — grito com força entre lágrimas e uma dor dilacerante rasga meu peito.

Hoje foi o pior dia da minha vida, nem a morte do meu irmão supera. Presenciei o assassinato de Daniel, descobri que minha irmã é louca e minha mãe, a pessoa por quem lutei para trazer de volta nos últimos anos, não passa de uma fraude. Agora, o maldito homem que tentei, inutilmente, deixar de amar está morrendo em meus braços e me sinto impotente.

Não estou entendendo absolutamente nada em meio a todo esse caos que se formou nas últimas horas. Nem sei em quem confiar. De repente, todas as pessoas que me cercam se tornaram suspeitas, tento me agarrar à única que foi sincera comigo quanto aos seus sentimentos (ou pelo menos é o que acho), mas ele está morrendo em meus braços.

O socorro chega rápido, os paramédicos fazem os primeiros procedimentos e tentam reanimá-lo, mas há sangue por toda parte. Raoni me arrasta para o outro lado, onde uma parte da equipe atende os feridos no tiroteio.

— Fique calma, Lídia. Ele vai ficar bem — Raoni tenta me tranquilizar, passando a mão nas minhas costas, durante uma crise de choro.

É praticamente impossível conter as lágrimas, o choro não é apenas por Gabriel, mas pelo que perdi esta noite, pela confiança perdida, enfim, por tudo que me aconteceu. Meu coração dói muito ao pensar na possibilidade da morte

dele. Há muito sangue em mim, talvez eu esteja ferida.

— Aqueles tiros eram para mim, então o Gabriel apareceu do nada e entrou na minha frente, me jogando no chão... — Soluço ao tentar reconstruir o que aconteceu.

— Não pense nisso agora! O importante é que você está bem, Lídia. — A voz de Raoni me traz certa tranquilidade e ele me aperta levemente contra seu peito.

Apesar da conversa estranha entre eles minutos atrás, penso que o investigador é a única pessoa que realmente está do meu lado. Sou levada ao hospital. Pela quantidade de sangue em minha roupa, é possível que acreditem que eu esteja ferida, só que não sinto dor. Um médico me atende e tranquiliza Raoni: não fui atingida, nem de raspão, todo o sangue é de Gabriel. Choro descontroladamente quando o levam desacordado para o centro cirúrgico e ninguém me fala nada. O investigador tenta, em vão, me acalmar.

— Onde está o agente Rocha? — Uma mulher com tom autoritário invade a recepção do pronto-socorro.

— Desculpe, não posso dar informações. V-você não p-pode entrar aqui armada, senhora, nem e-esses homens — a atendente gagueja.

— Me deixe passar! — Vejo quando ela quase esfrega o distintivo na pobre moça assustada. — Francine Mitchel, Polícia Internacional.

— Calma, Srta. Mitchel, ele foi levado para a sala de cirurgia neste momento. — Uma enfermeira surge e tenta acalmar os ânimos.

A mulher a ignora e vem em nossa direção, acompanhada pelos homens que a escoltam.

— Como isso foi acontecer bem debaixo do seu nariz, Guerra? — acusa e meu cérebro trabalha, fazendo as conexões.

Não pode ser!

Como ele conseguiu esconder isso tão bem? Será que Gabriel é...?

— Essa jornalista está fazendo o que aqui? — A raiva é nítida em sua voz ao se dar conta da minha presença. — Falei que não era para envolver a imprensa, ainda mais alguém tão ligado ao caso.

Raoni revira os olhos impaciente.

— O atirador iria matá-la e o seu agente entrou na linha de fogo. Acho que ela pode, sim, ficar aqui.

A tal Francine me olha de cima a baixo e dá de ombros.

— Como está o agente Rocha? — diz por fim.

Minhas suspeitas são confirmadas. Ainda não consigo acreditar nisso. Então, ele é um agente disfarçado... De repente, parece que estou em um daqueles filmes de ficção policial. Ainda bem que estou sentada, do contrário, eu não sei se conseguiria me manter de pé.

— Não sabemos ainda. Como a enfermeira disse, ele acabou de entrar no centro cirúrgico. Como ele pôde ser tão displicente? Não estava de colete, por que diabos ele se colocou em risco assim?

— Ele não estava de colete? Quem disse isso? — a mulher pergunta, desconfiada.

— Eu o vi no chão e havia sangue por toda a parte.

— Isso não é do feitio dele. Tem alguma coisa errada — constata, andando de um lado para o outro no corredor.

Eu nem sei o que pensar.

Que noite!

Ninguém está a salvo, todos têm segredos, e isso chega a ser intrigante.

A espera por notícias concretas é a pior parte, ninguém dá nenhuma informação e a mulher caminha impaciente pela sala de espera.

— Moça, preciso ver meu tio. O nome dele é Gabriel Rocha, pode me dizer

onde ele está? — A voz suave me chama atenção e a menção do nome me põe em alerta. Giro a cabeça devagar e uma garota de cabelo cor-de-rosa, acompanhada por um casal elegante, está de pé, com os olhos inchados.

— Calma, filha, seu tio é forte. Vai sair dessa — o homem moreno e alto diz, abraçando a garota. Eu o reconheço de algum lugar. No momento, não consigo identificá-lo.

— Ele está no centro cirúrgico, daqui a pouco uma enfermeira virá informá-los sobre o paciente. É só aguardar na sala de espera.

Quem é essa garota e por que chama Gabriel de *tio*?

— Mãe, isso tudo foi culpa minha! — Ela abraça a mulher, mas não parece ser filha do casal.

— Não diga isso, Mel. Seu tio apenas estava lutando pelo que acreditava.

Observo a cena, enquanto eles se sentam no canto da sala. Há alguma coisa familiar na garota, tento disfarçar a curiosidade, porém é inevitável olhar para ela. Depois de mais de uma hora esperando, uma enfermeira finalmente aparece para dar notícias.

— Os familiares de Gabriel Rocha? — indaga. Os três se aproximam e me levanto prontamente da cadeira, Raoni me acompanha. — O paciente foi alvejado com dois tiros no peito, outro no ombro e no braço esquerdo. Ele estava de colete, portanto, não houve danos maiores. Removemos as balas, mas o paciente, apesar de estar fora de perigo, perdeu muito sangue e serão necessárias algumas bolsas de sangue e descanso para que se recupere. Estamos preparando o quarto para instalá-lo.

Solto a respiração devagar.

— Graças a Deus! — agradeço baixinho.

— Quando podemos vê-lo? — a garota pergunta entre lágrimas.

— Você deve ser a Lúcia — a enfermeira diz, convicta, para a menina amparada pelos pais. — Ele não parava de chamar por você enquanto estava desacordado.

Mel sacode a cabeça em negativa e responde:

— Sou a Mel, sobrinha no Gabriel! Lúdia é a namorada dele — responde, ainda sem notar a minha presença.

Fico perplexa, ela sabe sobre mim, sobre nós. Dou um passo à frente e eles me notam.

— Eu sou Lúdia.

Noto o brilho nos olhos da garota ao me ver, como se esperasse há muito por esse momento e mal consegue disfarçar. Todos me olham, esperando que eu diga algo mais. Não somos namorados, aliás, nem sei se somos alguma coisa depois desse caminhão que atropelou nossas vidas. Que se dane!

— Isso, namorada...

A mulher sai e volta um tempo depois, quando o dia está quase raiando, e leva a família para vê-lo. Para mim, a espera é cruel, talvez pelo medo de que estejam escondendo algo sobre o estado de saúde dele. Quando chega a minha vez de ir, Mel me dá um sorriso encorajador. Mal nos falamos e já sinto coisas boas em relação a ela.

Minhas pernas fraquejam diante da porta do quarto. Abro-a suavemente e lá está ele, pálido e com os olhos fechados. Caminho até a cama e as lágrimas voltam a correr em meu rosto.

— Oi, Gabriel! Pensei que te perderia hoje. — Seguro sua mão delicadamente. — Ainda temos tantas coisas a dizer, não ouse me deixar...

Ele abre os olhos de um azul intenso e me encara com um sorriso fraco no rosto.

— Não vai se livrar de mim assim tão fácil, meu anjo!



TABITA

Disseram que matei uma pessoa, mas não faço ideia de quem tenha sido.

Devo ser mesmo louca como Daniel diz quando discutimos. Chego a essa conclusão deitada na cama da cela, encarando a mulher que se diz minha mãe, mas dorme serenamente neste momento, como se tudo estivesse na mais perfeita ordem. Por muito tempo, tentei enterrar o meu passado e tudo de ruim que o acompanha, mas sinto que falhei de uma maneira que não poderei voltar atrás. Nem faço ideia da razão que me trouxe até aqui.

Horas atrás, estava na minha casa; agora, estou em uma delegacia e ninguém me diz nada. Fecho os olhos pesados pelo sono, mas não consigo dormir.

— Lugarzinho confortável esse, hein? — Abro os olhos abruptamente e me deparado com o mesmo homem que tem perturbado a minha mente durante os últimos meses, desde a minha quase morte.

— Como entrou aqui? — pergunto, olhando em volta.

— Ainda não percebeu que sou parte de você? Meu trabalho é fazê-la ter consciência dos seus atos, mas a Tabita é vulnerável e se encanta facilmente pelo dinheiro e poder. Aposto que nem faz ideia do motivo que a trouxe até aqui.

Balanço a cabeça em negativa, ele não pode estar falando sério. Elas foram controladas anos atrás, Adriano me garantiu que, com os remédios e a terapia,

aos poucos conseguiríamos fazer com que todas sumissem.

— Adriano disse que elas não voltariam... — sussurro, me encolhendo contra a parede.

— Acha mesmo que aquele médico de loucos conseguiria nos tirar da sua cabeça assim, num passe de mágica? É hora de saber algumas verdades sobre sua vida, Tabita. Nunca fomos embora, sempre estivemos aqui. Assumimos o controle por muitas vezes e você nunca percebeu. Quimera é muito ousada e Amanda queria se vingar a todo custo de Daniel. Por culpa delas, fomos descobertos.

— Quimera? — pergunto confusa.

A que ponto chegou a minha loucura? Falei com ele muitas vezes ao telefone. Será que nem isso era real? Balanço a cabeça e Amanda surge no mesmo lugar onde estava o homem.

— Você achou mesmo que ia se livrar de todos nós com os malditos remédios? Fui a mais prejudicada nessa história, eles não tinham nada a perder, mas perdi minha filha. Alicia não tinha culpa de Daniel ser um perverso, eu o amava e olha o que ele fez conosco. Ela é sua filha também, tem que me ajudar a encontrá-la.

— Não tenho filhos e você não é real!

— Sou real, mas dividimos o mesmo corpo, Tabita, e você não é tão burra assim, sabe que seu pai não fez nada conosco e que seu marido é o único culpado nessa história. Ele sumiu com a nossa filha e temos de encontrá-la.

— Meu Deus! — Cubro a boca com a mão. — Quantas faces desconhecidas posso ter?

— Nem faz ideia. — Uma mulher que desconheço toma o lugar de Amanda. — Ou pensa que é você quem comanda as reuniões com aquele bando de imprestáveis que trabalham sob sua chefia?

Tapo os ouvidos, fecho os olhos e me encolho ainda mais.

— Ah, santa Tabita! Juro que quis te matar muitas vezes. — A voz grossa e

arrogante me faz abrir os olhos. — Da última vez, eu bem que tentei, mas não deu em nada, graças a ela. Você deveria ter matado a vadia da sua mãe também, não só Daniel...

Estremeço com as últimas palavras dela. Meu marido está morto?

— Ela usa a minha identidade há anos, me fez pensar que mandava em tudo. Nos enganou e manipulou para darmos cabo da vida de Daniel enquanto tentava fugir do país, deixando toda a culpa em você. Vamos matá-la.

Quero gritar, mas não consigo. Quero que me deixem sozinha.

— Ninguém vai matar a minha mãe. — Desta, me lembro com clareza: Talissa. Ela ama Ana, independentemente de qualquer coisa que tenha feito conosco.

Acordo sobressaltada, com alguém em sacudindo.

— Acorde, filha! É apenas um pesadelo. Em breve, vamos sair daqui — Ana diz, convicta, quando abro os olhos.

Graças a Deus era apenas um sonho, só que parecia muito real.

Dadas as circunstâncias, devo admitir que pode ter sido verdade de alguma forma. Há dez anos, fui diagnosticada com Transtorno Dissociativo de Identidade, passei por muitos psiquiatras, mas nenhum deles conseguiu descobrir a razão dos frequentes apagões que tenho. Apenas Adriano encontrou a raiz do problema, depois de muitas sessões de terapia.

Minha infância foi muito confusa, Ana fugiu comigo quando meu pai foi assassinado e acabou me obrigando a usar outro nome. Ele chegou à conclusão de que esta foi uma das razões que desencadeou o transtorno. Sempre odiei Ana por isso.

— Me solta! — Tento me esquivar do seu toque. — Não te conheço, aliás, tenho vergonha de ser sua filha. Ana Fonseca, sempre omissa a tudo que acontece à sua volta. Quer saber mais? Eu te odeio, sempre odiei...

Sinto sua mão pesada em meu rosto.

— Nunca mais repita isso, Tabita! Fiz tudo por você, sua ingrata.

— Eu matei uma pessoa e é isso que tem para me dizer?

— Daniel merecia morrer, ele te violentou — ela se justifica e tento entender sua tranquilidade ao dizer isso.

Sinceramente, nunca fui uma pessoa boa, sei disso. Só que não quero ter mais esse peso em minha consciência. Seja lá o que Ana pense que Daniel tenha que pagar, eu não queria fazer parte disso.

— Como se você se importasse com esse fato? Pelo que me consta, fingiu ter uma doença por quase duas décadas e Lídia se virou sozinha. Sua vida é uma fraude, devia ter vergonha disso.

— Ah, querida! A sua também não fica muito atrás. Sou sua mãe e te perdoo por isso.

— Nunca precisei do sei perdão, Ana, e este não é o momento de termos essa conversa. Não posso ficar presa, tenho uma reputação a zelar. — Eu me levanto e passo as mãos por minha calça social.

— Sua reputação já era. A capa de boa mulher está arruinada, acho bom você pensar em algo coerente.

Será que consigo me reerguer depois desta noite? Alguém ainda vai acreditar em mim depois de tudo?



RAONI

Sabe aquela sensação de dever cumprido? É exatamente assim que me sinto por ter Quimera atrás das grades depois de todos esses anos em busca de sua identidade.

É quase hora do almoço quando saio do hospital, deixando Lídia sob os cuidados da família de Gabriel. Há um mistério em volta deles, pude perceber isso durante os momentos em que ficamos na sala de espera. Os pais nem sequer ligaram ou apareceram e acredito que, dadas as circunstâncias, eles deveriam dar as caras, afinal, não é todo dia que se perde um filho e o outro é baleado. Suspeito que Gabriel não tenha uma boa relação com eles, mas não é da minha conta.

Enquanto dirijo até a delegacia, penso na forma como Ana Fonseca enganou a todos e isso ainda me deixa perplexo. Reconheço que o trabalho de Gabriel deve ser destacado nesse caso. Sem sua colaboração, nós ainda estaríamos dando voltas e nunca chegaríamos a lugar algum, com tantas pistas falsas que nos deram.

Ana é uma mulher perspicaz, se aproveitou da doença da filha para nos despistar de forma brilhante. Segundo a Polícia Internacional, até mesmo Daniel se passou por Quimera em alguns momentos. Depois que tive essa informação, confesso que fiquei pensando se não foi ele quem matou meu irmão. Só que isso é algo que apenas a maldita criminosa será capaz de me responder, e eu não confio nem um pouco nela.

Confesso que a maior surpresa que tive trabalhando nesse caso foi descobrir que Tabita sofria de Transtorno Dissociativo de Identidade. Por outro lado, isso explica as muitas faces que ela tinha durante seus sermões eloquentes. Desde a coletiva de imprensa, após o atentado contra a bispa, suspeitei de que escondia mais coisas do que aparentava. Naquele dia, houve um momento em que percebi a repentina mudança em seu rosto, mas pensei se tratar de outra coisa.

A morte de Daniel tem causado muitas especulações. Hoje pela manhã, foi destaque em todos os jornais do país. Lendo as provas obtidas por Gabriel nessa investigação, descobri que o deputado era um homem extremamente perigoso nos bastidores e todos o temiam. Sua falsa serenidade era reservada apenas para os discursos em público.

Ligo o rádio e um sorriso vitorioso nasce em meu rosto ao ouvir a chamada para o destaque do caderno de notícias.

“Deputado da bancada evangélica é assassinado pela própria esposa.”

Não há volta, a vida da bispa Tabita está completamente arruinada, nem mesmo um milagre a salvaria. Tantos anos enganando os fiéis e agora isso, quase tenho vontade de gritar o bordão popular “com Deus, não se brinca”, mas preciso me conter.

Viro na rua da delegacia e me deparo com uma legião de fotógrafos e jornalistas em busca de qualquer informação que possam disseminar. Estou cansado, porém, não existe a mínima possibilidade de que eu possa ir para casa com tanta coisa acontecendo por aqui. As últimas vinte e quatro horas foram uma loucura. Após o atentado, de onde Gabriel saiu ferido, as coisas se aqueceram ainda mais.

Precisamos interrogar os suspeitos e estreitar as possibilidades de que saiam ilesos da nossa delegacia. A justiça é uma merda, eu sei. Ainda quero acreditar que, cedo ou tarde, ela é aplicada da forma correta.

Meu primeiro interrogado é Fábio, o responsável pelo disparo quase letal em Gabriel. O idiota está se fazendo de difícil e se recusa a falar com o delegado, mas eu... bem... tenho meus métodos infalíveis de persuasão.

Pego as pastas e analiso-as um pouco antes de entrar na sala de interrogatório. Fico surpreso ao descobrir que o homem é ex-policial e o que me

deixa perplexo é que ele foi a pessoa responsável pelo chamado do estupro de Tabita anos atrás. As coisas ficam cada vez mais interessantes, neste caso.

Faço sinal para Assis e entramos juntos na sala, encaro o homem por um momento. Ele tenta me causar medo, mas é inútil. Trocamos algumas palavras e depois de três horas se negando a falar, Fábio resolve finalmente abrir a boca sem a presença de um advogado. Eu o convenci de que, por ser ex-policial, a lei será aplicada com menos vigor e sua pena poderá ser reduzida por sua colaboração.

— Qual a sua ligação com Quimera? — Até perdi as contas de quantas vezes já fiz essa pergunta a esse imbecil.

Ele sorri, ponderando se deve ou não revelar o que sabe.

— Nunca trabalhei para o Quimera.

— Então, por que diabos tentou atirar em Lídia? Pode me explicar?

— Claro que posso! Apesar de Ana ter certeza de que trabalho para ela, cumpro ordens de Daniel há muito tempo. Convenhamos que aquela jornalista de quinta é culpada por muita coisa do que aconteceu por aqui e penso que ele ia gostar de ter a companhia dela... no inferno.

Ah, mas esse filho do tihoso tinha que causar até mesmo morto?

— Sabe, eu e Daniel éramos amigos desde a adolescência. Por sorte dele, fui eu quem atendi ocorrência do estupro de Tabita...

Não faço ideia de onde esse imbecil quer chegar, mas decido não interromper.

— Quando entrei na casa aquela tarde, Ana estava alterando a cena do crime. Poderia prendê-la por isso, mas precisava entender o que realmente estava acontecendo no local. Meu parceiro ficou no carro e entrei sozinho, porque temíamos que o agressor tentasse sair. Só que não conseguiu impedir que Ana fugisse sorrateiramente. Tabita estava trancada no banheiro, eu a tirei de lá, completamente transtornada.

Ele descreve tudo como se estivesse revivendo as sensações e exhibe um

sorriso de satisfação no rosto.

— Aquele homem nunca teria coragem de se suicidar, mas o dinheiro de Quimera favoreceu para que os peritos chegassem a essa conclusão. Quando deixei a garota no hospital, recebi uma ligação de Daniel e descobri que ele a havia violentado. Pela nossa amizade, manipulei algumas provas, e o que a louca da Tabita lembrava se encaixava perfeitamente em nosso plano de esconder a verdade.

O modo como ele senta, largado na cadeira, me irrita; a forma como fala me enoja. Depois de tudo que ouvi, quero apenas ter a oportunidade de socar a cara dele. Como policial, esse maldito homem deveria ter ficado do lado da verdade e não foi isso o que fez.

— Por que fez isso? — Assis pergunta fora de si.

— Nada em especial. Continuando a história, eu precisava saber por que Ana matou o marido. Na verdade, queria descobrir se conseguiria alguma vantagem em troca do que sabia e percebi que havia muito a ganhar se jogasse nos dois lados. Ana tinha dinheiro e Daniel tinha poder, mesmo tão jovem. Só depois descobri que ela estava encobrindo o crime da filha.

— Um policial deveria proteger as pessoas e não tirar proveito de uma situação como essa. A garota foi estuprada, exposta a manchetes mentirosas, e você simplesmente ignorou esse fato.

— Você sabe, melhor do que ninguém, a miséria que ganhamos trabalhando em prol da sociedade nesse país, e eu, caro amigo, tinha filhos pequenos. Precisava garantir o futuro deles, e tanto Ana como Daniel me ofereceram muito dinheiro. No fim das contas, é só isso que importa.

— Deixe-me ver se entendi: está me dizendo que o padrasto de Tabita nunca tocou nela e que Daniel foi o verdadeiro culpado?

— Sim. Você não é burro, entendeu perfeitamente o que eu disse. Ana sempre achou que o falecido marido tinha cometido o crime bárbaro contra sua filha. Pelo menos até ontem, quando descobriu as merdas do genro. Talvez por essa razão ela tenha resolvido colocar a filha contra ele e deu no que deu. Ah, caros colegas, tem muita coisa escondida embaixo desse tapete e é possível as pessoas não estejam preparadas para o mau cheiro dessa podridão.

Assis me olha e balança a cabeça, sei o que ele está pensando e essa história mexeu com ele mais do que deveria. Lídia sempre esteve certa quanto ao pai, só que nunca conseguiu provar a verdade da qual suspeitava.

— Ainda não terminei. — Ele tira um cigarro do bolso e eu retiro a porcaria de sua mão e jogo na lixeira. — Vocês queriam ouvir e estou disposto a falar. Pedro, o irmão de Tabita, descobriu tudo anos mais tarde e o incêndio criminoso no casebre do Quimera foi mandado por Daniel. De santo, ele só tinha a cara, aquilo era o capeta em plena atividade, tenha certeza. Lamentável que tenha sido derrotado por uma mulher.

— Isso é tudo? — pergunto impaciente.

— Não, senhor investigador. Ainda temos uma historinha legal sobre o seu irmão... Ah, aquele filho da puta chegou muito perto de Ana. Esse, ela fez questão de matar com as próprias mãos.

O sorriso de satisfação em seu rosto me deixa transtornado. É do meu irmão que ele está falando. Desfiro um golpe certo em seu queixo e sou contido por Assis, que finaliza o interrogatório. Sei que a história toda o abalou muito. Lídia é como uma filha para ele e, por sua cara, é como se tivesse falhado com ela todo esse tempo. Ele ainda está tentando entender como Ana conseguiu manter sua farsa durante esse tempo todo bem debaixo do nariz da polícia. Para ele, a mulher era uma pessoa digna de pena, mas sequer imaginou o que ela escondia por baixo de tudo.

Respiro fundo, bebo uma água, tomo um ar depois dessa maldita conversa. Sinto que o próximo interrogatório vai me dar muito trabalho. Falo com Lídia em busca de informações sobre Gabriel, aparentemente está tudo bem.

Caminho até a sala de interrogatório, encaro a porta e, pela centésima vez na minha vida de policial, gostaria de poder entrar lá e fazer justiça com as minhas próprias mãos. Abro a porta e entro devagar.

— Ora, ora se não é o investigador que sabe tudo sobre mim! — A voz debochada de Ana ecoa pela sala.

Apesar de tentar parecer superior a mim, aqui sou eu quem dito as regras e ela está completamente ferrada. Não há advogado que consiga fazer uma defesa decente contra o arsenal de provas que temos.

Por enquanto, o lado da justiça está ganhando e não adianta esperar.



MEL

Um ano depois...

— Tio, já pode deixar a paranoia de lado? — digo impaciente enquanto Gabriel tenta me convencer a não entrar na clínica psiquiátrica.

— Meu amor, conheço como ninguém as artimanhas de Tabita e temo pelo que possa dizer a você. Ela nunca se importou, por que, depois de tanto tempo, decidiu que quer vê-la?

Encaro meu tio ainda dentro do carro. Não o julgo por sua proteção, ele sempre foi assim, desde que nos conhecemos no abrigo. Entendo que meus pais biológicos fizeram coisas ruins e Gabriel não gosta que os citemos nos almoços de família.

É estranho pensar que tenho laços de sangue com essas pessoas tão más. Amo meus pais adotivos e não os trocaria por nada; melhor ainda foi descobrir que meu tio adotivo era meu tio de verdade. Preciso virar essa página da minha vida, acabei de completar dezoito anos e sou capaz de tomar minhas próprias decisões. Por mais que meu tio tente interferir, quero conhecer minha progenitora. Preciso ficar frente a frente com ela e ouvir o que tem a me dizer.

Toda a podridão em que a bispa Tabita Rocha esteve metida veio à tona com sua prisão e de Ana, minha avó materna. Elas ainda aguardam julgamento, mas Ana já tentou comprar muita gente nesse período, até mesmo tentou ser transferida para um presídio com menos vigilância.

A morte de Daniel Rocha foi um dos maiores escândalos do país, demorou meses para que a mídia esquecesse o caso. Gabriel conseguiu me manter longe de todo esse escândalo graças ao seu trabalho feito de forma brilhante. Apesar de ter sido exposto em alguns momentos, dessa vez a imagem do meu tio foi preservada. Ninguém precisava saber quem era o responsável por tudo ter corrido tão bem. Raoni Guerra ficou com o mérito e achei merecido, já que ele dedicou boa parte da sua vida para prender o Quimera.

Nossa vida continua do mesmo jeito. Minha avó paterna veio me visitar quando soube da minha existência, mas acho que meu avô esteve muito envergonhado para vir até mim. Sim, sei o que ele fez tanto comigo quanto com meu tio, mas não guardo ressentimento, já perdoei todos pelo que fizeram a mim. Foi isso que aprendi com essa família que Deus me deu: amar o próximo e esquecer tudo aquilo que me fizeram de ruim. Por esta razão, preciso entrar na clínica e ouvir o que ela tem a me dizer — uma mulher que, por muito tempo, enganou e manipulou as pessoas que a cercavam.

— Você vai descer comigo ou não?

— Claro que vou. Não posso deixar minha menininha entrar nesse lugar sozinha. Sempre juntos, lembra? — Ele desliga o carro e segura a minha mão.

Recordo da promessa que me fez quando eu ainda era uma criança. Meu tio sempre honrou seus compromissos comigo e o admiro por isso.

Não vou mentir, estou apreensiva com esse encontro. Caminho de mãos dadas com Gabriel até a porta da sala de visitas, nos sentamos no sofá e aguardamos por alguns minutos até que uma funcionária me autoriza a entrar.

Limpo as mãos suadas na calça jeans e arrumo a camiseta *pink*, que combina com meus cabelos. Respiro fundo e giro a maçaneta. Minhas pernas tremem, sinto vontade de dar meia volta e seguir minha vida como tenho feito até hoje.

— Melissa? — ela pergunta sem esboçar qualquer emoção em seu rosto.

Encaro Tabita por um tempo, esperando sentir algo bom em relação a ela, mas nada acontece. Nem de longe a pessoa que está dentro da sala se parece com aquela mulher que discursava eloquentemente na TV. Ela se veste de modo simples e os cabelos castanhos estão presos em um coque bagunçado.

É triste ver como o poder e o dinheiro corrompem as pessoas. Seus bens foram bloqueados pela justiça, os fiéis ainda hoje acreditam que tudo foi um grande mal-entendido e que Deus vai justificá-la cedo ou tarde.

— Sim, sou Melissa... sua filha — falo, puxando a cadeira da mesa à sua frente, e ela se encolhe ao me ouvir.

— Não tenho filhos, você foi apenas um acidente que Daniel tratou de tirar do meu caminho.

As palavras me machucam mais do que deveriam, mas Gabriel me preparou para esse momento muitas vezes. Ele contou como ela era fria de sentimentos e passava por cima de tudo para se dar bem. Porém, lá no fundo, eu quis dar o benefício da dúvida e constatar por mim mesma os fatos. Nunca foi tão decepcionante ver que ele estava certo.

— Então, porque quis me ver? — Tento ser firme e disfarçar o desapontamento.

Ela não vale a pena, infelizmente. Então, noto seu rosto mudar de repente e os olhos se enchem de lágrimas.

— Desculpe! É mesmo a minha filha? — A voz sai emocionada. — Ainda não consigo controlar todas as minhas personalidades, mas estamos progredindo. Me perdoe! Nunca quis que te levassem para longe de mim, mas não pude fazer nada.

O desespero na voz me deixa balançada. Entrei na clínica determinada a não dar ouvidos a ela e agora isso. Olho para a mulher à minha frente e enxergo além da capa e de todas as personalidades que ela usou para se defender ao longo dos anos. Tabita trava uma luta diária entre todas as suas faces, mas ela está exatamente no lugar onde deveria. Aqui, ninguém vai tentar tirar proveito dela ou manipulá-la.

— Não há o que perdoar, Tabita, não guardo mágoas. Vim aqui apenas para fechar esse ciclo da minha vida.

Ela tenta disfarçar, limpa algumas lágrimas do rosto e me olha fixamente.

— Você é feliz, Mel? — pergunta, colocando a mão sobre a minha.

Não deveria responder, mas essa mulher não se parece em nada com aquela que vi por muito tempo nos programas evangélicos do canal da IRDM. A pessoa que está à minha frente é alguém que, talvez, gostaria de conhecer — se as circunstâncias fossem outras.

— Sim, sou muito feliz. Meus pais me amam e tenho um tio que faria qualquer coisa por mim. Agradeço a Deus todos os dias por tê-los colocado em meu caminho.

— Seus pais fizeram um bom trabalho, agradeça a eles por mim. Precisava conhecê-la. Por muito tempo sua existência e tudo que te envolvia ficou perdido entre minhas personalidades. Eu me lembro de quando você nasceu... tão linda! Apesar de tudo que aconteceu antes, não conseguia odiá-la. Quando a vi pela primeira vez, eu queria muito cuidar de você e amá-la, mas Daniel tirou isso de mim. Espero que seja muito feliz, filha.

— Já sou, Deus foi generoso comigo. — Estou abalada por suas palavras. Talvez, um dia, ela se torne alguém com quem eu possa me relacionar, depois que ela pagar por tudo que fez às pessoas, mas, sinceramente, não acho que isso vá realmente acontecer. — Espero que você consiga ser feliz um dia, Tabita.

— Tenho que pagar pelos meus pecados, Mel. Estou condenada, fui longe demais, Ana também... Nenhum pecado pode permanecer escondido para sempre e o preço pode ser alto demais. — Ela parece realmente arrependida ou é muito boa atriz. — Posso te dar um abraço?

Seu pedido me surpreende, mas assinto. Ainda com medo, levanto-me e ela me envolve em um abraço apertado. Entre seus braços, percebo que essa parte dela faria qualquer coisa por mim, mas ela não pode controlar a própria mente.

— Um dia, quem sabe, eu consiga me perdoar, sei que meu marido foi o responsável por nos afastar. Daniel era seu pai, mas isso não dava a ele esse direito... Juro que não sou uma pessoa má, apenas fui manipulada por pessoas que defendiam seus próprios interesses e se esqueceram de que eu era alguém, mesmo com todas as partes fragmentadas dentro de mim. Fui seduzida pela fama e por um poder fictício que apenas me levou ao fundo do poço. Quer um conselho, Mel? Nunca permita que seus defeitos se tornem maiores do que suas qualidades.

Nós nos despedimos e sinto como se um grande fardo tivesse saído das

minhas costas. Choro bastante conforme o carro se afasta da clínica e Gabriel afaga as minhas costas. Sei que não há nada que eu possa fazer por ela, mas gostaria que as coisas fossem diferentes. Apesar de tudo, agora estou em paz comigo mesma e posso seguir em frente sem olhar para trás.

Meu celular notifica uma mensagem e me emociono ao ler as palavras da minha tia Lúdia, que parece saber exatamente o que sinto. Temos muito em comum. Um dia, quero ser exatamente igual a ela: forte, corajosa, fiel a Deus e ao seu propósito de vida.

Tivemos muitas conversas ao longo dos últimos meses. Lúdia viaja constantemente. Seu canal ganhou muito destaque depois de tudo que aconteceu, as pessoas passaram a dar mais credibilidade a ela. Recentemente, ganhou um prêmio pela matéria sobre a prisão do Quimera. Sua carreira está deslanchando e a admiro muito por tudo que conquistou.

Quanto ao seu relacionamento com Gabriel, ainda não se acertaram. Falam muito que Deus tem um tempo para tudo, mas acho apenas que estão com medo de tudo que aconteceu formar um abismo entre eles. Tenho certeza de que eles nasceram para ficarem juntos e, no que depender de mim, essa história não terá um fim, mas apenas uma breve pausa.

Volto a repetir que amo minha família, porque me aceitam exatamente como eu sou. Apesar de todos eles serem evangélicos, escolhi, há dois anos, conhecer e seguir a doutrina espírita e constatei que, não importa qual seja a religião, o que importa é o amor e o bem que fazemos ao próximo.

Isso, sim, deve ser sempre o mais importante.



GABRIEL

Meses depois...

Ok! Estou mais nervoso do que adolescente em primeiro encontro, mas fazer o que se é da Lídia que estamos falando. Fui atraído pela minha sobrinha para um encontro romântico. É inadmissível que um agente do DIP tenha sido enganado por uma garota de dezoito anos.

Olho mais uma vez através do vidro do restaurante elegante — de comida italiana, recém-inaugurado e próximo a um local cheio de significados para nós — e não consigo controlar as batidas do meu coração. Sei que enfiei os pés pelas mãos muitas vezes e que ela tem todo o direito de me querer longe, mas preciso de uma última chance e estou diante dela agora.

Lídia está lá dentro, me aguardando. Tecnicamente, não é a mim que ela espera, mas isso não vem ao caso. Nunca senti algo tão bom por outra mulher, a verdade é que nem tiveram tantas assim, já que foquei tanto no trabalho que apenas tive lances esporádicos. Desde que Lídia se enfiou na minha vida, tudo virou de cabeça para baixo e não consigo arrumar a bagunça que ela faz comigo.

Tenho um surto de coragem e resolvo encarar as consequências das escolhas que fiz, já protelei demais esse momento. Raoni riria de mim se soubesse o meu estado agora. Nós nos tornamos bons amigos desde a prisão de Quimera.

Sou conduzido até a mesa no local reservado.

— Boa noite, meu anjo. — Tento disfarçar o nervosismo quando ela nota a minha presença.

Lídia está linda! O vestido bege, com estampas de notas musicais, lhe caiu muito bem, os cabelos trançados dão um ar romântico à sua beleza e consigo ver através de seus olhos que sua pureza e fé no impossível permanecem intactas, mesmo com todas as reviravoltas que sua vida sofreu no último ano.

— O que faz aqui, Gabriel?

— Suspeito que fomos enganados. — Arrasto a cadeira e me sento à sua frente. — Mel herdou algumas coisas de você. A garota é bem insistente quando enfia algo na cabeça.

— Obrigada por cuidar tão bem dela. Agora entendo tudo que teve que fazer em nome da justiça, mas não consigo te perdoar pelas mentiras. — Ainda é cedo para termos essa conversa.

— Ah, meu anjo, vamos esquecer o passado esta noite. — Coloco minha mão sobre a sua. — Vamos nos dar uma nova oportunidade... O que acha de vivermos o agora? Este lugar é incrível!

— Tudo bem, Gabriel, só que não podemos adiar essa conversa para sempre.

Estou ciente de que chegou o momento de acertarmos nossas diferenças, mas aqui não é o lugar adequado para discutirmos esse assunto.

— Prometo que voltaremos a ele ainda esta noite, se me permitir te levar a um lugar. — Ela assente.

Pedimos a comida, conversamos sobre o seu trabalho e suas conquistas recentes. Os rumos que a IRDM tomou depois de tudo que aconteceu, alguns líderes ainda tentam reerguer a instituição religiosa. Por fim, Lídia me confia que foi convidada por uma grande editora a escrever um livro sobre a vida de sua família e que aceitou a proposta.

O clima do local e o som ambiente fazem com que o jantar corra de forma tranquila e sem tantos fardos como antes. Saímos do restaurante, passeamos um pouco pelo caminho de pedra em volta do lago.

— Por muito tempo, me culpei por estar apaixonada pelo inimigo, isso foi algo que eu quis apagar... — ela começa, tentando me convencer de alguma coisa. — Quando descobri a verdade e te vi quase morrer nos meus braços, entendi que éramos pessoas destinadas a grandes batalhas e talvez as nossas vidas ficassem melhor se tomássemos caminhos diferentes. É o que venho tentando fazer no último ano.

— E a que conclusão chegou? — pergunto assim que paramos sobre o grande carvalho, onde tudo se iniciou para nós.

— Descobri que sou péssima nisso. — Ela me encara antes de continuar. — Não consigo mais fingir que está tudo bem e que a vida é perfeita sem você, Gabriel... Sou orgulhosa demais para admitir isso. Menti para mim sobre coisas importantes e não consigo apagar isso também.

Seus olhos estão marejados e tento assimilar o que ela fala. Lídia está mesmo falando isso? Seguro suas mãos e a encaro, livre de todas as máscaras que já usei desde que nos encontramos.

— Me perdoe, meu anjo, por todas as mentiras... por tudo que a fiz passar. Tentei tantas vezes convencê-la de que não era o cara certo para você, quando, na verdade, só queria protegê-la do mundo sujo ao qual estava submetido naquele momento. — Envolver seu corpo entre os meus braços e beijo seus cabelos.

Não importa o que passou, as loucuras que vivi em nome do trabalho ou de qualquer outra coisa. Lídia sempre será o meu céu. Lembro-me das palavras de tio David, certa vez em um sermão:

“A pessoa certa para sua vida vai te aproximar de Deus e despertará o que há de melhor em você.”

Encontrei meu par e não vou mais soltá-la.

— Eu te amo, meu anjo — afirmo emocionado, tocando seu rosto. — Gostaria que déssemos as mãos e que você ficasse na minha vida de forma definitiva.

Sua respiração está irregular, sei que é uma decisão difícil para ela. A maioria das pessoas em que confiou acabaram traindo-a em algum momento,

mas eu só quero uma chance para que ela conheça que sou de verdade, sem nada entre nós.

— Sei que, para o mundo moderno, a maneira que decidi levar minha vida causa estranheza. Sou cristã, apesar de toda a podridão que tem cercado esse meio, e esse foi o caminho que escolhi seguir. Acredito no amor, na família e nos valores cristãos. Não quero alguém que me afaste de tudo que acredito. Quero alguém que acrescente, que me dê forças... Alguém que acredite que o casamento e a família são sagrados.

Lídia fala com paixão e a admiro por ainda acreditar em todas essas coisas depois de ter sua vida virada do avesso.

— Meu mundo desmoronou mais vezes do que sou capaz de me levantar, mas consegui me reerguer e acredito que as forças divinas me ajudaram a chegar até o fim. Não posso ignorar isso, então, se realmente quer uma vida comigo, será nos meus termos...

— Aceito seus termos. — Não espero que ela conclua, Lídia ainda não sabe, mas partilhamos do mesmo sentimento em relação à família e religião.

— Não terminei ainda, Gabriel — protesta quando beijo sua testa.

— Acha que apenas você tem uma lista de exigências? — pergunto, sorrindo. — Sou um homem de princípios, apesar de não parecer. Eu te amo e farei tudo que estiver ao meu alcance para fazê-la feliz, Lídia.

Nós nos aproximamos devagar, sinto seu cheiro, o toque das suas mãos em meus braços... Sei que valeu a pena cada momento de espera e todas as lutas para chegarmos aqui novamente. Sua respiração encosta em meus lábios e me aproximo ainda mais, tocando-os.

Este beijo é a melhor coisa que já compartilhamos desde o momento em que nos envolvemos, porque não existem mentiras entre nós. Ela é o meu anjo e conseguiu despertar coisas que nunca imaginei sentir antes. Interrompemos o momento em busca de ar e um sorriso estampa nossos rostos, somos só felicidades.

— Eu te amo, Gabriel. Não faça com que me arrependa disso.

Beijo-a demoradamente outra vez.

— Seremos felizes, tenha certeza disso, Lídia.



EPÍLOGO

RAONI

Encaro a pilha de papéis sobre a mesa, o trabalho parece não ter fim, aliás, os criminosos desse país parecem se multiplicar a cada dia. Desde que desmascarei a identidade de Quimera com a ajuda de Gabriel, as pessoas dão mais crédito ao meu trabalho. Seis anos se passaram desde que coloquei a maldita mulher e sua filha atrás das grades, mas volta e meia elas dão um jeito de aparecer na mídia e o meu nome sempre é lembrado.

Nos últimos tempos, tenho sentido saudades das grandes operações das quais participei, de colocar a mão na massa de fato. Só que os casos que trazem para mim se tornaram muito tediosos com o passar dos anos.

— Sonhando acordado, Raoni? Tá pouco, o seu trabalho, investigador?
— A voz de Gabriel me traz de volta à realidade.

O cara bem vestido, como sempre, entra sem cerimônia na sala, já vai logo puxando a cadeira e sentando à frente da escrivaninha, com um sorriso no canto da boca, denunciando que não veio apenas me ver por saudades.

— Só se for lá pelo seu departamento, aqui essa cambada de gente sem caráter se prolifera como uma praga. — Aponto as pastas sobre a mesa. — Nada emocionante, só os mesmos casos de sempre. Traficantes pequenos, execuções,

essas coisas... Mas o que te trouxe aqui?

Contrariando todas as expectativas do primeiro embate que tivemos, nos tornamos amigos, daqueles que sempre arrumam qualquer desculpa para terem as famílias reunidas, porém, nunca mais trabalhamos juntos.

— O Departamento de Inteligência tem uma proposta e acham que, se eu for o portador da notícia, você vai se sentir na obrigação de concordar. Falei que era uma péssima ideia, mas ninguém me ouve naquela merda!

— Por que eu aceitaria isso?

Gabriel não consegue conter o sorriso desde o momento em que entrou na minha sala, e sei que há muito mais por trás dessa conversa.

— Lídia me sugeriu convidá-lo para um jantar em nossa casa. Acha que a comida dela poderia fazer com que você aceitasse. Ninguém acredita no meu talento de persuasão. — Ele balança a cabeça, fingindo decepção. — Respondendo à sua pergunta, acha que ser meu parceiro poderia ser algo bom?

Faço uma careta e esboço o que devia ser um sorriso, somos muito bons no que fazemos e trabalharmos juntos novamente tem sido um pensamento cada vez mais frequente. A proposta é tentadora, só que ainda não é o suficiente para que eu deixe a delegacia e essa pilha de casos chatos depois de tantos tempo me dedicando a eles.

— Acho que o seu pessoal e Lídia estão certos, você não tem talento em persuadir as pessoas, Gabriel. Nem sei como conseguiu passar tanto tempo trabalhando disfarçado sem dar com a língua nos dentes.

— Não me julgue, investigador. Afinal, fui eu quem deu a você a identidade do Quimera. Além disso, ainda nem joguei todas as cartas na mesa e você já está considerando a minha derrota? — Ele balança a cabeça, fingindo decepção. — Vamos lá... Talvez agora eu consiga sua atenção. Descobriram um rombo nas contas públicas do estado, muita gente envolvida no desvio de verba, e precisam do nosso talento em persuadir as pessoas a falarem. É, caro amigo, estão apostando todas as fichas na dupla dinâmica. Mas, tudo bem... Se você não pode deixar os seus casos tediosos e trabalhar em algo de verdade, eu entendo.

Gabriel termina a frase já de pé e com a mão na maçaneta da porta,

ameaçando sair sem me dar oportunidade para responder.

— Não vai nem me dar um tempo para pensar? Seu filho da mãe! — exclamo, após ser atingido por uma corrente de adrenalina percorrendo meu corpo como nos velhos tempos. É disso que preciso: novos ares e um caso cheio de reviravoltas.

— Tempo é algo que não temos. E então, investigador? Vamos ou não trabalhar juntos?

Eu o encaro por alguns momentos, deixando a resposta em suspense. Já comentamos sobre essa possibilidade algum tempo atrás, mas era algo tão distante na época que nem demos importância.

— Ainda duvida? É claro que sim, vamos pegar cada um desses safados que estiverem em nosso caminho.

Gabriel abre um sorriso triunfante e dispara:

— Neste caso, precisamos comemorar. Vai jantar na minha casa, seu tio ingrato. O Miguel está bem chateado porque você não apareceu no domingo, não pode fazer isso com uma criança, parceiro. Mas você nunca vai entender isso porque é um solteirão convicto e sem pretensão de ter uma família tão cedo.

— Você é um trapaceiro, Gabriel — retruco, desligando meu computador e pegando o casaco sobre a cadeira.

Enquanto andamos lado a lado rumo ao estacionamento, Gabriel pega o celular do bolso e faz uma chamada.

— Meu anjo, ganhei a aposta. Pode colocar a mesa e avise ao Miguel que o papai aqui sempre cumpre as promessas que faz. Raoni não tem nenhuma desculpa para não jantar com a gente hoje.

A ligação é encerrada e consigo apenas sorrir das loucuras do meu amigo. Olhando para trás, ninguém diria que, um dia, estaríamos jogando do mesmo lado. Mas a vida é assim, ela sempre nos surpreende. Todo mundo tem falhas e pecados, mas cada um encontra seu modo de conviver com eles ao longo do tempo e não cabe a ninguém o papel de juiz.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus, pois sem ele, nada seria. Escrever é algo divino e me sinto privilegiada por ter sido agraciada com esse dom maravilhoso. É um caminho cheio de tropeços, mas devagar vou trilhando meus passos nesse vasto mundo com tantos talentos.

Incorruptíveis é o terceiro livro que escrevo e fugi totalmente da minha zona de conforto para contar essa história a vocês. Durante a fase final do processo de criação, perdi alguém muito importante e foi muito difícil para mim continuar a escrever.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer aos amigos fiéis que estiveram ao meu lado, me incentivando e me ajudando a seguir em frente. À minha cunhada, Aylla Emanuelle, meu muito obrigada por me aturar durante todo o processo de escrita e ouvir minhas ideias malucas. À Carolina Sthefan, minha amiga de infância e leitora voraz, que foi a primeira pessoa para quem contei o enredo e me incentivou a escrever, dando dicas ótimas que me ajudaram muito.

Não posso deixar de mencionar as amigas e autoras incríveis que têm sido meu apoio nos últimos meses, sempre dispostas a me ajudar. Então, meu muito obrigada a todas vocês, meninas.

Aos meus leitores do Wattpad, que fizeram a história alcançar dezoito mil visualizações, não tenho palavras para agradecer cada comentário e cada voto que deixaram na plataforma e fora dela. Obrigada por todo o carinho!

Agradeço ao meu esposo, Marcos, pela paciência comigo e por me permitir que viva esse sonho. Enfim, quero agradecer a todos que torcem por mim. Obrigada!

Table of Contents

[EPÍGRAFE](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1. FICHA DE PECADOS - TABITA ROCHA](#)

[CAPÍTULO 2. FICHA DE PECADOS - LÍDIA FONSECA](#)

[CAPÍTULO 3. FICHA DE PECADOS - RAONI GUERRA](#)

[CAPÍTULO 4. FICHA DE PECADOS - GABRIEL ROCHA](#)

[CAPÍTULO 5. LÍDIA](#)

[CAPÍTULO 6. TABITA](#)

[CAPÍTULO 7. RAONI](#)

[CAPÍTULO 8. QUIMERA](#)

[CAPÍTULO 9. GABRIEL](#)

[CAPÍTULO 10. RAONI](#)

[CAPÍTULO 11. LÍDIA](#)

[CAPÍTULO 12. GABRIEL](#)

[CAPÍTULO 13. TABIRA](#)

[CAPÍTULO 14. LÍDIA](#)

[CAPÍTULO 15. TABITA](#)

[CAPÍTULO 16. RAONI](#)

[CAPÍTULO 17. QUIMERA](#)

[CAPÍTULO 18. LÍDIA](#)

[CAPÍTULO 18. GABRIEL](#)

[CAPÍTULO 20. TABITA](#)

[CAPÍTULO 21. GABRIEL](#)

[CAPÍTULO 22. LÍDIA](#)

[CAPÍTULO 23. RAONI](#)

[CAPÍTULO 24. TABITA](#)

[CAPÍTULO 25. GABRIEL](#)

[CAPÍTULO 26. LÍDIA](#)

[CAPÍTULO 27. RAONI](#)

[CAPÍTULO 28. LÍDIA](#)

[CAPÍTULO 29. LÍDIA](#)

[CAPÍTULO 30. TALISSA](#)

[CAPÍTULO 31. GABRIEL](#)

[CAPÍTULO 32. QUIMERA](#)

[CAPÍTULO 33. LÍDIA](#)

[CAPÍTULO 34. RAONI](#)
[CAPÍTULO 35. GABRIEL](#)
[CAPÍTULO 36. TABITA](#)
[CAPÍTULO 37. LÍDIA](#)
[CAPÍTULO 38. QUIMERA](#)
[CAPÍTULO 39. GABRIEL](#)
[CAPÍTULO 40. QUIMERA](#)
[CAPÍTULO 41. LÍDIA](#)
[CAPÍTULO 42. QUIMERA](#)
[CAPÍTULO 43. ANA](#)
[CAPÍTULO 44. LÍDIA](#)
[CAPÍTULO 45. TABITA](#)
[CAPÍTULO 46. RAONI](#)
[CAPÍTULO 47. MEL](#)
[CAPÍTULO 48. GABRIEL](#)
[EPÍLOGO](#)
[AGRADECIMENTOS](#)